

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

CLÁUDIA DE OLIVEIRA UESSLER

**SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE ASSENTAMENTOS
FORTIFICADOS IBERO-AMERICANOS NA REGIÃO
PLATINA ORIENTAL**

Porto Alegre

2006

CLÁUDIA DE OLIVEIRA UESSLER

**SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE ASSENTAMENTOS
FORTIFICADOS IBERO-AMERICANOS NA REGIÃO
PLATINA ORIENTAL**

Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação de História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em História, área de concentração Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Arno Alvarez Kern

Porto Alegre

2006

CLÁUDIA UESSLER

**SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE ASSENTAMENTOS
FORTIFICADOS IBERO-AMERICANOS NA REGIÃO
PLATINA ORIENTAL**

Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação de História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em História, área de concentração Arqueologia.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Prof. Dr. Arno Alvarez Kern

Prof. Examinador: Prof^a. Dr. Lizete Dias de Oliveira

Prof. Examinador: Prof^a. Dr. Beatriz Thiesen

Prof. Examinador: Prof. Dr. Antonio Lezama Astigarraga

Prof. Examinador: Prof. Dr. Klaus Hilbert

AGRADECIMENTOS

Este estudo fez parte de uma longa jornada de acertos e erros no processo de realização pessoal e profissional. Envolveu, em todas as suas etapas, um grande número de pessoas, às quais não posso deixar de agradecer.

Inicialmente, a esta Universidade por contar com professores de tão alto grau de sabedoria, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em História. Particularmente, aos especialistas que estiveram vinculados ao quadro do Doutorado Internacional em Arqueologia (2001-2005). À secretária desse programa, Carla Pereira, pelo seu eficiente trabalho.

Ao CNPq, por seu apoio à realização desse curso e aos alunos integrantes do mesmo.

Em especial, ao meu orientador, Prof. Dr. Arno Alvarez kern, por sua expressiva arte de pesquisar e transmitir seus conhecimentos. Pela paciência e bom humor com que sempre esclareceu as minhas dúvidas e minimizou as minhas ansiedades durante o percurso desta caminhada.

Também, agradeço aos diretores, aos pesquisadores, à secretária e amigos do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas desta instituição universitária, pelo caminho percorrido de apreciável convívio, tanto nas questões profissionais como pessoais.

À Maria Bernadete D'Avila de Bem, por seu trabalho de assessoria e disposição em auxiliar-me ao longo dessa jornada.

Ao Guilherme Luchsinger da Fonseca, pelo seu desprendimento e profissionalismo referente à produção fotográfica realizada nos sítios arqueológicos visitados.

E, imprescindivelmente, agradeço à minha família, pela compreensão e apoio irrestrito a esse processo de aprendizagem.

Meus agradecimentos.

SOBRE A CIÊNCIA:

As conquistas humanas são como uma cadeia de montanhas com penhascos, encostas e vales. Almejar a excelência na aquisição coletiva é querer alcançar o ponto mais alto. O esforço requer que cada alpinista esteja equipado com habilidades, conhecimento e força de vontade. No entanto, nenhuma escalada jamais deveria ser empreendida sem o item de equipamento mais importante: a corda de segurança da cooperação. Ela provê o meio para que cada alpinista dê um passo e para que esses passos coletivos atinjam o pico.

Autor desconhecido

RESUMO

Este trabalho apresenta o estudo desenvolvido sobre os sítios arqueológicos de assentamentos fortificados ibero-americanos no século XVIII na região Platina Oriental. Buscando uma interpretação geral sobre o conjunto das evidências reveladas nas pesquisas arqueológicas, privilegiamos a análise dos tipos de estruturas presentes nesses sítios. Para fins comparativos, contemplamos tanto os assentamentos portugueses quanto os espanhóis. Sendo assim, elegemos os sítios arqueológicos e históricos de São Miguel, Santa Teresa, Gorriti e Santa Tecla. Além das fortificações da ilha de Santa Catarina, Colônia de Sacramento e os demais estabelecimentos no Rio Grande de São Pedro. Inicialmente demonstramos a influência de Sebastian Le Preste Vauban na construção desses estabelecimentos fortificados. Realizamos uma análise técnico-tipológica e funcional do sistema defensivo moderno e suas variantes e outra, relativa aos estabelecimentos intra-muros e extra-muros que se integravam a esses locais. Com isso, tivemos a finalidade de, pelo viés da cultura material, observar *in mente* as idéias, os gestos e as práticas cotidianas nesses assentamentos ibero-americanos.

Palavras-chave: Sítios arqueológicos históricos; Assentamentos fortificados; Sítios arqueológicos militares; Sociedade ibero-americanas; Engenharia militar; Povoamento; Região Platina; Fortificações.

ABSTRACT

This assignment presents the study developed about archeological sites of ibero-american fortified settlements in the 18th century at the Oriental Platina region. In search of a general interpretation on the whole evidences which were revealed through the archeological and historical researches, we set priority the analysis of the structures there were at those places. In order to compare, we considered many portuguese as spanish settlements. So we chose the archeological and historical sites of São Miguel, Santa Tereza, Gorriti and Santa Tecla. Besides the fortifications of Santa Catarina Island, Colônia do Sacramento and the others settings at Rio Grande of São Pedro. At first we demonstrated Sebastian Le Prestre Vauban influence upon buildings of these fortified establishments. We made a kind, technological and functional analysis of modern defensive system and its variants. We also realized another analysis about the buildings inside and outside the walls that integrated with these places. By this way, we had the target of, through the material culture, observe *in mente* ideas, gestures and daily practices at ibero-american settlements.

Keywords: Archeological historical sites; fortified settlements; military settlements; fortification; historical archeology; military engineering.

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Engenheiros na América espanhola	37
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista de Buenos Aires (1628).....	39
Figura 2: Trincheira em ziguezague - esse tipo de trincheira aparece nos desenhos de Vauban com objetivo de sitiá uma praça forte.	46
Figura 2a: Trincheira sinuosa.....	47
Figura 2b: Trincheira em Cremalheira	47
Figura 3: Traçado com barricada e peças de flanqueamento	47
Figura 4: Peça de artilharia antes de ser camuflada, embora o desenho represente sacos de areia como utilização para a trincheira. A idéia foi a de apresentar o mecanismo de defesa. Poderia ser substituído por cestões ou outros materiais.	48
Figura 5: Perfil de defesa Interior de um tipo de trincheira-abrigo.....	48
Figura 6: Perfil normal de uma trincheira.....	49
Figura 7: Trincheira com degraus de acesso	49
Figura 8: Sistema de ataque com trincheiras a uma cidade fortificada no século XVIII...	50
Figura 9: Cestão	50
Figura 9a: Cestão	50
Figura 9b: Revestimento de Cestão: Perfil.....	50
Figura 9c: Cavallo de frisa.....	50
Figura 10: Planta: forte ou trincheira de São Martinho (1775).....	53
Figura 11: Croqui da Guarda de Santo Antonio	55
Figura 12: Remanescentes da edificação do quartel dos oficiais.....	55
Figura 13: Planta: Bateria sem merlões para o porto de Maldonado (1793).....	60
Figura 14: Planta: Bateria com merlões para o porto de Maldonado (1793).....	60

Figura 15: Forte do Ladino (Rio Grande-RS)	62
Figura 16: Forte do Arroio (Rio Grande-RS)	62
Figura 17: Planta: Fortaleza de São Gabriel (Colônia de Sacramento 1681).....	63
Figura 18: Planta Fortaleza Colônia de Sacramento (1736)	66
Figura 19: Planta Fortaleza Santa Cruz de Anhatomirim	70
Figura 20: Modelo de estudo (Vauban)	72
Figura 21: Elementos básicos do sistema defensivos de uma fortificação moderna	73
Figura 22: Componentes de uma Canhoeira: A) Merlão, B) Joelheira, C) Face	75
Figura 23: Banqueta. Piso de manobra. Troneira. Sítio Santa Teresa (2003).....	75
Figura 24: Fortaleza de Santa Teresa (1934)	77
Figura 25: Espaldão no sitio de Santa Teresa (2004).....	78
Figura 26: Portada e Rastrilho de Santa Teresa (2004)	80
Figura 27: Estrutura Circular (1937).....	84
Figura 28: Poço do sítio de São Miguel (2004)	84
Figura 29: Muralha de São Miguel vista externa: seteiras	85
Figura 30: Latrinas: Sítio de São Miguel (2004)	86
Figura 31: Armazém de pólvora. Santa Tereza (2004).....	88
Figura 32: Planta forte português na fronteira de “Moxos”	92
Figura 33: Forno do sitio arqueológico “Calera de las Huerfánas”	94
Figura 34: Sítio Arqueológico Posto de Santa Tecla: estrutura circular	96
Figura 35: Sítio Arqueológico Posto de Santa Tecla: estrutura circular (2003)	96
Figura 36: Técnica de estacada: Aldeia indígena, no Norte do Brasil.....	99
Figura 36a: Técnica de estacada: Vila de Igarassu - Capitania de Pernambuco	99
Figura 37: Representação da construção fortificada de Salvador.....	101
Figura 38: Construção de uma casa com a técnica de taipa de pilão.....	105
Figura 39: Estrutura de taipa para obra de defesa.....	107
Figura 40: Construção de uma casa com a técnica de pau-a-pique.....	107
Figura 41: Habitação rural no RS (1851).....	109
Figura 42: Habitação rural em São Borja	110
Figura 43: Remanescentes da guarda de Santo Antonio (Uruguai)	112
Figura 44: Medalhão representando a tranqueira embandeirada de D. Rodrigo de Melo (Convento de Lóis, em Évora).....	116
Figura 45: Acampamento e enchente, no passo de São Lourenço, no rio Jacuí	116

Figura 45a: Acampamento de madeira no sul da América Ibérica	117
Figura 46: Bateria provisória de madeira. Nuevitas (Cuba).....	118
Figura 47: Acampamento em couro	119
Figura 48: Paliçada ou Estacada de ramos.....	121
Figura 48a: Paliçada de estacas.....	121
Figura 49: Tipo de faxina	121
Figura 49a: Revestimento de faxina	121
Figura 50: Representação da recepção de Cristóvão de Abreu a Silva Paes.....	126
Figura 51: Planta 1 - Forte Jesus Maria José.....	128
Figura 52: Planta 2 - Fortificação Santa Ana do Estreito	131
Figura 53: Planta 2a - Fortificação Santa Ana do Estreito	132
Figura 54: Planta 3 - Região de Rio Grande e dos assentamentos fortificados	137
Figura 55: Vila do Rio Grande na dominação espanhola	138
Figura 56: Planta 4 - Fortificações no Rio Grande de São Pedro (1776).....	139
Figura 57: Planta 5 - Topografia do Rio Grande do São Pedro do Sul por José Custódio de Sá e Faria.....	141
Figura 58: Planta 6 - Forte São José da Barra (1776).....	142
Figura 59: Planta 7 - Fortes da Villa do Rio Grande de São Pedro (1776).....	144
Figura 60: Croqui da localização dos vestígios arqueológicos em Rio Grande.....	149
Figura 61: Planta 8 - Forte Lagamar	153
Figura 62: Planta 9 - Forte Ladino	153
Figura 63: Planta 10 - Forte Conceição	154
Figura 64: Planta 11 - Fortim São José (1767)	154
Figura 65: Planta 12 - Forte Mangueira	155
Figura 66: Planta 13 - Forte do Arroio	155
Figura 67: Planta 14 - Bateria Santa Bárbara	156
Figura 68: Via de acesso ao forte São Miguel (2004).....	157
Figura 69: Remanescentes internos do Forte São Miguel (1934) (da esquerda para a direita alojamento dos oficiais, polvorim, capela)	160
Figura 69a: Remanescentes internos do Forte São Miguel (1934).....	160
Figura 70: Fachada da portada do Forte São Miguel (1934).....	161
Figura 71: Planta 1 - Forte de São Miguel (1792)	162
Figura 72: Forte de São Miguel: Escadaria	164
Figura 73: Forte de São Miguel (2003): área interna	165

Figura 74: Remanescentes do Forte São Miguel (1940).....	167
Figura 74a: Ruínas do Baluarte (1940)	168
Figura 75: Planta 2 - Remanescentes do Forte São Miguel (1933).....	169
Figura 76: Foto aérea do forte São Miguel	170
Figura 77: Área interna do forte São Miguel (2004).....	171
Figura 78: Muralha do Forte São Miguel (2004)	172
Figura 78a: Cortina Sudoeste	172
Figura 78b: Baluarte Norte e Cortina	173
Figura 78c: Baluarte Oeste	173
Figura 78d: Baluarte Sul.....	174
Figura 78e: Baluarte Leste ao fundo Lagoa Mirim	174
Figura 79: Fortaleza Santa Teresa: Via de acesso (2004)	175
Figura 80: Planta 1 - Santa Teresa (1763) por João Gomes de Mello.....	178
Figura 81: Planta 2 - Croqui de Santa Teresa (1774).....	181
Figura 82: Planta 3 - Santa Teresa (1792).....	182
Figura 83: Guarita de Santa Teresa	184
Figura 84: Flanco do Baluarte São Luiz	185
Figura 85: Baluarte São Luiz.....	185
Figura 86: Fortaleza de Santa Teresa (1934): Fachada e Baluarte São João	190
Figura 87: Fortaleza Santa Teresa (1934): Fachada e Baluarte São Martin	190
Figura 88: Fortaleza Santa Teresa (1934): Espaldão	191
Figura 89: Planta 4 - Santa Teresa (1797)	192
Figura 90: Foto aérea da Fortaleza de Santa Teresa	193
Figura 91: Foto aérea Ilha Gorriti	196
Figura 92: Bateria de La Boca Chica (1929)	209
Figura 93: Bateria del Cañón ou del Puerto (1929).....	210
Figura 94: Pesquisa arqueológica na Bateria Santa Ana - evidências da sua estrutura e dos materiais construtivos	215
Figura 95: Foto Aérea - Bateria Santa Ana (1991)	216
Figura 96: Pesquisa arqueológica na Bateria de Santa Ana	217
Figura 97: Pesquisa arqueológica na Bateria de Santa Ana	218
Figura 98: Bateria de Santa Ana - Vestígio arqueológico de uma tronera.....	219
Figura 99: Artefatos encontrados nos trabalhos de campo na Bateria de Santa Ana....	221
Figura 100 a-b: Remanescentes de uma bateria em Gorriti (2004).....	222

Figura 101: Baluarte São João (NE): vista da região.....	223
Figura 102: Planta 1 - Fortaleza de Santa Tecla (1776) por dois desertores	228
Figura 103: Planta 2 - Fortaleza de Santa Tecla (1776) por Manuel Carvalho de Souza.....	231
Figura 104: Planta 2a - Distribuição espacial dos estabelecimentos Internos da fortificação segundo a Planta n° 2.....	232
Figura 105: Planta 3 - Fortaleza de Santa Tecla (1818) por José Maria Cabrer	233
Figura 106: Planta 6 - Croqui da fortaleza Santa Tecla (1985)	243
Figura 107: Marco sinalizando a entrada para a fortificação	246
Figura 108: Baluarte São José (SE)	246
Figura 109: Baluarte Santo Agostinho (SW)	247
Figura 110: Provável Fosso - localizado no lado externo do forte (SW-NW).....	246
Figura 111: Baluarte São Miguel a esquerda e Santo Agostinho - ao fundo.....	248
Figura 112: Baluarte São João	248
Figura 113: Museu Patrício Corrêa da Câmara	249
Figura 114: Depressão no terreno e formação de um lago	250
Figura 115: Vestígio de muro.....	250
Figura 116: Arcos de barril e madeiras.....	251
Figura 117: Rodas de Carreta e fragmentos de Madeira	251
Figura 118: Relógio de Sol em madeira	252
Figura 119: Bala de canhão. Esse artefato possui cerca de 20 cm de diâmetro	252
Figura 120: Culatra de artilharia.....	253
Figura 121: Estribo	253
Figura 122: Tonel com ossos.....	254
Figura 123: Rodas de carretas.....	254
Figura 124: Fortaleza de Rio Pardo: Vista para o Jacuí (2004)	268
Figura 125: Planta da Fortaleza de Jesus Maria José (1754).....	271
Figura 126: Sítio arqueológico Fortaleza do Rio Pardo (2004)	275

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 ASSENTAMENTOS FORTIFICADOS IBERO-AMERICANOS	25
2.1 AS FORTIFICAÇÕES DA IDADE MODERNA: O SISTEMA DE BALUARTES	25
2.2 A ARTE DE FORTIFICAR EM TERRITÓRIOS IBERO-AMERICANOS.....	36
3 OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS FORTIFICADOS NAS FRONTEIRAS LUSO- ESPANHOLA DO RIO DA PRATA ORIENTAL: UM ESTUDO TÉCNICO- TIPOLÓGICO	42
3.1 TIPOS DE ASSENTAMENTO FORTIFICADOS.....	45
3.1.1 Trincheira	45
3.1.2 Fortim	51
3.1.3 Bateria.....	58
3.1.4 Forte.....	61
3.1.5 Fortaleza	62
3.1.6 Praça-Forte.....	64
3.2 OS TRAÇADOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	67
3.3 CARACTERÍSTICAS DO SISTEMA MODERNO DE FORTIFICAÇÃO.....	71
3.3.1 Tipologia dos componentes do sistema defensivo de baluartes: Fortes e fortalezas	73
3.3.2 O espaço intra-muros: componentes gerais	81
3.3.3 O espaço extra-muros: algumas considerações.....	89
3.4 TECNOLOGIA DAS EDIFICAÇÕES: MATÉRIA-PRIMA.....	98

3.4.1 Fortificações pré-fabricadas e reutilização de materiais	113
4 OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS HISTÓRICOS	122
4.1 A FUNDAÇÃO DO RIO GRANDE DE SÃO PEDRO E SUAS FORTIFICAÇÕES .	122
4.2 FORTE DE SÃO MIGUEL	156
4.3 FORTALEZA DE SANTA TERESA	175
4.4 BATERIA DE GORRITI.....	196
4.5 FORTALEZA DE SANTA TECLA	223
4.6 FORTALEZA DE RIO PARDO	268
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	276
REFERÊNCIAS.....	280
GLOSSÁRIO	299

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o estudo desenvolvido sobre os sítios arqueológicos de assentamentos fortificados ibero-americanos no século XVIII na região Platina Oriental¹.

Tais sítios estiveram inseridos na disputa, entre as Coroas ibéricas, pelo controle do comércio no Rio da Prata e dos rebanhos de gado espalhado pela Vacaria do Mar. Fatos que culminaram com a fundação da Colônia de Sacramento, em 1680, e, conseqüentemente, com o retorno dos povoados missioneiros, em 1682, para a margem esquerda do Rio Uruguai.

Em decorrência desses acontecimentos, houve uma série de conflitos sócio-políticos, econômicos e culturais, por mais de um século, entre os representantes daquelas Coroas e os grupos indígenas na região. Muitas vezes, mediados por acordos políticos e, outras, por guerras e guerrilhas. Ocasionalmente uma complexa história de avanços e retrocessos no domínio pelas terras na região que hoje compreende o Estado do Rio Grande do Sul e o Uruguai.

¹ Na literatura é comum a designação de *sítios arqueológicos militares*. Empregamos a expressão *assentamentos fortificados*, considerando que além do caráter militar relativo a sua função, construção e ao efetivo militar, geralmente havia, nesses locais, outros estabelecimentos que agregavam religiosos e grupos de civis.

Diante disso, foram sendo instalados diversos assentamentos fortificados temporários ou permanentes na região. Entre esses, muitos foram ocupados, reocupados, destruídos e reconstruídos por diferentes grupos e interesses, durante o século XVIII e os seguintes. Sendo, finalmente, abandonados e alguns transformados em sítios arqueológicos. Porém, a maioria desses estabelecimentos encontram-se desaparecidos ou destruídos.

Esses locais se constituíram em instrumentos políticos de expansão, domínio e defesa de suas Coroas. Desse modo, foram de primordial importância para a manutenção dos territórios em conquista. Além disso, funcionaram como locais de encontro e de secular convívio entre diferentes culturas e grupos étnicos. Constituindo-se, assim, em vetores de relações sócio-econômicas e culturais, e onde europeus, indígenas e africanos, passaram a viver lado a lado, indiscutivelmente, absorvendo conhecimentos de uma e outra cultura.

Destacamos que este estudo partiu de um projeto mais amplo denominado *“Arqueologia dos sítios históricos da América Meridional Atlântica”*². Tendo por base a realização de um inventário sobre os sítios arqueológicos históricos na região. O qual nos proporcionará um melhor conhecimento sobre: os pesquisadores e as suas produções bibliográficas; as coleções arqueológicas e onde estão armazenadas ou expostas; o estado de preservação desses sítios, bem como sua transformação em museu-sítio, entre outros. Sugerindo novas problemáticas e, portanto, novas pesquisas.

² Projeto sob a coordenação do Prof. Dr. Arno Alvarez Kern e sob o apoio institucional do PPGH-PUCRS e do CNPq. No ano de 2003 passaram a compor esse projeto cerca de 40 pesquisadores do Brasil, da Argentina e do Uruguai. O qual tem proporcionado a reunião do conhecimento sobre as pesquisas no âmbito da Arqueologia Histórica. Cujas divulgações poderão ser acessadas através do site www.proprata.com.

Assim, imbuídos por essas diretrizes, delimitamos nossa pesquisa sobre a problemática dos assentamentos militares fortificados na Região Platina Oriental.

Inicialmente, estipulamos que nos guiaríamos pelas pesquisas já realizadas nos sítios que foram tombados como patrimônio histórico e arqueológico. Queríamos investigar onde estavam as coleções, os resultados das pesquisas e as dificuldades encontradas pelos pesquisadores. Além disso, investigar seu estado de preservação e as iniciativas que foram ou estavam sendo realizadas para transformar esses espaços em divulgação da história do Rio da Prata. Devido a isso, nos detivemos em analisar os sítios arqueológicos do sul do Brasil e Uruguai.

Acreditamos que a soma dessas informações poderia nos proporcionar uma interpretação das evidências em conjunto. Revelando-nos novas problemáticas e oportunizando, desse modo, realizar uma reinterpretação geral dos dados pelo viés da cultura material.

Diante disso, o primeiro passo desse estudo foi realizar um trabalho de campo no sítio arqueológico histórico forte de Santa Tecla localizado no município de Bagé (RS). Visto que não tínhamos nenhuma informação sobre as atividades de campo realizadas na década de 1970 naquele local. Também, fomos movidos pela possibilidade de, através da história oral, obtermos informações sobre outros assentamentos do período colonial. Confirmadas as nossas expectativas, além das informações documentais obtidas a respeito da fortificação, fomos guiados ao local onde se encontram os remanescentes edificadas de um dos postos da estância missioneira de São Miguel, também denominado de Santa Tecla.

Para fins comparativos com Santa Tecla, consideramos os sítios

arqueológicos de São Miguel, Santa Teresa e Gorriti. Esses assentamentos fortificados foram utilizados como parâmetro para a nossa análise. Isso porque: a) pertenceram a um mesmo período histórico; b) foram mantidos e organizados pela Coroa Espanhola; c) foram inseridos em áreas periféricas, ou seja, afastadas dos centros urbanos que foram se formando; d) a similaridade e peculiaridade de seu sistema defensivo foram baseadas nas fortificações modernas – abaluartadas. Por outro lado, enquanto São Miguel e Santa Teresa foram edificadas em pedra - e hoje podemos observar os magníficos monumentos restaurados -, Santa Tecla foi feita em taipa. Não menos eficiente, mas destruída pelos portugueses e pela intempérie.

Além disso, fomos motivados por já existirem trabalhos envolvendo esses sítios arqueológicos no Uruguai. Enquanto que os primeiros foram totalmente reconstruídos - através da documentação da época. As pesquisas arqueológicas realizadas na bateria de Gorriti revelaram o contexto de suas sucessivas ocupações. Por isso decidimos que o segundo trabalho de campo seria realizado nesses três sítios arqueológicos.

Além desses, inserimos em nossa análise comparativa a fortaleza da Colônia de Sacramento e os demais estabelecimentos fortificados instalados por Portugal e, também, pela Espanha no Rio Grande de São Pedro. Bem como as fortificações da ilha de Santa Catarina. Já que a nossa análise contempla assentamentos construídos tanto pelos espanhóis como pelos portugueses. Vale lembrar que houve diferentes épocas de instalação e ocupação por ambas as Coroas nesses locais.

O conjunto de informações históricas e arqueológicas nos levou às seguintes indagações a respeito desses estabelecimentos. Quais sejam: por que os vestígios arqueológicos das dezenas de fortificações construídas por Portugal em torno de Rio

Grande haviam desaparecido? A partir da documentação histórica, a referência a esse fato induzia que era devido ao material construtivo e à técnica. Surgiu assim outra indagação. As técnicas de fortificar eram diferenciadas entre Espanha e Portugal? Uma fortificação de taipa seria menos eficaz que uma em pedra? Em que medida as diretrizes européias eram adaptadas à realidade americana? Quais as características de um assentamento fortificado moderno? Eram os baluartes? Quem eram os protagonistas? Os engenheiros europeus, os índios, os padres, os mestiços e tantos outros anônimos, que estiveram inseridos nesses estabelecimentos?

Todas essas questões foram colocadas procurando observar *in mente* as idéias, os gestos e as práticas cotidianas nesses assentamentos.

Diante da primeira etapa de sistematização da documentação arqueológica, inúmeros e importantes testemunhos dos padrões culturais da sociedade ibero-americana foram colocados em evidência. Os quais se constituem nos mais variados artefatos. Ou seja, desde os remanescentes arquitetônicos complexos, a nível de superfície e de estruturas, a objetos a eles associados diretamente. Também, artefatos móveis, de uso variado, em metal, vidro, cerâmica (local e importada), osso, pedra, etc.

A partir do conjunto das informações obtidas, e diante das inúmeras possibilidades de análises comparativas e interpretativas sobre esses artefatos, privilegiamos nesse trabalho o estudo sobre os tipos de estruturas presentes nesses sítios.

Assim, tivemos por objetivo geral investigar os meios, as técnicas e as formas de organizar os espaços fortificados na fronteira luso-espanhola do Rio da Prata

Oriental no século XVIII. Cabe destacar que, sempre que necessário para o apoio às nossas interpretações, recuamos e avançamos no tempo, assim como consideramos um espaço geográfico mais amplo.

Para isso, com base na documentação arqueológica, passamos a inferir sobre as semelhanças e diferenças desses assentamentos. Na falta do registro *in situ* nos valem da documentação histórica e cartográfica.

Dentre as diferentes abordagens que permeiam a Arqueologia Histórica, essa pesquisa privilegiou os enfoques contidos nos quadros da Arqueologia contextual cujos elementos essenciais incorporam os conceitos de ação, sentido e contexto. Foram utilizados métodos de investigações que visam interpretar as relações sócio-econômicas entre os indivíduos, assim como seus códigos simbólicos. O enfoque contextual, segundo Hodder (1988), depende em grande parte dos dados, os quais devem ser conhecidos minuciosamente. Quanto mais interconectarmos os dados, mais informações teremos para a interpretação de seus significados³.

O arqueólogo chega ao contexto, através das perguntas que ele faz ao objeto, o qual possui uma multiplicidade de leituras: sociais, temporais, funcionais, espaciais, simbólicas. Por isso, a cultura material serve como um meio para chegarmos à dinâmica das sociedades em pauta.

Quando iniciamos as pesquisas históricas sobre esses assentamentos, fomos surpreendidos pela diversidade de termos utilizados, mas não conceituados, para nomear um mesmo estabelecimento. O que foi observado nos trabalhos de historiadores, engenheiros, arquitetos e militares. Entre vários casos, citamos como

³ HODDER, Ian. **Interpretación en Arqueología**: corrientes actuales. Barcelona: Crítica, 1988.

exemplo o forte Jesus Maria José construído em Rio grande no ano de 1737. Esse estabelecimento é comumente designado como fortim, trincheira, forte ou fortaleza.

Consideramos que é necessário estabelecer critérios para a designação de cada tipo de assentamento, o que facilitaria as análises comparativas. Os critérios por nós adotados para essa análise foram referentes ao tamanho, às características do sistema defensivo e à função a que se destinava.

O critério referente à matéria-prima, adotado por alguns especialistas, no nosso entender, não deveria servir como marco conceitual. Tendo em vista que existiram diferentes tipos de assentamentos construídos com a mesma matéria-prima. Contudo, essa foi estudada para demonstrar as diversas maneiras dos grupos interagirem com o meio ambiente. Assim como as diversas técnicas a ela associadas.

Para análise dos assentamentos fortificados, consideramos dois aspectos iniciais Um em relação ao seu sistema defensivo e suas variantes, e outro relativo aos estabelecimentos a eles integrados. Procurando identificar semelhanças e variabilidades nos espaços intra-muros e extra-muros. Considerando que a análise desses estabelecimentos nos informaria sobre os hábitos, relações de hierarquia, subsistência, entre outros aspectos.

Cabe, aqui, destacar que as listas de tipos de assentamentos, estruturas e suas formas fizeram-se necessárias para fins comparativos. Proporcionando, desse modo, o conhecimento e as interpretações a respeito do objeto de nosso estudo. Observando semelhanças e diferenças, mas evitando as grandes generalizações.

Assim, essa pesquisa põe em evidência os dados referentes à cultura material desses sítios arqueológicos históricos. Para inferir sobre as idéias e as influências recebidas por quem as concebeu. Assim como os gestos e as técnicas de quem as executou. Procurando compreender a dinâmica desses estabelecimentos fortificados.

Assim esse estudo divide-se em três núcleos expositivos.

Na primeira abordagem, os assentamentos ibero-americanos são vistos e analisados a partir das diretrizes gerais traçadas pela engenharia européia, com suas variantes. Cujo princípio é o sistema de linhas e ângulos, gerando os baluartes.

Também é demonstrada a influência do tratado do engenheiro Francês Sebastian Le Prestre de Vauban enquanto mecanismo divulgador da técnica e da arte de fortificar. Igualmente, a influência e as adaptações desse método, entre outros, nos territórios americanos ibéricos e a execução propriamente dita desses sistemas defensivos e de povoamento.

O segundo núcleo do trabalho apresenta um estudo técnico-tipológico e funcional sobre os assentamentos fortificados na região Platina Oriental. Inicialmente, apresentamos um estudo classificatório de seis tipos de estabelecimentos através de suas características comuns e variáveis.

Considerando a importância e a divulgação das fortificações abaluartadas, apresentamos um estudo sobre o sistema defensivo moderno. Tendo por base fortes e fortalezas na região em estudo, apresentamos as partes integrantes do sistema defensivo propriamente dito, por um lado. Por outro, uma análise sobre os tipos de estabelecimentos e/ou estruturas que compõem o espaço intra-muros e extra-muros.

Além disso, são apresentadas algumas variáveis sobre as técnicas e as matérias-primas utilizadas na elaboração desses estabelecimentos.

E, finalmente, a terceira abordagem é referente a cada um dos sítios arqueológicos históricos priorizados nesse estudo. A linha expositiva pretendeu mostrar ao leitor as nuances que os envolveram, desde a sua criação até a sua transformação em patrimônio da humanidade. Perpassando, obrigatoriamente, pelo contexto histórico que os interliga.

2 ASSENTAMENTOS FORTIFICADOS IBERO-AMERICANOS

2.1 AS FORTIFICAÇÕES DA IDADE MODERNA - O SISTEMA DE BALUARTES

As técnicas de construção das fortificações passaram por grandes transformações a partir da época moderna. Assim, nesse período, acompanharam as transformações que ocorreram na Europa nos quadros políticos, econômicos, sociais e culturais.

Al principio, las Fortificaciones eran simples fosos. La tierra así extraída formaba una especie de parapeto que se reforzaba con árboles y palos entrelazados con ramas verdes. Esta defensa era suficiente contra las hondas y armas similares. Para defenderse de las flechas se utilizaron murallas. La utilización del hierro supuso la construcción de las Torres: servían para aumentar el frente de los sitiados, castigando por los flancos en la escalada. La Invención del Ariete no aportó ninguna modificación a esta manera de fortificar. En lo alto de las murallas, o más a menudo en sus salientes, existían determinada abertura desde las cuales se tiraban piedras para impedir los trabajos de Zapa⁴.

O método de fortificar, usual na Idade Média, tinha as torres como elemento fundamental do sistema defensivo. Essa construção militar de defesa, de um castelo

⁴ VAUBAN, De Mr. **Verdadero método para fortificar**. Organizadores: L'Abbé Du Fay y CAMBRAY, Chevalier Cambray. Ámsterdam: Pierre Mortier, 1702. In: GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Territorio y Fortificación - Influencia en España y América**. Madrid: Tuero, 1991, p. 161.

ou burgo, representou até o século XV um importante método defensivo, num período em que a artilharia estava baseada na neurobalística. Construídas de maneira a sobressaírem-se das muralhas da fortificação, ou mesmo isoladas, tiveram variadas formas: das mais antigas - quadrangulares, às mais modernas - poligonais ou circulares.

A partir do século XV, a crescente utilização da pólvora e o desenvolvimento de novas técnicas - de artilharia e de guerra - fizeram surgir obras de fortificações mais modernas e eficazes.

Assim, as muralhas de pedras, com o predomínio da verticalidade, dariam lugar a fortificações mais baixas e feitas de largos muros de terra. Os quais não permitiam tantos danos à estrutura, como ocorria nas de pedra, pois a terra servia para neutralizar o impacto das balas de canhões.

Segundo Vauban (1702), os explosivos colocados sob as fortificações tiveram papel preponderante na transformação da engenharia militar. As minas, além de poderem ser efetuadas apenas por um homem, ao explodirem, abriam uma brecha na muralha fechando o fosso. Dessa maneira, possibilitava o ataque do sitiador. As torres proporcionavam uma visão oblíqua do entorno, deixando uma área sem observação. Assim, objetivando eliminar o perigo da aproximação do minador, foram criadas as linhas retas das faces dos baluartes⁵.

Por esse motivo, o baluarte tornou-se elemento fundamental da fortificação na defesa da pirobalística, o que acabou dando origem à designação de um novo tipo de fortificação denominada de abaluartada.

⁵ VAUBAN, De Mr. **Verdadero método para fortificar**. Organizadores: L'Abbé Du Fay y CAMBRAY, Chevalier Cambray. Ámsterdam: Pierre Mortier, 1702. In: GUTIÉRREZ; ESTERAS, 1991, p. 165.

O baluarte é caracterizado por sua construção saliente para fora da muralha sendo constituído por duas faces, que formam um ângulo, e por dois flancos que se ligam às cortinas. Muitos autores referem-se ao baluarte como sendo o elemento fundamental de defesa de uma obra fortificada. No entanto, Vauban atesta que:

El recinto de una fortificación se compone de cortinas, flancos y caras. Los flancos se defienden mutuamente y también defienden las cortinas y las caras. Los flancos son de tal utilidad que sólo se construyen baluartes para aprovechar sus flancos. De ahí podemos concluir que flanco es el mejor elemento de fortificación, hasta el punto de emplear el término de 'flanqueado como equivalente a 'defendid'⁶.

Mario Pereira (1994, p. 36) acrescenta que além do distanciamento técnico militar existente entre a torre e o baluarte “[...] situam-se realidades econômicas, sociais, políticas, jurídicas, simbólicas e ideológicas distintas”. E conclui que:

Enquanto as muralhas, as torres e as portas do sistema defensivo medieval eram, de certa maneira, um elemento que condicionava mas acompanhava o desenvolvimento e crescimento das cidades, a fortificação abaluartada vai modificar a idéia de cidade, vai transformar a cidade num apêndice militar, tal como afirma Dürer. Era a cidade planeada, em que a fortificação funcionava como uma ‘camisa de forças’ a contrapor-se à cidade medieval em que, no dizer de Braudel, ‘a muralha era uma cinta’⁷.

Por outro lado, é importante ressaltar que a transformação das obras de fortificações esteve baseada no crescente domínio da matemática. Tudo deveria ser medido e calculado. Dessa maneira observa-se que, ao passo que a construção das fortificações medievais era baseada no empirismo, as modernas (com baluartes) darão lugar à erudição. Essas, devido a uma maior complexidade das obras, passam a requerer conhecimentos matemáticos e balísticos. Onde o estudo do

⁶ VAUBAN, De Mr. **Verdadero método para fortificar**. Organizadores: L'Abbé Du Fay y CAMBRAY, Chevalier Cambray. Ámsterdam: Pierre Mortier, 1702. In: GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Territorio y Fortificación - Influencia en España y América**. Madri: Tuero, 1991, p. 165.

⁷ PEREIRA, Mario. Da torre ao baluarte. In: PAULINO, Francisco Faria (Org.). **A arquitetura militar na expansão portuguesa**. Porto: Infante, 1994, p. 85.

alcance dos armamentos e dos elementos construtivos de defesa mútua, seguia o princípio de que nada deveria ficar ao entorno da praça que não pudesse ser visto ou defendido. Eis a importância do baluarte.

Rafael Moreira (1994) destaca que nenhum elemento foi tão decisivo para o sucesso da expansão europeia quanto o baluarte. Por outro lado, o autor citado avalia que sua invenção foi “[...] de uma simplicidade extrema: nada mais do que uma plataforma angular saliente em relação ao muro, inicialmente maciça, criando um espaço adequado para a instalação e manobra das peças de fogo de grande alcance”⁸. Mas, em fim, uma revolução, concorda Rafael Moreira com o especialista John Hale - “[...] a única invenção verdadeiramente original da arquitetura do Renascimento”⁹. E conclui que “[...] O ‘Estilo Internacional’ por excelência do Renascimento foi o da arquitetura militar, e o seu módulo o baluarte angular”¹⁰.

Como toda a invenção, o baluarte é fruto de uma série cumulativa de experiências ocorridas na Itália Central ao longo do século XV. No entanto, até os anos vinte desse século, pode-se observar, através dos desenhos de projetos de castelos e fortalezas, que todos apresentam “[...] torriões (it. *Torrioni*), baixos e maciços, nos ângulos dos muros, em conformidade com a moda (...)”¹¹ daquele período¹².

⁸ MOREIRA, Rafael. Caravelas e Baluartes. In: PAULINO, Francisco Faria (Org.). **A arquitetura militar na expansão portuguesa**. Porto: Infante, 1994c, p. 85.

⁹ Ibidem, p. 86.

¹⁰ MOREIRA, Rafael. Fortalezas do renascimento. In: PAULINO, Francisco Faria (Org.). **A arquitetura militar na expansão portuguesa**. Porto: Infante, 1994a, p. 129.

¹¹ BURY, John B. Benedetto da Ravenna. In: PAULINO, Francisco Faria (Org.). **A arquitetura militar na expansão portuguesa**. Porto: Infante, 1994, p. 130-45.

¹² Interessante constatar que a fortificação portuguesa de campanha na região dos moxos (Bolívia) ainda apresenta essa forma no século XVIII.

Sendo que somente a partir da década de 40, do século XVI, é que os baluartes poligonais começaram a ser difundidos. Isso devido a Benedetto da Ravenna¹³ o qual destacou-se por tê-lo desenvolvido na Itália e, assim, inovou a concepção das fortalezas¹⁴.

Moreira (1994) destacou muito bem ao referir-se que a influência avassaladora dos tratadistas e engenheiros militares italianos trouxe consigo o geometrismo maneirista, ou do renascimento tardio, com a afirmação do espírito científico. Porém, ao mesmo tempo, ainda impregnado de simbologia <<da arte de fortificar>>, vista segundo uma linha de progresso cultural em que combinam estudos de óptica e de perspectiva curvilínea, de proporções de urbanismo e de topografia.

Também se refere que:

A geometria pura de algumas figuras, como o quadrado, o triângulo, ou o círculo preferido por Tibúrcio Spanochi, instauraram uma panóplia de tipos arquitetônicos repetidos quase sem variações do Brasil ao Golfo Pérsico e ao Ceilão, de simples entrepostos fortificados [...] ‘a casas fortes’ e a fortalezas *reais* – isto é, em que a distância entre os baluartes é igual ao alcance máximo dos tiros mais fortes [...]¹⁵.

A difusão do novo método de fortificar, em territórios portugueses, deveu-se ao estreito contato de D. João II com a Itália. Além de contratar peritos e engenheiros militares, mandava comprar desenhos e tratados italianos, os quais eram divulgados pela imprensa.

¹³ Ravenna entre os anos de 1511 e 1551 trabalhou como engenheiro militar, especializado e artilheiro a serviço da Espanha. Conforme BURY, (1994, p. 130).

¹⁴ BURY, John B. Benedetto da Ravenna (1485-1556). In: PAULINO, Francisco Faria (Org.). **A arquitetura Militar na Expansão Portuguesa**. Porto: Infante, 1994, p. 131.

¹⁵ MOREIRA, Rafael. Os grandes sistemas fortificados. In: PAULINO, Francisco Faria (Org.). **A arquitetura militar na expansão portuguesa**. Porto: Infante, 1994b, p. 149.

Por outro lado, os holandeses, no século XVI, iniciam estudos alternativos de fortificações mais práticas para o seu território, do que os complexos sistemas italianos¹⁶. No século posterior, o sistema holandês foi aperfeiçoado. Tendo sido seus preceitos divulgados através dos tratadistas Marolois e Dogen.

Na França, no início do século XVII, surge o primeiro tratado de fortificação por Adam Fritag e posteriormente o de Jean Errard De Bar Le Duc. Seus princípios foram desenvolvidos em 1638 por Antoine De Ville, o qual inseriu os flancos dos baluartes perpendiculares às cortinas, dando especial atenção ao controle circular do terreno, para o domínio visual do inimigo. Aperfeiçoando os sistemas defensivos, surgirá o tratado do Conde Blaise de Pagan, o qual será o inspirador direto das propostas de Vauban¹⁷. Assim como de Luís Serrão Pimentel em Portugal.

No ano de 1680, após a morte de Serrão Pimentel, foi editado o primeiro tratado de Arquitetura em português o “Método Lusitano de Desenhar as Fortificações”. Onde são descritas suas experiências e atividades desenvolvidas durante trinta anos. Nesse livro, Pimentel manifesta preferência pela Escola holandesa (Dogen) e a francesa (Conde de Pagan), embora “[...] o seu objetivo essencial parece ser o de estabelecer um método nacional, diferente e superior aos demais”¹⁸.

Em 1651, surge, no cenário Francês, Sebastián Lê Prestre de Vauban (1633-1707). Um jovem de 18 anos que se integrava ao trabalho em fortificações. Sua ascensão foi rápida e contou com o apoio de Luis XIV. Entre os anos de 1672 e

¹⁶ GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Territorio e fortificación**. Madri: Tuero, 1991, p. 4.

¹⁷ GUTIÉRREZ; ESTERAS, 1991, p. 4.

¹⁸ MOREIRA, Rafael. Fortalezas do renascimento. In: PAULINO, Francisco Faria (Org.). **A arquitetura militar na expansão portuguesa**. Porto: Infante, 1994, p. 160.

1678 a França entrou em guerra com a Holanda e sua atuação fez com que se tornasse o primeiro engenheiro militar a receber o título de marechal da França¹⁹. Além do de Comissário Geral das Fortificações. Em 1697, aos 64 anos, Vauban aposenta-se deixando um currículo vastíssimo no qual incluía o projeto de 33 praças fortes e a reforma de mais de 200 outras²⁰. O alemão Von Zastrow, no século XIX, reconheceu que *‘nunca probablemente existió un general más rico en experiência de la guerra habiendo dirigido 53 sitios y tomado parte en 140 batallas y combates’*²¹.

Vauban, a partir de 1697, dedica-se à reflexão de suas experiências e estudos na arte de fortificar. Além de questionar as condições do desenvolvimento econômico, político e social de seu país. Seus questionamentos e opiniões a respeito do despotismo ilustrado de Luis XIV, o distanciou do Rei. Sendo processado e obrigado a um arrendimento formal.

Em relação às técnicas de fortificações, no final do século XVII, Vauban sintetizará as principais experiências com os baluartes em três grandes sistemas. No entanto, será a organização e a publicação do “Verdadeiro Método de Fortificar por Mr. Vauban”, realizada por Abate Du Fay, que fez seus preceitos se transformarem em um modelo universal a partir do século XVIII. Posteriormente, em 1741, Louis Cormontaigne (1696-1752), seguidor de Vauban, simplificou seu primeiro método (Architecture Militaire ou l’art de fortifier). O qual definiria, segundo Bury (1994) a “[...]”

¹⁹ GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Territorio y fortificación**. Madri: Tuero, 1991, p. 2.

²⁰ GUTIÉRREZ; ESTERAS, 1991, p. 10.

²¹ ZASTROW, A. Von. Histoire de la fortification permanentes. Liège, 1846, apud GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Territorio y fortificación**. Madri: Tuero, 1991, p. 14.

doutrina oficial adotada na ‘École de Mézières’ e que marcaria o auge do sistema abaluartado definido dois séculos atrás”²².

Esse sistema tornou-se um modelo universal, no século XVIII, e que será seguido até a metade do século XIX pelas novas gerações de engenheiros. Porém, é difícil encontrar uma obra de Vauban onde se aplique, ortodoxamente, suas recomendações para cada sistema; pelo contrário, é freqüente a sua flexibilização de desenho em atenção às condições de assentamento²³. Assim podemos constatar que o termo “doutrina” parece exagerado, tendo em vista que o próprio Vauban nunca pensou em sistemas fechados e sim adaptáveis.

Diante do exposto, é notória a influência que o pensamento do Marechal Sebastián Le Preste De Vauban teve no desenvolvimento da engenharia militar, não só na França como em todo o mundo ocidental. Além de sua obra concreta de desenhos de praças fortes e de novas estratégias de ataque e defesa, Vauban deixou uma ágil estrutura do Corpo dos Engenheiros Militares ao qual, entre os anos 1691 e 1715, foram incorporados 363 profissionais. Alguns dos quais serviram de base à formação do Real Corpo de Engenheiros Militares da Espanha, sob a Dinastia dos Bourbons. Nessa Escola, além dos preceitos de Vauban, havia a convergência da antiga vertente italiana e os ensinamentos de Fernández de Medrano em Flandres. Surpreendentemente, Zapatero (1978) afirmou que houve na

²² BURY, John B. Benedetto da Ravenna (1485-1556). In: PAULINO, Francisco Faria (Org.). **A arquitetura Militar na Expansão Portuguesa**. Porto: Infante, 1994, p. 136.

²³ GUTIÉRREZ; ESTERAS, 1991, p. 10.

América uma Escola Hispano-Americana sob a influência de Medrano e independente de outras correntes²⁴.

Na segunda metade do século XVIII, teremos aqueles engenheiros espanhóis e franceses trabalhando, na América, a serviço da Espanha ²⁵. Nesse período já circulavam traduções para o espanhol de edições verdadeiras e apócrifas de Vauban.

No entanto, como observou Moreira, algumas vezes se comete o erro de considerar desenhos, que são cópias ou reelaborações dos tratados italianos do século XVI, ou dos holandeses do século XVII, como o sistema de Vauban. Isso ocorre pela falta de conhecimento a respeito das vigências e sobre as mudanças das antigas propostas das fortificações abaluartadas²⁶. Considerando que a variação nos chamados métodos ou sistemas de defesa italianos, holandeses, espanhóis, franceses e portugueses constituíram-se, basicamente, em alterações das medidas e na diversidade dos ângulos dos baluartes²⁷.

Por outro lado, será o aperfeiçoamento dos elementos do sistema defensivo das fortificações abaluartadas, realizado por Vauban, que será difundido pelas Escolas francesa, holandesa, espanhola, italiana, portuguesas e diversas outras. Além disso, seu destacado currículo e a síntese, realizada por ele, dos estudos de seus antecessores, lhe permitiram a publicação do *Verdadeiro Método para*

²⁴ ZAPATERO, Juan Mael. La escuela de fortificación hispanoamericana. Madri: CEHOPU, 1985, p. 70, apud GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Territorio y fortificación**. Madri: Tuero, 1991, p. 147.

²⁵ GUTIÉRREZ; ESTERAS, 1991, p. 9.

²⁶ MOREIRA, Rafael. Arquitectura militar do Renascimento em Portugal. Coimbra: EPATUR, 1981 apud GUTIÉRREZ; ESTERAS, 1991, p. 64.

²⁷ DIAS, Pedro. Fortificações Abaluartadas. TONERA, Roberto (Coord.). **Fortalezas Multimídia: Anhatomirim**. Florianópolis: UFSC. CD-ROOM.

Fortificar. Os quais foram seguidos, até que as novas invenções de guerra e de artilharia os tornassem ultrapassados.

O modelo de fortificação adotado por Vauban era o de assentar as praças fortes com um claro domínio sobre o território em seus aspectos econômicos e recursos naturais. Suas obras mostram que ele utiliza modelos onde se coloca questões como o relevo topográfico, os acidentes geográficos e o domínio do território para realizar uma fortificação. Sendo que, suas obras não se caracterizavam apenas como feitos de engenharia, mas como estratégias políticas e econômicas²⁸.

Em relação à planificação urbanística, Vauban teve que sanar alguns problemas advindos de um contexto onde a cidade e a fortificação são unívocas, mesmo com funcionalidade autárquicas diferenciadas. Inicialmente, buscou uma qualificação dos alojamentos das tropas de infantaria e cavalaria nas cidades fortificadas. Pois considerou o agrupamento como um meio mais eficaz de operacionalidade e simplificação na relação entre civis e militares²⁹.

Vauban teve participação fundamental na concretização das novas cidades na França no século XVII, em especial Mont Dauphine, nos Alpes, e Neuf-Brisack. Nessas cidades pode-se observar que, além da característica da praça forte, a planificação das ruas, “tiradas a cordel”, esteve presente como elemento organizador do espaço e onde as habitações se alinhariam regularmente³⁰.

²⁸ GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Territorio y fortificación**. Madri: Tuero, 1991, p. 2.

²⁹ GUTIÉRREZ; ESTERAS, 1991, p. 18.

³⁰ *Ibidem*, p. 17.

É certo que as cidades militares têm a peculiaridade de serem feitas somente uma vez e adquirirem a condição de ajuste em função da sua utilidade estratégica. Fato que as aproxima dos esquemas das “ciudades ideales”. Porém, mesmo que o elemento ordenador seja a praça de armas, o elemento determinante é o perímetro amuralhado com suas fortificações abaluartadas.

O esquema das “repúblicas” (aqui de civis e militares) está claramente esboçado nos planos de Vauban³¹. Áreas abertas, explanadas, zonas de cultivo para abastecimento diário se incorporam ao recinto fechado, e ajudam a definir os mundos de convivência cotidiana.

As praças, por sua vez, adquirem dimensões relevantes, em cuja volta ficam instaladas a igreja, a casa paroquial, a casa do governador, o município, o mercado, o hospital e as habitações. Os quartéis e arsenais, na periferia.

Gutiérrez e Esteras (1991) destacam que, nas cidades de nova fundação, tudo está subordinado à ordem militar. A praça é, antes de tudo, a praça das armas e a própria presença do templo, ou da representação real, não constituem os marcos simbólicos dominantes, frente à força da fortificação abaluartada e do equipamento militar³².

Além disso, acrescentam que

La uniformidad de un lenguaje en cuarteles y edificios, como aún en los detalles tiene más que ver con la racionalidad y la sistematización de la

³¹ GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Territorio y fortificación**. Madri: Tuero, 1991, p. 18.

³² GUTIÉRREZ; ESTERAS, 1991, p. 20.

*construcción con que la presunta mediocridad creadora, situación de la que nunca podría acusarse a un espíritu inquieto como de Vauban*³³.

Por outro lado, cabe ressaltar que a tendência de sintetizar os princípios de fortificação, no qual estiveram inseridos diversos tratadistas inclusive Fernández de Medrano, se explica na intenção de sistematizar o controle das ações. Como observaram Gutiérrez e Esteras ao constatarem que Cormontaigne e outros, no século XVIII, declaravam

*‘Las Reglas Militares son inseparables de la religión y la política púes todas contribuyen a la conservación, aumento y seguridad del Estado’, Vauban también había articulado estas variables en la consolidación del despotismo ilustrado de los borbones*³⁴.

2.2 A ARTE DE FORTIFICAR EM TERRITÓRIOS IBERO-AMERICANOS

*El Arte de Fortificar ha surgido para preservar el derecho de los pueblos. La comunidad de los bienes sólo es posible suponiendo la ausencia de malevolencia. Al ser presos de sus pasiones, los hombres tuvieron que proceder a repartos y los intereses personales crearon rivalidades. El fuerte se hizo ambicioso y los débiles construyeron lugares protegidos. De allí el origen de las Ciudades y de las Fortificaciones y de esto vamos a tratar*³⁵.

O projeto e a execução das obras de fortificações, geralmente, eram efetuados por engenheiros militares europeus. Os quais não provinham só de Espanha e Portugal, mas possuíam as mais variadas nacionalidades. No entanto,

³³ GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Territorio y fortificación**. Madri: Tuero, 1991, p. 20.

³⁴ Ibidem, p. 65.

³⁵ VAUBAN, De Mr. Verdadero método para fortificar. Organizadores: L'Abbé Du Fay y CAMBRAY, Chevalier Cambray. Ámsterdam: Pierre Mortier, 1702. In: GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Territorio y Fortificación - Influencia en España y América**. Madri: Tuero, 1991, p. 164.

esse trabalho foi, também, realizado por leigos ou experientes, assim como pelos padres jesuítas³⁶ e franciscanos. O importante era o conhecimento das técnicas de fortificação.

Diante dos novos métodos de fortificar e a pouca disponibilidade de engenheiros para uma Europa em expansão, Portugal e Espanha providenciaram a consolidação da carreira de engenheiro militar. Incorporando, dessa maneira, os profissionais na arte de fortificar ao exército com postos hierárquicos, e as disposições necessárias para o exercício profissional.

Porém as Coroas Ibéricas tinham muita dificuldade em conseguir engenheiros dispostos a rumar para um mundo desconhecido. Muitos engenheiros alegavam as mais absurdas, enfermidades pessoais e familiares para escaparem do serviço na América³⁷. Para ter-se uma idéia sobre a quantidade de engenheiros militares a serviço da Espanha na América, os autores elaboraram a tabela, demonstrada a seguir.

Tabela 1 - Engenheiros na América espanhola

GUTIÉRREZ & ESTERAS (1993:102)			
LUGAR	1774	1795	1804
México	13	12	6
Colombia	8	9	10
Cuba/Luisiana	11	12	9
Buenos Aires	5	10	7
Chile	2	1	3
Perú	4	7	7
Venezuela	5	9	7
Guatemala	3	3	4
Puerto Rico	4	3	5
Santo Domingo	1	5	—
Total Ingenieros	56	71	58

³⁶ No Brasil destacam-se os trabalhos dos chamados “padres matemáticos”. Estes estiveram, também, em Colônia do Sacramento.

³⁷ GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Arquitectura y fortificación**. Madri: Tuero, 1993.

Como se pode constatar, o número de engenheiros não supria a imensidão dos territórios conquistados e as obras que deveriam ser realizadas e, também, constantemente reparadas. Assim, em muitos casos, os engenheiros oficiais faziam os planos, orientavam as execuções e partiam para outros pontos de defesa e/ou conquista. Diante dessas circunstâncias foram sendo criados Postos militares, subordinados aos Engenheiros Reais. Quais sejam: sargento de engenheiro, capitão de engenheiro ou ainda coronel de engenheiro³⁸. O que nos demonstra a crescente carreira militar aplicada à engenharia de defesa.

Assim, a formação dos artilheiros passou a requerer conhecimento necessário para construir uma fortificação. Seja ela uma praça de guerra, uma fortificação permanente, ou um sistema defensivo temporário executado durante os combates. Aliava-se a isso o conhecimento de balística, o qual era indispensável para a prática de defesa, na utilização de canhões e armas de fogo menores. E, finalmente, quando as possibilidades permitiram, reunido a esses estudos, estava o conhecimento para o projeto e a execução de sistemas defensivos integrados.

Na América portuguesa e espanhola, os engenheiros militares, além de exercerem suas atividades em obras de fortificações, ocuparam os mais altos cargos da administração colonial. Também foram responsáveis pela demarcação das fronteiras, dos levantamentos geográficos e topográficos, dos mapeamentos e registros de rotas. Conhecedores da arquitetura militar e civil, também foram responsáveis por projetos de igrejas, palácios, casas de câmaras e outras obras civis.

³⁸ MENEZES, J. L. Mota; RODRIGUES, Maria do Rosário. **Fortificações portuguesas no nordeste do Brasil (séculos XVI, XVII e XVIII)**. Recife: Pool, 1987, p. 27-28.

A formação teórica dos engenheiros, seja nos cursos na Metrópole ou posteriormente na Colônia, se encontra bem definida. Seguiu os preceitos da Europa, porém adaptada a uma realidade local.

Na América espanhola, as experiências de Vauban e Fenández de Medrano³⁹ serão largamente difundidas. Enquanto que, na América portuguesa, a influência de Luis Serrão Pimentel e Manuel Fortes será propagada pelos engenheiros portugueses, que estiveram a serviço da Coroa nos séculos XVII e XVIII⁴⁰. No entanto, ainda observa-se a influência dos preceitos italianos na arte de fortificar, nesse período, na América colonial. Um exemplo é a presença de torreões como em Buenos Aires, no século XVII.

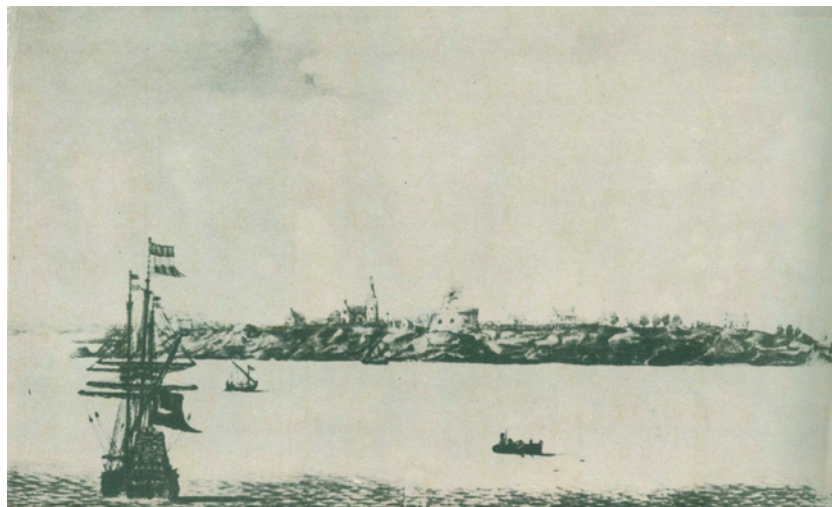


Figura 1: Vista de Buenos Aires (1628)

Fonte: FURLONG, 1969, p. 518.

Por outro lado, deve ser assinalado que, na América, foi desenvolvido um processo de realidades complexas, no sistema de fortificações. Tal procedimento

³⁹ Medrano dirigiu a Real Academia de Flandes no final do século XVII.

⁴⁰ Serrão Pimentel (1680) editou seus ensinamentos sob o título de “O Methodo Lusitano”. Em 1729 é publicado “O Engenheiro Português” por Manuel Fortes o qual assimila os preceitos da Escola francesa e Holandesa às realidades do Império português. Cf. Moreira (1994, p. 150).

inclui desde a transferência linear dos modelos europeus, até a solução de problemas inéditos. E desde a aplicação de experiências prévias, até a criação de soluções específicas a partir de problemas locais⁴¹.

E ainda faz-se mister destacar que, no estudo das fortificações, nem sempre as técnicas referidas nos Tratados impediram a construção de obras frágeis e ineficazes. Considerando que a arte de fortificar, no sentido da técnica, exigia dos engenheiros o conhecimento da geometria, aritmética, técnicas construtivas, além da resistência de materiais. O que, na maioria das vezes, não havia. Tendo em vista que os responsáveis por essas obras, geralmente, eram profissionais inexperientes ou improvisados. Tal fato foi constatado por Menezes e Rodrigues (1986) nas fortificações portuguesas entre os séculos XVI e XVIII no Brasil.

O que também foi verificado no estudo apresentado por Paillarde (1814), o qual revela falta de conhecimentos geométricos, por parte da infantaria, ainda no século XIX na América. Tal obra fora solicitada por D. Carlos de Alvear⁴². A qual deveria ser um trabalho que explicasse os métodos de traçar construções de defesa, sem recorrer à geometria, e as quais pudessem ser realizadas por soldados. O oficial achou difícil e quase impossível, tendo em vista o avanço das técnicas de artilharia. Mas em consideração ao amigo realizou a obra⁴³.

Em relação ao método de aprendizado, interessante constatar que:

⁴¹ GUTIERREZ, Ramón. La organización de los cuerpos de ingenieros de la corona y su acción en las obras públicas americanas. Actas del Seminario Puertos e Fortificaciones en América y Filipinas. CEHOPU. Madrid, 1985. GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Territorio y fortificación**. Madrid: Tuero, 1991, p. 130.

⁴² Carlos de Alvear, General Chefe do Exército conquistador de Montevidéu, solicitou ao Ten. Cel. das Províncias Unidas do Rio da Prata, Enrique Paillardelle.

⁴³ PAILLARDELLE, Enrique. Extracto de la obra intitulada: *Ideas de un militar sobre la defensa, y ataque de los pequeños puestos. Traducida al castellano, y aumentada de un tratado práctico de fortificación de Campaña*. Imprenta de Montevideo, 1814. In: GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Arquitectura y fortificación**. Madrid: Tuero, 1993, p. 417.

[...] o estudo da Arquitetura militar era feita com base em maquetes de madeira ilustrando as diferentes tipologias e sistemas, quer de forma esquemática (como em muitos exemplares, desde o século XVII, que se conservam em Itália, quer descendo ao pormenor de um realismo miniatural (como na espantosa coleção dos Plas-Reliefs de Paris, iniciada por Vauban). Assim deve ter sucedido em Portugal, senão desde a aula da fortificação criada em 1647 por Serrão Pimentel, pelo menos na academia de Fortificação estabelecida em 1790⁴⁴.

Não podemos deixar de nos referir a que juntamente com esses profissionais estavam os índios. Os quais, além de possuírem o conhecimento da região, da matéria-prima e de algumas técnicas de construção e defesa, serviram de mão-de-obra, imprescindível, para as fortificações na América.

Além disso, também, destacamos a importância da ação missioneira, das ordens religiosas e, muito especialmente, a dos jesuítas. Responsáveis e atuantes a serviço das Coroas Ibéricas e, principalmente, da Espanha. Eles foram responsáveis pela exploração de novos territórios, pela consolidação das fronteiras e, sobretudo, pela obra reducional que culminou com a formação dos Trinta Povos Jesuíticos - Guaranis. Os quais permitiram a defesa, a construção e a manutenção das cidades e das diversas fortificações Platinas⁴⁵.

⁴⁴ MOREIRA, 1994b, p. 135.

⁴⁵ Sobre a atuação dos povoados missionários na preservação das fronteiras para Espanha, e os trabalhos desenvolvidos pelos guaranis deve-se consultar, imprescindivelmente, as obras: KERN, Arno Alvarez. **Missões: uma utopia política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982 e NEUMANN, Eduardo. **O trabalho guarani missionário no Rio da Prata colonial (1640-1750)**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

3 OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS FORTIFICADOS NA FRONTEIRA LUSO-ESPANHOLA DO RIO DA PRATA ORIENTAL: UM ESTUDO TÉCNICO TIPOLOGICO

As fortificações são consideradas como a arte ou efeito de organizar, por meio de construções militares, a defesa, posse e/ ou ataque a um determinado território. Esses assentamentos poderiam ter uma ocupação temporária, e/ou permanente devido a vários fatores logísticos.

Os estabelecimentos temporários, denominadas de campanha, são erguidas no contexto de um combate ou de uma guerra. Assim, tais obras servem, na maioria dos casos, para sitiarem uma praça, ou como defesa da mesma. Mas também são construídas para bloquearem caminhos, pontos de navegação e/ou interceptarem tropas.

O padrão construtivo e a organização dessas fortificações são bem variáveis, pois dependem da situação do terreno, do tempo de permanência, da mão-de-obra, assim como do material disponível.

As técnicas construtivas empregadas nesses tipos de estabelecimentos são a trincheira, a paliçada (estacada), em alguns casos o pau-a-pique (taipa de mão) e as

construções em pedra. Sendo, também, preferencialmente utilizados os acidentes naturais do terreno, como auxílio defensivo.

A finalidade inicial das fortificações de campanha é a de levantar uma barreira de proteção para a tropa em combate, assim como facilitar os meios para manter uma posição defensiva com pequenos efetivos. Desse modo, tais estabelecimentos podem tratar-se apenas de acampamentos fortificados - com alguma barreira (estacadas, cavalos de frisa, cestões, abrigo - trincheira), podendo contar também com uma edificação comumente denominado de fortim. Todavia, em relação ao tamanho e a forma, também, baterias, fortes e fortalezas podem ser erguidos no contexto de uma campanha.

As regras gerais para as fortificações de campanha erguidas para a defesa de pontos importantes (vilas, passagens e costas) através de postos e guardas foram resumidas pelo Gen. Enrique Paillardelle (1814) *“Las diferentes obras que generalmente se usan en la fortificación de campaña son líneas, redientes, baluartes, cuyos triángulos, cuadrados, estrellas, tenazas, y hornabeques. O mesmo autor complementa que “La gente se cubre o resguarda de tres modos, con parapeto, trinchera, o espaldón”*⁴⁶.

Acrescentamos que algumas dessas fortificações, erigidas durante uma campanha poderiam permanecer por um período maior diante da importância do local. Sendo ampliadas, melhor edificadas ou, às vezes, reconstruídas. Podendo ser inseridas na categoria de semi-permanentes.

⁴⁶ PAILLARDELLE, Enrique. *Extracto de la obra intitulada: ideas de un militar sobre la defensa, y ataque de los pequeños puestos. Traducida al castellano, y aumentada de un tratado práctico de fortificación de Campaña*. Imprenta de Montevideo, 1814. In: GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Arquitectura y fortificación**. Madrid: Tuerco, 1993, p. 418-9.

As fortificações permanentes são construções realizadas em locais de grande importância estratégica já pré-estabelecidos. Geralmente, são erguidas para a defesa de um núcleo de povoamento regular. Mas, também, podem ser erguidas em pontos fundamentais para bloqueio de passagens. Esses estabelecimentos necessitam de uma logística diferenciada para manter-se por um período de tempo prolongado. Pois atuam como base de apoio a um contingente militar, civil e religioso.

Nessa categoria, estão inseridas as praças fortes e as fortalezas. Também os fortes, baterias e linhas fortificadas fazem parte do sistema defensivo dessas fortificações maiores.

As técnicas construtivas utilizadas nesse tipo de fortificação são mais elaboradas. A princípio, deveriam contar com todos os recursos de um Estado em termos de engenharia e de materiais duradouros. O que nem sempre ocorreu na América colonial ibérica.

Desse modo, os tipos de obras empregados com diferentes finalidades de ocupação territorial são bem variados. Somando-se a isso, a diversidade em relação à designação dos estabelecimentos encontrada na documentação histórica e cartográfica tem dificultado as análises comparativas. Fato que ocasiona muitas denominações para tipos semelhantes de estruturas e/ou assentamentos. Portanto, diante da diversidade de formas e tipos de assentamentos que poderíamos abordar, apresentamos as características de seis, os quais entendemos terem sido mais utilizados na região e no período em foco.

3.1 TIPOS DE ASSENTAMENTOS FORTIFICADOS

3.1.1 Trincheiras

O cerco regular de uma fortificação ou a penetração em territórios alheios efetua-se pela abertura de trincheiras. Tal técnica é realizada mediante escavação feita no solo, para que a terra extraída sirva de parapeito. Em alguns casos, pode servir de caminhos abertos para implantação de explosivos, ou a aproximação do efetivo e, possível penetração em algum baluarte.

Teoricamente a trincheira é escavada em uma direção geral paralela à frente do combate, porém não constituem uma linha contínua, mas antes uma sucessão de elementos que cruzam os fogos e que podem ser ligados, tanto para constituir obstáculos sucessivos, como para iludir o inimigo relativamente aos pontos ocupados.

As paredes das trincheiras são consolidadas com estacas, faxinas, cestões, sacos de areia etc. Dessa maneira, as trincheiras podem ser utilizadas, também, como suporte de defesa ou ataque às fortificações permanentes e passageiras.

Mas, na prática, a guerra de sítio, quando se faz em torno dos grandes campos entrincheirados modernos adota, sobretudo, o investimento apertado das praças fortes com o bombardeamento. Sua finalidade é de induzir à rendição do sitiado, mais pela falta de víveres e munições, do que forçá-lo a entregar-se por meio de assaltos, os quais podem tornar-se terrivelmente caros em perdas humanas.

Em primeira linha só se dispunha o efetivo estritamente necessário, de forma a diminuir a vulnerabilidade das tropas. Em segunda linha, havia um conjunto de apoio constituído por grupos e obras de defesa adicionais como pontos de apoio. Os homens disponíveis trabalham para melhorar as comunicações para a retaguarda. Vários pontos de apoio formam um centro de resistência.

Também, devemos considerar como trincheiras, outros sistemas de bloqueio utilizados em fortificações, mas não necessariamente, associados a trincheiras de terra. Como é o caso dos Cestões. Conforme Camargo as fortificações da planície costeira de Cananéia eram constituídas de “[...] cestos recheados de pedras, formando uma barreira característica das trincheiras, de campanha, [...] a partir da segunda metade do século XVII⁴⁷”. Tal técnica, acrescenta o autor, são construtivos típicos de uma fortificação, tais como uma muralha de terra ou areia revestida por pedras. Esse tipo de elemento, de barreira, pode ser observado na planta da Colônia de Sacramento (1680) e em tantos outros sítios.

A) Tipos de Trincheiras⁴⁸



Figura 2: Trincheira em ziguezague - esse tipo de trincheira aparece nos desenhos de Vauban com objetivo de sitiar uma praça forte.

⁴⁷ CAMARGO, Paulo Fernando Bava. **Arqueologia das fortificações Oitocentistas da Planície Costeira. Cananéia – Iguape-SP.** São Paulo: MAE-USP, 2002. Dissertação de Mestrado, Universidade São Paulo, São Paulo, 2002.

⁴⁸ As figuras de trincheiras foram extraídas da Enciclopédia LELLO.



Figura 2a: Trincheira sinuosa

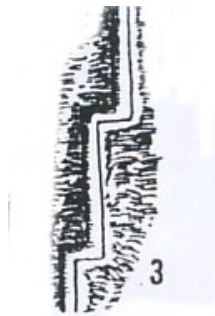


Figura 2b: Trincheira em Cremalheira

B) Organização defensiva das trincheiras de comunicação:



Figura 3: Traçado com barricada e peças de flanqueamento

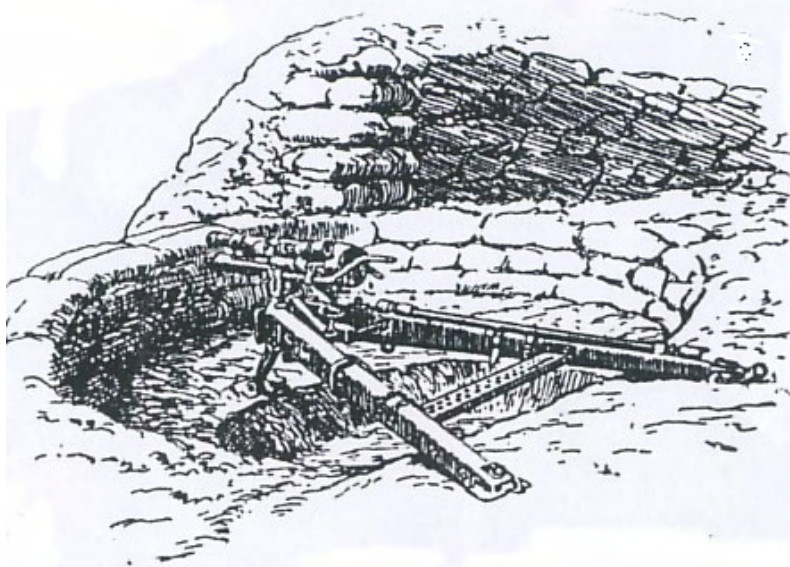


Figura 4: Peça de artilharia antes de ser camuflada, embora o desenho represente sacos de areia como utilização para a trincheira. A idéia foi a de apresentar o mecanismo de defesa. Poderia ser substituído por cestões ou outros materiais.

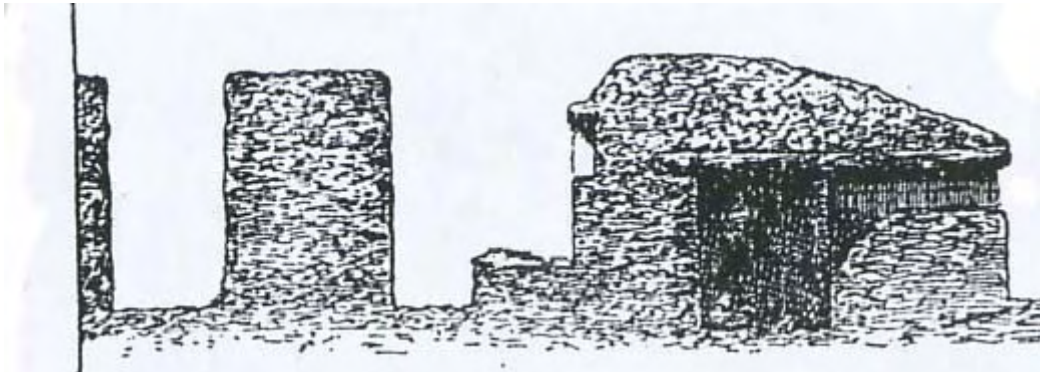


Figura 5: Perfil de defesa Interior de um tipo de trincheira-abrigo

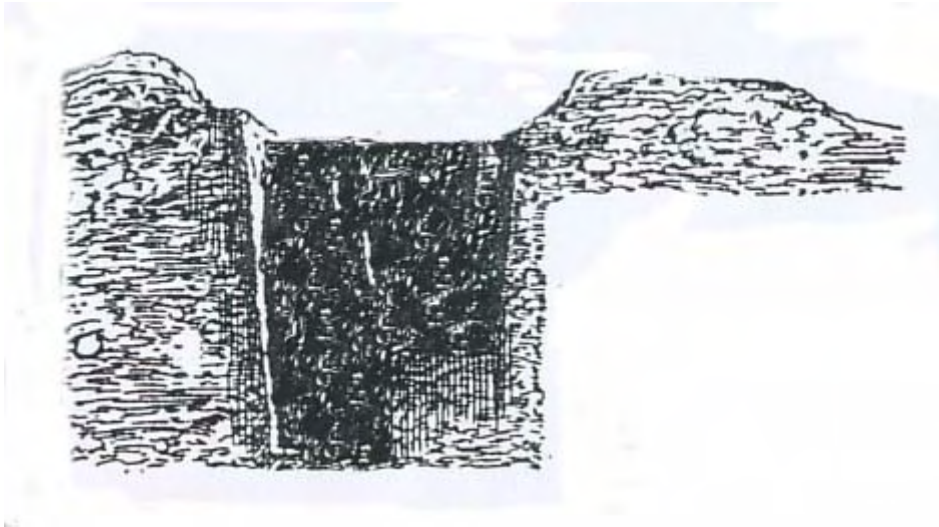


Figura 6: Perfil normal de uma trincheira

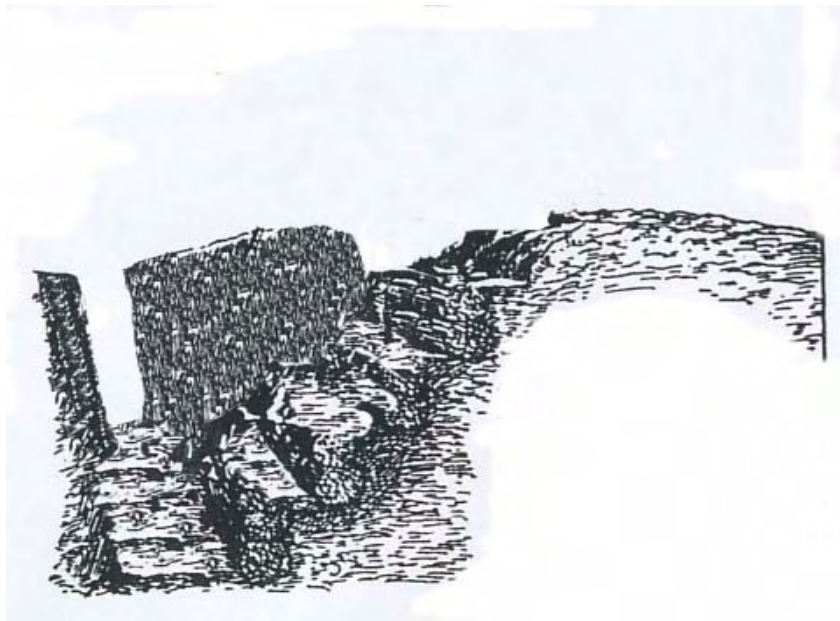


Figura 7: Trincheira com degraus de acesso

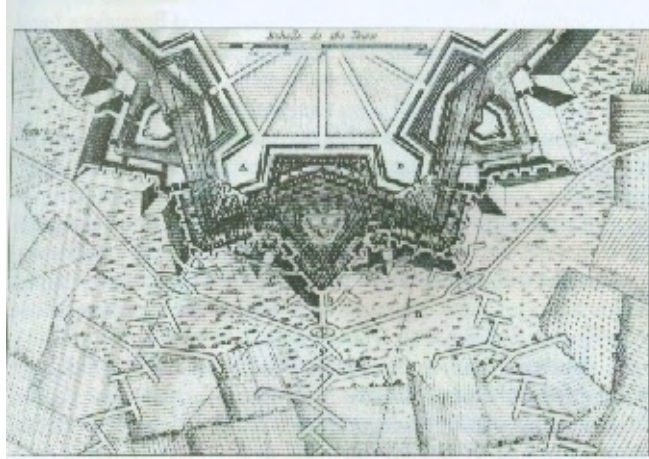


Figura 8: Sistema de ataque com trincheiras a uma cidade fortificada no século XVIII
 Fonte: GUTIÉRREZ; ESTERAS, 1993, p. 95.

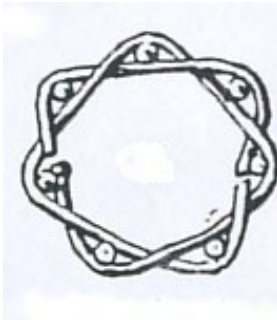


Figura 9: Cestão

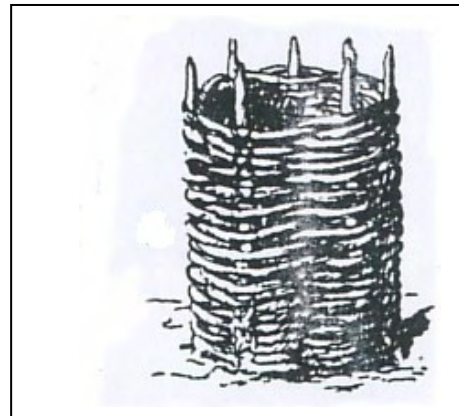


Figura 9a: Cestão



Figura 9b: Revestimento de Cestão: Perfil

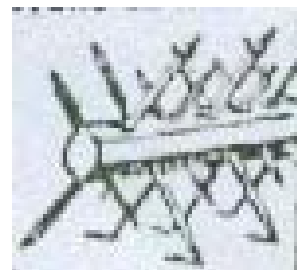


Figura 9c: Cavalo de frisa

3.1.2 Fortim

Consideramos a designação do termo fortim a um pequeno assentamento fortificado de campanha utilizado para a defesa e vigia de pontos estratégicos, ou ainda como ponto de apoio de tropas. Desse modo caracterizamos como fortim uma pequena obra de defesa e/ou abrigo provisório de um pequeno contingente. Diferenciando dos fortes pelo tamanho, forma e características do sistema defensivo⁴⁹.

Concordamos com Casal (1995)⁵⁰ quando esse destaca que os fortins eram, na maioria das vezes, fortificações rodeadas por parapeitos, ou seja, uma muralha de proteção. A técnica construtiva empregada nesse tipo de assentamento podia ser a trincheira, a taipa, a estacada e, também, a alvenaria de pedra. Ainda, a execução de várias técnicas conjuntamente. Por exemplo, a terra extraída de uma trincheira, ou da escavação de dentro da obra, serviria, juntamente com outros elementos, para fechar o local e formar um parapeito. No entanto, Paillardelle (1814) destaca que “[...] *esta obra no tiene foso exterior; pero esta clase de fortificación no tiene mayor defensa, aunque es muy útil cuando hay poco tiempo que emplear*”⁵¹. As características desse tipo de assentamento variam conforme a sua função e a disponibilidade da matéria-prima.

⁴⁹ Cabe ressaltar que essa definição é em relação aos tipos de fortificações platinas, as quais pode-se distinguir entre fortes-trincheiras de fortes. É preciso destacar que nos países ibéricos, e mesmo em alguns países da América Latina, *fortim* é um pequeno forte. Com as características desse.

⁵⁰ CASAL, Juan Manuel. Fortificaciones y vida militar en la frontera colonial hispano-portuguesa. In: CASTELLO, Iara et al. (Org.). **Práticas de integração nas fronteiras: temas para o mercosul**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1995, p. 117.

⁵¹ PAILLARDELLE, Enrique. *Extracto de la obra intitulada: ideas de un militar sobre la defensa, y ataque de los pequeños puestos. Traducida al castellano, y aumentada de un tratado práctico de fortificación de Campaña*. Imprenta de Montevideo, 1814. In: GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Arquitectura y fortificación**. Madrid: Tuero, 1993, p. 417.

Nas fronteiras luso-espanholas do Rio da Prata essas pequenas fortificações foram muito utilizadas por Espanha e Portugal nos séculos XVIII e XIX.

A partir do século XVIII, as guardas se proliferaram nessas fronteiras devido ao intenso comércio - lícito e ilícito - além do que, para o resguardo das fronteiras. Tais estabelecimentos são comumente denominados de fortins, embora nem sempre fossem fortificados⁵². Para Casal (1995:117) muitas dessas guardas não passavam de acampamentos militares.

Esses assentamentos localizavam-se, geralmente, em locais de boa altitude, pois sua função era a de vigiar a aproximação de embarcações e/ou tropas terrestres. Por isso, também, são denominados de *postos* de vigia. Entre Montevideú e Santa Teresa foram erigidos vários⁵³.

Os estabelecimentos denominados de guardas poderiam estar associados a mais de um tipo de obras de fortificações passageiras, como a um fortim, a uma bateria e a barreiras. Esse conjunto de fortificações, geralmente temporárias, ou de campanha, é comumente designado pelo termo de entrincheiramento⁵⁴. Com tal designação concordamos, pois entendemos que um entrincheiramento é um conjunto de obras de fortificações associadas a um determinado estabelecimento.

Consideramos como um bom exemplo de fortim e de entrincheiramento a planta do assentamento espanhol de São Martinho (1775). Embora esse esteja registrado na

⁵² Conforme Adriana Fraga no século XIX, quando as questões de limites tornaram-se consensuais entre Espanha e Portugal, não passava de uma casa de madeira e sem a necessidade de fortificação ou apoio militar. (Comunicação Pessoal: 2005).

⁵³ Como é evidenciado no trabalho de CAPURRO "Guía de la Margen Oriental del Río de La Plata". In: CAPURRO, Fernando. San Fernando de Maldonado. **Sociedad Amigos de la Arqueología**, Montevideú, 1947, p. 135-50.

⁵⁴ Esse termo tem por sinônimos: barricada, defesa, fortificação, defendido por trincheira. A partir disso constatamos se o referido termo não estiver seguido de uma explicação, ele pode estar designando diferentes tipos de estabelecimentos.

cartografia histórica como forte. Ponderamos, conforme as características já descritas anteriormente, tratar-se de um fortim. Ao contrário, em relação à maioria dos estabelecimentos fortificados no canal do Rio Grande de São Pedro, e referidos na documentação escrita como fortins, os caracterizamos como fortes, baterias, e/ou linhas fortificadas. Tendo em vista as cartografias por nós apreciadas.

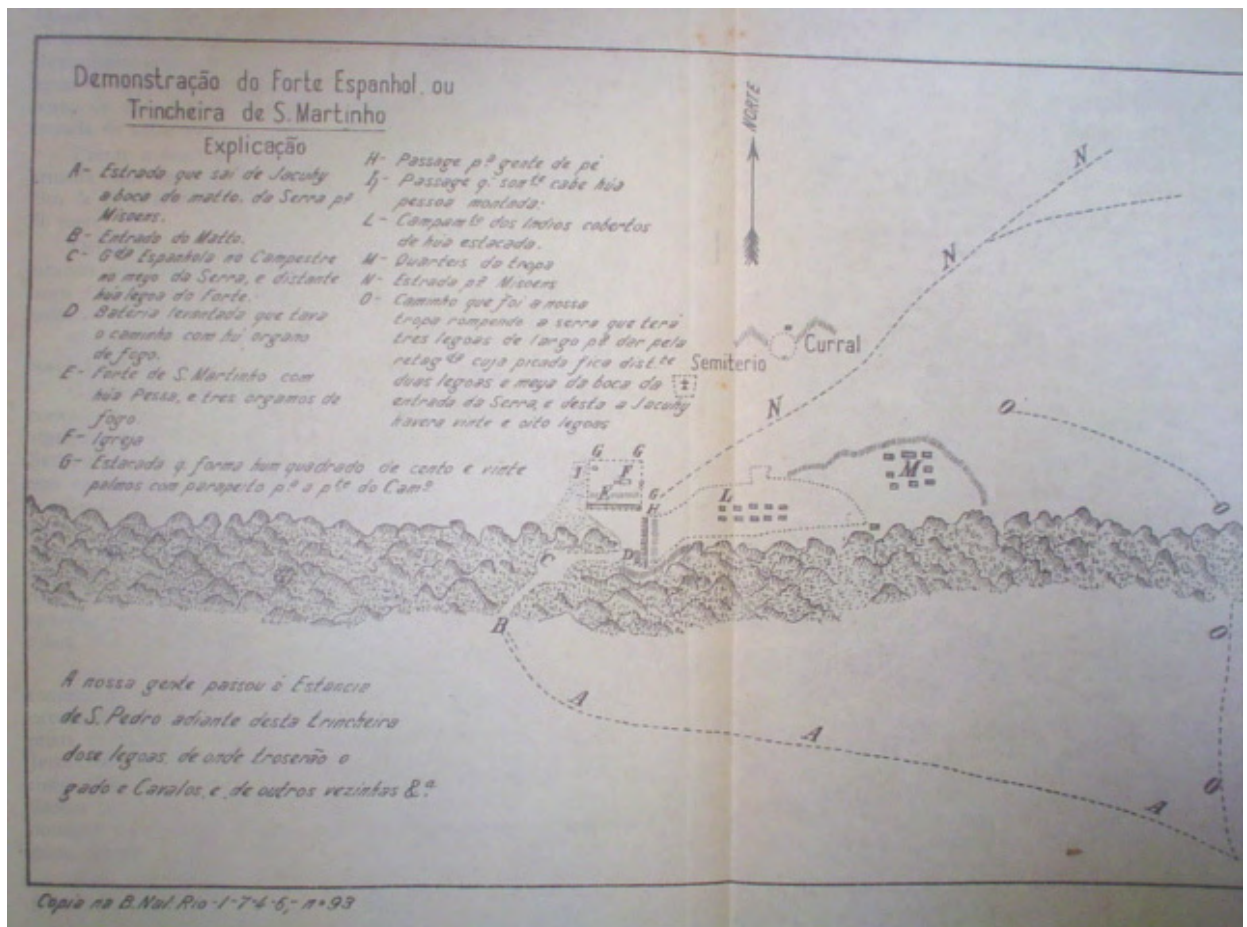


Figura 10: Planta: forte ou trincheira de São Martinho (1775)

Legenda: (A) Estrada que sai do Jacuhy a Boca do Mato, da serra para as missões; (B) Entrada para o Mato; (C) Guarda espanhola no Campestre, no meio da Serra, distante uma légua do forte; (D) Bateria levantada que leva o caminho com um “órgano” de fogo; (E) Forte de São Martinho, com uma peça e três órgãos de fogo; (F) Igreja; (G) Estrada que forma um quadrado de cento e vinte palmos, com parapeto para a parte do caminho; (H) passagem para gente de pé; (I) Passagem que somente cabe uma pessoa montada; (L) acampamento dos índios, cobertos de uma estacada; (M) quartéis da tropa; (N) Estrada para as missões; (O) Caminho que fez a nossa tropa rompendo a Serra que terá três léguas de largo para dar pela retaguarda, cuja picada, fica distante duas léguas e meia da boca da estrada da serra, e desta ao [passo do] Jacuhy haverá vinte e oito léguas. A nossa Gente passou a Estância de São Pedro.

Fonte: MONTEIRO, 1937a, p. 251.

Como pode ser observado na planta correspondente à invasão e posse do local por Rafael Pinto Bandeira em 1775, no interior do fortim, de forma quadrangular, apenas estava localizada a igreja. Embora acreditemos que houvesse também o alojamento do oficial-comandante. Em seu entorno, havia outras fortificações como bateria e linhas de estacadas; além dos alojamentos para índios e soldados euro-americanos, curral e cemitério. A guarda estava localizada a algumas léguas do fortim. Nesse período, tinha a função de vigiar e impedir o avanço português para as missões. Além de ter sido uma constante ameaça a fortificação do Rio Pardo. Posteriormente, no século XIX transformou-se em um registro para o controle das tropas de gado⁵⁵.

Outro exemplo a ser destacado é a guarda de Santo Antonio. Seijo (1931) apresentou um estudo sobre esse estabelecimento, além de evidenciar seus remanescentes edificados⁵⁶. Conforme esse autor, algumas guardas avançadas, como nesse caso, foram instaladas para precaverem-se das investidas dos indígenas⁵⁷. Comumente, d Entre elas, está a de Santo Antônio, da qual nos apresenta suas características construtivas.

⁵⁵ Trabalhos de pesquisas arqueológicas foram realizados no município de São Martinho da Serra, RS. Com alguns indícios de ser a possível guarda de São Martinho. Entretanto, as edificações reveladas por essa pesquisa nos remetem a períodos posteriores do assentamento apresentado. Provavelmente, quando o local passou a abrigar um registro português para o de controle das tropas de gado que subiam e desciam a serra. A respeito dessa pesquisa veja-se MACEDO, José Heitor. **São Martinho - da Guarda ao Povoado - um perfil histórico - arqueológico sobre a formação da vila de São Martinho-RS**. Dissertação de Mestrado, PPGH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

⁵⁵ MONTEIRO, 1937a, p. 218.

⁵⁶ SEIJO, Carlos. "La guardia de santo Antonio". **Revista de la Sociedad Amigos de la Arqueologia**. Montevideú, Tomo V, 1931.

⁵⁷ Essas investidas de índios, geralmente, em busca de gado ou de terras apropriadas são denominadas por "malones" tanto no Uruguay como na Argentina.

Ainda, conforme Seijo (1931), próximo ao estabelecimento do soldado - vide croqui - estariam localizados os ranchos da tropa e vestígios de um curral. Nas últimas décadas do século XVIII a função de vigia devido à apropriação do gado soma-se as questões de fronteira. Tornando esses assentamentos militares mais constantes, e permitindo a segurança, pelo menos teoricamente, de grupos de famílias que iam se estabelecendo ao seu redor. Tais fatos, também, são constatados nas pesquisas realizadas por Astigarraga (1997) na guarda do Rosário erigida a mando de Cevallos a partir de 1762. A qual está associada a uma estância Real e a outra particular. Além de diversos ranchos que foram surgindo em seu entorno. Cujas características de sua localização e construção se assemelham, até certo ponto, a guarda de Santo Antônio⁵⁹.

Por outro lado, Austral e Rocchietti (2002), em seu estudo sobre os fortes e fortins da fronteira sul, na segunda metade do século XIX, destacam que

Los fuertes y fortines han desarrollado un plan constructivo similiar en todas partes: eran instalaciones pequeñas, generalmente de planta circular, de veinte metros de diámetro, rodeadas por un foso y con un contra-foso de cien metros para proteger a los caballos. En el interior se levantaba el mangrullo⁶⁰, el rancho del jefe, los de la tropa y la cocina o depósito⁶¹.

No entanto os autores observam que os vestígios arqueológicos demonstram que existem variabilidades em relação às características circunstanciais de cada

⁵⁹ ASTIGARRAGA, Antonio Lezama. "Proyecto Arqueología Histórica de salvamento en el entorno rural de Colonia de Sacramento: primeras conclusiones". **Anais do IX Congresso Nacional de Arqueología Uruguay (1997)**, Montevideu: Gráficos del Sur, 2001, p. 91-2.

⁶⁰ "Torre rústica que servía de atalaya en las proximidades de fortines, estancias y poblaciones de la pampa y otras regiones llanas". Cf. La Real Academia Española. Disponível em: <<http://www.rea.es/>> Acesso em: 20 fev. 2006.

⁶¹ AUSTRAL, Antonio; ROCCHIETTI, Ana Maria. Arqueología Histórica en la frontera del desierto: Cruce de Historia, Antropología y política. KERN, Arno A.; HILBERT, Klaus (Org.). **Arqueologia do Brasil Meridional**. Porto Alegre: PUCRS-FFCH-PPGH, 2002, p. 4. CD-ROOM.

estabelecimento⁶². Ainda relativo à forma desses fortins do século XIX, na Argentina, pesquisas arqueológicas no sítio Cantón Talpaqué Viejo (1831-1871) revelaram que *“La fortificación tiene una forma cuadrangular, de 60 X 120 mts., aproximadamente, y esta rodeada por una zanja perimetral que se conecta con um sistema de canales o zanjas secundarias”*⁶³. Tal assentamento pertenceu à denominada linha de fortes e fortins da fronteira sul, conforme os autores.

Esses fortins, conforme Romero (1997:66), eram construções de adobe, pau-a-pique e raramente de pedras, embora esses materiais e técnicas, geralmente, estivessem associados. Em relação à função desses estabelecimentos o autor destaca que

*[...] tenían la misión de alertar a las poblaciones y estancias criollas cercanas sobre el paso del malón por la línea que preservaban. [...] Eran funciones castrense cuidar la caballada, reforzar las defensas, realizar las descubiertas- patrullas diarias de exploración- y diversas tareas de mantenimiento- zanjeo, corte de junco y pajas para cinchar los ranchos los primeros y para confeccionar los techos de esta estructuras de adobe las segundas, etc*⁶⁴.

A exceção dos fossos, que cercavam esses estabelecimentos, não foi apresentada outra informação sobre as características do sistema defensivo. Notemos aqui, um contexto histórico, e por tanto, cronológico diferenciado. Porém, importante para fins comparativos.

⁶² Pesquisas arqueológicas realizadas “En la provincia de Córdoba los restos de Las Tunas (construcción de 1865), Achiras (1832-1869) e Ítalo (1876) representan tres situaciones arqueológicas alternativas”. Cf. AUSTRAL; ROCCHIETTI, 2002, p. 5.

⁶³ MUGUETA, Miguel; BAYALA, Pablo; SALGUERO, Mariela. El uso de los basurales como espacios para el faenamiento del ganado vacuno y la utilización del óseo como combustible: El caso del Cantón Talpaqué Viejo. **Anais do I Congresso de Arqueologia Histórica na Argentina**. Buenos Aires: Corregidor, 2002, p. 797.

⁶⁴ WALTER, J. C. La conquista del desierto. Buenos Aires: EUDEBA, 1964, apud ROMERO, Facundo G. Arqueología Histórica en sitios militares de campaña: el fortín Miñana (1860-1869). **X Congreso Nacional de Arqueología**. Colonia de Sacramento, 1997, p. 66.

3.1.3 Bateria

As baterias são obras de fortificações nas quais são instaladas peças de artilharia. Geralmente é uma pequena fortificação, armada somente com alguns canhões, possuindo apenas um parapeito, preferencialmente, com troneras (merlões). Conforme a importância estratégica do local e as condições logísticas, quando distante de algum ponto de apoio, são instalados, em seu interior ou próximo a ela, estabelecimentos necessários para a permanência do seu efetivo. Os quais incluem alojamentos e refeitórios distintos, em relação aos oficiais e soldados; além de locais para o armazenamento de materiais bélicos e víveres.

Podem estar localizadas no interior de um forte, de uma fortaleza ou, ainda, isoladas. Comumente são instaladas na costa, em importantes pontos de navegação, tanto marítima como fluvial. Ocasionalmente, encontram-se no interior para bloquear caminhos. Em geral são utilizadas como parte integrante de um sistema defensivo, agindo em conjunto com outras fortificações.

Segundo Zapatero o desenvolvimento dos sistemas de baterias costeiras, que foram utilizadas nos complexos defensivos americanos é característico da Escola Hispano-americana. O mesmo destaca que

En ninguna de las Escuelas europeas, cobraron tanta y señalada importancia como en América ni los tratadistas – salvo los Ingenieros militares españoles – dieron la valoración que por su trascendencia tuvieron

*en el nuevo continente donde llegaron a ser obras consustanciales y características de la Fortificación Hispanoamericana*⁶⁵.

Esse tipo de bateria é encontrado desde o México (Campeche) até o Rio da Prata (Ilha Gorriti ou Enseada de Barrágan). Sendo que a partir do século XVIII, quando Félix Prósperi - autor de “La Gran Defensa” - a utiliza para reforçar a fortificação de São Juan de Úlua (Veracruz-México), ela ganha grande importância⁶⁶.

No entanto, esse sistema de defesa da costa, agindo em conjunto ou isolada, também foi utilizado pelos portugueses e holandeses em Pernambuco desde o século XVII, como foi observado por Miranda (2003)⁶⁷. Interessante constatar que na Ilha de Santa Catarina, segundo a documentação apresentada por Cabral (1972) e Roberto Tонера, só havia uma bateria isolada. Construída em 1765 e nomeada de São Caetano, pertencia à defesa da fortaleza de São José da Ponta Grossa. Os remanescentes dessa bateria se constituem em partes da muralha e vestígios de uma pequena construção. A qual teria servido de casa de guarda e casa de palamenta⁶⁸.

As técnicas e materiais construtivos desse tipo de fortificação poderia ser a taipa ou a alvenaria de pedra. Nesses casos, poderiam ser acrescentados outros materiais, como adobes e tijolos.

⁶⁵ ZAPATERO, Juan Manuel. 1966, p. 115, apud GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Territorio y fortificación**. Madri: Tuero, 1991, p. 154.

⁶⁶ GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Territorio y fortificación**. Madri: Tuero, 1991, p. 156.

⁶⁷ MIRANDA, Bruno Romero F. “O sistema de defesa da barra e do porto do Recife no século XVII”. **Revista Clio-Arqueologia**, Recife: UFPE, n. 16, 2003.

⁶⁸ Cf. TONNERA, Roberto. **Fortalezas multimídia**: Anhatomirim. Florianópolis: UFSC. CD-ROOM.

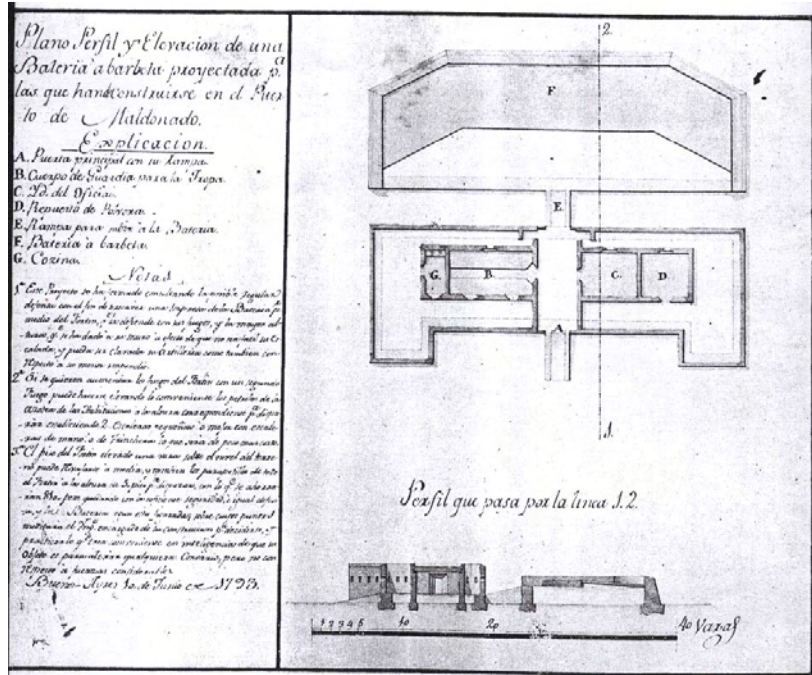


Figura 13: Planta: Bateria sem merlões para o porto de Maldonado (1793)

Legenda: A) Porta principal com rampa; B) Quartel de guarda para tropa; C) Quartel para oficial; D) Armazém de pólvora; E) Rampa para subir na bateria; F) Bateria à barbeta; G) Cozinha.

Fonte: ARREDONDO, (Hijo), 1929, p. 417.

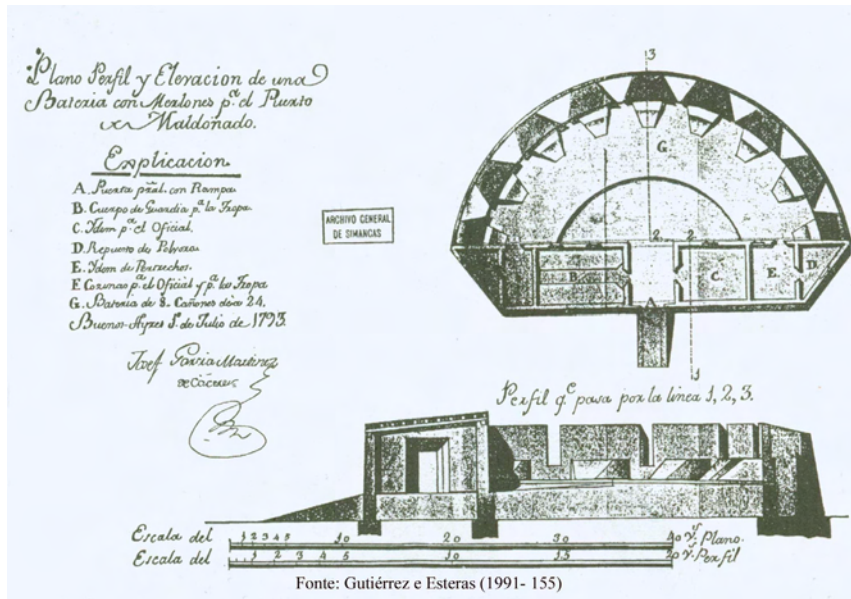


Figura 14: Planta: Bateria com merlões para o porto de Maldonado (1793)

Fonte: MALDONADO, 1793.

3.1.4 Forte

Os Fortes são obras de defesa maiores e mais elaborados, tecnicamente, do que os fortins. Comportam diversos estabelecimentos internos para abrigar uma guarnição e seu aprovisionamento, por um determinado período. Porém, menores em relação às fortalezas.

Geralmente, faziam parte de um conjunto de fortificações e apoiados por uma Fortaleza. No entanto, também eram construídos em locais isolados, como um único centro de defesa. Comumente localizavam-se próximos a canais de navegação ou de passagem terrestre. Esses estabelecimentos poderiam ter uma ocupação permanente ou temporária, variando conforme a finalidade da ocupação local e os acordos políticos Ibéricos.

Em relação às características construtivas, na região, a maioria foi feito em taipa, estacada e, também, em alvenaria de pedra.

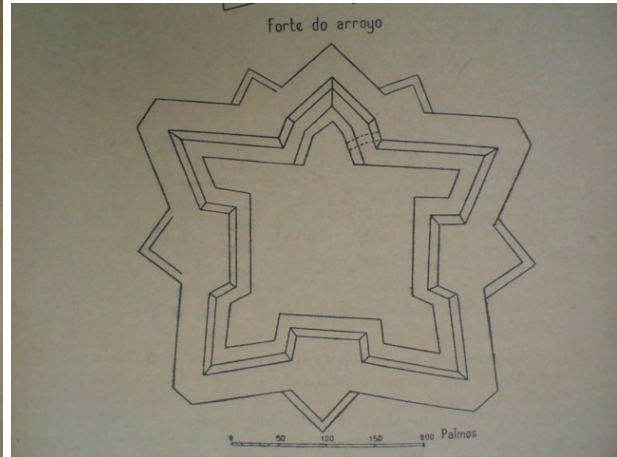
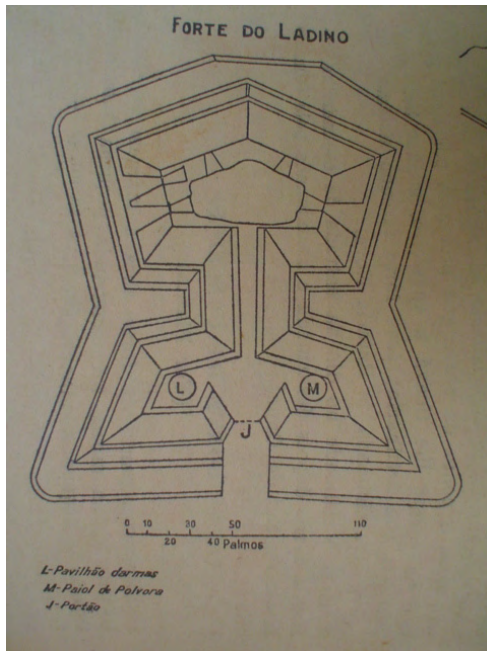


Figura 15: Forte do Ladino (Rio Grande) Fonte: MONTEIRO, 1937c, p. 248.

Figura 16: Forte do Arroio (Rio Grande-RS) Fonte: MONTEIRO, 1937c., p. 248.

3.1.5 Fortaleza

As Fortalezas eram fortificações maiores que apresentavam como os fortes, os preceitos da engenharia militar moderna para essas obras. Podiam fazer parte de uma praça forte, funcionando como cidadelas, a exemplo de Sacramento e Montevideu. Também eram localizadas em locais isolados, mas estratégicos. Seja para dar suporte a um novo povoamento, ou servir de base aos exércitos em campanha. Para tanto, deveria ser suficientemente grande para abrigar uma guarnição militar, civil e religiosa no seu interior e também no seu entorno. Assim um conjunto de obras fortificadas para proteger um determinado espaço ou um novo núcleo de povoamento também é considerado como uma fortaleza. É o caso do presídio de Rio Grande de São Pedro, o do Rio Pardo e o da isolada Santa Tecla.

A iconografia da fortaleza de São Gabriel, como era denominado o assentamento português de Sacramento pelo governo de Buenos Aires, nos fornece algumas informações. Esta planta, apresentada abaixo (Figura 17), foi realizada pelos espanhóis, após a primeira invasão e destruição desse assentamento sob o comando de José Garro em 1681.



Figura 17: Planta: Fortaleza de São Gabriel (Colônia de Sacramento 1681)

Fonte: CAPURRO, Tomo II, 1928.

Nesse desenho, se pode observar a cidadela, no centro da península, cuja muralha fechada, na parte posterior ao rio, estava fortificada, externamente nas laterais, com cestões e na cortina, com estacadas. Já para o lado do rio, a muralha encontrava-se aberta e sem fortificação. Além disso, foram representadas as habitações, as igrejas com suas respectivas torres, a tropa alinhada, em exercício, soldados posicionados em canhões, outros com seus mosquetes e um com machado a trabalhar. À direita, na outra margem, uma figura a cavalo representa o rei espanhol, segundo Capurro (1928, p. 94). No rio, além das embarcações, figuras míticas como sereias e, sobre grandes animais aquáticos, parecem ser índios com suas lanças.

3.1.6 Praça forte

As praças fortes compunham-se de um conjunto de fortificações agindo conjuntamente a cercar o espaço urbano. Instaladas em áreas de grande interesse comercial e expansionista foi um modelo de fortificação baseado nos preceitos de Vauban e adaptados a um novo contexto americano. Assim, geralmente, utilizado para a defesa de um novo núcleo de povoamento regular.

Na região oriental do Rio da Prata esse modelo foi empregado, primeiramente, por Portugal com a fundação da Colônia de Sacramento. Posteriormente, pela Espanha ao construir Montevideú.

Um elemento defensivo, e fortificado adotado por Vauban, para as praças fortes, foi a cidadela. A qual possuía uma dupla função: servia como um reduto adicional de defesa, em caso de uma invasão externa e, também, para possível insurreição interna⁶⁹. Tal elemento foi implantado em Montevideu e Sacramento. No interior dessa fortaleza (cidadela) são estabelecidos os assentamento mais importantes. Por exemplo, na cidadela da Colônia de Sacramento, conforme plano correspondente ao período de 1704 a 1722, os seguintes estabelecidos estavam inseridos: a Igreja paroquial, o palácio do governador, o hospital real, os quartéis, a casa da palamenta (artilharia), o hospício de Santo Antonio, e o corpo da guarda principal⁷⁰.

Entre a cidade e a cidadela, deveria permanecer uma prolongada superfície aberta de controle: a praça de armas, a qual permitiria a operatividade militar. No entorno dessa praça, são instalados diversos estabelecimentos que comportam e formam a dinâmica do espaço urbano. Fora do recinto amuralhado da cidade, o espaço rural concomitantemente foi se formando. Nessa área são instaladas zonas de cultivo e criação, olarias, pedreiras, caieiras, guardas, além de uma série de outras estruturas de apoio. Essas englobam tanto assentamentos militares, como civis e religiosos.

A planta da colônia de Sacramento (1731) elaborada pelo Pe. Diogo Soares nos fornece boas referências sobre o espaço intra e extra-muros. Além de várias outras cartografias apresentadas por Capurro (1928), nas quais é possível observar

⁶⁹ GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Territorio y fortificación**. Madri: Tuero, 1991, p. 21.

⁷⁰ Planta apresentada na obra de CAPURRO, Fernando. **La Colônia de Sacramento**. In: **Sociedad Amigos de la Arqueología**, Montevideu, 1928, p. 94-6.

a inserção dos estabelecimentos da cidadela, já destruída pelos espanhóis, na área urbana⁷¹. Assim como, o espaço externo do recinto amuralhado⁷².



Figura 18: Planta Fortaleza Colônia de Sacramento (1736)

Fonte: GOLIN, 2002, p. 385.

⁷¹ Nos planos da Colônia de Sacramento desde 1737, não consta mais a cidadela.

⁷² CAPURRO, 1928, p. 95-108.

3.2 OS TRAÇADOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em relação aos tipos mais comuns de traçados utilizados e projetados nas fortificações ibero-americanas, compartilhamos com as afirmações de Gutiérrez e Esteras (1991)⁷³. Dentre elas destacamos que o traçado quadrangular foi o mais utilizado nas fortificações abaluartadas americanas, tanto de campanha como das permanentes. Veja-se a cidadela de Montevideu e de Sacramento, o Forte de São Miguel, entre outros.

Outro tipo de traço, como já assinalado por Zapatero apud Gutiérrez e Esteras (1991) é o quadrado sem baluartes. O mesmo se identifica como redutos ou torres isoladas, muitas vezes utilizadas como atalaias (torres construídas para vigiar a costa). Na América, os exemplos são variados e incluem obras desde o século XVII ao XIX, no final do século XVIII e, posteriormente, muito utilizadas entre Montevideu e Santa Teresa. Inserida já no século XIX pode-se citar a torre do vigia em Maldonado. Além das diversas fortificações passageiras de campanha – os fortins.

O traçado triangular, embora rejeitado pela maioria dos tratadistas, devido à ineficácia de seu ângulo agudo em relação à artilharia, foi também utilizado. Esse tipo de morfologia foi observado em projetos para fortificações em Cuba (1678), no Chaco (1776)⁷⁴.

Deve-se considerar a relação do traçado das fortificações em função das características topográficas do terreno. A linha podia seguir uma diretriz geométrica

⁷³ GUTIERREZ; ESTERAS, 1991, p. 150-60.

⁷⁴ GUTIÉRREZ, ESTERAS, 1991.

regular ou irregular. Como exemplo, a fortaleza de Santa Teresa com a forma de um pentágono irregular, com cinco baluartes, e adaptada às condições do terreno. Assim como as fortalezas de Santa Catarina e tantas outras. Referindo-se às fortificações na Ilha de Santa Catarina, Pedro Dias observou que a estrutura do sistema defensivo adotado foi baseado no sistema de Vauban. No entanto, as fortificações não possuem baluartes regulares, mas terraplenos configurados por muralhas poligonais irregulares⁷⁵.

Essas diretrizes foram bem especificadas na Escola de Vauban e de seus seguidores na América. Embora, nem sempre tenham sido desenvolvidos com precisão.

Além disso, o plano das obras poderia ser traçado em função da defesa conjunta com outras fortificações. As quais estavam localizadas em pontos estratégicos como na entrada de cidades, portos e canais. Tornando esses locais, pelo menos teoricamente, impenetráveis devido ao cruzar de fogos. Mas, na prática, isso, na maioria das vezes, não acontecia.

Citamos como exemplo, o caso das fortificações, na barra norte da ilha de Santa Catarina, construídas por Silva Paes e tão criticadas a respeito de sua eficácia. Em 1785 a expedição científica chefiada pelo conde francês de La Perouse chegou à ilha. Um dos seus integrantes, o oficial francês Moneron, realizou uma série de observações a respeito do sistema defensivo local. Em especial, sobre as fortificações da barra norte (Anhatomirim, São José e Ratonés). Posteriormente,

⁷⁵ DIAS, Pedro. Sistema defensivo moderno. **Fortalezas multimídia**: Anhatomirim. Florianópolis: UFSC. CD-ROOM.

suas considerações foram enviadas para Lisboa, causando grande repercussão⁷⁶.

Entre outras, destacou que

[...] os portugueses não passem por muito hábeis na arte de ligar postos entre si, tudo quanto aqui vi me mostra que a força de conexão dos diferentes postos é quase nula. É, pois de crer que a Colônia é tanto mais fraca, quanto tem maior número de fortes: notei destes só três que possam merecer este nome; e, apesar de estarem à vista uns dos outros, parece terem sido construídos, um para ser batido e ganho ao primeiro ataque e os outros dois para serem expectadores deste acontecimento, e entregarem-se imediatamente⁷⁷.

Referindo-se a Santa Cruz de Anhatomirim, considerou que

O Forte principal, que não é mais que uma grande bateria fechada está situado em uma pequena ilha [...] e defronte de uma cortina. [...] A coisa de um terço de altura desta cortina, domina-se o Forte, de maneira que se vê quando nele se passa, e se descobrem da cabeça aos pés todos os que servem a peças. Estou persuadido de que este lugar com o simples fogo de mosqueteria se poderiam inquietar os defensores deste forte; mas só morteiro ou mesmo dois obuzes, que com muita facilidade se poderiam por nesta cortina, bastariam para obrigar a entregarem-se⁷⁸.

⁷⁶ Mr. MONERON apud CABRAL, Oswaldo R. **As defesas da ilha de Santa Catarina no Brasil-Colônia**. Rio De Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972, p. 18.

⁷⁷ Mr. MONERON apud CABRAL, 1972, p. 19.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 19.

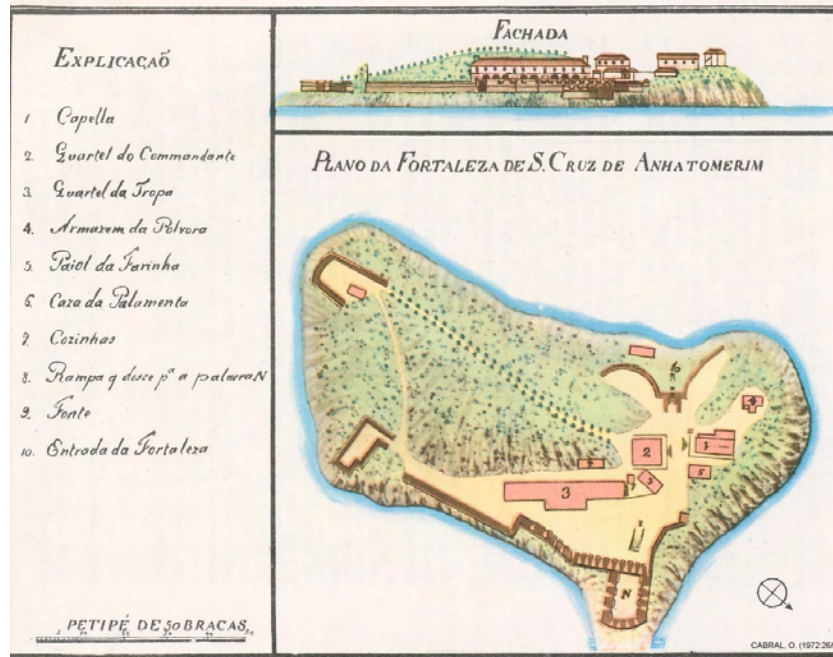


Figura 19: Planta Fortaleza Santa Cruz de Anhatomirim
 Fonte: CABRAL, 1972.

Assim, constatamos que as fortificações modernas possuem variadas formas. As quais estão diretamente vinculadas à Escola de seu projetor. Sendo importante considerar a teoria de fortificação de Vauban como propulsora das diretrizes gerais. Além disso, a experiência de seu idealizador e de seu executor, juntamente com a sua localização, a matéria-prima disponível e a mão de obra são outros tantos fatores a considerar.

O estudo das técnicas tem sido favorecido pelas informações arqueológicas *in situ*. Na falta dessas evidências, e considerando que a maioria desses estabelecimentos foram destruídos, valemo-nos da cartografia. A qual também contribui com informações a respeito da organização do espaço transformado por distintos grupos.

Diante do exposto ao longo deste capítulo, foi possível avaliar que os estabelecimentos populacionais que vigoraram ao longo do século XVIII, na região Platina, estiveram ligados de uma maneira ou de outra a sistemas fortificados de defesa. Cujas variabilidades de técnicas construtivas empregadas foram utilizadas em conjunto.

3.3 CARACTERÍSTICAS DO SISTEMA MODERNO DE FORTIFICAÇÃO

O sistema defensivo moderno é caracterizado, basicamente, pela construção de uma muralha na forma de um polígono regular ou irregular a cercar uma praça de armas. Em seus ângulos são edificados os baluartes. Em torno das muralhas, ou às vezes somente para proteger o portão de entrada (portada), um fosso. Podendo ser utilizados acidentes geográficos como barreira, assim como outros artefatos de defesa. Também, a cercar o conjunto, ou parte deste, um caminho coberto na contra-escarpa.

Tendo em vista a influência e a divulgação dos métodos de fortificar ensinados por Vauban, apresentamos um modelo de estudo, “Front D’etude Bastionne Application Des Príncipes De Vauban”, interpretado por E. Delattre⁷⁹.

⁷⁹ GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Territorio y fortificación**. Madrid: Tuero, 1991, p. 71.

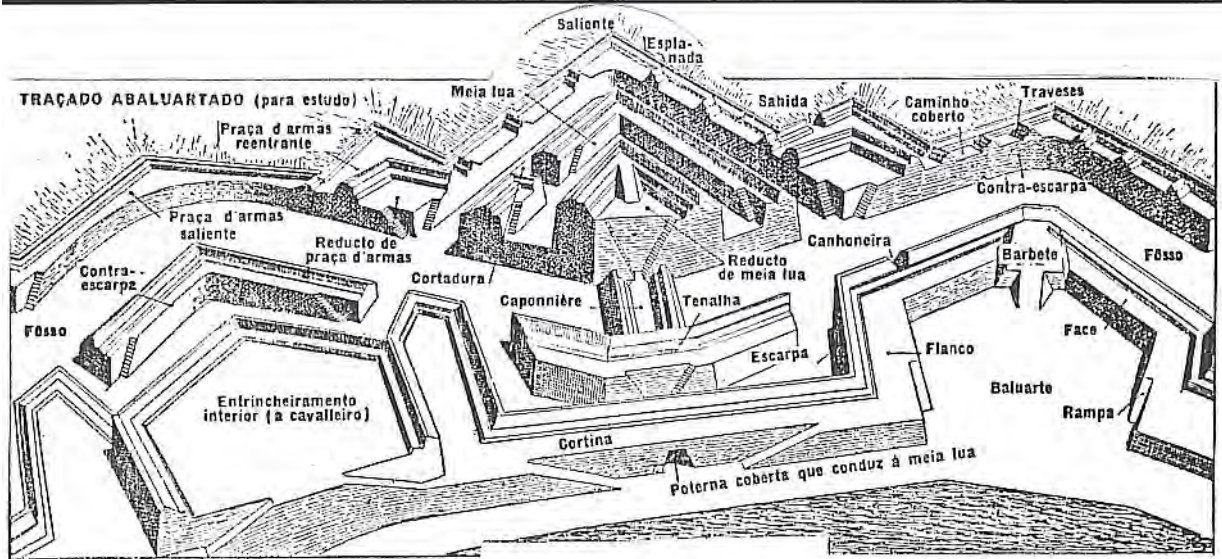


Figura 20: Modelo de estudo (Vauban)

As fortificações modernas, praças fortes, fortalezas e fortes são denominadas de regular ou irregular em função das suas linhas e ângulos. Conforme Vauban, quando esses são iguais entre si e encontram-se a uma mesma distancia são classificados como regulares⁸⁰. Ao contrário é irregular. Assim, nas fortificações regulares, o conjunto completo do sistema defensivo, é obtido pela repetição de três linhas. A linha da cortina que é a mais longa, a da cara e a do flanco que são mais curtas. Nesse caso, complementa Vauban, as cortinas ficam localizadas entre dois flancos, os quais se encontram entre uma cortina e uma cara⁸¹. Desse modo, as caras formam dois conjuntos que se tocam por uma extremidade e no seu outro extremo tocam os flancos⁸². Assim, o baluarte é formado por flancos e faces, cujas

⁸⁰ VAUBAN, de Mr. Verdadero método para fortificar. Organizadores: L'Abbé Du Fay y Chevalier Cambray. Ámsterdam: Pierre Mortier, 1702. In: GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Territorio y fortificación**. Madri: Tuero, 1991.

⁸¹ "Gola es la abertura que hay entre las extremidades de los flancos que tocan una cortina". Cf. VAUBAN (1702).

⁸² *El ángulo de espalda del baluarte es el lugar donde se unen un flanco y una cara*. Cf. VAUBAN, 1702.

medidas foram discutidas por vários séculos⁸³. Em relação à função defensiva, os flancos são dirigidos de maneira a proteger os baluartes opostos e o fosso. Sendo armados com artilharia de pequeno calibre, enquanto as faces são armadas com as peças de artilharia mais pesada.

Dessa maneira, os componentes do sistema defensivo formam a muralha a contornar a obra.

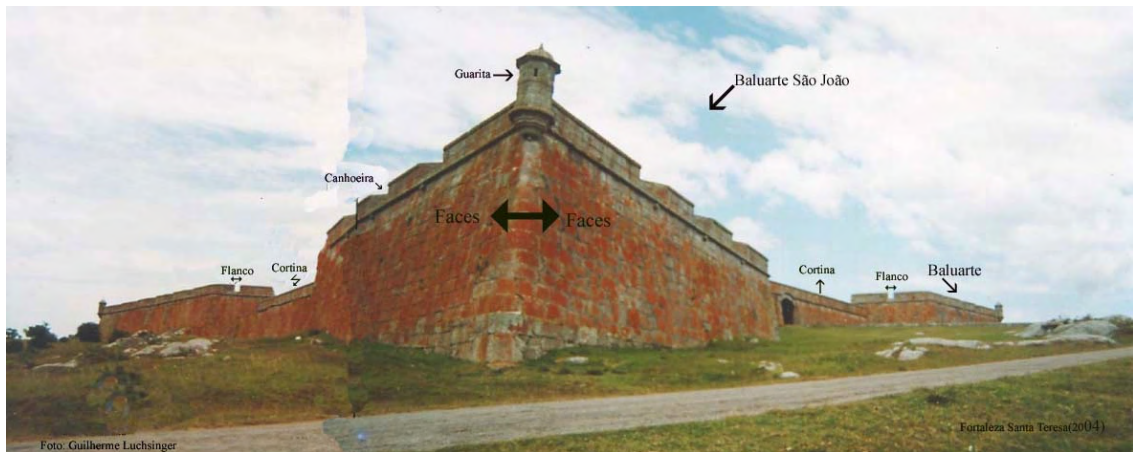


Figura 21: Elementos básicos do sistema defensivos de uma fortificação moderna

3.3.1 Tipologia dos componentes do sistema defensivo de baluartes: fortes e fortalezas

O sistema defensivo das fortificações modernas tem por base alguns componentes que apresentamos a seguir.

⁸³ O flanco perpendicular à cortina foi bastante difundido. No entanto, Vauban, em relação à cortina, estabeleceu um ângulo de cerca de 100 graus, o qual foi amplamente seguido.

A Muralha tem a finalidade de proteger o acesso a uma fortificação ou cidade. Constitui-se de um muro que, comumente, contorna um assentamento, podendo ser edificado de madeira, faxina, terra e/ou pedras. Nela são instalados os principais componentes do sistema defensivo. Sua espessura e altura são variáveis. Conforme Barreto (1958), tinha 5 a 8 metros de altura e 5 a 20 metros de largura, aproximadamente⁸⁴.

Sobre a parte mais alta da muralha e, geralmente, nos flancos e baluartes eram construídos pequenos *parapeitos (merlões)*⁸⁵ intervalados por um piso baixo. Nessas aberturas, denominadas de *Canhoeiras* ou *troneiras*, eram assentados os canhões, as quais necessitavam de uma estrutura firme de pedra, cerâmica e/ou terra e faxina que suportasse o impulso do tiro. No forte São José da Ponta Grossa, Fossari (1992) identificou, após a retirada de uma camada de reboco, em sua superfície, uma estrutura de tijolos com argamassa de cal, assentada em contrapiso de pedra e cacos de telha. O piso, abaixo das *canhoeiras*, geralmente era revestido por lajotas de pedra ou cerâmica. Sua finalidade era a de auxiliar no manejo das carretas, onde eram colocadas e transportadas as peças de artilharia pesada⁸⁶.

⁸⁴ BARRETO, Anníbal. **Fortificações no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958, p. 27.

⁸⁵ Para VAUBAN (1702) os parapeitos deveriam ter uma espessura em torno de 18 pés. Com isso, resistiriam à força dos canhões.

⁸⁶ FOSSARI, Teresa D. A pesquisa arqueológica do sítio histórico São José da Ponta Grossa. In: **Anais do Museu de Antropologia 1987/1988**. Florianópolis: UFSC, n. 19, 1992.

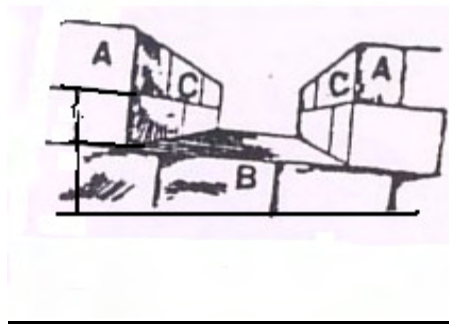


Figura 22: Componentes de uma Canhoeira: A) Merlão, B) Joelheira, C) Face
Fonte: LELLO.

De acordo com os preceitos de Vauban (1702), na parte inferior dos parapeitos, deveriam ser construídas duas *banquetas*. O mesmo destacava que uma deveria ser mais alta que a outra, permitindo que soldados, de diferentes estaturas, pudessem olhar e atirar por cima do parapeito. Esse tipo de estrutura foi utilizada tanto nas fortalezas e fortes, quanto nas baterias. Compunham-se, geralmente, de lajes de pedra.



Figura 23: Banqueta. Piso de manobra. Troneira. Sítio Santa Teresa (2003)

Ainda com relação a estruturas próprias para artilharia, Pereira (1994, p. 40) constatou que, em Portugal no início do século XVI, são introduzidos os baluartes, e “[...] cento e trinta e dois anos depois se fazem desajustadas propostas para a construção de obsoletas *barbaças*”. No entanto, complementa que nas barbacãs, de forma funcionalmente mais simples, vão ser efetuadas as primeiras adaptações da fortificação medieval à pirobalística. Além de constatar que desde o século XVI os muros baixos vão sendo apetrechados com troneiras⁸⁷.

Em algumas fortificações de Santa Catarina, Roberto Toner e equipe identificaram essas estruturas, em alvenaria⁸⁸. Segundo esse pesquisador, nas fortificações abaluartadas, aparece uma variante do modelo de *barbacã*. O qual é composto de uma plataforma elevada de 5 a 6 metros de largura e construída em torno de uma fortificação. Ou ainda, ao longo de certos trechos da mesma, servindo como proteção preliminar à muralha e ao fosso. Nela, poderiam ser instalados alguns canhões, permitindo, dessa maneira, o disparo rasante sobre o inimigo. Toner considera como barbacã a bateria baixa da fortaleza de Anhatomirim e a estrutura na entrada da fortaleza de Ratonés.

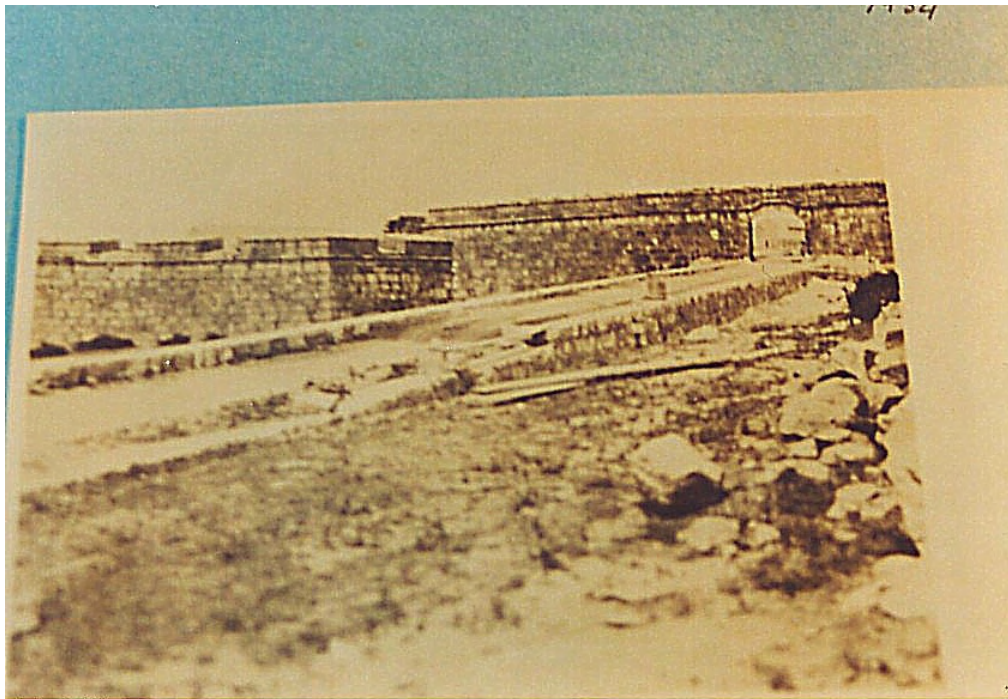
Na fortaleza de Santa Teresa os muros externos, erguidos para fechar a passagem, conforme a planta (em anexo), poderiam ser uma forma de *barbacã*. Bordejé (1957) surpreendeu-se pela falta de proteção da portada de Santa Teresa, por não haver fosso⁸⁹. Por isso, observando os dois muros de pedras que vão ao

⁸⁷ PEREIRA, Mário. Da Torre ao Baluarte. In: PAULINO, Francisco Faria (Org.). **A arquitetura militar na expansão portuguesa**. Porto: Infante, 1994, p. 40.

⁸⁸ DIAS, Pedro. Fortificações Abaluartadas. TONERA, Roberto (Coord.). **Fortalezas Multimídia: Anhatomirim**. Florianópolis: UFSC. CD-ROOM.

⁸⁹ BORDEJÉ, Frederico. Arquitectura militar: breve indicaciones sobre los rastrillos y puentes levadizos. Madri. In: ARREDONDO, Horacio (Org.). Noticias de interés arqueológico”. **Revista de la Sociedad Amigos de la Arqueología**, Montevideu, Tomo XV, p. 404-24, 1957.

encontro do portão principal, podemos inferir que ambos tivessem a função de barbacã.



Arredondo (1937).
Fotografado por Guilherme Luchsinger.

Figura 24: Fortaleza de Santa Teresa (1934)

Fonte: ARREDONDO, (1934)⁹⁰

Uma outra estrutura construída para a defesa era o *espaldão*. Esse se constituía de uma estrutura maciça, de pedra e/ou terra, formando uma parede de proteção. No plano da fortaleza de Santa Tecla (1776), consta a referência de três “expaldón”. Também, na fortaleza de Santa Teresa, consta no plano de 1792. Além disso, nesse sitio tal estrutura encontra-se preservada. No entanto, diferencia-se da primeira pela localização e matéria-prima. Em Santa Teresa, está localizado atrás da

⁹⁰ Álbum de fotografias, datadas nos anos de 1934 e 1940 - de Horácio Arredondo, adquirido pelo Departamento de Estudos Históricos do Estado Maior do Exército do Uruguai em 2004. Reprodução Guilherme Luchsinger.

cortina e foi construído de pedra, enquanto que em Santa Tecla, encontravam-se nos baluarte e, provavelmente, de terra.



Letra "x" (plano 1972)
"ESPALDON"
Fotografado por Guilherme Luchsinger

Figura 25: Espaldão no sitio de Santa Teresa (2004)

O *baluarte* constitui-se em uma estrutura arquitetônica, saliente em relação à muralha, e localizado nos ângulos dessa. Compõe-se de duas faces e dois flancos ligados a uma cortina. Alguns tratadistas renascentistas defenderam a forma circular no traçado dos baluartes. Porém tornou-se teoricamente insustentável após estudos matemáticos e balísticos de perspectiva⁹¹. Interessante constatar que o forte português “La Concepción”, na fronteira espanhola de Mochos (moxos), possui a forma quadrangular e quatro baluartes na forma citada⁹².

⁹¹ PEREIRA, Mário. Da Torre ao Baluarte. In: PAULINO, Francisco Faria (Org.). **A arquitetura militar na expansão portuguesa**. Porto: Infante, 1994, p. 36.

⁹² Essas primeiras fortificações de campanha foram consolidadas, posteriormente na segunda metade do século XVIII. Cf. GUTIÉRREZ; ESTERAS, 1991, p. 159.

Como já referido, a *cortina* está localizada entre dois *flancos* e compõe-se de uma estrutura maciça de pedra ou terra. Caracteriza-se por ser um muro recuado em relação ao baluarte. Sua espessura era calculada em função da força do tiro de canhão.

A *guarita* tem sido considerada como referência universal para os fortes, fortalezas e algumas baterias. Projetadas nos vértices proeminentes das muralhas. Muitas possuem uma beleza artística.

Fortes e fortalezas, em geral, tinham um *fosso* que era utilizado para dificultar o acesso do inimigo. Era formado por uma escavação, provocando o declive no terreno em torno da muralha, ou, às vezes, somente na entrada da fortificação. O mesmo poderia, ou não, conter água. Pesquisas arqueológicas nas fortificações de Ratonés e São José da Ponta Grossa, na ilha de Santa Catarina, evidenciaram esse componente.

À entrada da fortificação, havia o *portão*, também denominado de *portada*, cuja localização entre duas cortinas era recomendada por Vauban. Esse componente, por constituir-se num alvo de ataque dos adversários, deveria ser muito resistente, de madeira dura e/ou ferro. Quando a fortificação estava protegida por um fosso, geralmente havia uma ponte levadiça, aumentando, assim, a proteção interior da fortificação. Na fachada do portão das fortificações permanentes eram construídas, algumas vezes, molduras e ornamentações em cantaria. Essas poderiam representar suas Coroas através de escudos de Arma Real esculpidos. Como por exemplo, o que se encontra, atualmente, em Sacramento. O que também pode ser constatado, na fachada da fortaleza de Anhatomirim em Santa Catarina, é o trabalho artístico em suas pedras trazidas de Portugal.

Em algumas fortificações, além da porta principal, havia uma outra, para maior proteção, denominada de *rastrilho*. O qual se constitui em uma estrutura gradeada, ou seja, por barras ou vigas entrelaçadas de ferro ou de madeira⁹³. Arredondo (1957, p. 371) evidenciou seus encaixes nas laterais dos muros de entrada nas fortificações de São Miguel e de Santa Teresa.



Figura 26: Portada e Rastrilho de Santa Teresa (2004)

Por outro lado, as *portas secundárias*, ou de socorro, existentes em muitas fortificações também são denominadas por esse termo. Segundo Bordejé (1957) era comum na descrição de fortificações, abaluartadas, no século XVIII aparecer o termo de “rastrillo” e/ou “barrera” para descrever essas pequenas portas. Localizavam-se no limite extremo das obras e tinham a finalidade de proporcionar uma saída rápida da guarnição para destruir as obras dos sitiadores, e/ou assegurar a retirada quando

⁹³ BORDEJÉ, Frederico. *Arquitectura militar: breve indicaciones sobre los rastrillos y puentes levadizos*. Madri, 1957. In: ARREDONDO, Horacio (Org.). “Noticias de interés arqueológico”. **Revista de la Sociedad Amigos de la Arqueologia**, Montevideú, Tomo XV, p. 371, 1957.

conquistadas. Na cartografia de Santa Tecla e no registro histórico sobre a rendição de sua guarnição foram feitas referências a essa porta secundária. Em Santa Teresa, ainda hoje podemos constatar sua existência.

Por sua vez, a *ponte levadiça* tinha a finalidade de bloquear ou estabelecer o acesso, entre a área externa e a interna da fortificação. Possuía dupla utilidade: servia como ponte, na posição horizontal e, quando erguida na vertical, como dupla porta. Era elemento indispensável nas fortificações que possuíam fosso. Entre várias, destacamos a de Santa Tecla, conforme a cartografia, e a de São Miguel, cujas evidências de seu mecanismo, foram constatadas por Horacio Arredondo quando localizou o fosso⁹⁴. O que também pode ser constatado nas pesquisas arqueológicas na fortaleza de São José da Ponta Grossa. Junto à soleira da portada, foi encontrada uma pedra que sugere a base de algum sistema de roldana, o qual serviria de eixo para uma ponte levadiça⁹⁵.

3.3.2 O espaço intra-muros: componentes gerais

No interior das fortificações, havia diversas edificações necessárias para a vida cotidiana. Entre elas, destacamos as mais referidas na documentação.

Geralmente, localizada no centro da fortificação havia a *praça de armas*. Em uma altura inferior a muralha. Assim, para o acesso ao piso superior, eram

⁹⁴ ARREDONDO, Horacio. "Noticias de interés arqueológico". *Revista de la Sociedad Amigos de la Arqueología*, Montevideu, Tomo XV, p. 371, 1957.

⁹⁵ FOSSARI, 1992, p. 37.

necessárias rampas ou escadas. No seu entorno estavam situados os estabelecimentos internos da fortificação e/ou da cidade em formação. Em alguns casos, também servia de estábulo, como no caso de Santa Tecla.

O estabelecimento de vigia instalado no interior da fortificação e denominado de *guarda*, geralmente ficava ao lado do portão principal. Podendo também ser utilizado como calabouço. Fossari (1992) destaca que, no forte São José da Ponta Grossa (SC), nesse local o piso era de terra. E no aprofundamento de alguns pontos revelou uma camada de terra misturada com areia e carvão.

Os locais destinados ao *alojamento* eram diferenciados para oficiais e o restante da tropa. Em alguns casos, como em Santa Tecla, havia *alojamentos* distintos para o comandante, para o engenheiro-chefe e para os soldados. Existiria alojamento especial para o capelão? Não o identificamos nos planos por nós apreciados, apenas em Santa Teresa. “[...] *la construcción de cuarteles, utilizando el terraplén de las cortinas de las fortificaciones, Muller identifica otra respuesta arquitectónica propia de Vauban*”⁹⁶. O que tem sido evidenciado nas fortificações Ibero-americanas, entre elas Santa Teresa e São Miguel. No caso da primeira, segundo a planta (1792), estariam localizados dois armazéns e um estabelecimento denominado de “*Cxujida*”⁹⁷ no prédio denominado de quartel da tropa. Com referência a forma desses alojamentos, a documentação revela que os mesmos, geralmente, faziam parte de um longo prédio retangular, com janelas e portas, com

⁹⁶ As traduções de textos utilizados na Escola Militar em Barcelona eram comuns no final do século XVIII. Um dos Tratados traduzidos e divulgados foi o de Jonh Muller (1757), que baseou-se nos ensinamentos de Vauban, escrito em inglês e editado em castelhano por Miguel Sánchez 1769. GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Territorio y fortificación**. Madri: Tuero, 1991, p. 66-7.

⁹⁷ *Cxujida*. Palavra de difícil compreensão. Mas que deduzimos se tratar de alojamento para a tropa a partir da citação de Cerceño (1778) apud ARREDONDO (1929, p. 353) sobre as fortificações em Gorriti. “[...] *y hay también una cuadra o crujida de 132 varas de largo [...] que mando V. E. trabajar en que podrán acoger 200 hombres, para acudir a las urgencias de aquel Puerto [...]*”.

divisões internas. Na fortaleza São José da Ponta Grossa (SC) foi evidenciado que o piso dos alojamentos dos oficiais era feito de tijolos, muito bem elaborados, e formando desenhos, enquanto que os demais, de terra com evidências de carvão.

Assim como os alojamentos, havia *cozinhas* distintas para os oficiais e a tropa. Esses estabelecimentos podiam, ou não, fazer parte, por extensão, de um mesmo prédio. Em São José da Ponta Grossa (SC), no interior do alojamento do comandante foi “[...] descoberto um fogão, bem delineado, retangular, em cuja base encontramos vestígios de carvão misturado com cacos de cerâmica carbonizada”⁹⁸. Também, na cozinha da tropa, tal estrutura foi evidenciada. Tratava-se de uma parede larga de tijolos, identificada como balcão e associada a um fogão. O piso desse estabelecimento era de terra e foram observados vestígios de carvão, cinzas e restos de conchas. Além, de apoios de ferro sugerindo que fosse parte de um tripé (trempe). Tal artefato, associado à fogueira, deve ter sido utilizado nas fortificações, em geral. Interessante que, na planta de Santa Tecla (1776) constam seis cozinhas, independente dos alojamentos.

Uma das premissas para instalação de uma fortificação era a de haver fonte de água potável no local. O que permitiria a construção de um ou mais *poços*. Chama-nos a atenção o fato de constatar que na fortaleza de Santa Teresa não foi encontrado nenhum poço, conforme Arredondo (1957). No forte de São Miguel, o poço, restaurado pela equipe do referido pesquisador, é quadrado. Em Santa Tecla, havia dois poços. Nesse sítio, pesquisas arqueológicas teriam evidenciado uma *cisterna*. Tal estrutura construída, para o armazenamento da água das chuvas, deve ter sido uma solução encontrada para manter o abastecimento nos assentamentos.

⁹⁸ FOSSARI, 1992, p. 29.

Curiosamente, registramos uma foto de Horácio Arredondo, no período de restauro das fortificações, que revelam uma estrutura circular. De que local seria essa foto? Parece-nos, ao fundo, uma muralha que lembra a de São Miguel.



Figura 27: Estrutura circular (1937)

Foto: ARREDONDO, 1934.



Poço com 4 metros de profundidade, escavado na rocha.
Fotografado por Guilherme Luchsinger.

Figura 28: Poço do sítio de São Miguel (2004)

Outro estabelecimento que aparece em alguns planos de fortificações é a *Latrina* ou *Comua*. Segundo Fossari (1992), na Idade Média, esse estabelecimento era geralmente construído junto às muralhas. Nas fortificações de São Miguel, Santa Teresa e São José da Ponta Grossa (SC), as latrinas estão localizadas nas cortinas. Em Santa Tecla próxima ao precipício. Interessante observar que nas comuas de Santa Teresa e São Miguel, aparecem aberturas – seteiras – nas paredes posteriores (vide figuras abaixo). Por outro lado, conforme Cruxel (2001), esses estabelecimentos, nos castelos medievais, poderiam ser feitos a partir de uma estrutura tipo caixote que desembocava no fosso⁹⁹.



Figura 29: Muralha de São Miguel vista externa: seteiras
Fonte: ARREDONDO, 1940.

⁹⁹ CAIRNS, (1992) apud CRUXEL, Edison Bisso. **Arquitetura Militar Medieval na Palestina e o estudo de caso do castelo de Arsuf (século XII e XIII)**. Porto Alegre: PUCRS, 2001. Dissertação de Mestrado, PPGH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.



Figura 30a-b: Latrinas: Sítio de São Miguel (2004)

Em alguns planos e fortificações, o espaço ocupado pelo *hospital* encontrava localizado nas dependências do quartel da tropa ou do capelão. Porém o mesmo não é mencionado em todas as plantas. Em Santa Tecla, por exemplo, ele estaria localizado ao lado de um dos alojamentos da tropa, mas independente desse. Em Santa Teresa, segundo o projeto de 1792, mas não realizado totalmente, estaria localizado no mesmo prédio onde se situava a capela e o alojamento do capelão. Entretanto, Arredondo, em outro plano, o identificou como integrante do alojamento da tropa.

Por sua vez, a *capela* era estabelecimento constante em quase todos os assentamentos. Tinha localização e características variadas. Em Santa Tecla, em todos os planos apreciados, encontra-se na parte posterior da entrada principal, assim como em São Miguel. Em se tratando da primeira e segundo informações da

imprensa, o arqueólogo Fernando La Salvia teria afirmado que a sua localização, conforme a cartografia, não estaria correta.

Igualmente o *armazém de pólvora* consta no interior de quase todas as fortificações. Alguns planos, também, o mencionam no interior, mas também, no exterior das baterias costeiras. Em relação a sua construção, havia uma série de preceitos sobre a localização e a construção desse estabelecimento. Esses deveriam ser mais elaborados, considerando que a pólvora não deveria ficar exposta ao calor e a umidade. Por exemplo, em Santa Tecla, somente, os armazéns eram cobertos de couro os demais de palha. Em São Miguel havia um sistema de ventilação nas paredes. Conforme Arredondo (1955, p. 388) num plano de 1779 de Gorriti, feito por Bernardo Lecocq, consta que tal estabelecimento era coberto de telhas e as paredes de alvenaria. Além de Gorriti, pesquisas arqueológicas em Santa Teresa, São Miguel e São José da Ponta Grossa (SC) revelaram essas características. Em relação à sua localização, em alguns casos, eram colocados nos centros dos baluartes. No entanto, em relação ao de Santa Teresa, Bordejé constatou que, embora estivesse no centro, estava em situação de desvantagem em caso de um assalto inimigo. Considerando, “[...] *faltar-le una sólida bóveda [...] y situada sobre la plataforma y gola de un baluarte perteneciente el frente principal*”¹⁰⁰. Cabe destacar que, esse tipo de estabelecimento, era primordial nos assentamentos fortificados, embora sua referência não conste na maioria dos planos.

¹⁰⁰ BORDEJÉ, Frederico. Arquitectura militar: breve indicaciones sobre los rastrillos y puentes levadizos. Madri, 1957, p. 422. In: ARREDONDO, Horacio (Org.). “Noticias de interés arqueológico”. **Revista de la Sociedad Amigos de la Arqueología**, Montevideú, Tomo XV, 1957.



Polvorin
Fotografado por Guilherme Luchsinger.

Figura 31: Armazém de pólvora. Santa Tereza (2004)

Embora não conste em todos planos apreciados, não há dúvidas quanto à presença indispensável do *armazém de provisões*. Em Santa Tecla, só é mencionado um armazém. O mesmo servia para guardar víveres, materiais bélicos e gerais. No Plano da Fortaleza de São José (1777), constam, separadamente, um para farinha e outro para víveres além do armazém para pólvora e a casa da palamenta¹⁰¹. Já na planta da fortaleza de Rio Pardo, somente é referido um armazém Real.

Em relação ao gado cavalariço e vacum, esses eram guardados em *currais*, os quais se localizavam, geralmente, no exterior do assentamento. Nesse caso, em situações de guerra, havia o risco de serem assaltados pelas tropas inimigas. Em alguns casos conforme o tamanho do assentamento currais, também, eram estabelecidos no interior das fortificações. Como exemplo, na planta de Santa Tecla, há referência sobre um curral localizado no centro da fortificação e outro no exterior. Em

¹⁰¹ A casa da palamenta é referida em, quase, todos fortes e fortalezas da ilha de Santa Catarina. Nas pesquisas de campo em São José da Ponta Grossa nesse estabelecimento foi evidenciado que o piso era de tijolos cf. FOSSARI, 1992, p. 36.

Santa Teresa, embora não conste nos planos apreciados, no sítio arqueológico, consta à referência de um curral abaixo do baluarte São Luis.

Oficinas de marcenaria e ferraria seriam indispensáveis nas fortificações. No entanto, dificilmente são mencionadas na cartografia e na documentação escrita. Talvez fizessem parte dos estabelecimentos da tropa. No ano de 1859, em Santa Teresa, foi relatado que existiam duas ferrarias com caldeiras e forjas, as quais também produziam balas para canhões. Esses dois estabelecimentos estavam localizados atrás do espaldão e ao lado da porta de socorro, respectivamente¹⁰². Porém, nesses locais estavam localizados, conforme o plano de 1792, os quartéis e uma guarda. Segundo Arredondo (1955) foi evidenciado um dos fornos, infelizmente não obtivemos o registro iconográfico.

3.3.3 O espaço extra-muro: algumas considerações

O espaço em torno dos assentamentos ibero-americanos fortificados é raramente registrado na documentação escrita e cartográfica. Considera-se que os responsáveis pela execução e planificação dos assentamentos, a maioria engenheiros, estavam mais interessados em registrar os planos do sistema defensivo. Neles são incluídos os estabelecimentos internos - um espaço criado para os europeus, ou descendentes, privilegiados política e economicamente.

¹⁰² ARREDONDO, 1955, p. 202-3.

Porém, existem algumas exceções em relação ao registro cartográfico e também escrito. Principalmente em locais de assentamentos regulares, mas também nos de campanha. Os quais foram elaborados, na maioria dos casos, por jesuítas, espiões, ou militares no momento da capitulação.

Apesar disso, com base em alguns planos de assentamentos Ibero-americanos, na documentação histórica e arqueológica, podemos através de analogias fazer algumas inferências sobre o espaço extra-muros.

Em primeiro lugar, devemos destacar que os assentamentos de campanha, assim como as vilas e presídios – mesmo que periféricos - não estavam isolados. Encontravam-se ligados por rotas terrestres, desde o século XVII, mas principalmente a partir do século XVIII na região Platina. Tais caminhos possuíam uma dinâmica resultante do cruzar dos mais distintos grupos: comerciantes, andarilhos, militares, religiosos e indígenas. Formaram-se nesses espaços, principalmente pela distribuição de terras e incentivo ao povoamento, somando-se a disputa pelo gado, núcleos de produção e consumo. Assegurados, teoricamente, pelos assentamentos militares fortificados, que foram sendo instalados, concomitantemente, nas fronteiras platinas. Desse modo, como destacado por Osório:

O atual Estado do Rio Grande do Sul e Uruguai, no século XVIII, faziam parte de um mesmo espaço - em construção, uma zona de fronteira, com uma ampla circulação humana e material, no qual os súditos de uma e outra Coroa instalavam-se conforme fosse mais fácil sua sobrevivência, independentemente de fidelidades estatais¹⁰³.

À exceção da fidelidade dos povos missioneiros a qual foi perdida,

¹⁰³ OSÓRIO, Helen. O espaço platino: fronteira colonial no século XVIII. In: **Práticas de Integração nas fronteiras: temas para o Mercosul**. Porto Alegre: UFRGS, 1995, p. 114.

paulatinamente, pela Espanha a partir da segunda metade do século XVIII.

Para o estudo dos sítios arqueológicos de assentamentos fortificados temos que considerar dois contextos do espaço extra-muro que os norteava.

Por um lado, *o espaço rural*, o qual teria que proporcionar as necessidades básicas dos povoados¹⁰⁴. O mesmo foi se formando no entorno de núcleos de povoaamentos regulares: presídios, vilas e cidades. Aspecto de que a cartografia da Colônia de Sacramento (1734) nos fornece boas referências sobre os diversos estabelecimentos nesse espaço. Cujos remanescentes arqueológicos do período colonial vêm sendo estudados, desde 1995, pelo Dr. Antonio Lezama Astigarraga¹⁰⁵. Entretanto, a pesquisadora Maria Beatriz da Silva ressalta que a cartografia, como a de Diogo Soares (1731), não define “[...] outras áreas agrícolas, a não ser as chácaras das redondezas pertencentes à meia dúzia de poderosos”¹⁰⁶.

Por outro lado, *o entorno imediato* dos estabelecimentos militares, periféricos e/ou de campanha entre eles, fortins - guardas, fortes e fortalezas. No qual estavam inseridos: habitações para a tropa de índios e, às vezes, de soldados europeus e mestiços, dos escravos, das mulheres e crianças; currais, roças, pomares, pocilgas, galinheiros, cemitério, oficinas, acampamentos (vigias) entre outros.

¹⁰⁴ Necessidades tanto econômicas como militares e religiosas.

¹⁰⁵ ASTIGARRAGA, Antonio Lezama. “Proyecto Arqueología Histórica de salvamento en el entorno rural de Colonia de Sacramento”. **IX Congreso de Arqueología (1997)**. Montevideo: Gráfico del Sur, 2001.

¹⁰⁶ SILVA, Maria Beatriz Nizza. **Soldados, casais e índios na nova Colônia de Sacramento**. (USP). Disponível em: <<http://www.institutocamoes/artigo/sacramento>> Acesso em: 20 fev. 2005.



Figura 32: Planta forte português na fronteira de "Moxos"¹⁰⁷

Fonte: GUTIÉRREZ; ESTERAS, 1991, p. 159.

As referências que constam nessa planta nos fornecem algumas características sobre uma fortificação de campanha e a organização do espaço imediato. Por exemplo, em relação ao forte, em seu interior, há três quartéis, um poço, e uma casa (talvez armazém) e baluartes armados com colubrinas. No seu entorno foram assinalados: a habitação dos negros (L), a casa do governador (F), ferraria(G), fossos (E), guarda (H), sentinela (J), além de caminhos, portos, lagunas, rios e montes. Entretanto, notamos a falta de uma capela e, talvez, tenham sido omitidos tantos outros estabelecimentos essenciais para a permanência em campo.

Cabe destacar que a variabilidade do espaço extra-muro, desses assentamentos está ligada à finalidade da ocupação e a conseqüente permanência do local. Em alguns casos foi se formando um centro populacional, espontâneo, ou não, que se sentia protegido pela fortaleza. Por exemplo, como as fortificações de

¹⁰⁷ "Fuerte portugués de la Concepción en la frontera española de Moxos. Estas primeras fortificaciones de Campaña fueron consolidadas posteriormente en la segunda mitad del siglo XVIII", apud GUTIÉRREZ; ESTERAS, 1991, p. 159.

Santa Teresa e de Rio Pardo. Alguns originando cidades, e outros se mantendo nas áreas produtivas rurais.

Entre tantos outros estabelecimentos devemos considerar os locais de extração e transformação da matéria-prima essencial para a elaboração dos assentamentos. As fontes de pedras, de argila, de cal, de madeira, além de olarias, pedreiras e caieiras, tão citadas, mas raramente localizadas, e estudadas.

Em relação às caieiras, pesquisas arqueológicas realizadas no entorno da Colônia de Sacramento, por Astigarraga (1997) e equipe, levaram à sua localização¹⁰⁸.

Baseado nas informações da documentação escrita e cartográfica, Astigarraga (1997) percorreu “[...] *la zona comprendida entre el camino de la Arenisca y el arroyo ‘del caño’ [...]*”¹⁰⁹. Durante esse percurso, em um determinado local, foram evidenciadas: aglomerações de pedras, fragmentos de caliça, blocos de cal, cravos quadrados, argila misturada com cal, ossos bovinos, além de um fragmento de cerâmica vidrada, cuja superfície de cor verde-amarelada é característica de estabelecimentos do século XVIII.

Os vestígios arqueológicos também localizados na borda de um barranco, no Rio da Prata, levaram os pesquisadores à busca do forno. Baseados em trabalhos anteriores, como na “Calera de las Huérfanas”, a boca do forno deveria estar localizada na parte superior do barranco. Aproveitando, dessa maneira o desnível natural do terreno para escavar o forno e acender a base, a partir do exterior.

¹⁰⁸ ASTIGARRAGA, Antonio Lezama. “Proyecto Arqueología Histórica de salvamento en el entorno rural de Colonia de Sacramento”. **IX Congreso de Arqueología (1997)**. Montevideu: Gráfico del Sur, 2001.

¹⁰⁹ ASTIGARRAGA, 2001, p. 88.

Lamentavelmente, não foi possível localizar o forno. No entanto “*La presencia de cerámicas utilitarias, de clavos y restos óseos nos indican que no se trata de un ‘viaje’ de material procedente de un horno localizado en otra parte, sino que allí residieron los operadores del mismo*”¹¹⁰.



Figura 33: Forno do sitio arqueológico “Calera de las Huerfánas”
 Fonte: ASTIGARRAGA, 2003.

Sobre a produção de cal, na região de Maldonado, um ofício, de Howel, datado em 1773, nos fornece informações sobre a sua presença¹¹¹:

*Muy Sr. mío: tengo la satisfacción de noticiar a vm. Que la calera adonde sea pegado fuego despues demiligada aqui asalido perfecta como vm. Lo vera por la muestra que le mandare en la primera ocasión. Y quedara Vm. inteligenciado queno sea gastado mas que quatro dias de fuego ardiente y continuado, gastando alomenos mas de la mitad, menos leña, que en las antecedentes quemazones, lo que nos ha sobrado de este genero, para quemar otras cinco ornadas. Este buen subceso proviene [...] de la armonía que reyna entre mi, y [...] D. Jph. Ignacio de la Quintana, a quien de mi parte dare todos los auxilios posibles para construir otro orno mas bién fabricado no solam. Para dar abasto aquí, a Sta. Thereza, mas tambien a Montevideo y a Buenos Aires sies preciso al retorno de las lanchas que ban bazías*¹¹².

¹¹⁰ Ibidem, 2001, p. 89.

¹¹¹ Documento: Correspondência de Howel para Sostosa em 28/12/1773, apud ARREDONDO, 1929, p. 341-2.

¹¹² CASSINELLI, 1923, apud ARREDONDO, 1929, p. 341-2.

Denominada de “Calera del Rey” “[...] fue un hallazgo de fecundos resultados para la ejecución de las obras de la zona hasta Santa Teresa” complementa Arredondo (1929).

Em 2003, pesquisando o sítio arqueológico forte de Santa Tecla e os possíveis assentamentos rurais do período colonial, na região de Bagé, chegamos a um dos *postos* da estância jesuítica de São Miguel. Lá se encontram vestígios de uma estrutura circular além de evidências de outras soterradas, que parecem um curral, e também diversas pedras, espalhadas e alinhadas pela área. O posto dista aproximadamente um quilômetro, em linha reta, do forte de Santa Tecla, na direção ESSE. Localizado em um pequeno vale, através do qual as águas se dirigem para o rio Camaquã¹¹³.

Conforme La Salvia, em 1969, ao chegar no local “[...] toda a estrutura funcional do Posto era visível através de remanescentes representados por paredes, muros e outras construções”¹¹⁴. Entretanto, no ano de 1982, ao retornar para a pesquisa no local “[...] a maioria das evidências haviam sido destruídas e pouco permanecia para testemunhar o que tinham sido aquelas instalações”¹¹⁵.

Contudo, as pesquisas arqueológicas evidenciaram uma estrutura circular de 5 metros de profundidade, a qual, a certa altura, sua base alarga. Suas paredes laterais “[...] eram cobertas de pequenas pedras, superpostas, e tinham 80 cm de espessura”¹¹⁶. Essa estrutura foi denominada por Fernando La Salvia e Tarcísio

¹¹³ “Posto de Santa Tecla - Estância de São Miguel”. Publicação (xerox) sem data, local ou autor. Acreditamos tratar-se do relato de Fernando La Salvia. Este documento nos foi fornecido por Eron Vaz Mattos - integrante do Centro de documentação histórica do Museu Don Diogo de Sousa em Agosto de 2003.

¹¹⁴ “Posto de Santa Tecla - Estância de São Miguel”: Documento sem data e autor. Acreditamos tratar-se do relato de Fernando La Salvia. Os relatórios sobre essas pesquisas, de campo, foram extraviados do IPHAN-RS.

¹¹⁵ Ibidem.

¹¹⁶ **Zero-Hora**, Porto Alegre, 16 mar. 1982.

Taborda como “Silo Missioneiro”. Talvez considerando que não tenham encontrado vestígios de queima. Como fora constatado pelos pesquisadores. Entretanto, em 2003, foi levantada a hipótese, pelo Dr. Antonio Lezama, daquela estrutura tratar-se de um forno de cal. Considerando as informações de que a mesma teria uma abertura lateral e encontra-se localizada na barranca de um arroio.



Figura 34: Sítio Arqueológico Posto de Santa Tecla: estrutura circular
Fonte: ZERO HORA, 1982.



Figura 35: Sítio Arqueológico Posto de Santa Tecla: estrutura circular (2003)

Outro fato que corrobora com essa última hipótese é a presença de um suposto forno de cal, próximo a outro *posto* da estância de São Miguel, denominado de Santo Antonio. Seus remanescentes arqueológicos, foram localizados por Jaeger no município de Lavras do Sul (RS)¹¹⁷.

O pesquisador Luis Jaeger, no ano de 1958, guiado por Paulo Gutierrez, proprietário da fazenda, chegou ao local onde identificou os vestígios de um antigo forno, “[...] de uns 8 para 10 metros de altura e 5 de diâmetro, em forma de cúpula, dentro do mato”¹¹⁸. Segundo Jaeger, a abóbada estava danificada, talvez um galho tenha caído por cima. “[...] a frente também aberta, havia muitas pedras tombadas para dentro, e a entrada pequena, pela altura do chão, prova tratar-se realmente de um forno”¹¹⁹. Entretanto, as pedras não apresentavam vestígios de queima. Também, observou que [...] “Ao lado aparecem ainda alicerces, bem definidos de pedra de uma habitação quadrangular, de uns 6 para 8 metros de cada lado”¹²⁰.

Como não havia evidências de queima, Jaeger (1958) supôs que o forno não teria sido utilizado. Contudo, o autor citado considera a hipótese de ser uma possível caieira. Avaliando que, a cerca de 10 km do forno, há jazidas de cal, mas sem madeira para combustível. Futuras pesquisas nos proporcionarão mais informações a respeito dessa temática. Porque não foram utilizados os fornos? Seriam fornos missioneiros? Portugueses? De qualquer maneira, acreditamos não ser contemporâneo ao período da fortaleza de Santa Tecla (1772-1777). Se posterior, temos que relacioná-lo aos primeiros fornos de cal do atual município de Caçapava do Sul - RS. Assim como a fortaleza erguida, no mesmo município, em 1829.

¹¹⁷ JAEGER, Luis. **Pesquisas históricas em Lavras do Sul**. Porto alegre: IAP-UNISINOS, 1958.

¹¹⁸ JAEGER, 1958, p. 18.

¹¹⁹ Ibidem.

¹²⁰ Ibidem.

3.4 TECNOLOGIA DAS EDIFICAÇÕES: MATÉRIA-PRIMA

As técnicas de defesa coletiva têm sido utilizadas desde os primórdios da humanidade. Os estabelecimentos intra-muros e extra-muros seguiam as mesmas diretrizes em relação às técnicas construtivas e a matéria-prima disponível. Os mesmos variavam conforme o tipo de estabelecimento, a mão de obra disponível, e o período.

A paliçada – cerca de madeira - com a qual se tentavam evitar o ataque dos inimigos e das feras¹²¹, juntamente com a trincheira foram as primeiras formas de apropriação, delimitação e, a conseqüente, defesa do território. Posteriormente, surgiram às fortificações, expressas nos muros das cidades antigas, nos castelos medievais, e nas linhas fortificadas modernas.

Até o final do século XVI, as primeiras cidades brasileiras, feitorias, trincheiras e pequenos redutos foram construídos, inicialmente, com cerca de pau-a-pique¹²². Essa técnica de fortificação, bastante simples, de madeiras fincadas no solo, com pontas afiadas na parte superior e, às vezes, protegidas com linhas de piques, distanciadas da cortina, tal qual a largura de um fosso. Tal técnica construtiva já era empregada pelos indígenas e, “[...] também utilizado pelos negros nos quilombos, na parte fortificada das aldeias, em Palmares e Alagoas”¹²³.

¹²¹ Também denominada de Estacada, e às vezes, como pau-a-pique. Não no sentido da técnica, propriamente dita, e sim dos piques e da paliçada.

¹²² Na crônica de D. João III é denominada de ‘Fortaleza de Madeira’ Cf. MENEZES, José Motta; RODRIGUES, Maria do Rosário. **Fortificações portuguesas no norte do Brasil**. Recife: POOL, 1989, p. 29.

¹²³ MENEZES; RODRIGUES, 1989, p. 29.

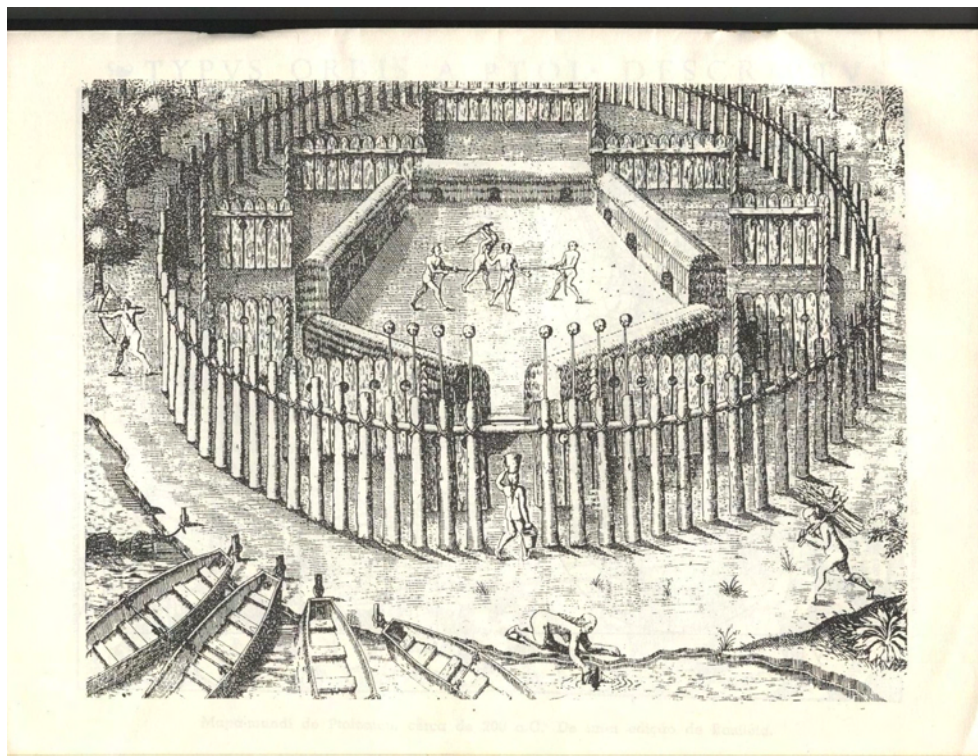


Figura 36: Técnica de estacada: Aldeia indígena, no Norte do Brasil
 Fonte: CATTANI, 1992, p. 13.



Figura 36a: Técnica de estacada: Vila de Igarassu - Capitania de Pernambuco
 Fonte: ALBUQUERQUE; LUCENA, 1997, p. 59.

A figura 36a faz parte de uma representação iconográfica da vila de Igarassu da segunda metade do século XVI. Observa-se, na figura, o tipo de construção representado no interior da vila, o qual se aproxima das construções nativas¹²⁴.

Cabe destacar que esse sistema defensivo servia basicamente para defender os novos povoadores dos gentios. Não sendo resistente aos avanços da artilharia. Posteriormente, técnicas mais resistentes foram sendo adaptadas ao contexto dos novos territórios americanos conquistados.

As cidades, da América Ibérica, como já foi destacado por Fernand Braudel (1970:440) foram “[...] construídas como acampamentos romanos entre quatro muralhas de terra, são guarnições perdidas, no meio de vastas extensões hostis, ligadas entre si por circulações lentas, por que fica entre espaços vazios”¹²⁵. “[...] é a regra antiga que, curiosamente, prevalece em toda América hispano – portuguesa, fora das grandes cidades que foram as dos Vice-Reis [...] isto é organismos oficiais já parasitário”¹²⁶.

A técnica de trincheiras associada à paliçada, como as primeiras formas de defesa da antiguidade, foi caracterizada por Vauban (1702). O qual destacou que: *“La tierra así extraída formaba una especie de parapeto que se reforzaba con árboles y palos entrelazados con ramas verdes”*¹²⁷. Instalados nos locais e protegidos pelos piques era iniciada a construção de fortificações modernas com muros de “taipa grossa”.

¹²⁴ ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Velená. **Arraial do Bom Jesus**: consolidando um processo, iniciando um futuro. Recife: Graftorre, 1997.

¹²⁵ BRAUDEL, Fernand. **Civilização material e capitalismo**. Lisboa: Cosmos, 1970, p. 440.

¹²⁶ Ibidem.

¹²⁷ VAUBAN, De Mr. Verdadero método para fortificar. Organizadores: L'Abbé Du Fay y CAMBRAY, Chevalier Cambray. Amsterdam: Pierre Mortier, 1702. In: GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Territorio y fortificación**. Madri: Tuero, 1991, p. 164.

A técnica da taipa foi, comumente, utilizada até meados do século XIX nas construções civis, religiosas e militares. Tanto na América espanhola como na portuguesa¹²⁸.

Referente ao uso dessa técnica, contam as crônicas ‘[...] cercar esta cidade [Salvador] de muros de taipa grossa [...] com dois baluartes [...]’¹²⁹. No dia 29 de março de 1549 Tomé de Sousa dava ânimo para a construção da primeira capital brasileira. Apoiado por cinquenta colonos, entre portugueses e mamelucos moldada em barro e madeira surge a cidade¹³⁰.



Figura 37: Representação da construção fortificada de Salvador

Fonte: CIVITAS, 1969, p. 69.

¹²⁸ Ressurgindo no século XXI como alternativa econômica e ecológica, principalmente para a Zona Rural. Entretanto, nos parece que essa técnica não foi totalmente abolida.

¹²⁹ BARDI, P. M. Arquitetura brasileira. In: BENEVOLO, Leonardo. **Introdução à arquitetura**. São Paulo: Mestre Jou, 1972, p. 231-5.

¹³⁰ ENCICLOPÉDIA CIVITA, 1969, p. 69.

A taipa “[...] permitia a rapidez da obra, porquanto, dependendo da natureza do solo a terra retirada na execução do fosso serviria ao reparo, permitindo o aparecimento rápido da fortificação”¹³¹. Em alguns casos, com terra de compactação difícil, era necessário fazer um revestimento nas muralhas de areia e faxinas, ou terra e faxina com uma massa cobridora, chamada, nos documentos, de lodo. Além de serem utilizados lastros inferiores de pedra, isolando a taipa do terreno úmido, principalmente no litoral, para evitar o desmoronamento da estrutura.

Assim, a matéria-prima utilizada nos assentamentos militares, civis e religiosas, nos territórios sul-americanos entre os séculos XVI e XIX foi inicialmente a terra, a madeira, as fibras vegetais, a palha, e a argila. Posteriormente, quando a situação permitiu, o couro, a pedra, e a argila cozida.

Em relação às obras de defesa “[...] a grande polêmica estava na cortina onde a absorção da bala pela terra e mesmo, se fosse o caso de alvenaria de tijolos, era melhor, enquanto o reparo com revestimento em pedra conduzia ao ricochete do projétil com danos ao forte”¹³².

Desse modo, considerando que a taipa absorve o impacto da bala minimizando a fragmentação do muro, essa técnica era bem aceita e recomendada.

Entretanto, algumas fortificações foram construídas de pedra. Muitas vezes, devido a sua localização junto ao mar ou rio a circunstância não permitia outra alternativa.

Tal fato gerou, depois de 1654, protesto, em forma clara, no livro

¹³¹ MENEZES, José Motta; RODRIGUES, Maria do Rosário. **Fortificações portuguesas no norte do Brasil**. Recife: POOL, 1989, p. 26.

¹³² MENEZES; RODRIGUES, 1987, p. 27.

[...] 'Método Lusitano de Desenhar Fortificações', de Luiz Serrão Pimentel quando este declara textualmente, que 'o parapeito não deve ser de pedra e cal e muito menos de cantaria, como barbaramente se fez em alguma parte [...]. Sua matéria será taipa ou terra batida'¹³³.

Devido a isso, como foi constatado por Menezes e Rodrigues (1987, p. 29), as fortificações de alvenaria de pedra que hoje se pode observar, no nordeste do Brasil, são o resultado do encamisamento, posterior, naquele material. Mudando, nesse caso, somente o ângulo das mesmas. Tal processo teria sido iniciado a partir da segunda metade do século XVII e seguinte. Atingindo, assim, um resultado satisfatório para amortecer o impacto dos projéteis.

A taipa, quando bem elaborada, é um material duradouro ao longo dos séculos, como destacou Bardi (1972)¹³⁴. Porém, nem sempre o era. Por exemplo, entre os anos de 1591 e 1598 o Governador D.Francisco de Souza murou a cidade de Salvador com taipa de pilão. No entanto, devido às intensas chuvas e a má conservação da mesma, foi quase totalmente destruído. Já no século XVIII, observa-se tal fato em relação às dezenas de fortificações construídas, no Rio Grande de São Pedro.

Em relação à taipa, existem duas técnicas de elaboração: a denominada de pau-a-pique ou de mão, e a de pilão.

A taipa de pilão, de origem árabe, consiste em comprimir a terra em formas de madeira, formando um caixão, onde o material a ser socado é disposto em

¹³³ Ibidem, p. 27.

¹³⁴ BARDI, P. M. Arquitetura brasileira. In: BENEVOLO, Leonardo. **Introdução à arquitetura**. São Paulo: Mestre Jou, 1972, p. 234.

camadas de 15 cm aproximadamente¹³⁵. A armação de madeira que forma a taipa é denominada de taipal.

A terra utilizada para esse tipo de construção deveria estar limpa de raízes, palha, ou qualquer outro tipo de material que pudesse impedir a união das partículas terrosas¹³⁶.

Essa técnica foi muito difundida na região do Rio da Prata e foi utilizada tanto por portugueses como pelos espanhóis, desde os primórdios de sua ocupação.

A construção de moradias mediante essa técnica chamou a atenção, no final do século XVII, do jesuíta alemão Florián Paucke. O qual, além de representá-la em desenho também a descreveu textualmente.

¹³⁵ Cf. Site disponível em: <http://www.historiadaarte.com.br/arte_colonial>. Acesso em: 20 fev. 2005.

¹³⁶ FURLONG, Guilherme. **Historia social y cultural del Rio de la Plata**. Buenos Aires: Editora Argentina, 1969, p. 460.

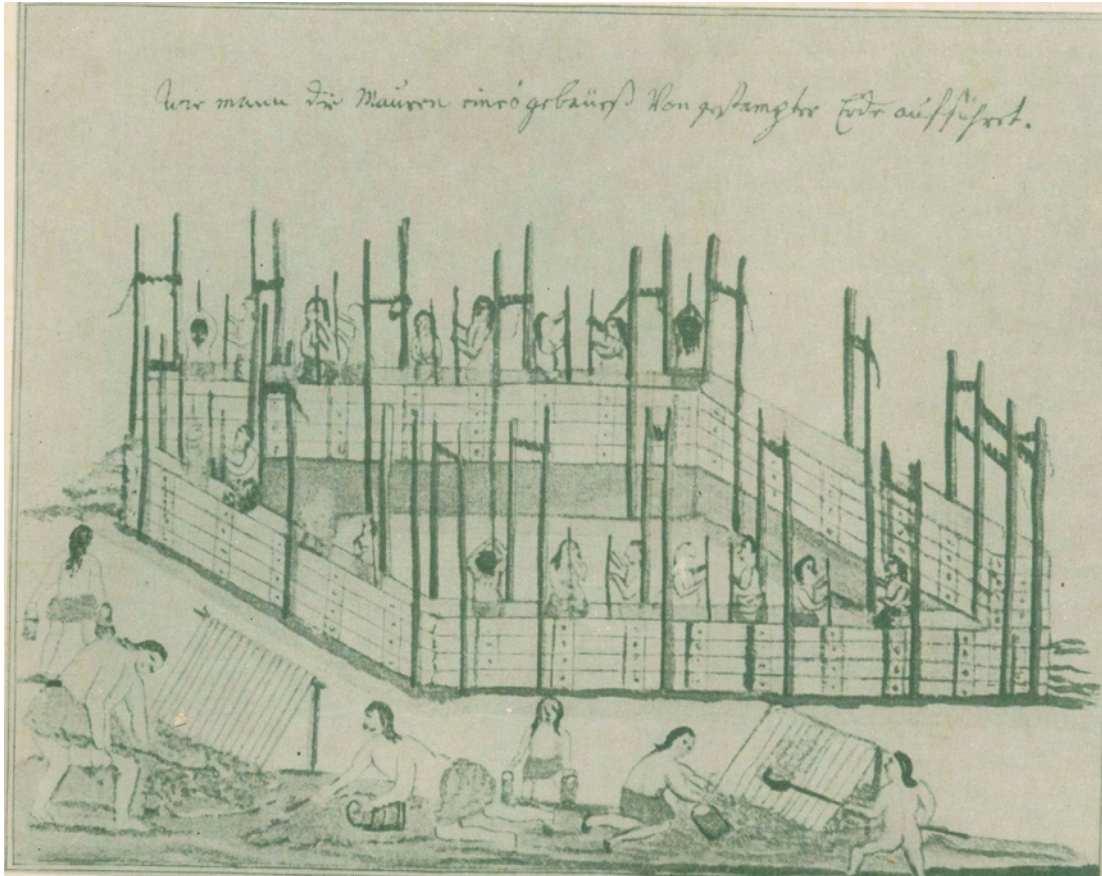


Figura 38: Construção de uma casa com a técnica de taipa de pilão¹³⁷

Fonte: FURLONG, 1969, p. 460.

[...] pues era mediante un encofrado de tablas, los que, gracias a guías o postes colocados de antemano, se subían al paso que crecía la tapia, y ésta era tal que a un mismo tiempo se hacían las cuatro paredes, dejando los vanos necesarios para puertas y ventanas, de suerte que todo el edificio venía a ser una sola pieza con una consistencia análoga a la que ofrece hoy día el cemento. Pero para obtener este resultado era menester cribar bien la tierra e ir apisonándola mojada, a fin que adquiriera la trabazón y la resistencia que todavía hoy se advierte en los edificios así construidos¹³⁸.

Tal sistema também foi descrito, em 1663, por D. José Martínez Salazar, governador de Buenos Aires, ao receber informações sobre uma possível investida de Portugal na foz do Rio da Prata. Nessa ocasião, segundo Porto (1954), teria mandado confeccionar “[...] 40 taipas de quatro varas de comprimento e 40 socadores de terras com seus respectivos cabos, para as obras de fortificação de

¹³⁷ Desenho de Florián Pauck, apud FURLONG, 1969, p. 420.

¹³⁸ FURLONG, 1969, p. 460, segundo texto de Florian Pauck.

Buenos Aires, trabalho que foi executado pelos índios Tapes que foram ao Porto [...]”¹³⁹.

Furlong (1969) adverte que muitos se referem àquela técnica, erroneamente como se fosse o mesmo que uma parede de adobes. E esclarece que: o adobe “[...] *es un ladrillo o cuerpo, mayor que el ladrillo ordinario, formado con tierra arcillosa, mezclada por lo general con cal, paja, arena y estiércol, para darle así más consistencia y secada simplemente al Sol*”¹⁴⁰.

Em relação ao adobe, pesquisas arqueológicas, em Buenos Aires, revelaram uma grande quantidade desse tipo de tijolo. No entanto, sua utilização, na construção de paredes e de pisos, é datada a partir da segunda metade do século XVIII, e até meados do XIX¹⁴¹.

A taipa de pau-a-pique é constituída de paredes de barro com enxaiméis e fasquias de madeira, sendo a argamassa misturada segundo as possibilidades do local. No litoral entrava, em alguns casos, cal e areia. Também era utilizado óleo de baleia para dar liga e impermeabilizar.

¹³⁹ PORTO, Aurélio. **História das Missões orientais do Uruguai**. Porto Alegre: Selbach, 1954, v. IV, p. 21.

¹⁴⁰ FURLONG, 1969, p. 461.

¹⁴¹ SCHÁVELZON, Daniel. **Arqueologia Histórica de Buenos Aires. La cultura material portena de los siglos XVIII e XIX**. Buenos Aires: Corrigedor, 1991.

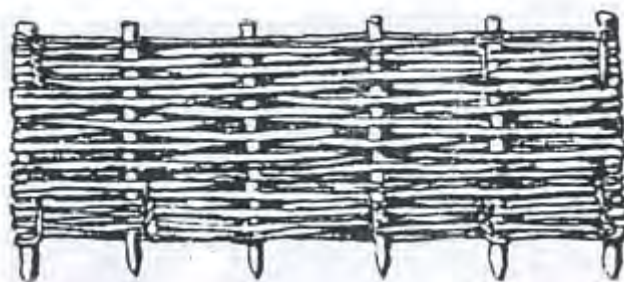


Figura 39: Estrutura de taipa para obra de defesa

Fonte: LELLO.

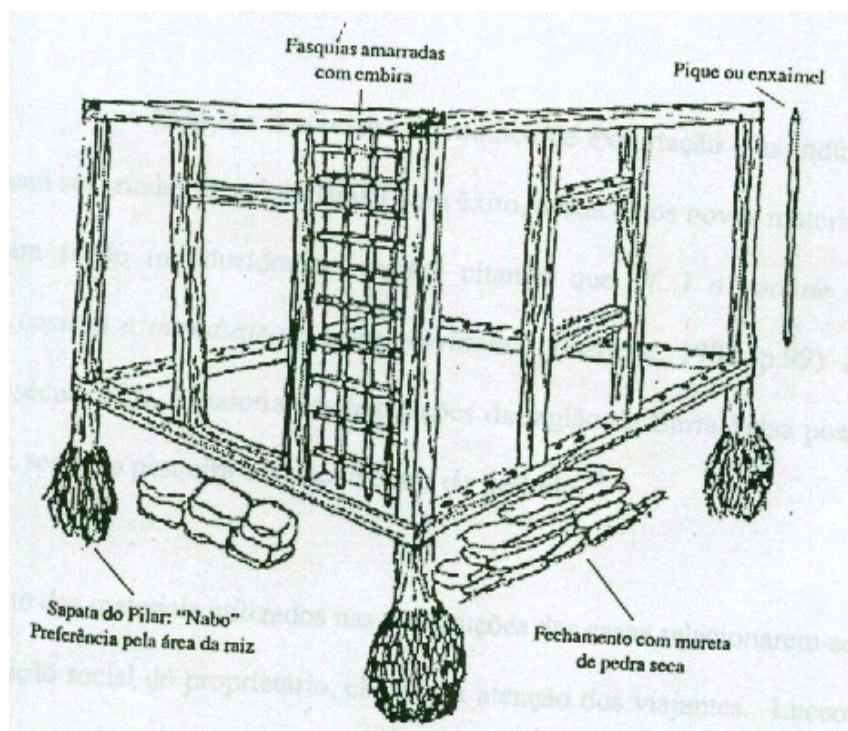


Figura 40: Construção de uma casa com a técnica de pau-a-pique¹⁴²

Fonte: VARGAS, 1994, p. 85, apud OGNIBENI, 1998 p. 144.

Essa técnica construtiva, exemplificada por Katinsky (1994, p. 85), consiste em ‘uma trama de paus verticais, com as pontas em formato de lança [...]’. Essas

¹⁴² VARGAS, Milton. História da técnica e da tecnologia no Brasil. São Paulo: UNESP, 1994, p. 85, apud OGNIBENI, Denise. **Cultura material e vida cotidiana no meio rural do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: PUCRS, 1998. Dissertação de Mestrado, IFCH-PPGH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998, p. 144.

pontas mergulhavam em furos dos baldrames, que são vigas horizontais de madeira amarradas aos esteios verticais [...]. Sobre os piques, também chamados enxaiméis, fixam-se fasquias horizontais de madeira, formando um gradeado trançado que será preenchido com barro (argila corrigida com areias, palha ou esterco de vaca, para prevenir grandes retrações por ocasião da perda de água)¹⁴³.

Conforme a possibilidade, preferencialmente, eram utilizados pisos de pedra ou adobe para vedar as bases das paredes.

A técnica da taipa de pau-a-pique utilizada para as habitações rurais, espanholas e portuguesas no século XIX, chamou a atenção de viajantes e militares. Jonh Luccok, comerciante inglês, em 1808, ao chegar à casa de um espanhol, próximo a Rio Grande, descreve-a como típica habitação dos estancieiros de condição inferior. Igualmente da maioria da população. A casa

era feita de um arcabouço de madeira, a que se preenchiam barrotes por meio de cavilhas ou vergôntes, de uma planta aqui chamado de cipó (entre as cavilhas entremecem-se outros cipós, sendo os vazios tomados com argamassa de bom traço, posta de sopapo e alisada só com a mão. As paredes ficam ásperas, mas em geral tornadas de melhor aparência pela caição que se lhes aplica. O teto é feito de um capim longo e grosso, o piso de terra batida [...]. A cozinha, de qualidade inferior à do restante do edifício, era ali pegada à casa; por vezes colocaram-na a certa distancia¹⁴⁴.

Posteriormente, em 1816, Francisco Paula D' Azeredo, comandante do exército português, ao marchar do Mampituba ao forte de São Miguel, destacou que:

'as casas neste país são em geral feitas de madeira e estão entrelaçadas sem pregos nem ferro de qualidade alguma: em vez disso atam as diferentes peças das casas com cordas de boi, e depois enchem tudo com barro, e sobre este lançam bosta daquele animal: o telhado é coberto de

¹⁴³ Ibidem.

¹⁴⁴ LUCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil, Itatiaia/USP.** São Paulo, 1975, p. 131, apud OGNIBENI, 1998, p. 146.

junco sobre armação que também não é pregada, mas só atada como dito fica. As portas são de coucinho e fechada com taramelas. Dão as casas os nomes de ranchos ou palhoças¹⁴⁵.

Interessante constatar que, próximo de Goa, a portuguesa, em 1639 “[...] Untam as suas casas de excremento de vaca porque julgam que assim expulsam as pulgas”¹⁴⁶.

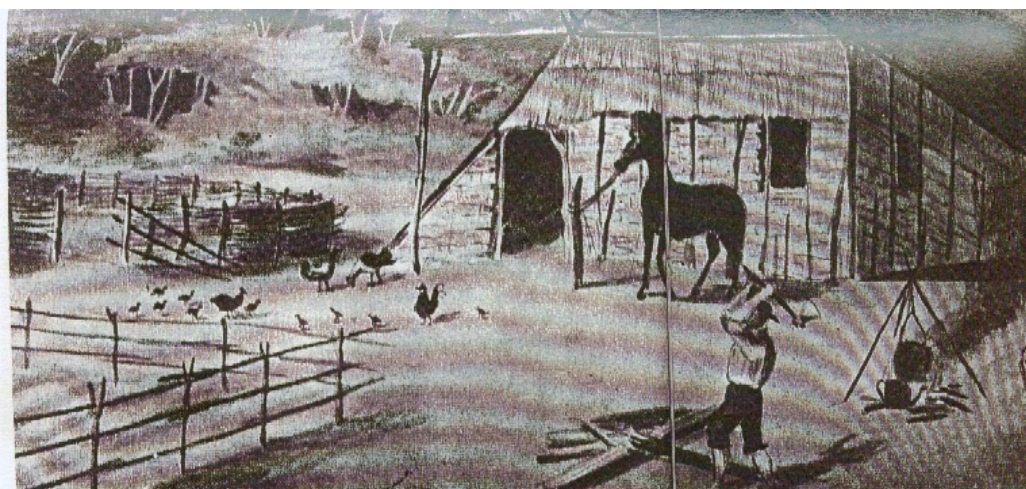


Figura 41: Habitação rural no RS (1851)

Fonte: WENDROTH (1851) apud OGNIBENI, 1998, p. 197.

¹⁴⁵ D' AZEREDO, Francisco de Paula. Em trânsito pelo Rio Grande do Sul (Notas de Viagem). Província do Rio Grande de São Pedro. Porto Alegre, 1957, v. 21, apud OGNIBENI, 1998, p. 147.

¹⁴⁶ BRAUDEL, Fernand. **Civilização material e capitalismo**. Lisboa: Cosmos, 1970, p. 217.

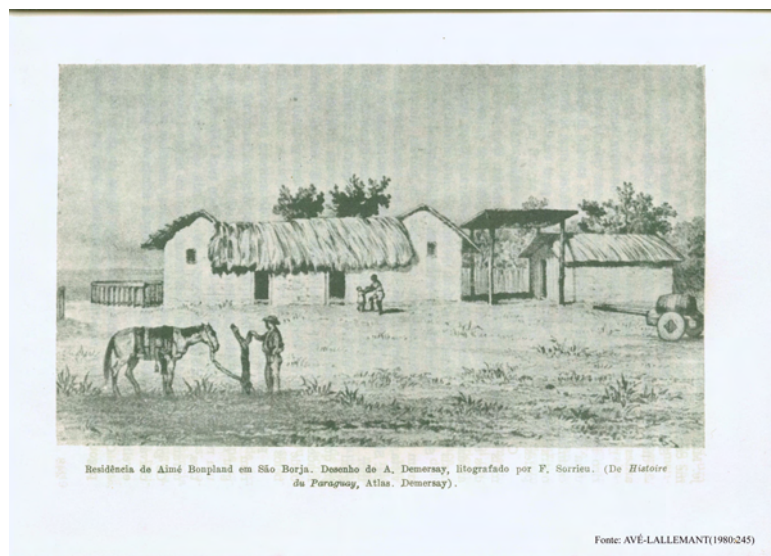


Figura 42: Habitação rural em São Borja
 Fonte: AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 247.

Nota-se que as habitações platinas vão seguindo um mesmo padrão tecnológico, entre os séculos XVI e XIX, pelo menos nas áreas periféricas das cidades que foram se desenvolvendo. Também foram utilizados nos prédios internos das fortificações.

Em relação à cobertura dos assentamentos militares platinos, urbanos e rurais, inicialmente, eram cobertos por palhas e couros e, quando a situação permitiu, com telhas. Segundo Sepp, somente no ano de 1686, os padres em Buenos Aires teriam descoberto a maneira de queimar tijolos e telhas¹⁴⁷. Porém, pesquisas arqueológicas realizadas por Schavelzon (1991) constatam que telhas e tijolos começam a ser utilizadas a partir do século XVIII em Buenos Aires, propagando-se lentamente por toda a região.

¹⁴⁷ SEPP, Antonio. **Viagens às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos**. São Paulo: Itatiaia, 1980, p. 68.

Astigarraga (1997) destacou que, nas pesquisas arqueológicas realizadas na área rural de Colônia do Sacramento, a presença de telhas foi muito pequena. O que levou à constatação de que esse material era reaproveitado. Somente ficando “in situ” as fragmentadas¹⁴⁸. Pois, em 1697 já havia esse tipo de artefato em Colônia. Como destacou Naper, nesse ano, descrevera que as residências oferecidas aos frades eram de madeira e tijolos cobertas de telhas. Localizadas em uma quinta não muito distante da Fortaleza¹⁴⁹.

Entretanto, a taipa foi à técnica predominante nas edificações, as quais eram cobertas de palha ou couro, e tinham piso de terra, adobe ou pedras.

Por outro lado, na banda oriental do Uruguai os estabelecimentos fortificados, geralmente, no final do século XVIII, foram construídos com pedras. Distintos, assim, das demais obras periféricas. Embora não fossem essas as técnicas mais recomendadas pelos tratadistas, como já foi mencionado anteriormente. Apesar disso, a imponência de Santa Teresa, com certeza, causou grande impacto a Portugal. Mesmo que, nas questões táticas de guerra, nunca tenha sido eficaz.

As fortificações de Santa Teresa e São Miguel construídas e restauradas pela Espanha, foram edificadas em *pedra lavrada* e *pedra seca (opus insertum)*, respectivamente. Essa técnica de construção é realizada com pedras apenas desbastadas em suas variadas formas, cuja fixação das estruturas é realizada com as próprias lascas. Arredondo (1955, p. 389) destaca que na região são encontradas

¹⁴⁸ ASTIGARRAGA, Antonio Lezama. “Proyecto Arqueología Histórica de salvamento en el entorno rural de Colonia de Sacramento”. **IX Congreso de Arqueología (1997)**. Montevideu: Gráficos del Sur, 2001.

¹⁴⁹ Documento: de Francisco Naper, Governador de Sacramento (1697). In: RÖWER, Basílio. Páginas da História Franciscana no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1957, p. 471, apud POSSANAI, Paulo Cesar. **O cotidiano da guerra: A vida na colônia de Sacramento (1715-1735)**. São Paulo: USP, 2002. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002, p. 245.

diversas pedras roladas e, conseqüentemente, foram utilizadas “in natura” nas fortificações. Veja, também, o exemplo da guarda de Santo Antonio (Uruguai), e sua construção com blocos de pedras.



Figura 43: Remanescentes da guarda de Santo Antonio (Uruguai)¹⁵⁰

Fonte: SEIJO, 1931, p. 163.

Além dessas, a muralha da Colônia de Sacramento foi construída com pedras de distintos tamanhos, mas assentadas com argamassa de cal, proveniente de conchíferos da região. A essa técnica, os espanhóis denominam de “mamposteria”¹⁵¹.

Deve ser considerado que as construções em pedras requeriam uma mão de obra mais especializada do que as de taipa. Pelo menos em relação aos grandes sistemas fortificados. Além disso, o trabalho era mais lento e, conseqüentemente, levava muitos anos para a sua conclusão. Esses relatos podem ser constatados nos

¹⁵⁰ SEIJO, Carlos. “La Guardia de San Antonio”. **Revista de la Sociedad Amigos de la Arqueologia**, Montevideú, 1931.

¹⁵¹ CAPURRO, Fernando. “La Colonia del Sacramento”. **Revista de la Sociedad Amigos de La Arqueologia**, Montevideo, 1928.

relatórios de diversos engenheiros, na região do Prata. Diante de tais circunstâncias, as Coroas Ibéricas estavam atentas para as regiões que deveriam, ou teriam condições de utilizar esse tipo de edificação.

Em outros casos, encontraremos materiais variados já no final do século XVIII, nas construções de assentamentos fortificados, segundo as possibilidades locais. Como pedras, tijolos, terra, adobe, areia, madeiras, cal, vegetais e couro. É o que tem sido revelado nas pesquisas arqueológicas e históricas, no Brasil, Argentina e Uruguai.

3.4.1 Fortificações pré-fabricadas e reutilização de materiais

A falta de matéria-prima, nas novas regiões conquistadas, fez com que Portugal e Espanha adotassem estratégias de abastecimento. Assim, muitas vezes, para os novos assentamentos eram transportados, materiais para as edificações, em especial, madeira e cal. Também, foi adotada a estratégia da construção de fortificações em madeira. Fato esse que se justifica considerando-se que nos recuos e avanços das fronteiras ibéricas as madeiras poderiam ser facilmente transportadas.

Portugal, no século XVI, diante da necessidade de domínio e ocupação de territórios, na Ásia e África, adotou uma experiência inovadora: a arquitetura de

madeira pré-fabricada¹⁵². Essa era destinada a cumprir objetivos específicos de poder e glória - quando associada a festas régias. Mas, também, com objetivos estratégicos de ocupação rápida de terras quando ligada a empresas militares. Assim, a arquitetura de madeira pré-fabricada, naquele período, se caracterizou por um lado pelas construções de paços de madeira e, por outro pelas fortalezas ou castelos.

Sua originalidade, de construção militar, e transporte, além mar, foram utilizados, inicialmente, por D. João II. Sendo que, durante o reinado de D. Manuel, essa estratégia militar foi intensificada. Sendo que o historiador Paul Évin a considerou extremamente original na época em que foi utilizada. Denominando essa estratégia como 'ocupação relâmpago'¹⁵³.

O estudo desse tipo de ocupação tem demonstrado que “[...] foi uma estratégia militar muito bem concebida o que permitiu aos portugueses um domínio efetivo de longas zonas da costa africana e de pontos estratégicos das rotas comerciais do Oriente”¹⁵⁴.

Em alguns casos, essas fortificações de madeira eram usadas como suporte para iniciar o processo de construção de outras mais duradouras, em pedra e cal. Sendo aquelas, posteriormente, transportadas para outros locais.

A ocupação rápida dos territórios pelos portugueses, mediante materiais pré-fabricados, criou lendas a seu respeito. Entre os moradores de Aguz, por exemplo, corria uma lenda na qual os portugueses teriam sido ajudados pelos anjos para

¹⁵² SILVA, José Custódio V. *Arquitetura de Madeira na Expansão Portuguesa*. In: **Arquitetura militar na expansão portuguesa**. Porto: Infante, 1994.

¹⁵³ ÉVIN, Paul A. *L'Architecture Portugaise au Maroc et le style manuélín*. Lisboa: Institut Français au Portugal, 1942, apud SILVA, 1994, p. 33.

¹⁵⁴ SILVA, José Custódio V. *Arquitetura de Madeira na Expansão Portuguesa*. In: **Arquitetura militar na expansão portuguesa**. Porto: Infante, 1994, p. 27.

construir uma fortaleza. Tendo em vista que, aquela, fora erguida numa só noite, entre o pôr-do-sol e o surgir da manhã¹⁵⁵.

Em outros casos, Portugal também construiu fortificações com madeira da própria região, para uma rápida ocupação.

Quanto ao formato e a organização desses estabelecimentos de madeira, Silva (1994) destaca que são pouco conhecidos. No entanto, dois exploradores quinhentistas elucidaram, até certo ponto, as estratégias dessa construção.

Francisco de Albuquerque (1503), objetivando defender os interesses portugueses e o rei de Cochim das investidas do rei de Calicute, descreveu a construção de uma feitoria-castelo. Naquela ocasião Albuquerque relatou que

O castelo desenhava um quadrado com 9 braços de largo (cerca de 15cm), sendo os muros constituídos por duas fiadas paralelas de troncos de árvores cravados no solo e ligados entre si com percintas de ferro fixada com pregos fortes. Os espaços entre os muros, de cerca de dois metros, foi entulhado com terra e areia, tornando-o mais resistente. Em cada canto do castelo construíram-se dois baluartes, todos bem artilhados [...]¹⁵⁶.

Sendo o sistema defensivo complementado com um fosso de água a sua volta.

Ao chegar, no local, posteriormente, Afonso Albuquerque destacou que '[...] a fortaleza por ser de madeira era tão forte e fermosa, como podia ser outra de pedra e cal'.

Silva (1992) conclui que essas construções tratavam-se da ampliação de outras estruturas de madeira mais simples - as tranqueiras, que eram de uso antigo nas guerras, sobretudo para proteger os arraiais das forças atacantes.

¹⁵⁵ SILVA, 1994, p. 30.

¹⁵⁶ SILVA, José Custódio V. Arquitetura de Madeira na Expansão Portuguesa. In: **Arquitetura militar na expansão portuguesa**. Porto: Infante, 1994, p. 32.

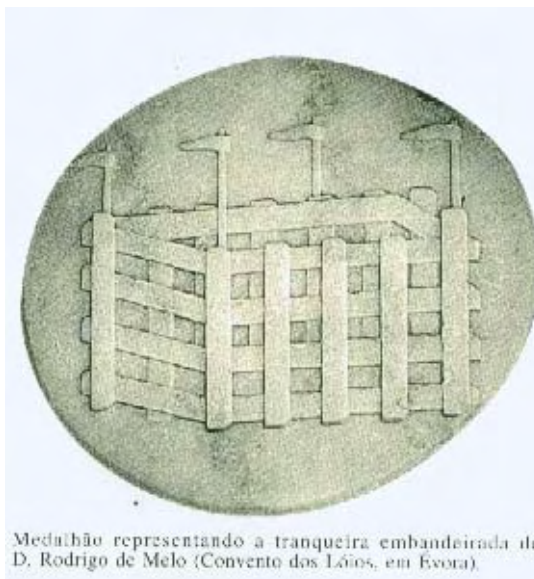


Figura 44: Medalhão representando a tranqueira embandeirada de D. Rodrigo de Melo (Convento de Lóios, em Évora)

Fonte: SILVA, 1994, p. 33.

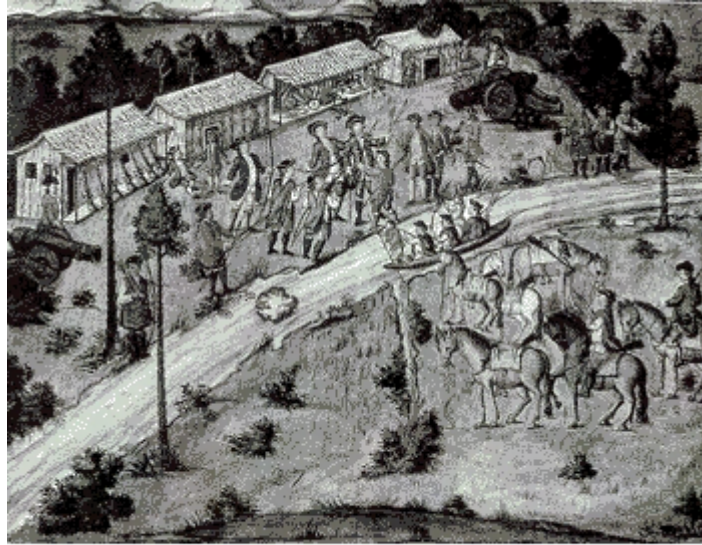
Na América Ibérica, em especial na região do Rio da Prata, também, a madeira foi utilizada em acampamentos militares provisórios.



Figura 45: Acampamento e enchente, no passo de São Lourenço, no rio Jacuí¹⁵⁷.

Fonte: BENTO, 1977, p. 46.

¹⁵⁷ Reprodução de umas das quatro plantas, de autoria do Cel. Ângelo Miguel Blasco em 1754. As plantas originais fazem parte do acervo da Mapoteca do centro de documentação do exército brasileiro (C. Doc. EX.).



Joaquim José de Miranda, *Conflitos no Sul*, 1768 - 1773, século XVIII

Figura 45a: Acampamento de madeira no sul da América Ibérica

Fonte: História do Brasil Colônia <<http://www.multirio.rj.gov.com.br>>, 20 fev. 2006.

As fortificações de madeira transportáveis devem ter sido comumente utilizadas por Espanha e Portugal, em estabelecimentos provisórios e/ou passageiros. Principalmente, em regiões cujo avanço e o recuo de fronteiras eram comuns. Acampamentos montados para vigiar fronteiras ou cobrar impostos, denominados de *guardas*, também faziam uso dessa técnica.

Em se tratando da Espanha, a qual dispendeu alto custo em fortificações de pedra - que logo se tornaram obsoletas, passou a utilizar a técnica da madeira transportável. Isso devido às guerras com os indígenas, quando as fronteiras se deslocavam por vários quilômetros, tornando os acampamentos passageiros¹⁵⁸.

¹⁵⁸ Como exemplo temos as fortificações de Castiello de San Agustín (Araceta) e San Idelfonso (Paraguai). GUTIÉRREZ; ESTERAS, 1991, p. 140.

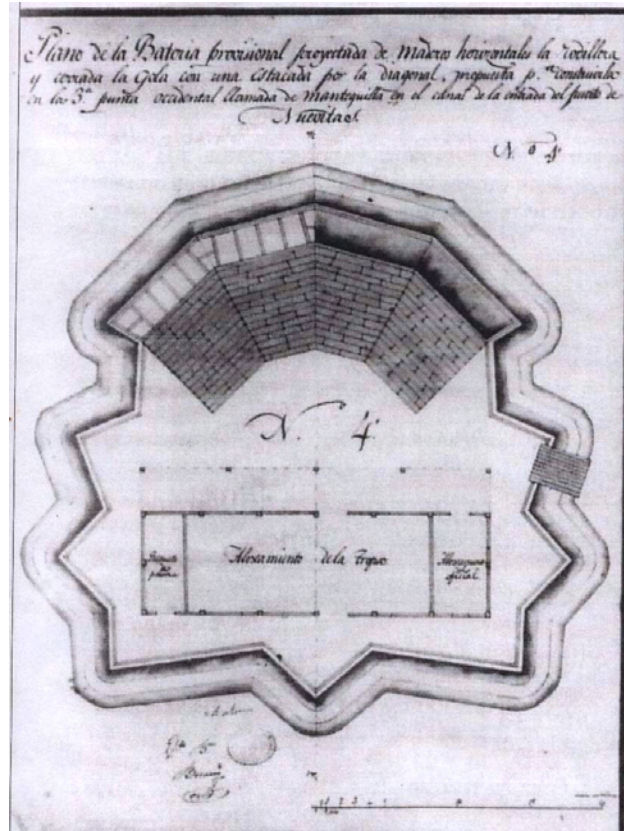


Figura 46: Bateria provisória de madeira. Nuevitas (Cuba)

Legenda: “Plano de la Bateria provisoria proyectada de maderas horizontales la rodillera y cerrada la gda con una estacada por la diagonal, propuesta p. construirla en la 3ª punta occidental llamada de Mantequilla en el canal de la entrada del puerto de Trinidad”.

Fonte: GUTIÉRREZ; ESTERAS, 1993, p. 107.

Em relação a habitações transportáveis, Braudel acrescenta que, em *Moscovo*, eram construídas casas, de madeira pré-fabricadas. Desse modo, “[...] podem ser montadas em algumas horas, ou deslocadas para onde o desejar o comprador”¹⁵⁹.

Além da madeira, devemos considerar os acampamentos de couro, protegidos com paliçadas e/ou trincheiras, também alternativos para os assentamentos provisórios.

¹⁵⁹ BRAUDEL, 1970, p. 219.



Figura 47: Acampamento em couro

Fonte: História Ilustrada do Rio Grande do Sul.

Em 1820, Saint-Hilaire (1987, p. 115) relatou que, no arroio Chui, havia uma guarda espanhola à margem direita. Quando o General Leccor se apoderou de Montevideú teria o Tenente-General Manuel Marques de Souza ficado naquela margem por mais de um ano. Estava acompanhado de aproximadamente quinhentos homens. Posteriormente, autor citado acrescenta que, essas tropas foram transferidas para Santa Teresa, e naquela ocasião fora transportado todo o material das barracas que, havia sido construído no Chuí¹⁶⁰.

Contudo, a escassez ou a falta de matéria-prima para as edificações, assim como para uma ocupação relâmpago e, às vezes provisória, fez com que muitos materiais construtivos fossem transportados e comercializados. Entretanto, as Coroas Ibéricas, nos estabelecimentos permanentes, estimulavam a fabricação local de cal e cerâmica, além da busca de pedreiras, e de operários para a construção.

¹⁶⁰ SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem ao Rio Grande do Sul (1779-1859)**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987, p 115-6.

Outra alternativa utilizada para a construção de fortificações foi à reutilização da matéria-prima de assentamentos militares conquistados. Como por exemplo, em 1777, o Marechal Bonh, ao conquistar Rio Grande manda reconstruir algumas fortificações espanholas. Para tanto ordena que seja utilizado materiais provenientes da demolição de outros estabelecimentos¹⁶¹. Como foi o caso do forte de São José¹⁶². Devido a isso, muitas fortificações eram destruídas, antes ou após serem conquistadas, para evitar sua reocupação ou reutilização da matéria-prima. Veja-se o caso de Santa Tecla e de São José, entre outras.

Cabe destacar que ocupações em assentamentos fortificados, transporte, e reutilização de matéria-prima foram alternativas empregadas por diferentes povos, tanto no Oriente como no Ocidente desde a antiguidade.

Em relação aos executores, sabe-se que nas expedições européias desde o século XVI era recomendado que não embarcassem sem a presença de homens que soubessem o ofício da construção. Tarefa, necessária, mas difícil de ser alcançada nas colônias ibéricas, considerando que a mão-de-obra que aqui chegava, era escassa. Por esse motivo o maior número de trabalhadores eram indígenas, os quais foram indispensáveis para a execução e a manutenção dos assentamentos fortificados na América colonial.

Alguns modelos de técnicas utilizadas em estabelecimentos fortificados¹⁶³:

¹⁶¹ MONTEIRO, J.C.R. Fortificações do canal e cidade do Rio Grande (1777). **Anais do II Congresso de História e Geografia Sul Rio-Grandense**. Porto Alegre: Globo, 1937c., v. II, p. 253.

¹⁶² Reconstruído sob a orientação do Marechal e Engenheiro Jaques Diogo Funck.

¹⁶³ Figuras extraídas da Enciclopédia LELLO.

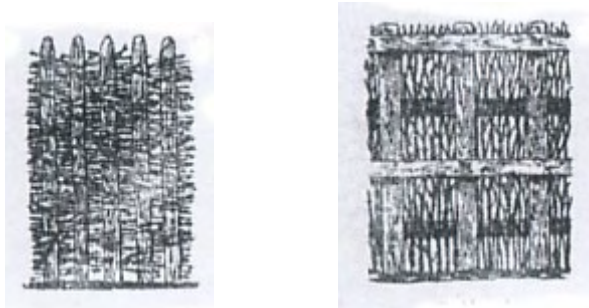


Figura 48: Paliçada ou Estacada de ramos

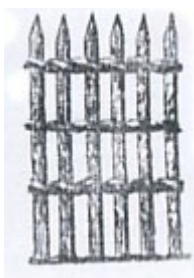


Figura 48a: Paliçada de estacas



Figura 49: Tipo de faxina

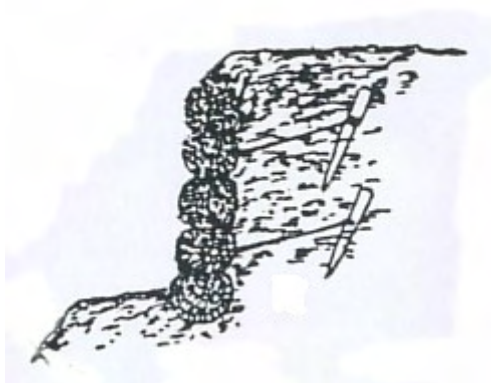


Figura 49a: Revestimento de faxina

4 OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS HISTÓRICOS

4.1 A FUNDAÇÃO DO RIO GRANDE DE SÃO PEDRO E SUAS FORTIFICAÇÕES

O interesse da Coroa portuguesa em expandir e fixar seus limites territoriais até o Rio da Prata foi concretizado, em 1680, com a fundação da Colônia de Sacramento.

Diante dos constantes ataques espanhóis a essa fortaleza, nos primeiros anos do século XVIII, surgiram indicações ao Rei português para que fosse fundado mais um povoado - no sul, para barrar o avanço espanhol e dar apoio a Sacramento¹⁶⁴.

Inicialmente, tentaram estabelecer-se em Montevideu (1723), mas os espanhóis logo dominaram o local.

¹⁶⁴ Segundo, CESAR, G. (1969, p. 76), desde o ano de 1721, já havia a intenção de fundar Rio Grande. Tal fato é destacado por PLAZZA (1988, p. 109) o qual diz que a fundação de Rio Grande já era preconizada pelo Pe. Diogo Soares, um dos "Padres Matemáticos", que insistia, junto ao governo do Rio de Janeiro sobre a conveniência da fundação de uma colônia, nesse local.

Em 1736, o Conselho Ultramarino seguiu a opinião de Silva Paes e determinou que fosse fundada a “*Colônia do Rio Grande de São Pedro, na margem Austral desse rio*”¹⁶⁵. Sendo, naquele ano, no mês de agosto, oficializada por provisão eclesiástica a criação da freguesia. Contrariando a opinião de Gomes Freire de Andrada que relutava em instalar um presídio no local¹⁶⁶. Considerando a ilha de Santa Catarina como um melhor local para esse empreendimento.

Silva Paes partiu de Lisboa em março de 1736. Tinha a missão de expulsar os espanhóis de Montevideú e garantir a posse da Colônia de Sacramento. Além do que, fora instruído para fundar um povoado no extremo sul da Laguna dos Patos. Tal fato pode ser constatado nas instruções contidas na Carta Régia de 1736 sobre algumas das incumbências que deveriam ser prestadas pelo Brigadeiro José da Silva Paes:

‘... a necessidade que há de povoarem-se sem dilatação as ditas campanhas, levando na margem do mesmo rio (Rio de São Pedro), da parte sul, uma fortaleza que sirva de defesa ao porto e de amparo aos povoadores que quiserem estabelecer-se naquele sítio, para o que se oferecem presentemente muitas pessoas do Rio de Janeiro [...]’¹⁶⁷.

¹⁶⁵ Documento do Conselho Ultramarino. Biblioteca Nacional, apud FORTES, João Borges. Fundação do Rio Grande. **Anais do II Congresso de história e Geografia Sul Rio-Grandense**. Porto Alegre: Globo, 1937b, p. 204.

¹⁶⁶ Presídio: local onde se preside ou governa; termo que designava uma praça militar, fortificada e geralmente um local em que se formaria um centro de povoamento regular. PORTO, Aurélio. **História das missões orientais do Uruguai**. Porto Alegre: Selbach, 1954.

¹⁶⁷ BARRETO, Abeilard. A Expedição de Silva Paes e o Rio Grande de São Pedro, apud PIAZZA, Walter. **O Brigadeiro José da Silva Paes-Estruturador do Brasil Meridional**. UFSC, Florianópolis, 1988, p. 99.

A fundação do Rio Grande de São Pedro representava para o domínio português, no sul do Brasil, o que representara Montevideu para o domínio espanhol na margem setentrional do Prata¹⁶⁸.

Para auxiliar Silva Paes, foi nomeado André Ribeiro Coutinho como seu subalterno, além do tropeiro Cristóvão Pereira de Abreu - grande conhecedor da região - para compor a expedição de auxílio por terra.

Paes, ao encontrar-se com Cristóvão Pereira, em Santa Catarina, determinou que esse, juntamente com sua tropa, fosse por terra e preparasse o território para estabelecer o presídio. Deveriam, também, vigiar o local de possíveis inimigos, reunir gado para as tropas, assim como orientar Silva Paes, na travessia do Canal, quando o mesmo retornasse de Sacramento¹⁶⁹.

Naquela ocasião, segundo Spalding (1969) Paes teria fornecido a Cristóvão Pereira de Abreu a planta do forte de Jesus Maria-José e instruído que montasse guardas em locais estratégicos¹⁷⁰. Antes que Pereira partisse, ainda fora instruído a rumar até o povoado de Laguna com o objetivo de recrutar o maior número de recursos humanos e materiais e, após, prosseguir para a foz do Rio Grande. Em Laguna, naquele período, somente teriam permanecido os mais velhos. Os quais foram instruídos por Abreu, a fabricarem farinha de peixe¹⁷¹.

Cristóvão Pereira seguiu as instruções de Silva Paes ao chegar a Rio Grande em 1736. Portanto, iniciou a construção de estabelecimentos para o povoado, além

¹⁶⁸ PLANELLA, João José. **Aspectos da Defesa do Brasil na primeira metade do século XVIII**. Dissertação de Livre Docência, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1976.

¹⁶⁹ CESAR, Guilhermino. **História do Rio Grande do Sul: Período Colonial**. Porto Alegre, 1970, p. 106.

¹⁷⁰ SPALDING, (1969) apud PIAZZA, 1988, p. 109.

¹⁷¹ PIAZZA, 1988, p. 109.

de ter fortificado locais considerados importante para a defesa da região. Assim, Abreu

[...] mandou fazer um fortim quadrangular, montada nos ângulos com quatro peças de pequeno calibre, certamente pedreiros. [...] estendeu seu domínio ao arroio, distante duas léguas, onde montou uma guarda de um tenente e 12 praças e postou outra muito mais ao sul nas margens do arroio S. Miguel, composta de 60 homens, com um capitão, por comandante. Eram pontos de alto valor estratégico, mais tarde confirmados por Silva Paes¹⁷².

Segundo Planella (1976:306), o fortim construído tratava-se de uma trincheira.

No dia 19 de fevereiro de 1737, Silva Paes, transpondo a barra do Rio Grande, chegou ao encontro de Pereira de Abreu. Foi recebido por estancieiros e tropeiros de Laguna e da região de Viamão.

A cena do desembarque e do encontro daqueles dois chefes, embora não tenha sido narrado pelos protagonistas, possui um valor simbólico. Na ocasião houve

[...] de um lado a evocação sertanista, na figura de Cristóvão e do outro lado a sanção do empreendimento, que muito tardava, de plantar no Rio Grande de São Pedro um poderoso núcleo de fixação e expansão da cultura portuguesa¹⁷³.

¹⁷² PIAZZA, 1988, p. 110.

¹⁷³ PLANELLA, 1976, p. 305.



Figura 50: Representação da recepção de Cristóvão de Abreu a Silva Paes
Fonte: BENTO, 1994.

Estava sendo então fundada, oficialmente, a base militar denominada de Presídio Jesus Maria José, na margem do Rio Grande de São Pedro¹⁷⁴.

Quanto à localização do forte, Weiner (1991) destaca que Cristóvão de Abreu não possuía conhecimentos militares para a construção de uma fortificação¹⁷⁵. Assim, “[...] cometeu um erro estratégico implantando-a no lado Sul do Canal, em local mais vulnerável aos ataques castelhanos”¹⁷⁶. O que não condiz com a afirmação de Piazza (1988), o qual afirma que Pereira de Abreu “Atravessara o canal e postara-se em um ponto previamente fixado por Silva Paes, na margem Sul do Rio Grande (canal) [...]”.

¹⁷⁴ Como era denominado o canal que deságua no oceano Atlântico as águas da Lagoa dos Patos, e de seus tributários.

¹⁷⁵ WEINER, Günter. Arquitetura de defesa. In: **A arquitetura**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1991, p. 30.

¹⁷⁶ O que discorda FORTES (1937b, p. 203), pois segundo esse, o próprio Conselho Ultramarino, juntamente com Paes, já teria pré-estabelecido o local.

Além do que, Paes, ao encontrar-se com Pereira de Abreu, irá fortificar todos os pontos instalados anteriormente por ele. Devido a isso, nos parece verossímil a hipótese de que Silva Paes tenha determinado conjuntamente com Abreu, os locais que deveriam ser fortificados.

Quanto à construção do forte Jesus Maria José, também há divergência entre os autores pesquisados. Teria sido a primeira construção realizada por Abreu e aperfeiçoada por Silva Paes? Ou esse teria iniciado uma nova construção?

De acordo com Monteiro (1937), após liberar a barra, Paes dedicou-se à construção do forte Jesus Maria José defendendo o porto. A meia légua desse, mandou construir a fortificação de Santa Ana do Estreito, cuja finalidade era a de proteger o presídio pela retaguarda. Além desse, os redutos do Taim, do Arroio e do forte de São Miguel¹⁷⁷.

Por outro lado, o mesmo autor citado, refere-se que Paes, ao chegar, em 1737, empregou melhorias no forte¹⁷⁸. Assim nos parece provável que Pereira tenha levantado um fortim, como já foi destacado anteriormente, e que Paes determinou uma nova construção daquela fortificação. Porém, no mesmo local. A planta que apresentamos a seguir deve ser referente às mudanças realizadas, posteriormente, por Silva Paes.

¹⁷⁷ MONTEIRO, J. C. Rego. **Fortificações do Canal e Cidade do Rio Grande**. Globo: Porto Alegre, 1937c, p. 243.

¹⁷⁸ MONTEIRO, 1937c, p. 258.

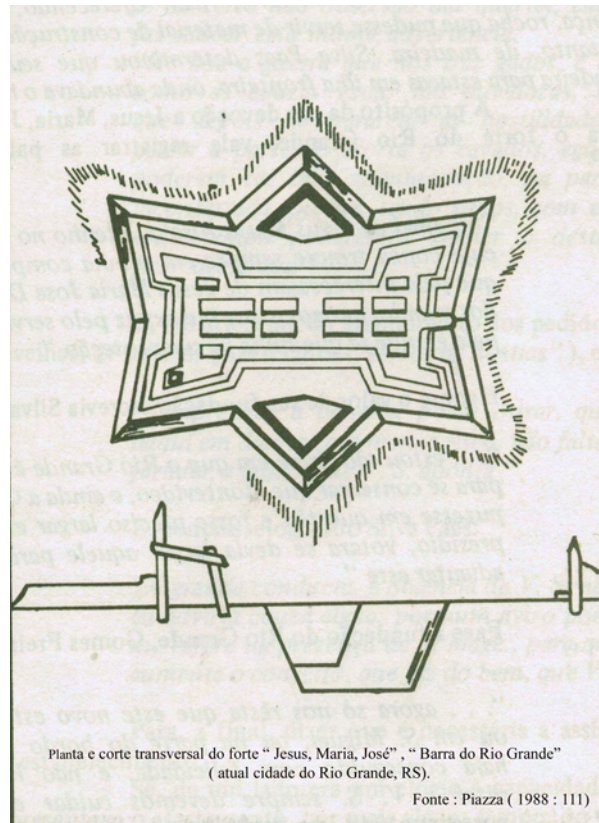


Figura 51: Planta 1 - Forte Jesus Maria José
Fonte: PIAZZA, 1988, p. 111.

Para a construção do forte Silva Paes determinou que fossem utilizadas madeiras, 'pois o terreno era arenoso e instável, não oferecendo, em toda a circunvizinhança, rocha que pudesse servir de material de construção'¹⁷⁹. Assim, determinou que fossem buscar madeira para estacadas na ilha dos Marinheiros, onde abundava esse material. Essa ilha, cercada pela Laguna dos Patos, foi povoada quase ao mesmo tempo do povoado do Rio Grande de São Pedro.

O forte de Jesus Maria José provavelmente foi construído de taipa. Embora na bibliografia geral conste, como Fortes (1937) o designou, de um grande reduto de

¹⁷⁹ PIAZZA, 1988, p. 112.

quatro baluartes, de estacaria e trincheira¹⁸⁰. Cercado por um fosso, havendo no interior uma capela, depósitos e quartéis.

Sobre a fortificação de Santa Ana do Estreito, Silva Paes teria mandado construir uma linha fortificada, de estacaria, da Mangueira à Lagoa dos Patos, com seu respectivo fosso¹⁸¹.

Entretanto, quanto às fortificações, construídas em 1737, e a matéria-prima utilizada, Fortes (1937) destacou que

[...] o Brigadeiro declara se conservarão as fortalezas que são três, e duas tranqueiras, sendo construídas de cal e ladrilho na forma que é feita a de Buenos Ayres, porém aquella é uma só e em quadrado, e as nossas três e duas tranqueiras em parte tão distante [...]¹⁸².

Nesse período, também mandou erguer duas igrejas uma no porto e a outra no Estreito¹⁸³.

Silva Paes, estrategista, deu prosseguimento ao povoamento do Rio Grande de São Pedro dando apoio à agricultura, à pecuária e ao domínio territorial. Assim, mandou trazer colonos para a região, aos quais foram distribuídas terras para o início da agricultura. Além disso, iniciou a distribuição de sesmarias - como ponto de apoio à pecuária. Considerando também que os imigrantes serviriam como soldados nas batalhas travadas na região.

Relativo ao abastecimento da população de Rio Grande – da alimentação aos artefatos - foram criados pontos de base para a instalação de gado, cavalos e

¹⁸⁰ FORTES, Borges. **Fundação do Rio Grande**. Porto Alegre: Globo, 1937b, p. 206.

¹⁸¹ FORTES, 1937b, p. 260.

¹⁸² Carta de Gomes Freire ao Conde Vice-rei das Galveas em 8/9/1737, apud FORTES, 1937b, p. 210.

¹⁸³ FORTES, 1937b, p. 222.

vacum. Um deles foi a Estância Real de Bojuru (Bogeru), e outro, a Tarirotuma (Torirostama). Referindo-se a essa estância Paes relatou que da sua produção seriam sustentadas as guarnições de São Miguel, da guarda do Chuí e do Taim¹⁸⁴. Assim, pode-se inferir que a finalidade principal das Estâncias Reais criadas por Paes foi a de fornecer o abastecimento das guarnições e da população que foi se instalando na região. No entanto, muitas vezes, essa função era desviada em prol de seus administradores. Foi o que ocorreu na Estância Bojuru. Paes havia nomeado para sua administração Cosme da Silveira e Ávila. O qual teria fabricado os primeiros queijos da região, além de ter iniciado com sucesso a cultura do trigo, segundo Porto (1954, p. 152). Porém, Ribeiro Coutinho o acusou de estar desviando as éguas da estância e mandou prendê-lo. Paes, em carta (1738), apóia Coutinho, e Ávila parte para Viamão e, posteriormente, foi nomeado administrador da Estância Rincão del-Rei, no Rio Pardo¹⁸⁵.

Silva Pais, em dezembro de 1737, passou o governo para o mestre de campo André Ribeiro Coutinho, o qual ficou responsável pela defesa do território e das obras de fortificações Tendo sido nomeado governador de Santa Catarina¹⁸⁶.

Na fortificação de Santa Ana, em 1738, Coutinho observou a vantagem estratégica daquela linha de defesa para a povoação e decidiu aperfeiçoá-la. Assim, transformou-a de uma simples linha de estacas, “[...] para uma linha de tenalha,

¹⁸⁴ Correspondência de Silva Paes a Gomes Freire de Andrada datada de 20/7/1742. (A.H.U. Núcleo Rio de Janeiro – Documentação nº 11739), apud PIAZZA, 1988, p. 112.

¹⁸⁵ PORTO, Aurélio. **História das Missões Orientais do Uruguai**. Porto Alegre: Selbach, 1954, p. 152-3.

¹⁸⁶ O conde de Bobadela, General Gomes Freire, em 1737, ocupava o cargo de governador do Rio de Janeiro e interinamente da Capitania de São Paulo. Nesse período em carta a D. João V demonstrou a conveniência de haver um comando único a toda costa sul-brasileira até Sacramento. Como apoio logístico, sugeriu que a Ilha de Santa Catarina fosse fortificada. O rei, em Carta Régia de 1738, determinou que o ‘Brigadeiro José da Silva Pais passe logo a ilha de Santa Catarina e faça nela uma fortificação, a qual, a entender ser capaz para a sua defesa, procurando evitar nela tudo quanto lhe for possível a maior despesa’, apud CABRAL, Oswaldo R. **As defesas da ilha de Santa Catarina no Brasil-Colônia**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1972, p. 11.

composta de reduto, meios redutos e cortinas, com parapeitos e fôssos, a abrigar o pessoal e seus quartéis”. Surgindo, dessa forma “[...] uma linha de dois grandes baluartes, dois meio baluartes, dois redutos, três cortinas, e fosso, que rematava a linha em 80 braças e 3 meia braças de lago em seus extremos, cheias pelas águas da Mangueira e Lagoa”¹⁸⁷.

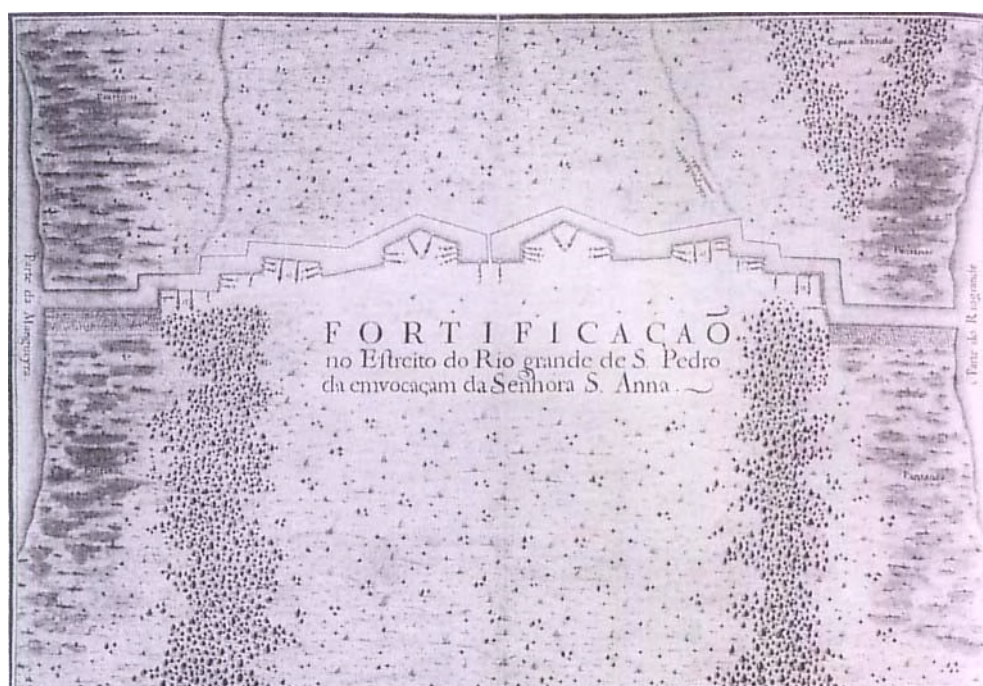


Figura 52: Planta 2 - Fortificação Santa Ana do Estreito¹⁸⁸

Fonte: GOLIN, 2002, p. 186.

¹⁸⁷ FORTES, 1937b, p. 260-1.

¹⁸⁸ O original dessa planta foi realizado pelo Engenheiro André Ribeiro Coutinho em Couro Pirografado.



Figura 53: Planta 2a - Fortificação Santa Ana do Estreito

Fonte: MONTEIRO, 1937c, p. 259.

Quanto aos estabelecimentos para a população, que aos poucos foi se estabelecendo no local, Coutinho, relatou que:

[...] fiz seus quartéis de 120 palmos em linha paralela ao parapeito e em frente das golas dos baluartes e redutos desde as águas do rio Grande até as da Mangueira: três quartéis [...] [para oficiais de infantaria] e dous para os da artilharia: uma pequena casa da pólvora e para commodo de muita gente [...] fiz um vedoria para o commissionario de madeira de 70 palmos: casa para o governo; outra para o coronel de Dragões, outra para o sargento-mor, fiz um corpo de guarda de 100 palmos, um armazém, um hospital e uma casa para o thesoureiro e officiaes de carpinteiros, cada uma de 10 palmos¹⁸⁹.

Nos seus muros, localizados entre a Lagoa dos Patos e o saco da mangueira, foram colocadas 44 peças de artilharia¹⁹⁰. Assim, essa linha fechava e protegia o acesso ao povoado que só poderia ser feito através de uma porta. O que foi

¹⁸⁹ Carta de André Ribeiro Coutinho, em 1738, para Gomes Freire, relatando os trabalhos prestados no Rio Grande, apud FORTES, 1937b, p. 214-213.

¹⁹⁰ FORTES, João Borges. Fundação do Rio Grande. In: **Anais do II Congresso de História e Geografia Sul Rio-Grandense**. Porto Alegre: Globo, 1937b, p. 208.

destacado por César (1970) quando se refere que um dos motivos do levante dos soldados, em 1742, teria sido

[...] a proibição baixada pelos oficiais da ida do estreito ao porto, isto é, do forte de Santa Ana, onde estavam aquartelados, à povoação; sendo fechados os portões às 8 horas da noite e passada revista à meia noite e tratados com brutalidade¹⁹¹.

Em 1738, Barros Guedes chegou ao Rio Grande de São Pedro com 120 soldados e alguns casais do Rio de Janeiro, que formariam a povoação em torno do presídio. Trouxe, também, diversos materiais necessários nas embarcações comboiadas pela galera Nossa Senhora da Glória¹⁹². Nesse período, também, chegaram casais de Sacramento e Laguna, além de indivíduos solteiros de ambos os sexos, para a povoação¹⁹³. Somando-se a esses cerca de 200 índios casados das aldeias Del-Rei transportados de São Paulo pelo capitão João Távora por ordem de Ribeiro Coutinho¹⁹⁴.

O comando do Rio Grande de São Pedro, em 1740, passou para Diogo Osório Cardoso, o qual permaneceu no cargo até o ano de 1752. Foi durante a sua administração que culminou a revolta dos soldados denominada como “o levante de Rio Grande” ocorrido em 1742. Tal evento foi considerado por Spalding (1937) como “A primeira revolução que se fez nesse continente”¹⁹⁵. O relato desse acontecimento nos permite visualizar a situação penosa que assolava o território riograndense, além de inferir que tal situação não deveria ser diferente das demais localidades periféricas.

¹⁹¹ CESAR, Guilhermino. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 1970, p. 120.

¹⁹² SPALDING, Valter. **A Revolta dos Dragões do Rio Grande**. Porto Alegre: Globo, 1937a, p. 145.

¹⁹³ FORTES, 1937b, p. 214-3.

¹⁹⁴ PORTO, 1954, p. 143.

¹⁹⁵ SPALDING, 1937a, p. 140.

Entre suas causas estava o atraso de 20 meses do soldo, três anos sem recebimento de fardas - encontrando-se muitos cobertos por trapos e com falta de alimentos. Conforme Porto (1954), nesse período eram fornecidas, apenas, uma espiga de milho por dia e uma abóbora por 15 dias. Devido a essa situação, além dos maus tratos por parte dos oficiais, alguns ameaçavam passar para o lado da Espanha.

Segundo o Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), no ano de 1743, havia 700 homens nas tropas do Rio Grande¹⁹⁶.

No ano de 1744 uma nau francesa- Duc de Chartres- naufragou na praia da “xarqueada”. Vinham a bordo, além de outros, 30 jesuítas de várias nacionalidades com destino às províncias do Paraguai e do Chile¹⁹⁷. Desses, morreram 24. Os sobreviventes foram guiados, a pé, até o presídio de São Pedro pelo Jesuíta alemão Melchor Strasser. O qual nos fornece interessantes informações sobre o Rio Grande¹⁹⁸. Entre outras, que ao chegarem no Porto foram bem recebidos pelo Comandante que os encaminhou para o Governador Diogo Osório Cardoso no Estreito. O qual, além de acomodá-los, fez com que chegasse a sua mesa

‘carne fresca e bom peixe’ todos os dias. Destacando que ‘Devemos essa boa acolhida, em parte á liberalidade de S.M. o Rei de Portugal e, [...] Ao governador [...] porque com bondosa solitudine [...] nos enchia [...] especialmente os missionários, com exquisitas gentilezas e dádivas sem olhar as ordens reais. Além de nos fornecer 500 pesos para despesas de viagem [...] Interpôs [...] junto ao Visitador Episcopal [...] afim que pudéssemos celebrar missa [...]. Sob severas penas eclesiásticas havia sido proibido, [...] pelo Bispo do Rio de Janeiro permitir a sacerdote algum estranho, religioso ou secular, a celebração do santo sacrifício em sua igreja, sem licença escrita do Bispo’.

¹⁹⁶ PLANELLA, 1976, p. 307.

¹⁹⁷ PORTO, 1954, p. 154-7.

¹⁹⁸ A carta do Padre Strasser é datada de Buenos Aires, 15-IX-1744. PORTO (1954) relatou que uma cópia, dessa carta lhe foi enviada pelo historiador uruguaio, Dr. Felipe Ferreiro, o qual a encontrou no Arquivo do Instituto Histórico do Uruguai.

Em relação aos batismos e referindo-se às capelas, Fortes (1937) acrescenta que, entre os anos de 1741 e 1743, essa cerimônia foi realizada na Igreja do Rosário do Hospício¹⁹⁹. De 1743 a 1755, na Matriz de Jesus Maria José, no Porto. Posteriormente, devido a sua destruição em consequência da explosão em um paiol de pólvora, tal ofício passou a ser realizado na Matriz de São Pedro²⁰⁰. Porém, conforme Queiroz (1987), no ano de 1749, foram batizados, na capela de Santa Ana, 54 minuanos²⁰¹. Nesse período, Francisco Gorriti destacou que 'no Rio Grande estão 80 famílias de índios Minuanos, dos que estavam nos campos de Montevideú [...]'²⁰².

Sobre a povoação de São Pedro Strasser (1744), relatou que:

'O sítio é saudável, a terra fecunda, e tudo cresce fácil e ligeiro, sem grande trabalho do lavrador. Encontrámos uvas maduras, melões e outros muitos frutos americanos que comemos todos os dias, sem perigo algum de contrair febre ou outra qualquer enfermidade. As casas são muito miseráveis, e piores que as das aldeias da Baviera, e quer o palácio do Senhor Governador, como a nossa capela, são todas cobertas unicamente de palha. Seus moradores nela não estão seguros, pois são quase "sepultados pela grande quantidade de areia que o vento acumula em derredor"²⁰³.

No ano de 1747, D João V, em Carta Régia, elevou a povoação do Rio Grande de São Pedro à categoria de Vila.

¹⁹⁹ Hospício - denominação, naquela época, do templo e residência dos frades. Localizada no Estreito.

²⁰⁰ FORTES, 1937b, p. 223.

²⁰¹ QUEIRÓZ, Maria Luiza B. A Vila do Rio Grande de São Pedro 1737-1822. Rio Grande: FURG, 1987, apud TORRES, Luiz H. Espionagem espanhola na vila do Rio Grande de São Pedro. In: **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre: PPGH: EDIPUCRS, 1995, p. 87.

²⁰² Relatório enviado por D. Francisco de Gorriti com respostas ao questionário referente ao Rio Grande De São Pedro. 17-IX-1749. In: CORTESÃO, Jaime. Tratado de Madri (1669-1749) - Manuscritos da coleção de Angelis. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, v. V, 1954, p. 457-459, apud TORRES, Luiz H. Espionagem espanhola na vila do Rio Grande de São Pedro. In: **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, PPGH, EDIPUCRS, 1995, p. 87.

²⁰³ STRASSER (1744) apud PORTO, 1954, p. 157.

Assinado o Tratado de Madri, entre Portugal e Espanha, no qual ficou estipulada a troca da Colônia de Sacramento pelos Sete Povos Missionários, iniciaram-se as demarcações dos territórios. Assim como a construção uma série de estabelecimentos, fortificados, nas fronteiras.

Gomes Freire de Andrada chegou a Rio Grande com a expedição responsável pela demarcação dos limites de terra com a Espanha. Nessa ocasião, Freire ordenou que a população do estreito fosse transferida para a zona do porto. Isso porque o avanço incontrollável das areias tornara o local inadequado para o estabelecimento da Vila.

Assim, a população, pouco a pouco, vai abandonando o Estreito. Em dezembro de 1751, por recomendação do Conselho Ultramarino, é feita à demarcação da praça e a criação do pelourinho na povoação do Porto²⁰⁴.

Para esse povoamento,

Gomes Freire recomendava que se fizessem as obras em alvenaria, para melhor segurança e para isso providencia mandando fornecer a cal da Ilha Grande, tijolos do Rio de Janeiro e recomendando que se procure explorar a existência de barro próprio para a cerâmica, e a possibilidade de fabricar cal²⁰⁵.

A povoação deveria ficar junto ao porto e ao abrigo da fortificação.

²⁰⁴ BARRETO, Abeilard. Tentativas Espanholas de Domínio do Sul do Brasil, 1741-1774. In: **História Naval Brasileira**, 2 v., Tomo II, p. 137-202, 1979, apud PERNIGOTTI, 1989.

²⁰⁵ FORTES, 1937b, p. 206.

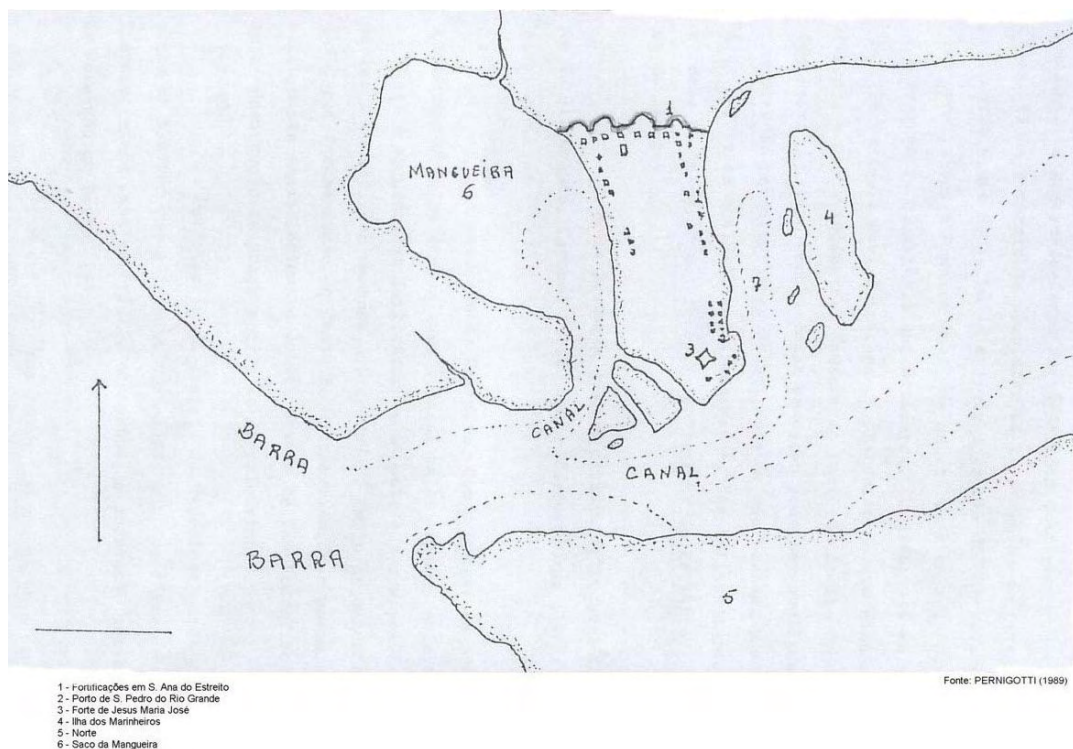


Figura 54: Planta 3 - Região de Rio Grande e dos assentamentos fortificados

Fonte: PERNIGOTTI, 1989.

Alguns anos depois, diante de diversos avanços e recuos territoriais, e de acordos diplomáticos, surgiu, no cenário platino, Pedro de Cevallos - Governador de Buenos Aires. Esse personagem estava decidido a fazer vigorar, novamente, a demarcação das terras pelo Tratado de Tordesilhas. Por volta de 1760, Cevallos iniciou as ameaças, advertindo Gomes Freire, por carta, de que as terras ao sul de Laguna deveriam ser devolvidas à Espanha.

Passados dois anos, sem obter resposta e aproveitando-se da guerra na Europa²⁰⁶, Cevallos domina Sacramento²⁰⁷ após 25 dias de bombardeio sem trégua. Posteriormente, marcha para a vila do Rio Grande. Porém, não antes de conquistar as

²⁰⁶ França e Espanha guerreavam contra a Inglaterra. Portugal se recusou a fechar os portos para a sua aliada e teve várias cidades invadidas.

²⁰⁷ Fazia 16 meses que Sacramento estava sitiada e resistia ao cerco.

fortificações portuguesas de Santa Teresa e de São Miguel. Assim, em 1763, os espanhóis chegaram e conquistaram a vila do Rio Grande. A situação era calamitosa. Eloy Madureira, seu governante, foi o primeiro a fugir abandonando o local e os habitantes à própria sorte. A população entrou em pânico, pois não havia embarcações suficientes para fugir. Somando-se a isso, o saque e a destruição aos estabelecimentos comerciais, às casas abandonadas, à igreja e aos armazéns reais²⁰⁸.

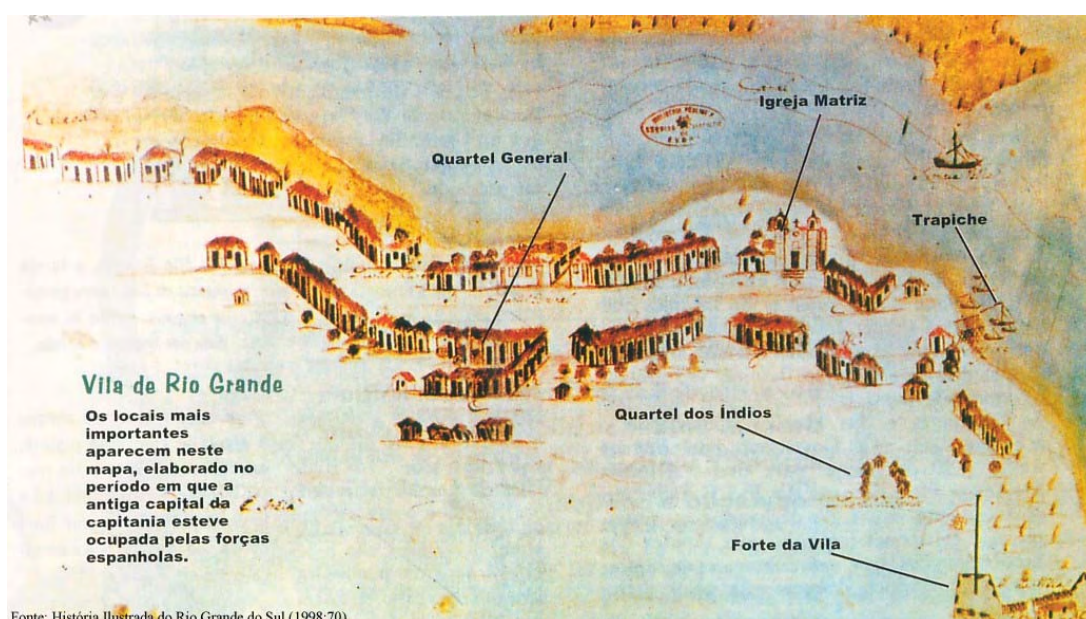


Figura 55: Vila do Rio Grande na dominação espanhola

Fonte: História ilustrada do Rio Grande do Sul.

A ocupação espanhola da vila do Rio Grande e de grande parte do território português duraria por treze anos²⁰⁹. À exceção da povoação e fortificação de São José do Norte, a qual foi reconquistada em 1767.

²⁰⁸ O testemunho desse acontecimento pode ser conferido na publicação “Devassa”. Biblioteca Rio-Grandense: Rio Grande, 1937.

²⁰⁹ Cevallos determinou que a população da vila de São Pedro, do Povo Novo, das Ilhas do Martins e da Torotama fosse enviada para o recém fundado povoado de São Carlos. Cf. MONTEIRO, 1937c, p. 121.

Durante esse período, foram construídas diversas obras de fortificações na região do Rio Grande - trincheiras, fortes e baterias - tanto espanholas como portuguesas. Como pode ser observado nos mapas a seguir.

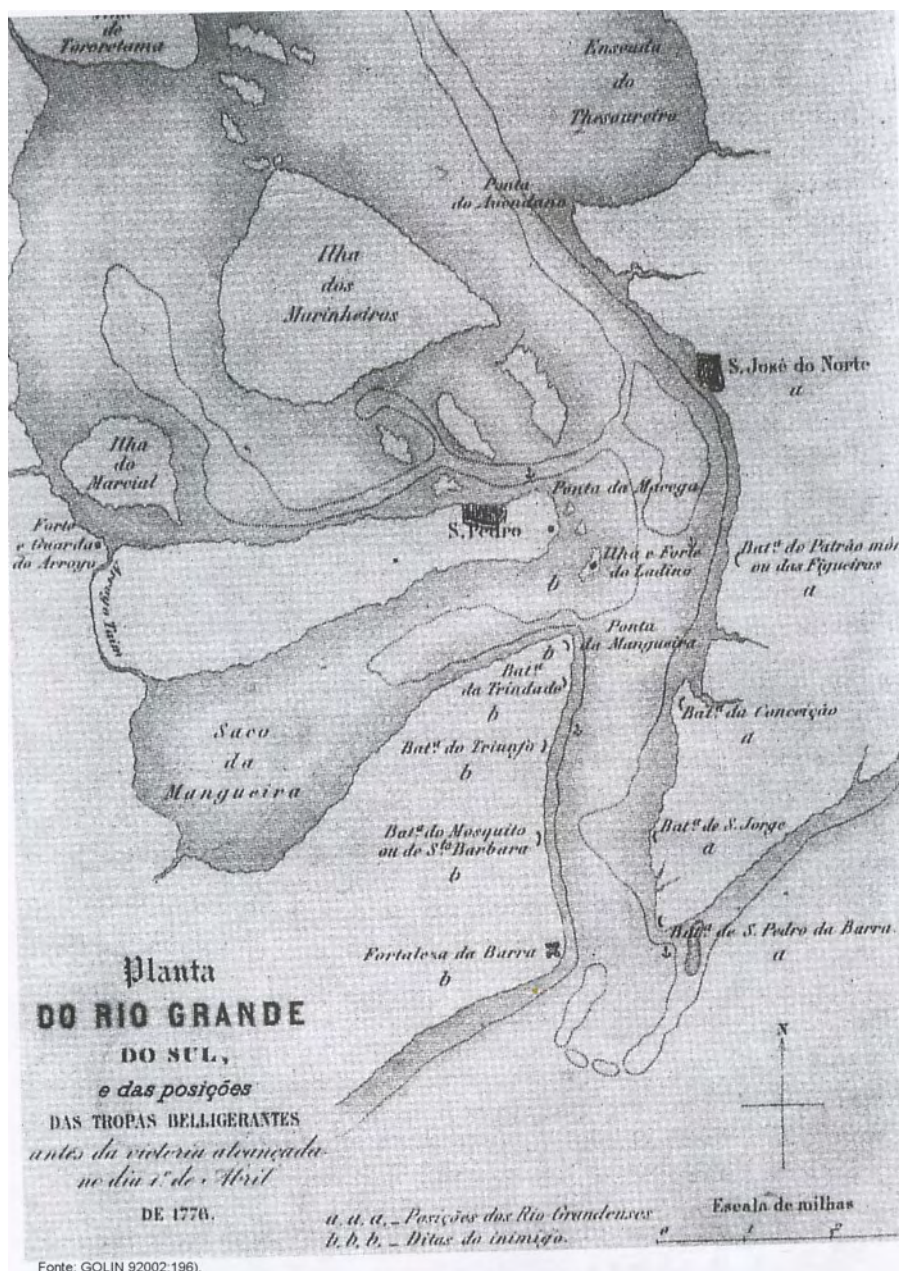


Figura 56: Planta 4 - Fortificações no Rio Grande de São Pedro (1776)

Fonte: GOLIN, 2002, p. 196.

Conforme a planta acima, existiam cerca de quatorze fortificações localizadas nos dois lados do canal de acesso à vila de Rio Grande. Esses estabelecimentos fortificados, conforme a cartografia e a documentação histórica, ora são denominados por baterias (planta 4 e planta em anexo), ora por fortes (Planta 5), e, também, por fortaleza, como o forte São José da Barra. Além disso, o próprio nome das fortificações, muitas vezes, é semelhante, e outras, na referência, incompletos²¹⁰. Tais fatos causaram muita confusão e dificuldade para estabelecermos uma tipologia para a região.

Entretanto, como poderá ser observado nas plantas apresentadas ao final deste capítulo, não podemos generalizar as fortificações de Rio Grande como “simples fortins” de estacadas e trincheiras. Embora, muitas vezes, tenham sido assim referidas na documentação histórica. Mesmo considerando que, inicialmente, muitos desses assentamentos foram elaborados com aquelas técnicas. Porém, provavelmente, em muitos casos, para a elaboração desses assentamentos, deve ter sido utilizada a técnica da taipa – tão comum nos assentamentos da época. Além do que, era a técnica vigente nas normas dos tratadistas da época.

Outro aspecto a ser considerado no que se refere a essa questão é a de que as características técnico-construtivas e funcionais de seu sistema defensivo nos levam a classificá-los, em muitos casos na categoria de forte ou bateria.

²¹⁰ Como exemplo citamos o estabelecimento fortificado denominado na cartografia de “Lagamar”. Em um a cartografia consta como bateria de São Pedro da Barra (Planta 4), e em outra (Planta 5) forte Lagamar. O qual segundo pesquisa realizada por BENTO (1977) seria o “Forte de São Pedro do Lagamar”.

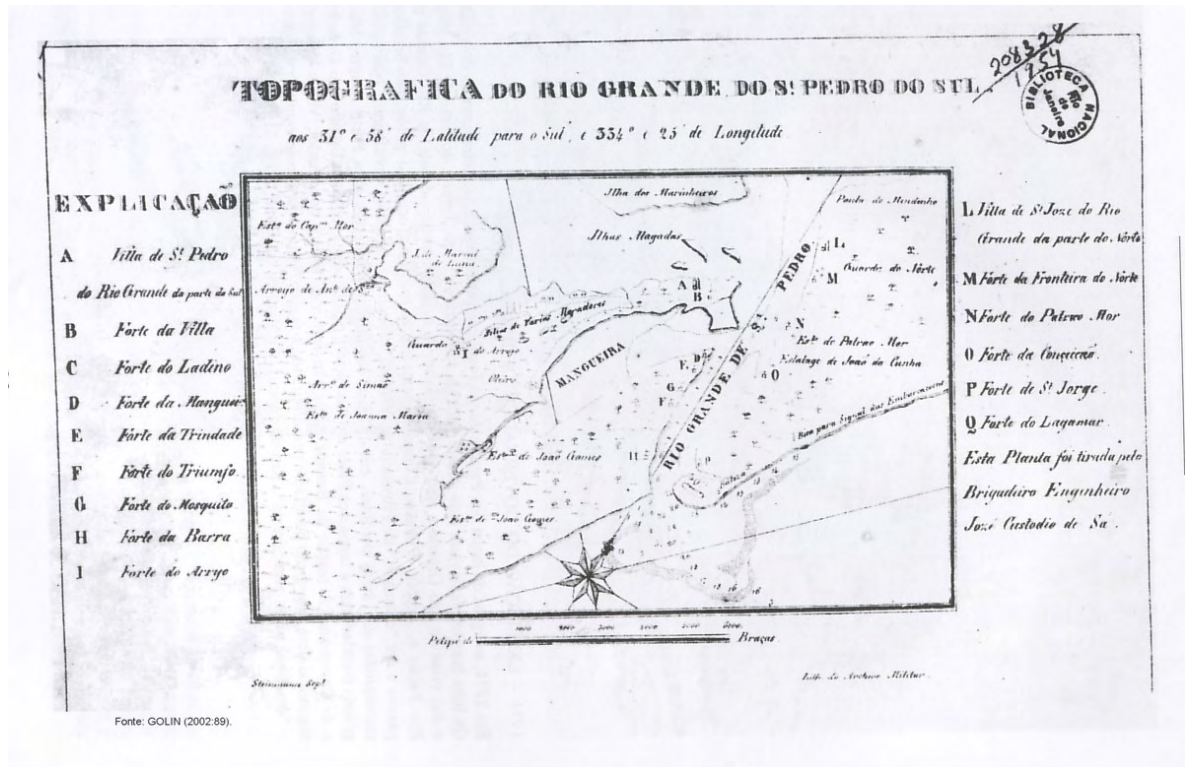


Figura 57: Planta 5 - Topografia do Rio Grande do São Pedro por José Custódio de Sá e Faria

Entre tantas fortificações estabelecidas, cabe ressaltar que, em relação ao sistema defensivo, as mais expressivas foram a de Santa Ana, e o forte São José da Barra. Ainda assim, ambas ineficazes nesse aspecto. Em relação à primeira, talvez tenha sido destruída pela intempérie ou pelos conquistadores. Em se tratando da segunda fortificação, na entrada sul do canal, a mesma foi construída (1763) e destruída pelos espanhóis em 1776²¹¹. Sob o comando de Don Miguel Texada, foi incendiado o armazém de pólvora e destruída parte de suas muralhas²¹². A pesar disso, à época da reconquista da região pelos portugueses, a mando do Mal. Böehm e sob a orientação do Marechal e Engenheiro Jaques Diogo Funck, a fortificação foi

²¹¹ Sob ordem de Cevallos. Essa era uma prática comum desse fidalgo. Em sacramento fizera o mesmo. Também dos Portugueses. Veja Santa Tecla.

²¹² MONTEIRO, Rego. Fortificações do canal e cidade do Rio Grande (1777). In: **Anais do II Congresso de História e Geografia Sul-Riograndense**. Porto Alegre: IHGRGS-GLOBO, 1937c, p. 261.

restaurada²¹³. Para esse trabalho, foram utilizados materiais provenientes da demolição de outras fortificações²¹⁴.

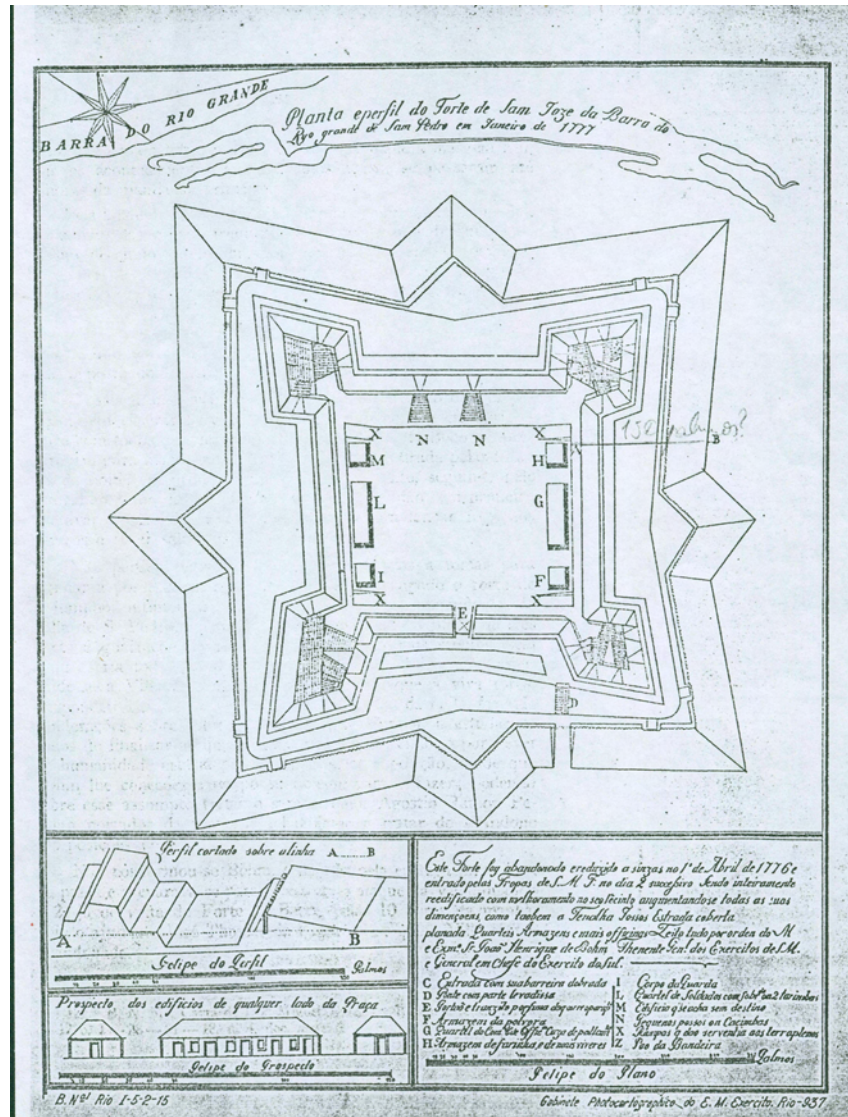


Figura 58: Planta 6 - Forte São José da Barra (1776)

Legenda da Planta 6 - Forte de São José: C) Entrada com barreira dobrada (não está assinalado na planta); D) Ponte com porta levadiça; E) Portão e tranzito; F) Armazém de Pólvora; G) Quartel do comandante e officiaes; H) Armazem de farinha e de viveres; I) Corpo de guarda; L) quartel dos soldados; M) Edificação se acha sem destino; N) Pequenos fossos ou cacimba; X) Rampas ao terrapleno; Z) Pao da Bandeira.

²¹³ BENTO, Cláudio Moreira. Fortificações e fortificadores no Rio Grande do Sul (1737-1870). In: Engenharia no Rio Grande do Sul. **Revista da Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, p. 47, 1977.

²¹⁴ MONTEIRO, 1937c, p. 253.

Além desse forte espanhol, Jaques Funck restaurou outros estabelecimentos fortificados. Quais sejam: o Forte do Mosquito ou Sta. Bárbara (1763); o Forte do Triunfo ou Novo; o Forte da Mangueira (1763); o Forte do Ladino (1763); Forte da vila (1763) e o Forte do Arroio (1763)²¹⁵. Além de ter projetado e dirigido a construção dos fortes portugueses: São Diogo das Torres (1777), São Pedro do Lagamar da Barra (1768), Forte dos Dragões (1768), Forte do Pontal (1768), Forte do Patrão Mor (1768), e o Forte da Guarda Norte²¹⁶.

Em relação ao forte Jesus Maria José, em 1776, o Marechal Jaques Diogo Funck teria opinado que não fosse reconstruído. Para tanto, considerou que sua posição era inadequada, pois só defendia o canal de entrada da povoação. Além disso, estava em péssimo estado, provavelmente devido ao incêndio em seu armazém de pólvora²¹⁷.

²¹⁵ BENTO, Cláudio Moreira. Fortificações e fortificadores o Rio Grande do Sul (1737-1870). **Revista da Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, p. 47, 1977.

²¹⁶ BENTO, 1977, p. 47.

²¹⁷ MONTEIRO, J. C. R. Fortificações do canal e cidade do Rio Grande (1777). In: **Anais do II Congresso de História e Geografia Sul-riograndense**. Porto Alegre: Globo, 1937c, p. 261.

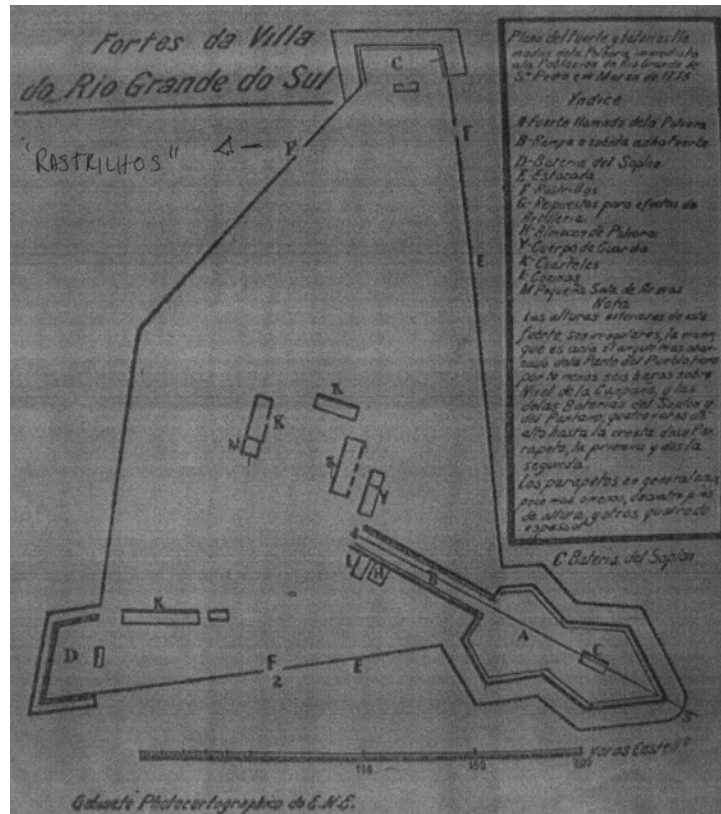


Figura 59: Planta 7 - Fortes da Villa do Rio Grande de São Pedro (1776)

Legenda Planta 7: 'Plano del fuerte y baterias llama[da]s della polvora [sic] inmediato ala poblacion de Rio Grande de S^a Pedro em Marzo de 1776. Índice: A) Fuerte llamado della Pólvora; B) Rampa o subida adho Fuerte; C) Bateria del Soplon; D) Bateria del Sopon; E) Estacada; F) Rastrillos; G) Repuestos para efectos de Artilleria; H) Almacen de polvora; Y) Cuerpo de Guardia; K) Cuarteles; L) Cozinas; M) Pequena Sala de Armas'²¹⁸.

Nota: Las alturas exteriores de este furte son irregulares [...]. Los parapetos en general eran poco mas omenos, quatro pies de altura, y otros quatro de espeso.'

Fonte: MONTEIRO, 1937c.

Referindo-se às técnicas construtivas das habitações, Betamio (1930) acrescentou que, em 1780,

[...] O Secretario da Fazenda Real Sebastião Francisco Bettamio, ao percorrer a área de Rio Grande [...] considerou que as casas de ocupação espanhola, feitas de pau-a-pique e telhados de palha fossem substituídos por casas de pedra e cal²¹⁹.

²¹⁸ Soplón: que acusa. Provavelmente, designação dos estabelecimentos de vigia.

²¹⁹ BETTAMIO (1930, p. 229), apud OGNIBENI, Denise. **Cultura material e vida cotidiana no meio rural do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: PUCRS, 1998. Dissertação de Mestrado, PPGH-FFCH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1998, p. 151.

O qual considerou que ‘bom seria que aos particulares fosse proibido fazerem casa sem serem de pedra e cal, coberta de telhas’.

Esse oficial também avaliou a dificuldade de se conseguir pedras para as construções. Mas, para isso, destacou que ‘[...] lembra me que entrando pelo sangradouro de Merim, três ou quatro legoas, há muitas e admiráveis rochas de boa pedra’²²⁰. E sugere que

“Para realizar o trabalho de corte da pedra e transporte, além da produção de tijolos de barro, ele sugeria, em seu relatório, que se carregassem embarcações com 100 ou 150” ‘índios trabalhadores’ e sugeria ‘que estes se empreguem debaixo da direcção de pessoa inteligente em quebrar e arrancar pedras de toda a qualidade [...]’.

Suas intenções estavam longe de ser concretizadas e na região as habitações continuaram sendo feitas de pau-a-pique, conclui Ognibeni (1998). A falta de mão de obra (em número e especialização) deve ser um fator a considerar para esse fato.

O Sítio Arqueológico do Estreito

Os vestígios arqueológicos do assentamento fortificado denominado de Santa Ana do Estreito foram localizados na primeira década do século XIX por John Luccock. Comerciante inglês e morador de Rio Grande relatou que, no ano de 1808 ao chegar no local da antiga cidade - que ficava próxima à cabeceira da baía, esteve

²²⁰ BETTAMIO (1930, p. 229), apud OGNIBENI, 1998, p. 151.

“[...] ‘sobre um banco[de areia] de cerca de vinte pés de altura, cercado de um parapeito de cestepedes, à guisa de barreira contra as areias invasoras....’²²¹ .

Posteriormente, Nicolau Dreys, no ano de 1818, descreveu que no meio dos cômodos de areia se tinha edificado a primeira vila de Rio Grande. ‘Achamos ainda dispersos no deserto algumas ruínas, ostensivamente pertencentes às habitações dos homens: muitos fragmentos de vasilhas domésticas, algumas peças de moeda de cobre do século 18’²²² .

Conforme, Pernigotti (1989) a fortificação de Santa Ana estaria localizada a pouco mais de três quilômetros a Oeste do porto, em um local onde a distância entre o Saco da Mangueira e o canal de Rio Grande era menor. Por isso recebeu o nome de Santa Ana do Estreito²²³ .

August de Saint-Hilaire, no ano de 1820, ao passar por Rio Grande relatou que chegou a uma aldeia chamada de “Freguesia do Estreito” - nome relativo à situação do lugar e, também, por ser a sede de uma paróquia. Sobre as características do povoado, mencionou que as primeiras casas avistadas localizavam-se à beira da estrada. As quais se encontravam quase cobertas pela areia. E esclareceu que

A aldeia do Estreito era outrora mais para leste, mas como as casas foram enterradas pelos turbilhões de areia que o vento atira sem cessar das

²²¹ LUCCOCK, Jonh. Notas sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil. Ed. Itatiaia, 1975, p. 146, apud PERNIGOTTI, Oscar. **O Sítio Arqueológico da Hidráulica e a povoação de Santana do Estreito**. Porto Alegre, 1989, p. 7. Datilografado.

²²² DREYS, Nicolau. Notícia descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul. Rio Grande: Edição da biblioteca Rio-Grandense, 1927, p. 110, apud PERNIGOTTI, 1989, p. 7.

²²³ QUEIRÓZ, Maria Luiza Bertuline. A Vila do Rio Grande de São Pedro 1737-1822. Rio Grande: FURG, 1987, p. 65, apud PERNIGOTTI, Oscar. **O Sítio Arqueológico da Hidráulica e a povoação de Santana do Estreito**, 1989.

margens do mar, foram transferidos para o lugar onde se encontram atualmente, sem duvida, terão em breve a mesma sorte²²⁴.

Naquele período, Saint-Hilaire, chegando ao povoado de Rio Grande relatou que “À entrada da cidade, um pequeno forte erguido há cerca de vinte e cinco anos, tão mal situado que parece destinado ao ataque da cidade”²²⁵. Seria o forte de Jesus Maria José? Ou, o da Vila restaurado?

Quanto ao local onde estava situada Santa Ana, por um século e meio permaneceu no abandono. Hoje é uma região urbanizada e tornou-se um bairro da cidade de Rio Grande²²⁶.

Os vestígios arqueológicos dessa fortificação²²⁷ e do povoado de Santa Ana foram localizados, em 1942, pelo grupo pertencente ao Centro Excursionista Rondon, na área pertencente a Cia. Hidráulica do município de Rio Grande²²⁸. Nessa ocasião foram encontrados um “[...] cachimbo de gesso com figuras de acanto, em alto relevo e letras latinas difíceis de identificar, por se acharem gastas e quebradas [...]” além de cerâmica indígena e restos de alimentação marinha. Esse local era denominado pelos moradores de Morro das Pedras²²⁹.

‘Há 300 metros para oesnoroeste [?], encontramos uma área muito espalhada, cobrindo uns 200 metros por 40 metros, enorme quantidade de fragmentos de louça antiga portuguesa, cerâmica vitrificada nos tons verde

²²⁴ SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997, p. 67-68.

²²⁵ SAINT-HILAIRE, 1997, p. 74.

²²⁶ PERNIGOTTI, 1989, p. 8-9.

²²⁷ Conforme FORTES (1937c, p. 211) o historiador Alfredo Ferreira Rodrigues teria fixado a localização, da linha fortificada do Estreito no terreno da hidráulica próximo ao parque.

²²⁸ ALMEIDA, Áureo. Notícias sobre o descobrimento de sambaquis no Município de Rio Grande e sua Importância. Artigo inédito, biblioteca do autor, 1942, apud PERNIGOTTI, Oscar (1989).

²²⁹ PERNIGOTTI, 1989, p. 9 acrescenta que este local corresponde, hoje, á esquina da rua Quatorze Bis com a Caldas Junior.

e amarelo, vidros, tijolos rejuntados com argamassa de conchas, pedaços de cerâmica digito-polegar, e restos de cachimbo' [...]²³⁰.

Nos anos de 1959 e 1969 o arqueólogo José Proenza Brochado juntamente com os associados do Centro Excursionista Rodon visitaram o local. '[...] naquela época o Campo da Hidráulica apresentava muitas dunas de areia, entre as quais, no chão plano, espalhado, estava o material arqueológico²³¹.' O qual era composto por fragmentos de cerâmica indígena, neo-brasileira e louça importada. E acrescentou que "Havia um local no qual o deslocamento da areia pelo vento permitiu visualizar os alicerces das construções. Esses tinham a forma retangular e deles fez uma planta [a qual foi extraviada] [...]"²³².

Entre os anos de 1966 e 1969, nesse local, foi feita uma coleta do material arqueológico encontrado na superfície do terreno pelo arqueólogo Guilherme Naue. Esse material foi enviado para o Centro de Pesquisas Arqueológicas da PUCRS. A partir de 1969, o local foi terraplanado para a construção de ruas, ficando um pequeno lote com a caixa d'água. Nesse período, Guilherme Naue²³³ acompanhou o trabalho das máquinas tendo relatado que 'ficaram a nu, os alicerces de tijolos das construções, que eram, posteriormente, cobertos pela areia²³⁴.' Conforme Pernigotti (1989) "[...] desde 1737, foram instaladas pequenas e primitivas olarias que fabricavam tijolos e que eram utilizadas para os alicerces das construções sobre os quais se construía com torrão e pau-a-pique"²³⁵.

²³⁰ ALMEIDA, Áureo. Notícias sobre o descobrimento de sambaquis no Município de Rio Grande e sua importância. Artigo inédito, biblioteca do autor, 1942. In: PERNIGOTTI, 1989.

²³¹ Entrevista de Oscar Pernigotti no ano de 1988 ao Prof. Dr. José. P. Brochado.

²³² PERNIGOTTI, Oscar. **O Sítio Arqueológico da Hidráulica e a povoação de Santana do Estreito**, 1989, p. 9.

²³³ Diretor e fundador do Centro de Pesquisas arqueológicas, da PUCRS.

²³⁴ Entrevista de Pernigotti a Guilherme Naue no ano de 1988, apud PERNIGOTTI, 1989, p. 10.

²³⁵ História Naval Brasileira (1979, p. 41) Tomo II, apud PERNIGOTTI, 1989, p. 19.

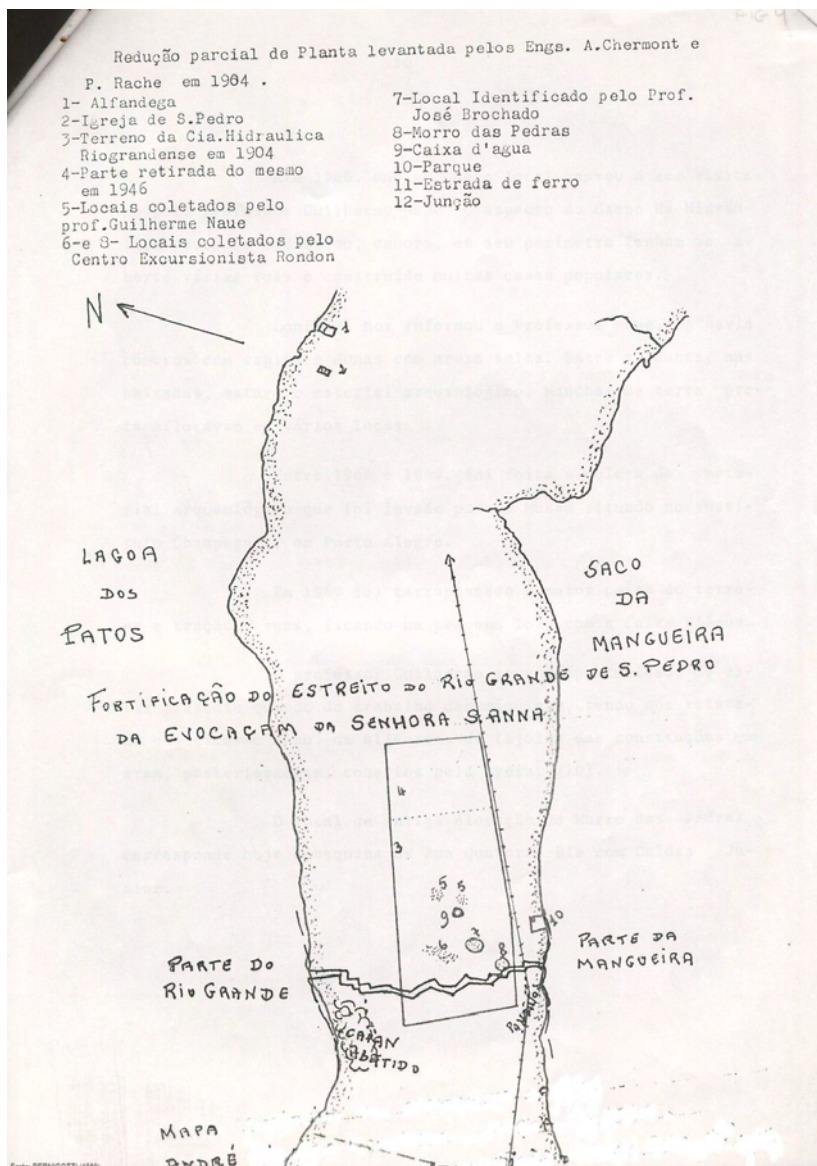


Figura 60: Croqui da localização dos vestígios arqueológicos em Rio Grande
 Fonte: PERNIGOTTI, 1989.

No ano de 1989, Oscar Pernigotti realizou a análise do material arqueológico encontrado na década de 1960 sob a orientação dos arqueólogos Guilherme Naue e

Joaquim J. Brochado no CEPA-PUCRS. Sendo que a louça, naquela ocasião, foi classificada por Clenaldo Alho - técnico no assunto, conforme Pernigotti²³⁶.

Tipos e características do material analisado²³⁷:

1. Cerâmica Vieira. Superfície externa: digitada. Antiplástico: variando entre areia grossa e fina.
2. Cerâmica Guarani. Superfície externa: corrugada, alisada, pintura externa branca e um fragmento pintado de vermelho sobre o branco e escovada. Antiplástico: areia fina.
3. Cerâmica Neo-brasileira: nesse item foi englobada toda a cerâmica que, embora tendo semelhança com a cerâmica indígena, sofreu uma influência cultural que a modificou em alguns aspectos. Assim, tanto pode ter sido confeccionada por indígenas com influência dos conquistadores, como pelos próprios povoadores europeus ou africanos, adaptados às circunstâncias dos primeiros anos de colonização.
 - 3.1 Cerâmica parecida com a Vieira, dela se diferenciando pelas bordas mais grossas a presença de alças. Antiplástico: areia grossa. Superfície externa: alisada, marcas de escovado, ponteadas e unglado - formando desenhos, desenhos incisos variados, corrugado, escovado e digito-ungulado.

²³⁶ Posteriormente, foi feita uma releitura do material arqueológico, em especial a cerâmica, desse sítio por FREDEL, Karla. **Cerâmica Euro-indígena do Sítio RS-RG-5-Rio Grande, Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: PUCRS, 1999. Dissertação de Mestrado, PPGH-FFCH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.

²³⁷ Conforme PERNIGOTTI, 1989, p. 11-9.

4. Cerâmica Neo-Brasileira Importada “[...] neste item foi agrupada a cerâmica de melhor confecção e provavelmente importada do Rio de Janeiro. O aspecto geral e a cor lembram a dos antigos potes de melado”.

4.1 Cerâmica argilo-arenosa - Com alças, fundo chato, boa queima. Cerâmica Lisa Com pintura vermelha interna, externa ou ambos.

5. Louça - Com maior freqüência foram encontrados fragmentos de louça chinesa decorada, interna e externamente em azul pintado a mão. Muitos fragmentos de utensílios domésticos em grês chinês e em azul borrão, pintados a mão, interna e externamente. Louça chinesa, pintada a mão, em azul e marrom. Fragmentos de louça chinesa policromada, pintadas a mão. Pouca quantidade de fragmentos de cerâmica branca, decorada em azul. Raros fragmentos de louça chinesa da Cia. das Índias Orientais, conhecidas como “pombinhos”, século XVIII. Alguns fragmentos de cor vinho, de louça inglesa, decorada com a técnica de “Transfer Printing”, do final do século XVIII e início do XIX. Raros fragmentos de uma peça holandesa do século XIX.

6. Cachimbos – De gesso e cerâmica

6.1 Cachimbos de Gesso - São brancos e de um único feitio, com um forninho de 3,5cm de altura externa e a boca de 1,5cm. O tubo é longo, aproximadamente 20cm²³⁸.

6.2 Cachimbos de cerâmica - São de três formatos, todos os forninhos feitos em fornos e com barro bem queimado, mostrando desenhos elaborados.

²³⁸ Nota do autor: PERNIGOTTI, 1989. Na Enciclopédia Britânica há uma gravura desse “Cachimbo Elisabeteano do século XVII.

7. Objetos Metálicos:

7.1 Moedas - Foram encontradas três moedas portuguesas de cobre (datadas de 1734 e 1738) e uma de prata datada de 1737.

7.2 Fivela - Uma fivela de bronze

7.3 Cravos - De vários tamanhos (de 7 a 12 cm de comprimento)

8. Material de Construção: Não foram encontrados fragmentos de telha de barro.

Lamentavelmente, das mais de uma dezena de fortificações construídas em torno da Região de Rio Grande não foram encontrados vestígios. Provavelmente isso aconteceu devido à característica arenosa da região e a matéria prima utilizada na construção desses assentamentos fortificados. Também, as constantes destruições e reutilizações dos materiais dessas edificações somando-se ao crescimento da malha urbana do município corroboraram para o desaparecimento desses locais.

Plantas de algumas fortificações edificadas em torno do canal do Rio Grande.

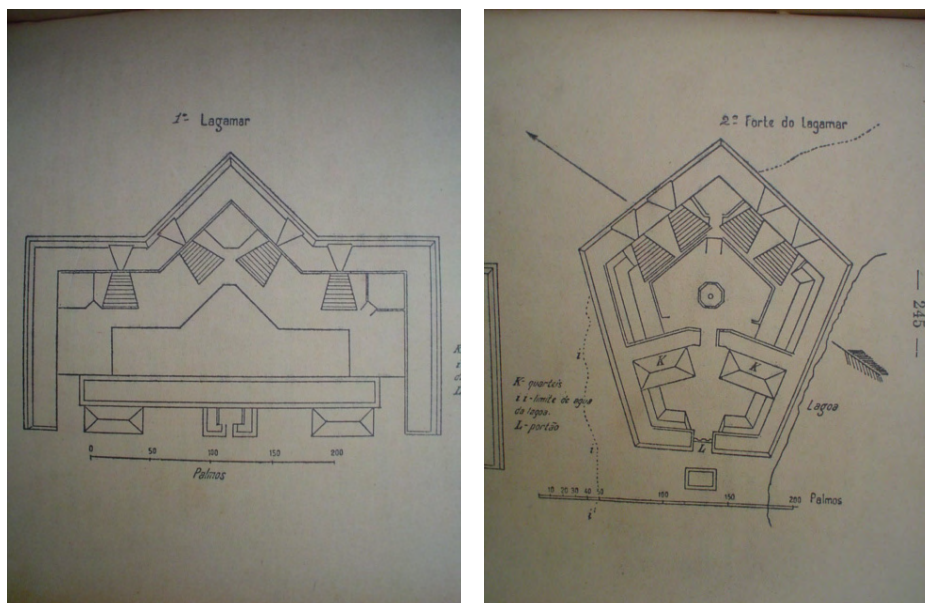


Figura 61: Planta 8 - Forte Lagamar

Legenda do 2º Forte Lagamar: K) quartéis; I) Limite de água da lagoa; L) portão

Fonte: MONTEIRO, 1937c, p. 245.

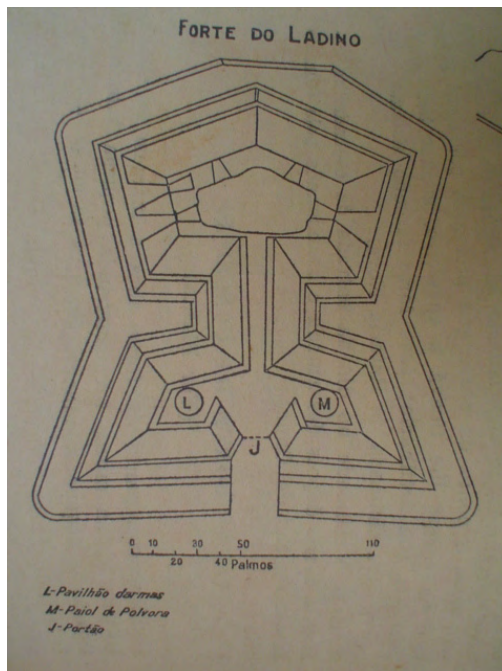


Figura 62: Planta 9 - Forte Ladino

Legenda do Forte Ladino: L) Pavilhão de armas;
M) Paioi de pólvora; J) Portão.

Fonte: MONTEIRO, 1937c, p. 248.

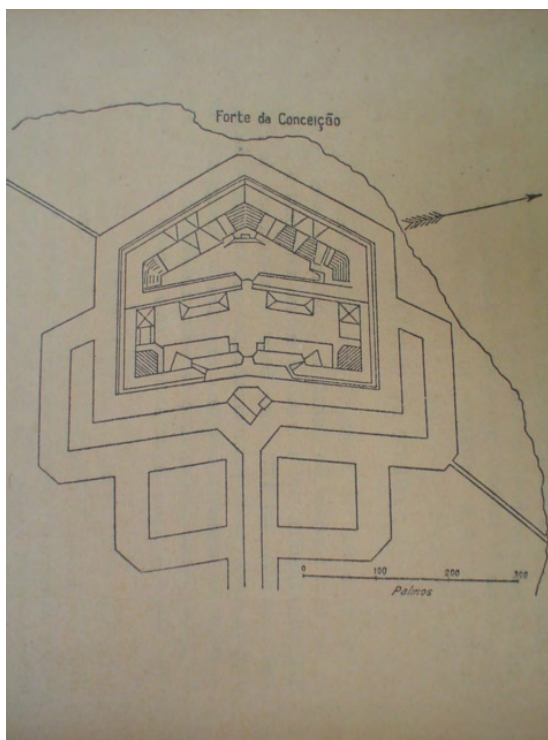


Figura 63: Planta 10 - Forte Conceição
Fonte: MONTEIRO, 1937c, p. 248.

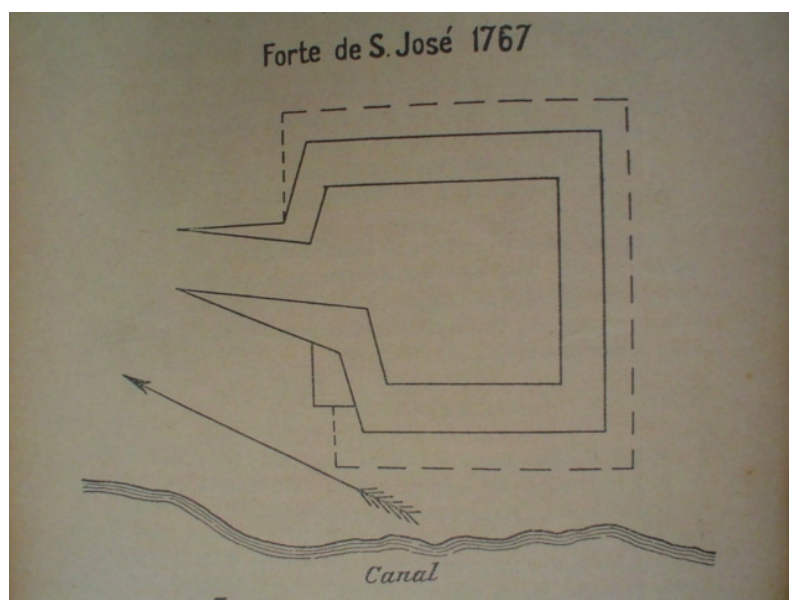


Figura 64: Planta 11 - Fortim São José (1767)
Fonte: MONTEIRO, 1937c, p. 250.

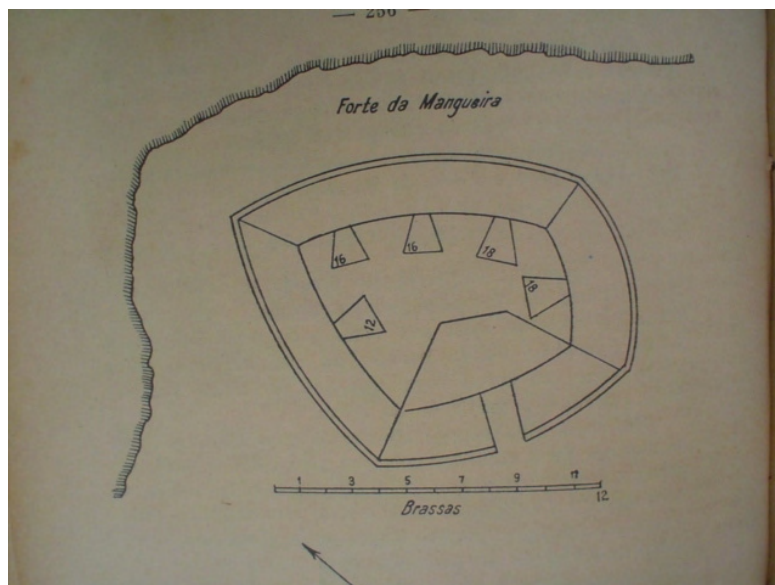


Figura 65: Planta 12 - Forte Mangueira

Fonte: MONTEIRO, 1937c, p. 256.

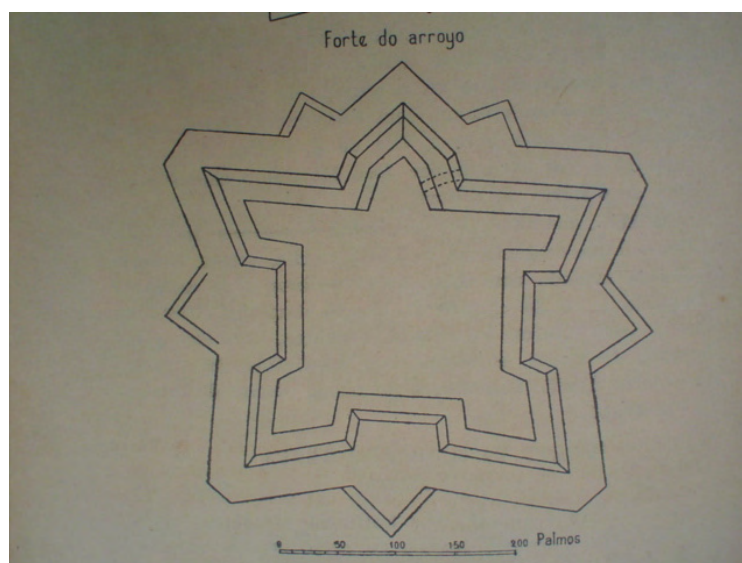


Figura 66: Planta 13 - Forte do Arroio

Fonte: MONTEIRO, 1937c, p. 252.

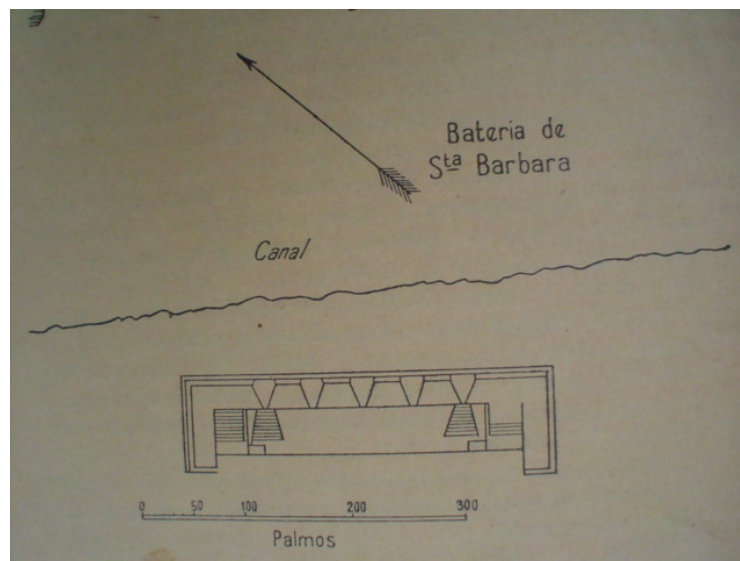


Figura 67: Planta 14 - Bateria Santa Bárbara

Fonte: MONTEIRO, 1937c, p. 252.

4.2 FORTE DE SÃO MIGUEL

O Sítio Arqueológico Histórico Forte São Miguel está localizado em território uruguaio, no Departamento de Rocha, a cerca de 10 km do município brasileiro de Chuí.

O forte de São Miguel está situado sobre o topo de uma colina de granito, a cerca de 40 metros de altura, na serra²³⁹, de mesmo nome.

²³⁹ A altura máxima da serra de São Miguel é de 157 metros, "(...) hacia el SW del Fuerte siendo su orientacion general en el sentido Este-Oeste". ORECCHIA (1999).



Via de Aesso para o Forte de São Miguel.
Fotografiada por Guilherme Luchsinger

Figura 68: Via de acesso ao Forte São Miguel (2004)

A localidade está inserida na Planície Atlântica que ocupa 5% do território Uruguaio. Tendo por característica terrenos baixos, solos argilosos e pouca drenagem, gerando assim extensas áreas de banhados. Próximo ao forte encontra-se o arroio São Miguel, afluente da lagoa Mirim. Esse local foi disputado por portugueses e espanhóis no século XVIII. Ambos pretendiam defender e dominar o acesso à referida lagoa.

Próximo a essa fortificação encontra-se o Cerro Picudo,²⁴⁰ de onde se pode observar a paisagem sem muitas mudanças desde o período colonial. Desse local se podiam avistar os fogos que se acendiam em Santa Teresa para comunicar algum perigo²⁴¹.

²⁴⁰ Denominado também por Morro do Vigia.

²⁴¹ Informação do Departamento de Estudos Históricos do Exército Uruguaio.

A região ocupada, inicialmente, pelos grupos pampeanos, por volta de 1734, foi inserida no processo expansionista ibérico. Nesse período, os espanhóis, sob o comando de Esteban del Castillo, teriam construído um cerco defensivo com alguns alojamentos de pau-a-pique. Provavelmente o estabelecimento tenha sido abandonado por esses. Pois, posteriormente, Cristóvão Pereira de Mendonça, em 1736, cumprindo a ordem de Silva Paes para proteger a região do Rio Grande de possíveis inimigos, estabeleceu algumas guardas em pontos estratégicos de defesa e de controle. Uma delas foi a guarda de São Miguel. Não sabemos se Paes já teria assinalado esses locais. No entanto, ao chegar a Rio Grande, em 1737, ele aprovou os pontos de apoio instalado por Mendonça.

Assim, Silva Paes, dando prosseguimento ao trabalho daquele tropeiro, ainda em 1737, mandou construir uma falua, na qual navegou pelo canal São Gonçalo até São Miguel para instalar um forte²⁴². Nesse ano, relatou, em carta, que teria construído o forte próximo ao arroio São Miguel, mas devido às condições do terreno, que se encontrava alagado, e ainda sem matéria-prima, para fazer faxina, optou pela serra.

Em carta ao Vice-Rei do Brasil, Silva Paes expõe algumas considerações a respeito do forte de São Miguel:

[...] na serra achei um alto pedregoso d'onde fiz um reducto quadrado de dois baluartes, e dois meio de padrão annoso [modelo antigo] pois não havia tempo para mais: tinham perto um capão [isla de monte] de d'onde tirei madeira para os quarteis, e um armazem de 20 palmos de largo e 40 de comprido [mts. 4.50 X 9], que se cobriu com couros das vaccas que mandei, para lhe deixar 180 arrobas de charque de sobressalente, lenha para dois mezes e agua d'uma fonticula que ficava abaixo da serra, pois necessitava de cisterna, e deixei para a guarda de Xueu' [Chuy] 15 dragões,

²⁴² BENTO, Cláudio Moreira. **História da 3ª. Região Militar (1809-1889)**. Porto Alegre: Qualidade Comunicação Gráfica, 1994, p. 80.

e que os paisanos corressem vaccas para provimento da guarnição do porto' [posto]"²⁴³.

Posteriormente, Ribeiro Coutinho ao substituir Silva Paes, na consolidação das fronteiras e na defesa do Rio Grande, instalou várias guardas vigilantes nos passos de arroios.

Em São Miguel, a guarnição contava com o auxílio dos Minuanos. Coutinho, por intermédio de Cristóvão Pereira, conseguiu que alguns índios ficassem estabelecidos nas proximidades do forte. Além da defesa das fronteiras os índios exerciam a atividade de correria (gado)²⁴⁴.

A estrutura arquitetônica do Forte delineou-se mais tarde, na segunda edificação, por volta de 1740. Nesse período, São Miguel obtém sua forma aproximada da atual. A propósito desta construção Silva Paes relata que:

'Mando para a fortaleza de S. Miguel ao ajudante Engenheiro que o Sr. Conde das Galveas nomeou a rogo do mestre de Campo André Ribeiro para haver de fazer as contramuralhas abrir fosso na Tenalha da Porta por lhe ponte levadiza fazer o tranzito de abobada com corpo de guarda, e calabouço, cordão, parapeito e guaritas, quartéis, e armazéns de pólvora para o que já tem muita pedra junta, mando armar olaria junto da mesma fortaleza para se fazer telha e tijolo. Mande ocupar hum passo distante da Guarda do Chuí 8 Legoas para a parte do norte donde vão a parar todos os caminhoz que cobrião a guarda da Mangueira e do Vallerio, e a do Albardão e a Guarnição que estava nesta muda para aquella parte com o Alferes Rodrigo de Mendonça ficando assim mais cobertos os passos pois he aquella estreitura o funil donde vão parar as outras'²⁴⁵

²⁴³ "Carta de Jose da Silva Paes ao Vice-Rei do Brasil, Conde de Galveas". Revista do Instituto histórico e geográfico do Brasil: Rio de Janeiro, 1869. (Parte I, Tomo XXXII), apud CAVIGLIA, Buenaventura. "El fuerte de San Miguel". **Revista da Sociedad Amigos de la Arqueologia**, Montevidéo, p. 276-77, 1933.

²⁴⁴ PORTO, Aurélio. **História das Missões Orientais do Uruguai**. Porto Alegre: Selbach, 1954, p. 153.

²⁴⁵ Carta de Silva Paes a Gomes Freire de Andrada, datada de 20 de julho de 1742. (Doc. n° 11.739 – AHU - Núcleo Rio do Janeiro, apud PIAZZA, Walter. **O Brigadeiro José da Silva Paes-Estruturador do Brasil Meridional**. Florianópolis: UFSC, 1988, p. 116.

As muralhas do forte foram construídas de “pedra seca” e seus estabelecimentos de taipa, palha, e couro. Posteriormente, as habitações foram edificadas, também em pedra.



Fotografia do Forte de São Miguel em 1940.
Fotografada por Guilherme Luchsinger.

Figura 69: Remanescentes internos do Forte São Miguel (1934)²⁴⁶
(da esquerda para a direita alojamento dos oficiais, polvorim, capela)



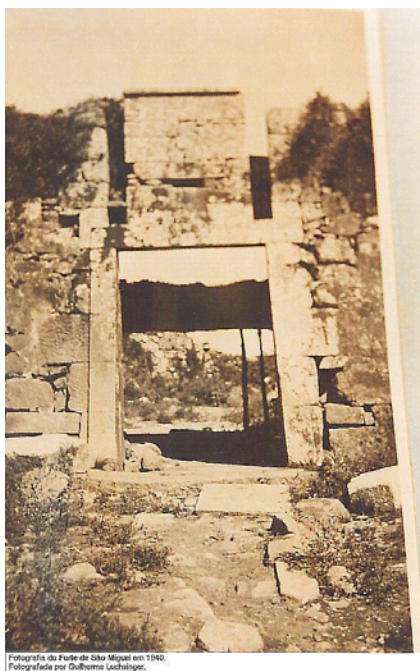
Fotografia do Forte de São Miguel em 1940.
Fotografada por Guilherme Luchsinger.

Figura 69a: Remanescentes internos do Forte São Miguel (1934)

²⁴⁶ As imagens dos remanescentes do forte São Miguel apresentadas foram reproduzidas das fotografias originais de Horácio Arredondo. Obtidas pelo Departamento de Estudos Históricos do Estado Maior do Exército Uruguaio (DEHEME) em 2004. Recentemente adquiridas em um leilão.

Segundo, Weiner (1991, p. 33), os responsáveis por essas construções foram os engenheiros portugueses Manuel Gomes Pereira e Teixeira de Carvalho.

Somente na entrada foram utilizadas pedras lavradas, como se pode observar na figura a seguir, registrada por Arredondo em 1934, portanto anterior à restauração.



Fotografia do Forte de São Miguel em 1934.
Fotografada por Guilherme Lachetiger.

Figura 70: Fachada da portada do Forte São Miguel (1934)

No ano de 1763, durante a Campanha do Governador de Buenos Aires, Pedro de Cevallos, o forte passou para o domínio espanhol. Nessa ocasião passou a depender da fortaleza de Santa Teresa. As mudanças e reparações da época espanhola são difíceis de precisar²⁴⁷.

Na segunda metade do século XVIII, essa base militar perde importância. Os espanhóis estão empenhados na construção da fortaleza Santa Teresa. Entretanto,

²⁴⁷ ORECCHIA, José. Museología y conservación en los museos militares del Uruguay: el ejemplo del fuerte de San Miguel. In: **Boletín Histórico del Ejército**, Montevideo, p. 118, 1999.

em 1775, preocupados com o risco de uma inimiga invasão inglesa, dispuseram do Engenheiro Extraordinário D. Bernardo Lecocq, o qual efetuou os reforços no forte que entendeu serem necessários. Nessa ocasião, Lecocq relata, em carta para Vertys e Salcedo que há falta de pessoal especializado para as atividades de construção e de reparo nas fortificações. Nesse documento faz referência que somente havia no local 30 peões e 4 operários e desses somente 2 pedreiros e dez índios guaranis²⁴⁸.

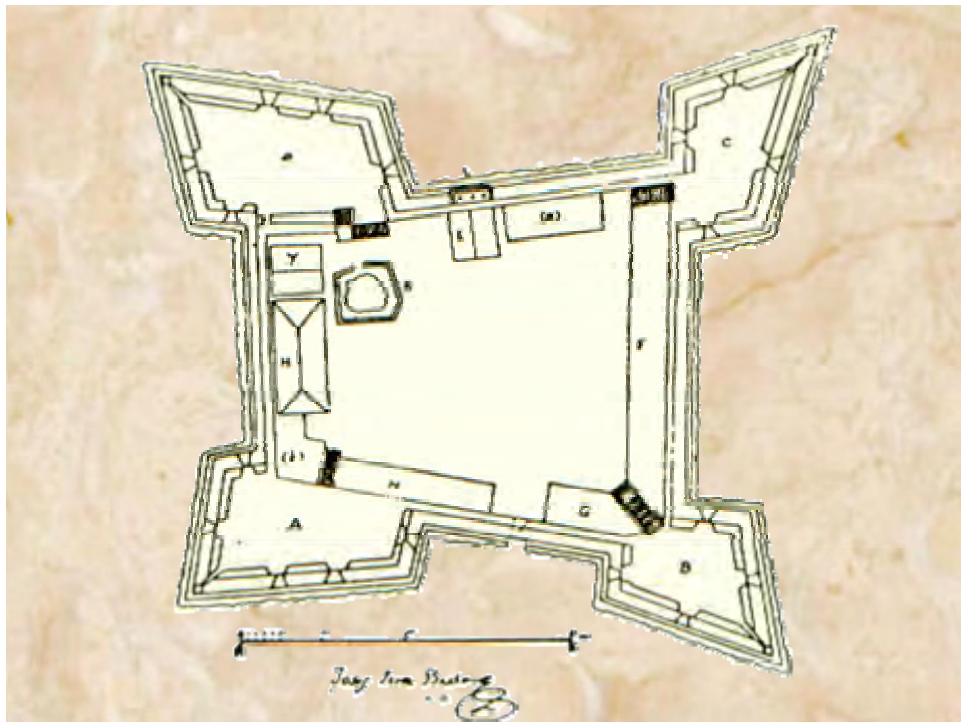


Figura 71: Planta 1 - Forte de São Miguel (1792)

Fonte: CAVIGLIA, 1933, p. 281.

²⁴⁸ Em 1779 Bernardo Lecocq registrou o plano do forte. No qual constava a presença do fosso, na entrada daquele. Tal plano foi de vital importância para a descoberta e restauração, posterior, do mesmo. Cf. ARREDONDO, Horacio. "Noticias de interes arqueológico: el puente levadizo del fuerte de San Miguel su rastrillo y el de la fortaleza de Santa teresa". **Revista da Sociedad Amigos de la Arqueologia**, Montevideú, p. 372, 1957.

Com base na planta de José Pérez Brito, datada em 1792 podemos observar que o forte possui a forma de um quadrilátero imperfeito. Os elementos do sistema defensivo, que formam sua muralha, estão caracterizados por quatro baluartes, seus respectivos flancos e cortinas.

Os baluartes da fortificação foram nomeados pela sua orientação Cardeal. Quais sejam: Leste (A)²⁴⁹, Norte (B), Sul (D), Oeste (C)²⁵⁰. Diferentemente que os de Santa Teresa com nomes de santos.

Internamente, conforme a Planta 1, o forte possuía as seguintes edificações: alojamento para oficiais e capelão, com sua respectiva cozinha (H - (b)), quartel da tropa (F), cozinha da tropa (b), guarda (G), capela (E), Poço (K), armazém de pólvora (Y) e latrinas (L).

Devido as suas reduzidas dimensões, não foi possível construir rampas que unissem o plano inferior ao superior para a manobra de canhões. Tendo sido construídas escadarias em seu lugar. As quais levam para o plano superior da praça de armas.

²⁴⁹ A Leste do forte localiza-se a Lagoa Mirim.

²⁵⁰ Na direção oeste do forte encontra-se o Arroio São Miguel.



Figura 72: Forte de São Miguel: Escadaria

Seus muros não são duplos, como os de Santa Teresa. Apenas encontra-se no nível superior a plataforma que compõe os quatro baluartes angulares. E, por conseguinte, o resto do perímetro serve de caminho de ronda. O terraplino das cortinas foi utilizado para a construção dos estabelecimentos internos, resultando em uma área maior de circulação.



Pátio interno do Forte de São Miguel.
Fotografado por Guilherme Luchsinger.

Figura 73: Forte de São Miguel (2003): área interna

Em 1811, os luso-brasileiros em direção a Montevideú, que se encontrava sitiada, chegaram a Santa Teresa. Ignoram São Miguel, a qual já se encontrava abandonada e em ruínas.

O francês, naturalista, Auguste de Saint-Hilaire visitou o local no ano de 1820. Nesse período, registrou algumas considerações a respeito, de suas observações. Sobre o arroio São Miguel, o qual denominou de rio, destacou que, embora tivesse pouca largura, era muito profundo. Por isso teve que atravessá-lo em uma piroga e seus cavalos a nado²⁵¹.

Ao subir a serra de São Miguel encontrou, próximo ao forte, a casa de um capitão²⁵². Feitas as apresentações e tomado um mate, rumaram para o forte. Chegando lá, observou que o forte encontrava-se em ruínas e sua parte interna

²⁵¹ SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997, p. 111.

²⁵² Uma “choupana” com dois quartos e uma sala. As portas eram de esteira. SAINT-HILAIRE (1997, p. 112).

servia como curral. Assim o descreve: “É construído de pedra bruta, da vizinhança: os muros são baixos e de pouca espessura; forma um quadrado, tendo um bastião em cada ângulo. [...] não tem mais a porta; [...] a erva cresce sobre as muralhas e ao redor, elevam-se grupos fechados de Círios espinhosos²⁵³”. E acrescenta que ao saírem do forte passaram por “[...] casebres extremamente baixos, de barro e cobertos de palha” os quais serviam de alojamento para os soldados.

Esquecido e abandonado permaneceu, o forte, durante anos.

Oreste Araújo, ao escrever o Dicionário Geográfico do Uruguai, destaca que em 1912 sua estrutura *‘apena se ve, por estar toda ella cubierta de una espesa y enmarañada vegetación arbórea que lo ha invadido y contribuy poderosamente a su destrucción’*²⁵⁴.

Posteriormente, surgem no cenário de São Miguel os investigadores do passado. Na figura de Horacio Arredondo, é iniciado o interesse para que o forte fosse restaurado.

No ano de 1917 Horacio Arredondo e César Ferreira conhecem o departamento de Rocha. Ficaram encantados com a região e as fortificações de Santa Teresa e de São Miguel. A partir daí, não economizariam esforços para

²⁵³ Os quais eram utilizados como lenha na região cf. SAINT-HILAIRE (1997, p. 113). Em relação a tipos e armazenamento de combustível pesquisas arqueológicas em assentamentos militares do século XIX na Argentina evidenciaram locais de depósitos para ossos de gado. Corroborando com as informações, também de viajantes. Cf: MUGUETA, Miguel; BAYALA, Pablo; SALGUERO, Mariela. El uso de los basulares como espacios para el faenamiento del ganado vacuno y la utilización del óseo como combustible: el caso del Cantón Talpaqué Viejo. In: **Anais do I Congresso de Arqueología Histórica na Argentina**. Buenos Aires: Corregidor, 2002, p. 799.

²⁵⁴ PROBITES - Guia Turístico de Rocha (2003, p. 95).

transformá-las em parque histórico nacional, assim como em área de preservação da flora e da fauna²⁵⁵.

Quando chegou ao forte São Miguel, Horacio Arredondo, registrou seu testemunho: “[...] apenas si quedaban en pie algunos lienzos de muralla que no siendo de sillería como los de Santa Teresa no tenían ni lejos, la consistencia de aquellos”²⁵⁶.



Fotografía do Forte de São Miguel em 1940.
Fotografada por Guilherme Luchsinger.

Figura 74: Remanescentes do Forte São Miguel (1940)

²⁵⁵ ARREDONDO, Horacio. “Santa Teresa y San Miguel – la restauración de las fortalezas, la formación de sus parques”. **Revista de la Sociedad Amigos de la Arqueología**, Montevidéo, p. 39, 1955.

²⁵⁶ ARREDONDO, 1955, p. 39.

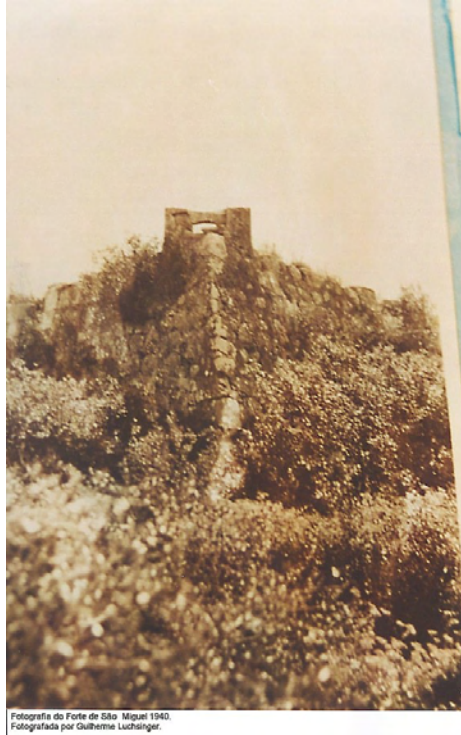


Figura 74a: Ruínas do Baluarte (1940)

No ano de 1937, esse trabalho ficou a cargo da Comissão Honorária de restauração e conservação da Fortaleza de Santa Teresa²⁵⁷. Essa comissão foi composta pelo Gen. Alfredo Baldomir, o Historiador Horacio Arredondo e o Arquiteto Francisco Capurro, o qual será substituído, em 1940, pelo arquiteto Alfredo R. Campos. A planta de José Pérez Brito (1792) foi utilizada como base, para reconstrução do forte São Miguel, por Horacio Arredondo, e equipe²⁵⁸.

²⁵⁷ Neste ano foi declarado Monumento Histórico Nacional e uma grande área em seu entorno foi transformada em Parque Nacional e área de preservação de mata nativa.

²⁵⁸ Também fora utilizada, como referência, a planta elaborada por Bernard Lecocq (1775). Considerando que essa planta é semelhante a de Perez Brito não foi publicada nesse trabalho.



Foto Aérea do Forte de São Miguel.
Cartão Postal.

Figura 76: Foto aérea do forte São Miguel

O sistema defensivo, a través de suas muralhas, é formado por quatro baluartes e em cada um há uma guarita²⁶¹. A entrada do forte é protegida por um fosso quadrado²⁶² (no qual foram colocadas algas para mantê-lo limpo) e uma ponte móvel.

A fortificação possui um perímetro de 300 m e a altura média de suas muralhas é de 5 m, sendo que nas cortinas atinge, somente, 2 metros²⁶³.

Suas muralhas, assim como a da Fortaleza de Santa Teresa, nos permitem ter uma aula de engenharia militar do século XVIII realizada pelas Coroas Ibéricas em suas colônias. Porém, também notamos a falta da caracterização das muralhas e de seus componentes básicos.

²⁶¹ A cúpula foi elaborada pelos restauradores Cf. ARREDONDO (1955).

²⁶² O fosso possui três metros de profundidade Cf. DUARTE, Eduardo. "Velhos fortes". **Revista do Museu Julio de Castilhos**, Porto Alegre, 1955.

²⁶³ ORECCHIA, 1999, p. 118.

Na área interna do forte, assim como em suas troneras, estão expostos vários canhões de época. Porém a maioria deles não possui referencia quanto à procedência e/ou a época de sua utilização. No entanto, na documentação de Arredondo (1955), apreciada durante esta pesquisa, o mesmo relata que arrecadou vários canhões de todo o Uruguai para colocá-los em exposição.

Os estabelecimentos internos, os quais cercam a praça do forte, foram restaurados e transformados em museu histórico²⁶⁴. Em suas dependências são expostos ambientes com representações do século XVIII e XIX através de artefatos.



Figura 77: Área interna do forte São Miguel (2004)

²⁶⁴ Segundo as plantas apreciadas por esse trabalho não consta a habitação para capelão. No sítio, atual, há uma sala para tal.



Baluarte Leste
Fotografado por Guilherme Luchsinger.

Figura 78a: Muralha do Forte São Miguel (2004)



Cortina Sudoeste (SW) do Forte São Miguel.
Fotografado por Guilherme Luchsinger.

Figura 78a: Cortina Sudoeste



Baluarte Norte: Cortina Nordeste.
Fotografado por Guilherme Luchsing.

Figura 78b: Baluarte Norte e Cortina



Baluarte Oeste: Cortina Nordeste.
Fotografado por Guilherme Luchsing.

Figura 78c: Baluarte Oeste



Baluarte Sul
Fotografado por Guilherme Luchsinger.

Figura 78d: Baluarte Sul



Vista da Lagoa Mirim ao norte.
Fotografada por Guilherme Luchsinger.

Figura 78e: Baluarte Leste ao fundo Lagoa Mirim

Na área externa do forte foram construídos museus históricos e arqueológicos temáticos: o museu “Criollo” abriga diversos artefatos temáticos da vida rural no Uruguai. Estando centrado, basicamente, na história dos meios de transporte em especial dos diferentes tipos de carretas, já pertencentes ao século XIX. O museu

indígena abriga diversos artefatos arqueológicos pertencentes aos grupos indígenas que habitaram a região. Coleção arrecadada e doada por Horácio Arredondo. A maioria sem detalhes sobre a procedência. Foi construída, na área do parque, uma típica “pulperia”.

4.3 FORTALEZA DE SANTA TERESA

O sítio arqueológico histórico fortaleza de Santa Teresa está localizado no litoral do Uruguai – departamento de Rocha - a cerca de 30 km do Chuí, município brasileiro. Local onde se podem avistar as imensas planícies, com seus característicos palmeirais por um lado, e o oceano Atlântico por outro.



Vista da Estrada do Forte Santa Teresa.
Fotografado por Guilherme Luchsinger.

Figura 79: Fortaleza Santa Teresa: Via de acesso (2004)

A fortificação de Santa Teresa foi idealizada, inicialmente, pelo português Cel. Tomás Luiz Osório. No entanto, a forma que hoje podemos observar foi concebida pelo engenheiro francês, a serviço da Espanha, Juan Bartolomé Howel.

Gomes Freire de Andrada, em 1762, temendo a repercussão da guerra na Europa, a qual colocou em lados opostos Portugal e Espanha, previu que D. Pedro de Cevallos²⁶⁵ invadiria as possessões portuguesas no sul. Assim, nomeou o coronel Tomás Luís Osório²⁶⁶ como comandante da expedição responsável em bloquear o avanço espanhol por terra. Nessa ocasião, enviou tropas de Laguna para seu auxílio.

Osório teria como missão, além de guarnecer as fortificações ao redor do Rio Grande (São Miguel e Chuí), instalar pontos de defesa e ataque no local denominado de “La Angostura”²⁶⁷.

Naquela ocasião Gomes Freire havia advertido Osório de que a ocupação em Angostura deveria ser feita à maneira oculta das patrulhas espanholas. Ou seja, deveria ter construído barreiras fortificadas, e não iniciado a construção de uma fortaleza. Pois as primeiras, provavelmente, levariam cerca de um mês, enquanto que a outra, pelo vulto da obra, mais de um ano²⁶⁸. No entanto, Osório, embora tenha escolhido um ponto estratégico de ocupação, não seguiu a orientação

²⁶⁵ Governador de Buenos Aires e defensor “radical” do Tratado de Tordesilhas. Esse, desde 1760, vinha advertido Gomes Freire de Andrada e Elói Madureira para que desocupassem as terras ao sul de Laguna.

²⁶⁶ Comandante da tropa de cavalaria da fortaleza de Rio Pardo.

²⁶⁷ La Angostura “[...] como se denominaba la lengua de tierra firme entre la costa oceánica y los bajíos y bañados de la Laguna Negra, para alcanzar la Vaquería del Mar y la Colonia”. Cf. CASAL, Juan Manuel. “Fortificaciones y vida militar en la frontera colonial hispano-portuguesa”. CASTELLO, I. R. (Org.). **Prática de integração nas fronteiras**: temas para o Mercosul. Porto Alegre, 1995, p. 116.

²⁶⁸ MONTEIRO, J. C. R. Dominação espanhola no Rio Grande do Sul (1763-77). In: **Separata da Revista Militar Brasileira**. Rio de Janeiro: Estado Maior do Exército, 1937a, p. 37.

recebida de Gomes Freire. Ao invés de construir uma linha de defesa, através de trincheiras, optou por projetar e iniciar a construção de uma fortaleza.

Assim, em 4 de dezembro de 1762, foi lançada a pedra de fundação da fortaleza de Santa Teresa. O projeto dessa fortificação, com a forma de um pentágono irregular, foi delineado por João Gomes de Mello²⁶⁹. Conforme a descrição de Mello, na Planta 1, em janeiro de 1763 somente uma pequena parte do fosso estaria aberta. O mesmo destacou que: *“A terra que della sahia sesustenta com alguma fachina sustentada por algumas estacas mal cravadas. As obras exteriores só estão idealizadas. Tem o principio o levantamento da pedra em 4 de dezembro de 1762”*. Como enfatiza Horacio Arredondo (1955, p. 102), a obra inicial dessa fortificação foi uma modesta trincheira de pau a pique.

²⁶⁹ Weiner refere-se a João Gomes de Mello como “cabo de esquadra”. WEINER, Günter. Arquitetura de defesa. In: **A arquitetura**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1991, p. 32.

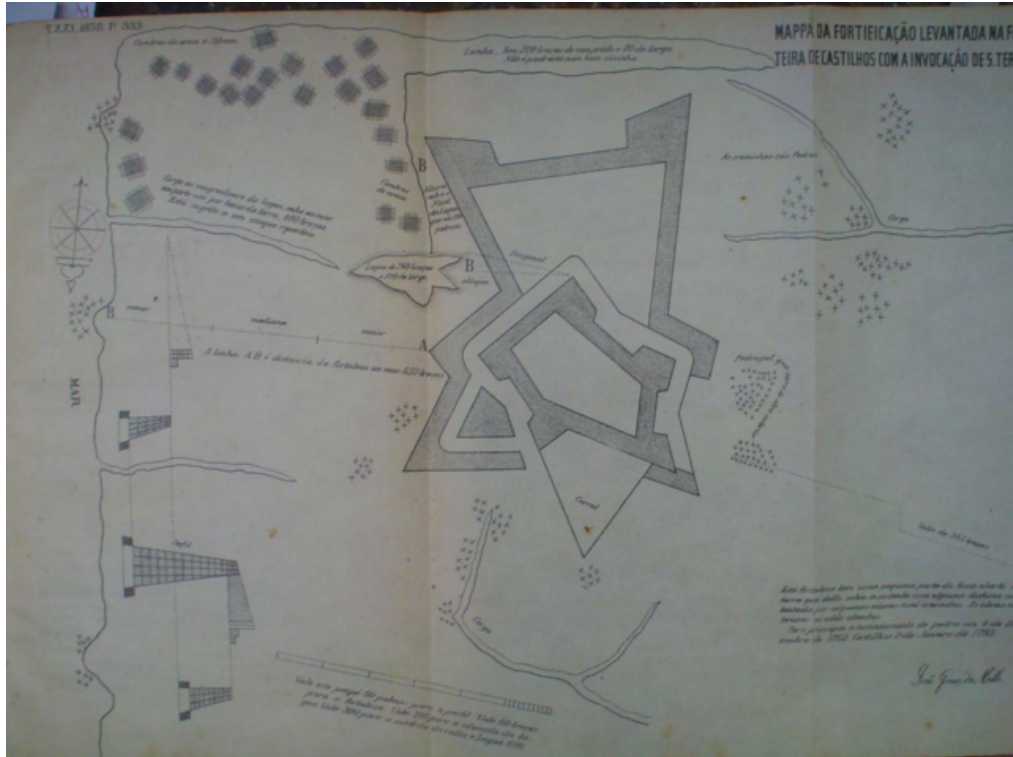


Figura 80: Planta 1 - Santa Teresa (1763) por João Gomes de Mello²⁷⁰

Cumprindo a previsão de Gomes Freire, Pedro de Cevallos, após dominar Sacramento em 1762, rumou em direção ao Rio Grande. Em Abril de 1763 as tropas espanholas chegaram a Santa Teresa. A qual é entregue, sem resistência, ao Capitão Francisco Zabala. Nesse período, os espanhóis também conquistaram, sem resistência, o forte de São Miguel e as demais fortificações portuguesas da vila do Rio Grande de São Pedro.

A perda da “Angostura” e das demais fortificações na região fez com que Osório fosse preso e julgado. Segundo esse, em relação à Santa Teresa, a causa da

²⁷⁰ OSORIO, Fernando Luiz. A trincheira de Castillos. In: **Anais do II Congresso de História e Geografia Sul Rio-Grandense**. IHGRS-GLOBO: Porto Alegre, 1937.

rendição teria sido a deserção de muitos soldados, além da falta de artilharia e de alimentos²⁷¹. O que tornaria impossível resistir, sob estas condições.

A desaprovação da sua iniciativa em construir uma fortaleza pode ser atestada neste fragmento de documento onde é destacado que:

‘[...] foi acertado mandar passar o Coronel a estreitura e nella fortificar-se, mas havia de ser com huma trincheira ou linha de cavalos de frisa e não com fortificação que firma na planta, porque esta so serviria para os inimigos nos fazerem as suas correrias em nosso paiz o que não sucederia com as estacas e cavalos de frisa²⁷².

Sua condenação tem causado divergência entre os pesquisadores. Alguns historiadores defendem que Osório foi acusado injustamente e que diante das circunstâncias teria sido necessária a rendição. A maioria da guarnição havia desertado e a capacidade de resistência era nula. Acordos e capitulações eram comuns no contexto platino, naquele período. Por outro lado, como foi observado por Monteiro (1937) “[...] militarmente foi um erro, pois em estado de guerra, para bem dizer na presença do inimigo, só se deve fazer fortificações passageiras a terminar rapidamente”²⁷³. Osório foi libertado e permaneceu no Rio de Janeiro até o ano de 1768. Quando foi acusado de abrigar, em sua casa, um jesuíta. Devido a isso fora deportado para Lisboa onde, novamente, foi julgado e desta vez, condenado a forca.

²⁷¹ MONTEIRO, J.C.R. Dominação espanhola no Rio Grande do Sul (1763-77). In: **Separata da Revista Militar Brasileira**. Rio de Janeiro: Estado Maior do Exército, 1937a.

²⁷² Cartas da Junta Governativa em 5/05/1763. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. (Col. 84 - Vol. II) apud MONTEIRO, 1937a, p. 51-52.

²⁷³ MONTEIRO, 1937a, p. 37.

Cevallos vitorioso, por ter conquistado grande parte do território português no sul, retorna para a Espanha²⁷⁴.

Na década de 1770 iniciam-se os conchavos, na corte, para uma nova investida nas terras de que, segundo a Espanha, Portugal vinha se apropriando²⁷⁵. Esse período foi marcado por uma série de confrontos nas fronteiras ibéricas platinas, entre estancieiros, e tropeiros na disputa pelo gado. Será nesse contexto que Cevallos ordena que seja construída a fortaleza de Santa Teresa.

O plano inicial espanhol da fortificação foi elaborado pelo engenheiro Francisco Rodríguez Cardoso. No entanto, Juan Bartolomé Howel, a serviço da Espanha, foi quem idealizou e executou um novo plano em toda a sua amplitude²⁷⁶. O qual adquiriu a forma que hoje podemos contemplar.

O período exato da sua construção é difícil de precisar. Para Furlong (1969) teria iniciado por volta de 1774 e terminado em 1780²⁷⁷. Porém, segundo Arredondo (1929), Howel já se encontrava em Santa Teresa no ano de 1772. Para Astigarraga (2003a), a obra teria sido concluída em 1791. E, conforme o DEHEME²⁷⁸, sua muralha e obras exteriores - uma linha fortificada que cortava o caminho da fortificação, por um lado até o pântano da Lagoa Negra e por outro até a lagoa

²⁷⁴ Sendo substituído por Vertiz e Salcedo. No comando do Vice-Reino do Rio da Prata.

²⁷⁵ Em 1767, o povoado de São José do Norte era conquistado pelos portugueses. Ficando sob o controle de Portugal, naquele período, Rio Pardo, Viamão e São José.

²⁷⁶ ARREDONDO, Horacio. "Santa Teresa y San Miguel - la restauración de las fortalezas y la formación de sus parques". **Revista da Sociedad Amigos de La Arqueología**, Montevideu, p. 102, 1955.

²⁷⁷ Cf. FURLONG, Guilherme. **Historia social y cultural del Rio de la Plata**. Buenos Aires: Editora Argentina, 1969, p. 527.

²⁷⁸ Departamento de estudos históricos do exército uruguaio.

próxima ao mar - foram terminadas até 1775; as construções internas, até 1800²⁷⁹. A linha fortificada pode ser observada na planta em anexo.

Talvez as obras da fortificação nunca tenham sido interrompidas, mas, sim, melhor elaboradas por Howel. Considerando a afirmação de Horacio Arredondo (1955), de que “*Su construcción se inició en 1762 y finalizó hacia el 1780*”²⁸⁰.

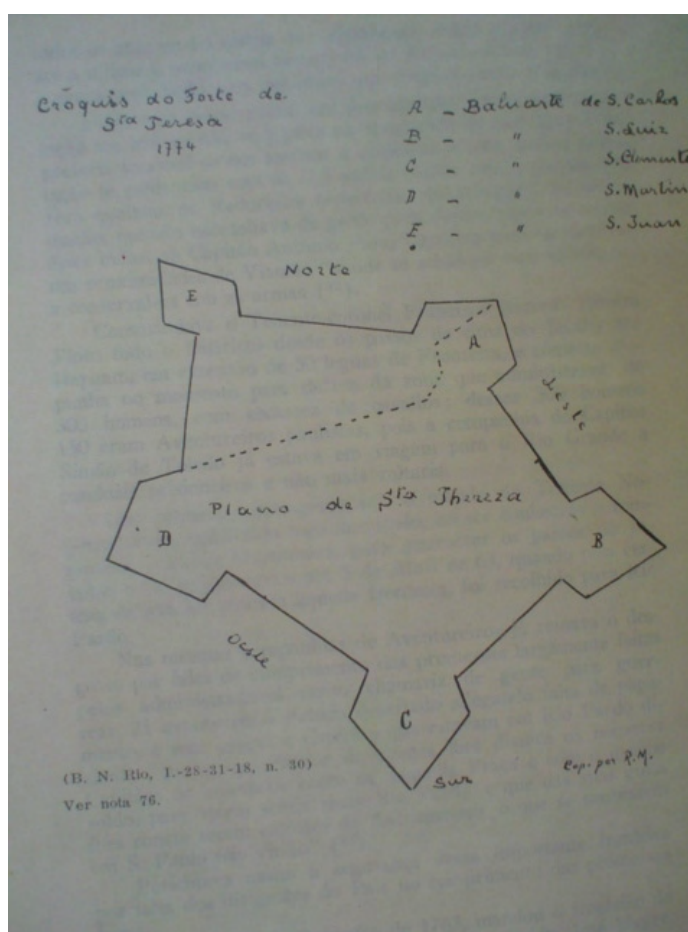


Figura 81: Planta 2 - Croqui de Santa Teresa (1774)

Fonte: MONTEIRO, 1937a, p. 21.

²⁷⁹ DEPARTAMENTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DO EXÉRCITO URUGUAIO. **Fortaleza de Santa Teresa**. Montevideo: Departamento de Estudios Históricos do Exército Uruguaio, [s.d.]. CD-ROOM.

²⁸⁰ ARREDONDO, Horacio. “Santa Teresa y San Miguel – la restauración de las fortalezas, la formación de sus parques”. **Revista de la Sociedad Amigos de la Arqueología**, Montevideo, p. 298, 1955.

A denominação dos baluartes nesse croqui foi baseada em um outro croqui sem data e autor, encontrado na Biblioteca Nacional²⁸¹. Monteiro (1937) infere que as denominações dos baluartes devem ser de origem espanhola, considerando que, no desenho de João Gomes de Mello (1763), não consta referência a nomes²⁸².

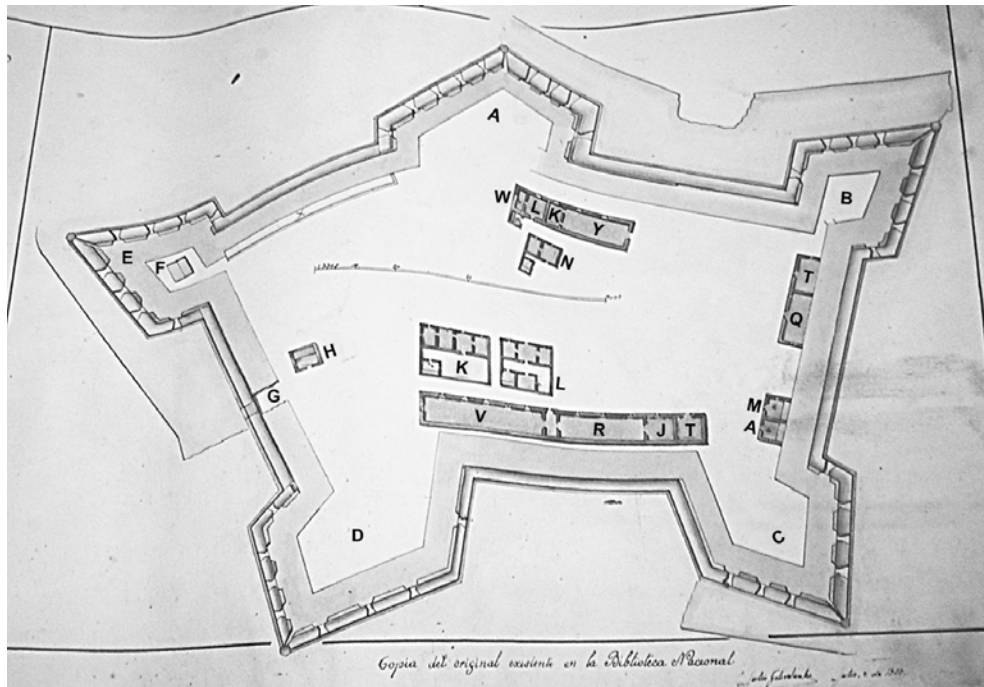


Figura 82: Planta 3 - Santa Teresa (1792)

Fonte: DEPARTAMENTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DO EXÉRCITO URUGUAIO

Conforme consta na legenda da Planta 3 (1792), a muralha e a construção que abriga os estabelecimentos relativos às letras **V** (Quartel de Infantaria), **R e S** (Armazéns) e **T** (“Cxujidas”)²⁸³ eram as únicas edificações conforme o projeto, os

²⁸¹ Biblioteca Nacional: Rio de Janeiro apud MONTEIRO, 1937a.

²⁸² MONTEIRO, 1937a, p. 44.

²⁸³ CXUJIDAS - O que seria? Pedro Cermeño em correspondência a D. Cevallos (1778) relatando sobre as baterias na Ilha Gorriti informa que “[...] y hay también una cuadro o crujida de 132 varas de largo [...] que podrán acojerce 200 homens [...]” apud ARREDONDO (1929, p. 353). Assim, supomos, que a designação refere-se a quartel para tropa.

demais eram provisórios²⁸⁴. Porém, podemos observar que na Planta em anexo, só consta o prédio acima citado e está identificado como “Cuartel que sirve de hospital”. O que designa um grande estabelecimento com variados estabelecimentos funcionais.

Em relação à forma de sua muralha, como pode ser observada, nas plantas apresentadas, seu desenho tem a forma de um pentágono irregular, com um baluarte em cada ângulo, formando, em conjunto, um polígono de 25 lados de distintas dimensões²⁸⁵.

Quanto aos seus baluartes, foram nomeados em homenagem aos santos devotos: San Clemente, o mais alto localizado no ângulo SE; São Luis, a NE; São Carlos, no Norte; São João - o mais baixo, no ângulo NW e São Martin, a SW²⁸⁶.

Sua muralha foi construída com pedras de granito lavradas²⁸⁷, cuja altura varia entre 5 e 12 metros²⁸⁸. Em cada baluarte, sobressaindo-se da muralha, foi construída uma guarita hexagonal coberta por uma cúpula. O seu conjunto nos demonstra à habilidade artística de quem as concebeu e executou.

²⁸⁴ Referente a esses estabelecimentos, na planta, todos estão localizados num amplo prédio entre os baluartes São Martin e São Clemente.

²⁸⁵ Considerando que cada baluarte é composto por duas faces e dois flancos, obtemos 4 lados. Multiplicando pelos 5, teremos vinte lados. E somando-se as 5 cortinas, chegamos a esse resultado.

²⁸⁶ Conforme a Planta 3 os baluartes correspondem, respectivamente, as letras C; B; A; E; e D.

²⁸⁷ São pedras cortadas, geralmente, em forma de quadrado e/ou retângulo utilizada para o revestimento de paredes.

²⁸⁸ ARREDONDO, 1955c, p. 151.



Detalhe do Balaarte São João.
Fotografado por Guilherme Luchsinger.

Figura 83: Guarita de Santa Teresa

O perímetro da fortaleza, que abrange 642m, é todo formado por dois muros paralelos e separados entre si, constituindo um espaço que varia entre 5 e 7 metros²⁸⁹. Tal espaço é preenchido com terra, formando um adarve. A espessura do muro externo é de aproximadamente 4m na base e 2, na cúspide²⁹⁰. A altura da muralha varia entre 2,5 e 3 metros acima da praça das armas onde estão localizados, no entorno, os estabelecimentos internos.

²⁸⁹ Cf. Departamento de estudos históricos do exército uruguaio (DEHEME).

²⁹⁰ GURIA, Juan apud FURLONG, 1969, p. 527.



Flanco Baluarte São Luiz.
Fotografado por Guilherme Luchsinger.

Figura 84: Flanco do Baluarte São Luiz



Figura 85: Baluarte São Luiz

A partir da década de 70 do século XVIII, a fortaleza de Santa Teresa abrigou um contingente militar e civil que foi se formando ao seu redor. O local chegou a ter

128 habitantes, entre os quais se encontravam os familiares da guarnição, comerciantes e trabalhadores guaranis²⁹¹. Esses provindos dos povoados missioneiros e destinados às mais variadas atividades. Entre elas a construção e a manutenção das fortificações. Conforme Porto (1954), em 1772, na fortaleza de Santa Teresa havia 300 índios guaranis. No ano seguinte, havia 600, que lá permaneceram até 1778²⁹².

A fortaleza, em 1811, volta a ser ocupada pelos luso-brasileiros. Período em que, o governador de Montevideu, sitiado pelo argentino Rondeau, e pelas tropas Orientais de Gervasio Artigas, solicitou o auxílio de D. João VI. Nesse período, D. Diogo de Souza²⁹³ mandou reparar algumas brechas na Fortaleza e a guarneceu com artilharia e homens²⁹⁴.

Entre 1816 e 1824, Santa Teresa passou novamente para o domínio luso-brasileiro inserida na Província Cisplatina, até a independência do Uruguai em 1825. A qual teve, como marco, a conquista, obtida sob o comando do Cel. Leonardo de Oliveira, das fortificações de Santa Teresa e do Chuí²⁹⁵.

Assim, a partir de 1825, a fortaleza de Santa Teresa passou, definitivamente, a pertencer à República Oriental do Uruguai. Sendo utilizada a partir desse período, esporadicamente, com a função de guarda aduaneira de fronteira. Com o passar dos

²⁹¹ DEPARTAMENTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DO EXÉRCITO URUGUAIO. **Fortaleza de Santa Teresa**. Montevideu: Departamento de Estudos Históricos do Exército Uruguaio, [s.d.]. CD-ROM.

²⁹² PORTO, Aurélio. **História das Missões Orientais do Uruguai**. Porto Alegre: Selbach, 1954, p. 171.

²⁹³ General D. Diogo de Souza foi o 1º Governador do Rio Grande do Sul. Recebeu o título de Conde do Rio Pardo. Seu acampamento denominado de guarda de São Sebastião originou a cidade de Bagé (RS).

²⁹⁴ BENTO. **História da 3ª Região Militar (1809-1889)**. Porto Alegre: Qualidade Comunicação Gráfica, 1994, p. 147.

²⁹⁵ "La Coronilla" é o nome das praias situadas entre Santa Teresa e o Chui. Seu nome derivou dos abundantes montes de corollas (cocuruto) que existiam na costa - dessa região até 1885, aproximadamente, antes de serem cobertas pela areia. Note-se que na Planta em anexo esses montes foram assinalados.

anos, foi perdendo a sua função militar e por esse motivo permaneceu no abandono por mais de cinquenta anos. Entretanto a população que foi surgindo ao seu redor, foi se apropriando de seus estabelecimentos, ora como pouso, ora para saques. Utilizando e transportando desde os materiais construtivos, como telhas e pedras, até portas e janelas para os novos estabelecimentos na região. Enfim, todos os artefatos que puderam ser transportados²⁹⁶.

Somente no ano de 1890, iniciam-se as tentativas do Dept° de Rocha para proteger a fortaleza da destruição total. Dois anos após, o governo uruguaio sensibiliza-se e designa uma quantia em dinheiro para a sua restauração. No entanto, a comissão presidida por Pedro Lapeyre, chefe político do Dept° de Rocha, não efetivou o trabalho. Posteriormente, em 1895, a fortificação foi transformada em cárcere²⁹⁷. Nesse período, teria sido realizada a limpeza do local, pois a areia e a vegetação estavam causando danos a sua muralha.

Naquela ocasião, conforme Arredondo (1955), foram realizados os primeiros trabalhos de restauro na fortificação. Porém, o responsável pela obra, atesta o pesquisador, não possuía conhecimento da arquitetura colonial. Tendo utilizado nas muralhas, para unir as pedras, argamassa feita de cal, terra, e esterco de equino. Além de terem pintado a porta da comandância e sua fachada de vermelho “no aceite”²⁹⁸. Posteriormente, foi novamente abandonada e seu pátio interno

²⁹⁶ Como exemplo, ARREDONDO (1955, p. 104), destacou que encontrou uma pia de batismo feita de granito polido, na vizinhança. Na ocasião estava sendo utilizada para alimentar os animais. Além de peças de artilharia utilizadas como adorno nas imediações.

²⁹⁷ DEPARTAMENTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DO EXÉRCITO URUGUAIO. **Fortaleza de Santa Teresa**. Montevideu: Departamento de Estudos Históricos do Exército Uruguaio, [s.d.]. CD-ROM.

²⁹⁸ ARREDONDO, 1955c, p. 104.

transformado em curral para cavalos. Além de uma área, de cerca de 100 hectares, utilizada para a criação de eqüinos²⁹⁹.

No ano de 1906, foi elaborado um projeto de Lei que pedia a demolição da fortaleza. Felizmente o bom senso prevaleceu.

Assim, durante os séculos, seus remanescentes sofreram diversas interferências e alterações em sua construção - ora para melhorar, ora para assaltar, ora pelo próprio abandono.

Em 1917, Horacio Arredondo e César Ferreira visitaram, pela primeira vez, o departamento de Rocha e encontraram a fortaleza em ruínas. Arredondo relatou que:

la impresión que recibí del arcaico monumento fué profunda. Aquella obra del hombre, que tanto decía de su capacidad para crear, abandonada [...]. Me sugirió, de inmediato, la realización de tres propósitos: escribir su historia, realizar su restauración y contener las dunas con plantaciones apropiadas³⁰⁰.

Seus propósitos foram cumpridos, retornaria posteriormente para reerguê-la como monumento nacional, e principalmente como um museu-sítio.

No ano de 1920, sob a coordenação de Horacio Arredondo e do arquiteto Fernando Capurro, o projeto para a restauração da fortaleza foi iniciado. Porém, devido a questões políticas e a divergências profissionais, entre os pesquisadores e

²⁹⁹ Sob o comando do Ministério da Defesa Nacional. Cf. ARREDONDO, 1955c, p. 155.

³⁰⁰ ARREDONDO, 1955c, p. 50.

o Ministério do Exército, somente em 1928³⁰¹ os trabalhos na fortificação foram iniciados³⁰².

Horacio Arredondo projetou e idealizou a restauração da fortaleza. Seu projeto e obra estavam fundamentados em uma sólida documentação histórica, arqueológica, cartográfica e arquitetônica do século XVIII. Além disso, o pesquisador estava atento sobre os trabalhos de restauração, em monumentos históricos, na Europa³⁰³. O mesmo destacou que, naquele período, nos congressos de arquitetura era consensual, como norma de conduta que “[...] *los viejos edificios históricos, al carecer de documentación iconográfica y documental bien saneada, no deben tocarse y sí dejarse como ruínas*”. Porém, ao ser contestado pelo seu projeto de reconstrução, total, justificou-se dizendo que

*[...] el capital documental de Santa Teresa es completo y permite la reconstrucción total sin temor a inexactitudes de reproducción, sobre todo para los edificios internos que no tienen mayores detalles de ornamentación, ni de perfeccionamiento artístico*³⁰⁴.

Quando Horacio Arredondo chegou a Santa Teresa, pela primeira vez, apesar da sua muralha estar coberta pela areia e afetada pela vegetação, mantinha sua forma original³⁰⁵.

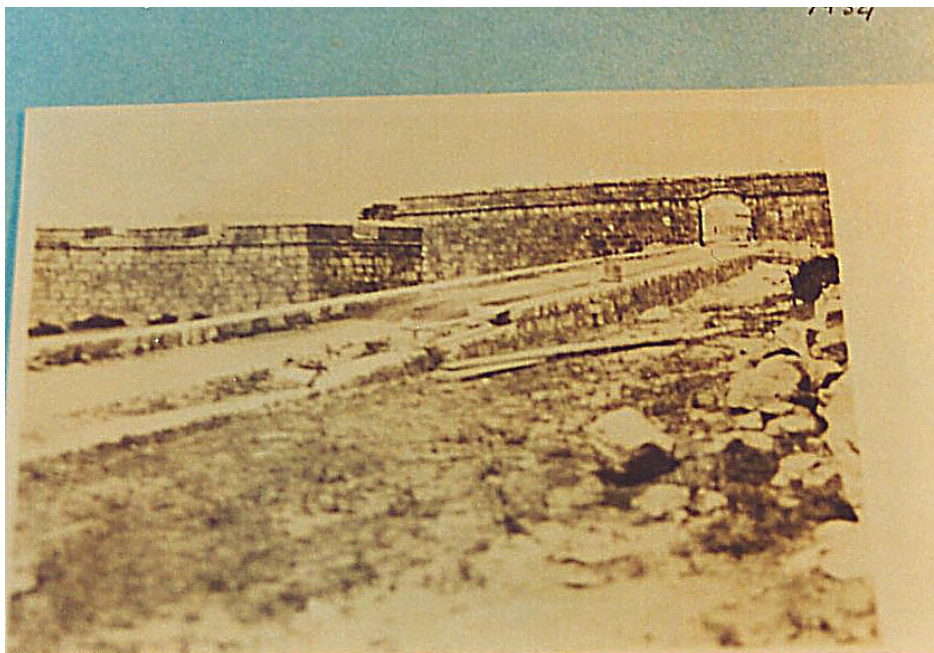
³⁰¹ Um ano após a fortificação de Santa Teresa ter sido Tombada como Monumento Nacional.

³⁰² Nessa ocasião, além de Arredondo e Capurro a comissão era composta pelo arquiteto Gral. Alfredo Badomir. Em 1940, Capurro permanece na Europa e o Arquiteto Alfredo Campos assume o seu lugar.

³⁰³ ARREDONDO, (1955c, p. 92) cita como referência o livro de Paul Leon - Diretor do serviço de reconstrução histórica do Ministério de Bellas Artes da França - “Les Monuments Historiques” Paris, 1917.

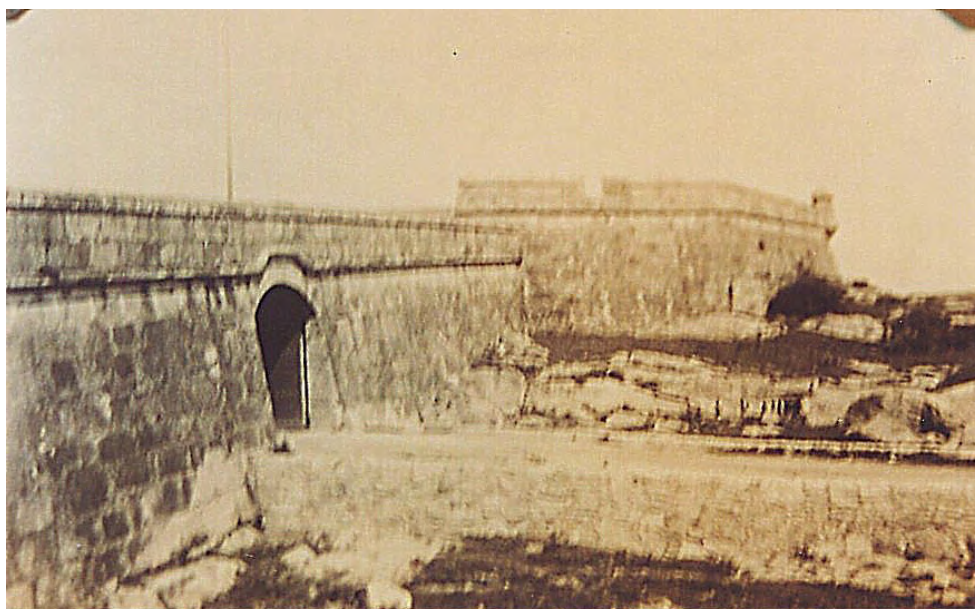
³⁰⁴ ARREDONDO, 1955c, p. 90.

³⁰⁵ Somente os remanescentes do muro eram do período espanhol. ARREDONDO, 1955c, p. 90.



Arredondo (1937).
Fotografado por Guilherme Luchsinger.

Figura 86: Fortaleza de Santa Teresa (1934): Fachada e Baluarte São João
Fonte: Álbum fotográfico: ARREDONDO, 1934.



Arredondo (1934).
Fotografado por Guilherme Luchsinger.

Figura 87: Fortaleza Santa Teresa (1934): Fachada e Baluarte São Martin
Fonte: Álbum fotográfico: ARREDONDO, 1934.

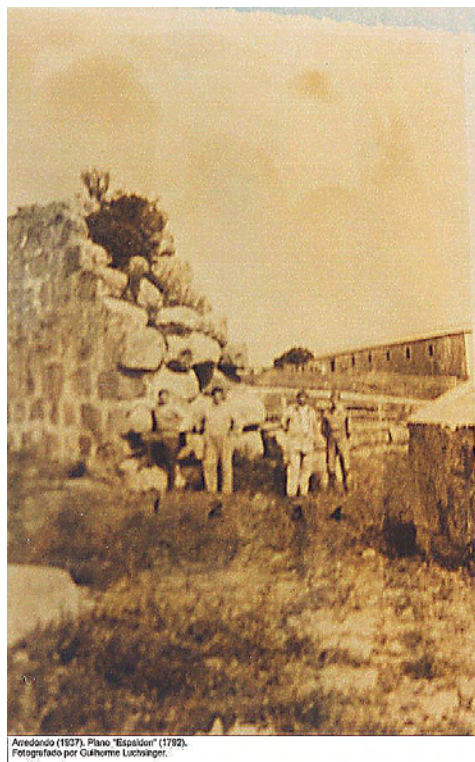


Figura 88: Fortaleza Santa Teresa (1934): Espaldão
Fonte: Álbum fotográfico: ARREDONDO, 1934.

Por outro lado, os estabelecimentos internos foram transformados ou construídos, posteriormente, em distintas épocas.

Para a restauração, desses estabelecimentos, o pesquisador justificou que estava alicerçado nos planos da época e nas pesquisas desenvolvidas por Fernando Capurro. O qual havia desenvolvido um estudo sobre a tipologia dos artefatos, presente nas edificações, do período colonial, em Maldonado, São Carlos e Sacramento.

Assim, por unanimidade, a comissão optou pela reconstrução de algumas edificações existentes, assim como recobri-las com telhas do período colonial. Para as obras de carpintaria como portas e janelas, assim como os acessórios em ferraria, basearam-se nos testemunhos da época.



Figura 89: Planta 4 - Santa Teresa (1797)

Fonte: Museu de Santa Teresa

Como podem ser observados na Planta 4, alguns estabelecimentos internos foram reconstruídos e outros não³⁰⁶. Horacio Arredondo destacou que, no período da restauração, algumas habitações já não existiam (por serem provisórias) e que outras não constavam na cartografia. Provavelmente, segundo o pesquisador, por terem sido construídas até o início do século XIX.

Estado de conservação do Sítio Arqueológico Histórico (2004).

O sítio arqueológico Fortaleza de Santa Teresa encontra-se totalmente conservado e preservado³⁰⁷. Além de estar inserido em uma área de 3 mil hectares de preservação da flora e da fauna.

A exposição da muralha, de Santa Teresa, totalmente restaurada e preservada, nos permite ter uma aula prática, ao ar livre, sobre as construções e as

³⁰⁶ Planta 4 - Baseada nas pesquisas feito por Horácio Arredondo.

³⁰⁷ Sob a guarda do exército uruguaio.

tipologias de um sistema de fortificação moderno³⁰⁸. Lamentavelmente não há empreendimento nesse sentido.



Figura 90: Foto aérea da Fortaleza de Santa Teresa

Fonte: Cartão Postal

Ao apreciar a majestosa fortificação, sobressaindo-se em meio à vegetação litorânea, somos induzidos a estabelecer um parecer técnico-artístico. Estamos à frente de uma belíssima fortificação, ibero-americana, delineada sob a influenciada da Escola de Vauban. Pelo seu desenho e pela sua estrutura parece ser uma fortificação inatingível, para a época.

Foi essa a visão que Juan Guiria teve quando relatou que o seu traçado

³⁰⁸ Embora, como as demais fortificações, ibero-americanas, apresentam defeitos em relação a alguns preceitos da engenharia militar moderna.

'[...] obedece a um hábil y meticoloso cálculo de sus fuegos, fundado em el exacto conocimiento de los diversos niveles de sus contornos, a los que deben ser dirigidos'³⁰⁹. Essa idéia foi compactuada pelo Ministro do Exército uruguaio, em 1923, quando destacou que a fortaleza é [...] 'una admirable muestra de la ingeniería militar, que evidencia una gran competencia de la persona que la proyectó'.

Horacio Arredondo, a respeito da afirmação feita pelo ministro declarou que

Esta opinión, rotunda y definitiva, difiere radicalmente de la de 'todos' los técnicos que la han examinado. Sin excepción, los ingenieros militares españoles y uruguayos que han formulado opinión sobre el tema, la han calificado como una fortaleza completamente abierta a los fuegos del enemigo... Podría fundar extensamente esta opinión, con acopio de citas y de referencias; y mi opinión personal ya conocida, es que sus defectos están al alcance del ojo más profano'³¹⁰.

Na documentação histórica, é possível constatar que, na maioria das vezes, quando foi sitiada não apresentou resistência aos seus invasores. Isso se justificaria, por um lado se considerarmos a falta de material bélico, e, por outro, a de uma guarnição melhor preparada. Além disso, o que podemos verificar é que as fortificações, sitiadas, geralmente capitulavam pela falta de víveres.

Em relação aos elementos de defesa de Santa Teresa, podemos destacar algumas discordâncias no que se refere aos preceitos da engenharia militar, no século XVIII. Entre elas a falta de um fosso, a demasiada largura da Gola (abertura entre duas caras), ou a excessiva proeminência de seus baluartes. Além da inexistência de uma cisterna, ou poço, no interior da fortificação. Sendo o abastecimento de água obtido em uma lagoa, próxima, cujo caminho estava fortificado³¹¹.

³⁰⁹ GURIA, Juan apud FURLONG, 1969, p. 527.

³¹⁰ ARREDONDO, 1955c, p. 96.

³¹¹ ARREDONDO, 1955c, p. 201.

No entanto, suas muralhas, restauradas, nos permitem apreciar essa esplendorosa obra realizada e defendida por ameríndios, ibéricos e ibero-americanos em diferentes contextos do nosso passado colonial.

Suas dependências foram transformadas em Museu de Sítio Histórico no ano de 1982³¹². Sendo criadas salas temáticas onde podemos observar réplicas dos mais variados artefatos do século XVIII e posterior. Também, está exposta uma série de aquarelas do pintor Emílio Regalia sobre a indumentária militar do século XVIII ao XIX³¹³.

E, finalmente como complemento, é distribuído pela administração do museu-sítio folhetins com alguns dados históricos relativos ao período de ocupação da fortificação.

Cabe destacar que impressionados ficamos diante da falta de referência, nos trabalhos apreciados, a respeito de diversos artefatos móveis que devem ter sido evidenciados nos trabalhos de campo realizados por Horácio Arredondo.

³¹² Segundo informação do DEHEME uruguaio. No entanto ARREDONDO (1955c) refere-se às salas temáticas por ele idealizada e realizadas!?

³¹³ Emilio Regalia foi um especialista nesse assunto. Suas aquarelas é um aporte à iconografia militar, do ponto de vista documental, como destacou ARREDONDO (1955). Sobre a indumentária das guarnições da ilha de Santa Catarina e do Rio Grande de São Pedro foram apresentados estudos por CABRAL (1972) e BENTO (1994), respectivamente. Porém, considerando as dificuldades enfrentadas pelos grupos de soldados ibero-americano, no século XVIII e subseqüente, acreditamos que as regras e instruções, relativas a modelos e cores, não devem ter saído do papel.

4.4 SITIO ARQUEOLÓGICO HISTÓRICO ISLA GORRITI

O Sítio arqueológico histórico *Isla de Gorriti* localiza-se na República Oriental do Uruguai, a cerca de 2 km da baía de Maldonado. Está Inserido em uma área de 21 hectares cuja extensão de sul a norte é de aproximadamente 2 km³¹⁴.



Figura 91: Foto aérea Ilha Gorriti

Fonte: Ministério de Turismo do Uruguai

A ilha Gorriti foi palco de diversas ocupações e explorações de cunho científico, político, econômico e militar desde o século XVI. Transformando-se, assim, em um grande potencial para estudos arqueológicos e históricos³¹⁵. O que permitiu, em 1984, a sua consagração como patrimônio histórico e cultural do Uruguai.

³¹⁴ CURBELO, Carmem; PÉRES, Leonel Cabrera. “Arqueologia Histórica em Isla Gorriti”. **Revista do Patrimônio Cultural**, Montevideo: Ministerio de Educacion Y Cultura Comision del Patrimonio Historico Artistico Y Cultural de La Nacion, 1993.

³¹⁵ Assim como a baía e a região de Maldonado.

Nas primeiras décadas do século XVI, as expedições de reconhecimento e exploração do “Novo Mundo” ocasionaram o descobrimento do Rio da Prata. Essa descoberta tem sido aludida ao espanhol Juan Díaz de Solís, a serviço de Portugal, no ano de 1515³¹⁶.

Durante o século XVI, diversos outros exploradores percorreram a região a serviço de suas Coroas. Entre as expedições que aportaram na Ilha Gorriti³¹⁷ está a de Fernando de Magalhães (1520), Sebastián Gaboto (1527), Diego Garcia (1527) e de Martim Afonso de Souza (1531). Seus diários nos fornecem diversificadas informações sobre as características da ilha e da baía de Maldonado. Entre elas, as qualidades naturais e o interesse político e econômico do local. Pedro Lopez de Souza³¹⁸ registrou que, durante sua estada na ilha, abasteceu os navios com água e lenha. Também destacou que a quantidade de peixes e de palmeirais, no local, proporcionou o provimento alimentar da tripulação³¹⁹. Posteriormente, Souza teria sugerido ao Rei que a ilha fosse fortificada.

Durante o século XVII, expedições portuguesas, espanholas, holandesas, francesas e inglesas avaliaram a ilha e a baía de Maldonado e destacaram a importância estratégica de se possarem do local.

³¹⁶ No entanto em 1514, segundo PEREIRA, Esteves, apud CAPURRO (1947, p. 28), João de Lisboa, acompanhado de D. Nino Manuel e Cristóvão de Haro, ao percorrerem a costa do Brasil, no sentido Norte-Sul, atingiram o cabo de Santa Maria e reconheceram o estuário do Rio da Prata. Lisboa, na ocasião, teria determinado a Lat. 35° para o local, coincidindo com a marcação de Solís.

³¹⁷ Denominada, inicialmente, de “Las Palmas”, de Maldonado e, também, de “Green Island”, pelos ingleses, no século XVII. Posteriormente, na segunda metade do século XVIII, passou, aos poucos, a ser chamada de “Gorriti”. Nome associado ao chefe militar, Francisco Gorriti, que fora enviado, como prisioneiro, para a ilha, em 1752, após, divergências com o governador, e o Cabildo de Montevideú, apud ARREDONDO, Horacio (hijo). “Maldonado y sus fortificaciones”. **Revista da Sociedad Amigos de la Arqueología**. Montevideú, 1929.

³¹⁸ Irmão de Martim Afonso de Souza e integrante da expedição (1531).

³¹⁹ VARNHAGEM, F. A. (1869). “Diário de Navegação de Pero Lopes de Souza”, apud ARREDONDO, 1929, p. 300.

Em 1600, sob a ordem de Diego Rodríguez Valdéz de la Vanda, Governador do Paraguai, uma expedição para exploração da Ilha partiu de Buenos Aires. Antonio Fernández Camiña, comandante da expedição, ao retornar, apresentou diversas informações, as quais foram enviadas para o Rei Felipe III³²⁰.

*'(...) hallamos muchos pozos de agua dulce (...) mucha arboleta y muchas palmeras que dan fruto que se come y es muy bueno; hay muy buenos palmitos de los que trajimos algunos, y muchas yerbas buenas a modo de España; hay apio y doradilla y Abeuca y rosmanino, “[que entiendo es tomillo]”, mejorana y otras yerbas buenas*³²¹.

Em relação à possibilidade de fortificar o local, de seus pontos propícios, e a respeito da matéria-prima disponível, destacou que:

*'la isla se acomoda para poder hacerse fuerte en ella. Para más seguridad, en las dos puntas de la enseada se pueden hacer dos fuertes. Hay piedra para poder hacer todo lo que se quisiere; madera hay cantidad, pero es más para quemar que para edificios*³²².

No entanto, a Espanha não providenciou a posse do local. Somente a partir da década de 70 do Século XVII, novas expedições espanholas foram realizadas para avaliar a possibilidade de fortificar a ilha e a baía de Maldonado. Motivados, provavelmente, pelas notícias que chegaram a Buenos Aires, sobre o interesse português de se apossar da região. Nesse período, Portugal já havia distribuído sesmaria a Correa de Sá para iniciar o povoamento na região. Embora não tenha obtido sucesso, principalmente, por falta de uma estrutura militar de apoio.

³²⁰ Segundo, ARREDONDO (1929, p. 298), Felipe II já havia sugerido que a ilha fosse povoada e fortificada.

³²¹ ARREDONDO, Horacio (hijo). Maldonado y sus fortificaciones. In: **Sociedad amigos da Arqueologia**, Montevideu, p. 298-300, 1929.

³²² ARREDONDO, 1929, 298-300.

As notícias parecem proceder, pois, em 1679, partiram de Santa Catarina sete embarcações com portugueses, índios e pessoal especializado. Entre eles, ferreiros e carpinteiros - além da parafernália necessária - para a instalação de um assentamento na Ilha Gorriti, ou em Montevideú. No entanto, devido aos fortes temporais, tiveram que recuar³²³. Porém, em 1680, retornaram com a estratégia de fundar uma povoação em frente a Buenos Aires - a Colônia de Sacramento. Provavelmente, a expedição anterior pretendia preparar um ponto de apoio à nova colônia que seria fundada. Ou, talvez, a direção daquela expedição já fosse Sacramento.

No ano de 1684, quando a Colônia de Sacramento passou novamente para o domínio da Espanha, foi sugerido a D. Pedro II que mudasse o povoamento de Sacramento para Maldonado. Considerando a riqueza do local. Entre a Lagoa Mirim e Maldonado existiu o maior rebanho de gado chimarrão, o que ocasionou a exploração da região por tropeiros de São Paulo. E foram esses, na figura de Cristóvão de Mendonça, que auxiliaram Silva Paes na conquista e posse do Rio Grande. Como consequência, em 1715, o Tratado de Utrecht impediu, pelo menos teoricamente, que os portugueses se apossassem do rebanho de Maldonado.

A falta de uma atitude apropriativa em relação a Maldonado, pelas Coroas Ibéricas, fez com que o primeiro assentamento econômico e fortificado do local fosse realizado por um pirata francês, Estevan de Moreau, em 1717. Uma “indústria” de

³²³ SEIJO, C. (1945, p. 355), apud CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 10.

couro e reduto armado com quatro canhões, respectivamente³²⁴. A Espanha reagiu e expulsou Moreau.

No ano de 1720, o Rei Felipe V pediu providências a Bruno Zavala no sentido de fortificar Maldonado e Montevidéu³²⁵. Os portugueses já haviam se instalado em Montevidéu e foram expulsos, em 1723, por Zavala. Devido a isso, em 1724 foram iniciadas obras de defesa no local e, dois anos após, chegaram as primeiras famílias vindas de Buenos Aires.

Em relação a Maldonado, somente em 1730, Zavala, pressionado novamente pelo Rei, chegou à região. Ao retornar, seu parecer foi desfavorável, pois destacou que: *'Pude persuadirme ser todo aquel terreno en mucha distancia incapaz de población alguna por las montañas de arena de que está acubierta'*³²⁶. Sobre a ilha, considerou que a falta de água doce, lenha e material para fortificá-la tornariam inviável um assentamento³²⁷.

Silva Paes, em auxílio a Sacramento, no ano de 1736, ao passar por Maldonado e Gorriti, desistiu também de estabelecer uma base portuguesa na região. Destacando que a falta de provisões essenciais, como água e lenha, tornaria inviável um estabelecimento, no local. Optando, já previamente, pelo Rio Grande.

Assim, até a metade do século XVII, Espanha e Portugal só especularam sobre o povoamento da região de Maldonado. Mas, com o Tratado de Madri e sua posterior anulação, seria necessária a sua ocupação e fortificação.

³²⁴ CAPURRO, Fernando. San Fernando de Maldonado. In: **Sociedad de la Arqueología**. Montevidéu, Tomo X, p. 29, 1947.

³²⁵ CAPURRO, 1947, p. 30.

³²⁶ CAPURRO, 1947, p. 30.

³²⁷ ARREDONDO, Horacio (hijo). "Maldonado y sus fortificaciones". **Revista da Sociedad Amigos de la Arqueología**, Montevidéu, Tomo III, p. 333, 1929.

No ano de 1751, José Joaquim de Viana, o primeiro governador de Montevideu, tornou a sugerir as vantagens militares de povoar a baía de Maldonado. Destacando que era um ponto importante para barrar a passagem dos portugueses. Não tendo obtido resposta, iniciou a colonização da baía no ano de 1755, sob sua responsabilidade³²⁸. Assim, um grupo de famílias se fixaram nas imediações de “*portezuelo que llaman de la Ballena*”³²⁹. No local, ‘*Se levantaron ranchos de terrón, piedra y paja, y una capilla, todo modestíssimo [...]*’³³⁰. Passados dois anos, Viana transferiu a população para

*‘otro terreno y cercándolo al puerto de Maldonado para su resguardo, [...] delineóse la nueva población y se construyó una capilla con adobe crudo, enviado por un vecino de Pan de Azúcar, un poco de tejas, traídas desde Montevideo, barro y maderas de las cercanías*³³¹.

Naquela ocasião o local era conhecido como “*Pueblo ou Puerto de Maldonado*”³³².

Contudo, o local ganhou importância quando os portugueses iniciaram a construção da fortaleza de Santa Teresa (1762) e Pedro de Cevallos chegando, ao local, em 1763, transformou Maldonado em seu Quartel General.

Cevallos, imbuído em expulsar os portugueses da Banda Oriental, teve êxito em sua expedição. Conquistou Santa Teresa, São Miguel e grande parte do Rio Grande de São Pedro. A partir desse período, e até o final do século XVIII, a região

³²⁸ SANTIAGO, R. (1986, p. 73), apud CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 11.

³²⁹ CASSINELLI, A. Maldonado en el siglo XVIII. Maldonado, 1923, apud ARREDONDO, 1929, p. 333-4.

³³⁰ CASSINELLI (1923), apud ARREDONDO, 1929, p. 333.

³³¹ CASSINELLI (1923), apud ARREDONDO, 1929, p. 334.

³³² Somente, no ano de 1784 por decreto do Vice-Rei do Rio da Prata, Marques de Loreto, o povoado passou a qualidade de cidade sob a denominação de San Fernando de Maldonado. Sendo, nessa ocasião criado um Cabildo na localidade. Cf. CAPURRO, 1947, p. 31.

começou a desenvolver-se. Maldonado tornou-se ponto obrigatório de trânsito para Santa Teresa e os isolados assentamentos fortificados do Rio Grande.

*[...] con su puerto animado por las embarcaciones que en un continuo ir e venir de Buenos Aires, portan de la ciudad virreinal vestuarios, municiones, medicinas, carpas y víveres para las numerosas tropas de Vertiz campadas em Santa Teresa e São Miguel*³³³.

Assim, tornou-se um ponto estratégico-militar de apoio para as expedições espanholas de manutenção das fronteiras. Entretanto o povoado, segundo Cabrer (1784), era constituído de aproximadamente ‘um centenar de vecinos que habitaban casas de triste aspecto’³³⁴. Tal relato teria feito com que, no mesmo ano, fosse, lá, implantado um cabildo, tornando-se assim uma cidade.

Segundo Arredondo (1929), as primeiras fortificações na costa e na Ilha, foram iniciadas, no ano de 1762, pelo Ten. Cel. Lucas Infante. No ano seguinte, Cevallos teria enviado a Infante material para a construção de uma bateria em Maldonado³³⁵.

Entre os anos de 1765 e 1766, segundo referências da cartografia, existiriam duas baterias situadas na ilha. Porém, *“Existían aparentemente sólo precarias construcciones defensivas y los correspondientes ‘Cuarteles, Ranchos y almacenes de Víveres’ en muy mal estado como lo señala un documento fechado en junio de 1765*³³⁶.

Juan de la Riva Herrera, no ano de 1767, em relatório, descreveu o estado em que se encontravam as fortificações naquele período. Segundo ele, as baterias

³³³ ARREDONDO, Horacio (hijo). “Maldonado y sus fortificaciones”. **Revista da Sociedad Amigos de la Arqueología**, Montevideo, Tomo III, p. 334, 1929.

³³⁴ Diário de José Maria Cabrer (1784), apud CAPURRO, 1947, p. 31.

³³⁵ CAPURRO, 1947, p. 31.

³³⁶ SANTIAGO, R. (1986, p. 86-7), apud CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 13.

estavam semi-soterradas pela areia e não poderiam disparar os canhões. Quanto às habitações dos soldados e oficiais, o mesmo relatou que não possuíam mais nem telhado que os abrigasse da chuva. Sobre o armazém de Pólvora registrou *'[...] hay un pequeño Almacén [...], que esta menos malo, [...] por que son de Piedra las Paredes, y el Techo de teja; aunque este tiene necesidad de repararse...'*³³⁷.

Conforme um plano da baía e da ilha de Maldonado, que data de 1763 ou 1769³³⁸, constam três baterias *'[...] dos sobre la enseada de la Playa Honda en el W. y una en el NE. de la isla'*³³⁹. *La disposición de estas baterías no coincide totalmente con las construidas en 1794-96, cuyos restos hoy se observan en Gorriti'*³⁴⁰.

Na década de 70 do Século XVIII, Juan Vertiz y Salcedo substituiu Cevallos no comando do Rio da Prata. Nesse período, Portugal e Espanha iniciaram novas divergências políticas e econômicas na Europa. As mesmas se refletiram na região do Rio da Prata, assim como em toda a América ibérica.

Vertiz e Salcedo, ao ser nomeado e assumir seu cargo, partiu para nova campanha contra os portugueses. Nesse período, *'[...] dió ordenes a Ferro para que reparase las baterías que existían en tierra firme'*. Comunicando que deviam procurar em Buenos Aires *'los obreros, herramientas y cal necesaria para su cumplimiento, porque era difícil encontrar en Montevideo los albañiles competentes*

³³⁷ A.G.N.A. sala IX Leg. 366 fs 234-6, apud: CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 13.

³³⁸ Plano n° 2 – ARREDONDO (1929, p. 411) destaca que no original a data não está clara.

³³⁹ CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 13.

³⁴⁰ ARREDONDO, 1929, p. 410.

*para estas obras, iniciandose los trabajos com picapedreros*³⁴¹. Vertiz partiu para o Rio Grande e fundou Santa Tecla (1773).

Em 1773, já constava na documentação cartográfica o plano do quartel de Maldonado e, segundo Cassinelli apud Arredondo (1929, p. 336), esse já estaria sendo construído sob a direção dos engenheiros Bartolomé Howel e José Quintana³⁴². Porém, o autor citado apresenta um plano do referido quartel, cuja legenda informa ter sido elaborado somente no ano de 1793, em Buenos Aires³⁴³. Só para citar divergências em relação a datas e a planos.

Entretanto é sabido que Bartolomé Howel, entre os anos de 1772 e 1773, encontrava-se em Santa Teresa dirigindo os trabalhos da fortificação³⁴⁴. Nesse período teria recebido ordens para auxiliar, também, nas obras em Maldonado. Na ocasião, informou em um ofício sobre a produção de cal na região, conhecida como “Calera del Rey”³⁴⁵. Ao retornar a Santa Teresa, designou o comandante José de Quintana para prosseguir com a obra.

A falta de técnicos na região fazia com que tivessem que atuar em varias obras concomitantemente. Por outro lado, os planos muitas vezes eram registrados após as obras estarem concluídas. Além de que, outros não passavam de projetos idealizados. Essa afirmação vale tanto para as fortificações espanholas como as portuguesas durante o século XVIII.

³⁴¹ CASSINELLI (1923) apud ARREDONDO, 1929, p. 335.

³⁴² ARREDONDO (1929, p. 349) destaca que a obra realizada por Howel e Quintana, não foi a do quartel e sim a de uma simples bateria.

³⁴³ ARREDONDO, 1929, p. 337.

³⁴⁴ ARREDONDO, 1929, p. 338-9.

³⁴⁵ HOWEL (1773) apud ARREDONDO, 1929, p. 337.

Em 1777, Cevallos preveniu para o perigo de não investirem nas fortificações em Gorriti e na baía de Maldonado. No ano seguinte “[...] cinco *Compañías de indios misioneros al comando del capitán Joaquín Primo de Rivera llegan para la construcción de defensas en la bahía e isla de Maldonado*³⁴⁶ .

Cevallos, em correspondência ao Rei, no ano de 1778, destacou que as obras em Maldonado:

*[...] se podrá hacer con mucha equidad, ocupando em los trabajos gente ociosa, y bagabunda de q. e hay mucha en esta Provincia, quienes, dando la ración de carne y Yerva, y un salario, mui moderado, puede quedar hecha la obra con brevedad y apoca costa, siguiendo el Exemplo del método con q. e yo he echo construir desde que pasé por aquel Puerto (...)*³⁴⁷ .

Em 1778, foi enviado de Montevideú Pedro Martin Cermeño para avaliar as condições de fortificar a ilha. Em correspondência a D. Pedro de Cevallos destacou que: *‘las actuales defensas consisten en cinco Baterias, a el abrigo de un simple parapeto a barbata, formado de fajinas, que en parte a consumido el tiempo, y hay también una cuadra o crujida de 132 varas de largo [...]’*³⁴⁸ .

No ano seguinte, Vertiz e Salcedo ordenou que uma junta militar, entre eles estava Bartolome Howell, avaliasse a viabilidade de reforçar as fortificações em Maldonado, ou as de Montevideú. Optaram pela segunda³⁴⁹ .

Na ilha Gorriti, em 1789 foi criada a Real Companhia Marítima, a qual serviu como ponto para diversas atividades. Inicialmente, sua função foi a de promover a pesca no mar, principalmente de Baleia. Tendo em vista que, além de render muita

³⁴⁶ CASSINELLI, ATÍLIO. “Maldonado en el Siglo XVIII” (1923, p. 40), apud CURBELO; PÉREZ 1993, p. 13.

³⁴⁷ A.G.I. Buenos Aires, 528, apud CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 14.

³⁴⁸ ARREDONDO, 1929, p. 353.

³⁴⁹ CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 14.

carne, através da técnica de conservação no sal, abasteceria os mercados da Espanha e das Colônias³⁵⁰. Também a gordura extraída foi um produto muito utilizado, no período colonial, para a transformação em azeite³⁵¹. Os lobos marinhos também contribuíram com a economia, sendo seus couros exportados para a Europa. Outra função a que se destinou a companhia foi a de promover a indústria da navegação e, posteriormente, lançou-se na produção de charque bovino³⁵². No entanto, no princípio de século XIX, entrou em decadência por falta de investimentos, embarcações e aprovisionamento.

Segundo consta na documentação, em 1793, *‘Teniendo resuelto que en la punta del Este de la isla de Gorriti se construya una bateria de 4 cañones de a 24 para cubrir la entrada de su boca [...]’*. As obras estavam em andamento e, no final daquele ano, foi enviada uma ordem, para que fossem feitos, com paredes de pedra, o quartel e a cozinha para a guarnição. No próximo ano, no mes de abril, *‘Se halla concluido el cuartel y cocina para la tropa, la batería del O. hasta el cordón, y la del E. fuera ya de cimientos [...]’*³⁵³

No ano de 1796 *“[...] en la isla construyó dos baterías que fueran denominadas de ‘Santo Antonio’ (Boca Chica) y ‘Santa Ana’ en el Noroeste de la isla, que se suman a las dos construidas en 1793”*³⁵⁴.

Sobre as baterias construídas na ilha Gorriti, Curbelo e Pérez (1993:15) evidenciam que existem vários projetos e planos não executados e que, desde 1763,

³⁵⁰ SILVA, H. A. (1984, p. 150), apud CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 18.

³⁵¹ Nos planos de época constam depósitos para o armazenamento desse produto. Ver ARREDONDO (1929).

³⁵² No ano de 1793 foi enviado “[...] a Cadiz 100 barrilles del producto desde Montevideo [...]” CURBELO; PÉREZ (1993, p. 19).

³⁵³ “Archivo de la Nación” Buenos Aires apud CAPURRO, 1947, p. 68.

³⁵⁴ CURBELO; PERÉZ, 1993, p. 15.

aparecem referências de baterias na ilha. No entanto, as que hoje se observam na ilha foram construídas entre 1794 e 1796.

No ano de 1806, antes do ataque a Montevideu, os ingleses conquistaram Maldonado e, posteriormente, Gorriti. Na ilha encontraram uma escassa população sem víveres e poucas armas. Nessa ocasião “[...] saquearon el cuartel, sus puertas y ventanas, las tablazones, quedando inutilizada toda artillería que la defendía”³⁵⁵. O mesmo que ocorreu em Maldonado: o saque e a destruição de vários estabelecimentos, além da violência realizada na população civil³⁵⁶.

]Por volta de 1817, durante a dominação luso-brasileira, as dependências da Companhia Marítima foram transformadas em hospital. Tendo sido, também, nesse período, restauradas algumas construções, na Ilha³⁵⁷. Assim, durante o transcorrer do século XIX, a ilha de Gorriti e a baía de Maldonado continuaram sendo ocupadas por exploradores europeus. Além de portugueses e espanhóis, ingleses, franceses e holandeses.

Desse modo, Gorriti foi utilizada para as mais variadas atividades. Hospital (1885), para os viajantes que contraíram cólera. Destino de expedições de caráter científico (1829 e 1837), estando presente em uma delas o naturalista Charles Darwin. Local para o exercício de tiro por diferentes nações, como exemplo, em 1892, pela Marinha Norte-Americana. Serviu de cemitério para viajantes estrangeiros. Além disso, como cárcere durante o período colonial e republicano.

³⁵⁵ SEIJO, C. (1945, p. 372-376) apud CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 19.

³⁵⁶ ARREDONDO, 1927, p. 431-7.

³⁵⁷ CURBELO; PERÉZ, 1993, p. 19.

Quanto ao aspecto de defesa da ilha, no ano de 1800, o engenheiro do exército Agustín Ibañez y Bojons destacou que as baterias em especial duas delas

[...] están muy mal situadas, sus fuegos no pueden descubrir la margen del agua distante de ellas 150 varas, pudiéndose situar una Fragata a las 300 o menos de que resulta ser por la parte del N.O. muy mal defendida y es justamente por la que puede verificar-se um desembarco pues lo permite una buena playa de arena que aunque gruesa y suelta es muy poco acantilada. Dicha Playa, o pequeña enseada, es la que sirve a la Real Compañía de la pesca de Ballena para el embarco y desembarco de sus efectos. Es, en mi inteligencia, inútil tener en tales Bateria, artillería montada y la atención de repararías: son un error del arte no tanto por sus construcciones como por las situaciones, detrás de grandes Médanos de Arena, distantes 35 a 40 varas, que las hacen totalmente ineptas³⁵⁸.

A partir de 1901, iniciou-se o reflorestamento no local. O qual continuou até a primeira metade do século XX. *“Las especies fundamentalmente utilizada serán pinos, eucalíptus, tamariz, que borrarán definitivamente, la fisonomía originaria de la antigua ‘Isla de las palmas’³⁵⁹.*

Pesquisas Históricas e Arqueológicas em Gorriti

Horacio Arredondo foi pioneiro na luta pela preservação dos bens-históricos e culturais do Uruguai. Por volta do ano de 1920, esse pesquisador propôs que os remanescentes históricos - em especial as construções arquitetônicas, existentes na Ilha Gorriti e na Costa de Maldonado - fossem estudados e preservados. Nesse período, Fernando Capurro, a convite de Arredondo, iniciou também uma série de

³⁵⁸ DÍAZ DE GUERRA, M. (1988, p. 140), apud CURBELO; PÉREZ 1993, p. 16.

³⁵⁹ CURBELO, Carmem; PÉREZ, L. Cabrera. “Arqueología Histórica en Isla Gorriti”. **Revista do Patrimônio Cultural**, Montevideu: Ministério de educação e Cultura da Nação, p. 20, 1993.

estudos sobre o tema. Esses dois pesquisadores conseguiram mobilizar as autoridades nacionais e a população em geral, através da mídia, sobre a importância da preservação e da restauração do patrimônio histórico e cultural da nação³⁶⁰.

Dando prosseguimento ao projeto, no ano de 1928, os remanescentes das fortificações em Gorriti foram fotografados por Horacio Arredondo e Fernando Capurro.

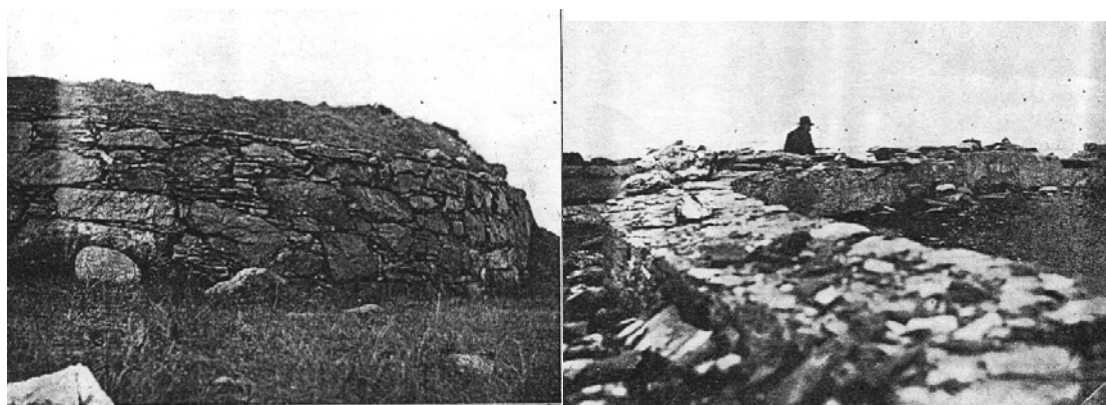


Figura 92: Bateria de La Boca Chica (1929)

Fonte: ARREDONDO, 1929, p. 347-9.

Sobre a Bateria do Porto, Arredondo (1929), examinando um plano cartográfico de Gorriti, encontrou a designação de “[...] *puerto del Cañón, al diminuto portezuelo que aun lo conserva. El origen de este nombre proviene de un pequeñísimo reducto capaz para una sola pieza que inmediato a la ciudad caleta aun subsiste*”³⁶¹. O autor, acredita tratar-se de um posto erguido por Vertiz em 1777. O qual em carta a Ceballos diz ter deixado na ilha somente um canhão para avisar alguma aproximação.

³⁶⁰ Reuniram ambos uma sólida e abrangente documentação.

³⁶¹ ARREDONDO, Horácio. “Maldonado y sus fortificaciones”. **Revista de la Sociedad Amigos de la Arqueología**, Montevideu, p. 415, 1929.



Figura 93: Bateria del Cañón ou del Puerto (1929)

Fonte: ARREDONDO, 1929, p. 351³⁶²

No entanto, apesar dos esforços, somente no ano de 1969, seria criada uma Comissão do Quartel de Dragões e Ilha Gorriti, vinculada ao Ministério da Defesa do Uruguai. Na qual foram incorporados importantes pesquisadores.

Na década de 1970, sob a coordenação de Fernando Capurro e, posteriormente entre os anos de 1983 e 1985, sob a coordenação do Coronel Beethoven Montagne, foram realizadas intervenções através de escavações nos remanescentes arquitetônicos da Ilha Gorriti.

Curbelo e Pérez (1993:21) destacam que aqueles trabalhos foram pontuais e isolados. Os mesmos tiveram por objetivo a recuperação dos bens edificados através de reconstruções e da busca de objetos. Assim, sem uma metodologia

³⁶² ARREDONDO, 1929, p. 351.

apropriada foram cometidos muitos erros. Os quais ocasionaram problemas na leitura das informações para os especialistas em trabalhos posteriores.

No ano de 1985, foi projetada a construção de um Hotel de luxo, com investimentos estrangeiros em Gorriti. Devido a isso, a Comissão do Patrimônio do Uruguai contratou uma equipe de arqueólogos para avaliarem o impacto desse investimento aos remanescentes arqueológicos históricos³⁶³.

Assim, entre os anos de 1985 e 1986, foram realizadas prospecções arqueológicas no local. O resultado dessa pesquisa foi o envio para a referida comissão de um projeto de investigação arqueológica e da transformação da área em um museu-sítio. Vetando, dessa forma, a exploração do local para fins comerciais de grande impacto.

Porém, somente no ano de 1991 a Comissão do Patrimônio iniciou a execução de um amplo projeto³⁶⁴. Nele, estavam integradas as pesquisas na ilha Gorriti e na baía de Maldonado. O projeto de investigação arqueológica previa

[...] la recuperación y preservación de los bienes culturales materiales para su posterior exposición, la urbanización y modificación paisajística de las isla y la creación de una infraestructura museográfica para su difusión y visita por el publico como Museo de Sitio³⁶⁵.

As pesquisas arqueológicas, efetuadas em Gorriti, tiveram por meta identificar os aspectos sociais desses assentamentos. Desse modo, desenvolveram suas pesquisas através de um enfoque teórico-metodológico que permitisse a

³⁶³ A equipe responsável por esses trabalhos foi constituída pelos seguintes pesquisadores: Leonel Cabrera Pérez, Carmem Curbelo, Nelsys Fusco e Elianne Martines.

³⁶⁴ Esse projeto contou com o apoio da Intendência de Maldonado e a Comissão do Patrimônio Uruguaio.

³⁶⁵ CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 21.

compreensão dos comportamentos culturais, gerando hipóteses e interpretações através das diversas fontes de documentação³⁶⁶.

A metodologia de campo foi baseada em Wheeler (1954). Cujas propostas são de que o trabalho de escavação seja realizado de maneira que possam ser observados os diferentes momentos da ocupação. Tanto de forma diacrônica, quanto de forma sincrônica, em todo o espaço ocupado.

Considerando a ilha Gorriti como um espaço utilizado e modificado por diferentes grupos, em variadas atividades, ela foi considerada, em sua totalidade, como um único sítio arqueológico. No entanto, com espaços temporais e funcionais definidos baseados nos dados históricos em relação às atividades desenvolvidas na ilha. Desse modo, consideraram uma área de atividade da Real Companhia Marítima e outra de atividades militares, considerando as possíveis reocupações em períodos diversos. O que foi evidenciado nos trabalhos de campo.

O primeiro trabalho de campo realizado entre os anos de 1985 e 1987

Teniendo en cuenta la existencia de restos arquitectónicos aún visibles en la isla y a través de un intenso y profundo estudio histórico de los procesos de formación ocurridos en ella, se pudieron ubicar, mediante sondeos y pequeñas excavaciones, otras construcciones, anexas a las ya conocidas o independientes (polvorines, cuarteles), cuya permanencia se ignoraba debido a que se encuentran, en la actualidad, completamente enterradas³⁶⁷.

E também sob a floresta. Ainda destacam que o resultado dessas primeiras sondagens foram orientadas fundamentalmente pelos estudos da cartografia histórica.

³⁶⁶ CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 22-23.

³⁶⁷ CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 25.

Em 1991, os trabalhos de campo iniciais tiveram a finalidade de reconhecer e avaliar o estado dos bens culturais edificados. Assim como, complementar as informações obtidas durante as prospecções de 1985 e 1987. Para tanto, foram realizadas algumas sondagens-trincheiras em diferentes locais, já identificados na prospecção terrestre.

Desse modo, na costa SW, na parte sul da praia Honda, foram realizadas três sondagens-trincheiras, nas quais colocaram em evidência “[...] restos de dos paredes de 1 m de espesor - probablemente cimientos- construídos com bloques de piedra. Están ubicados en forma paralela, separados por una distancia de 10.5m, y orientados 40° al Este”³⁶⁸. Segundo as informações cartográficas, haveria, no local, uma bateria correspondente à primeira época das fortificações na ilha (1760 – 1770). A qual, segundo a documentação histórica, não se reconstruiu quando se fortificou novamente a partir de 1790³⁶⁹. Levantamentos topográficos do final do século XIX indicam para o mesmo local as “ruínas de un fortín”, entretanto a história oral aponta o local como sendo das primeiras casas de espanhóis³⁷⁰.

Outro recurso realizado pela equipe, no intento de localizar os remanescentes culturais soterrados na ilha, foi o sobrevôo da área, com luz perpendicular e oblíqua. O qual teve bons resultados, como foi destacado pelos pesquisadores

A través de la interpretación de diferentes indicadores en la superficie insular libre de forestación, relacionados con coloración y crecimiento diferencial de la vegetación, perceptible a través de cambios en el espectro y de juego de luces y sombras impresos en la fotografía y el registro VHS, pudimos reconocer plantas completas de construcciones, señaladas por la

³⁶⁸ CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 25.

³⁶⁹ ARREDONDO, 1929, p. 410-11.

³⁷⁰ SURROCA (1888) apud CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 26.

*cartografía histórica, alguna de las cuales habían verificado durante las prospecciones terrestres siendo otras aún desconocid*³⁷¹.

Portanto a prospecção aérea permitiu identificar um polvorim de forma quadrangular ao sul da ilha, a forma dos quartos da guarda e o contorno dos muros da bateria Santa Ana (NW), além de outras edificações no interior de seu perímetro, entre outras³⁷².

Assim, a primeira etapa do trabalho permitiu estabelecer as áreas que seriam descobertas através de intervenções arqueológicas. Também foi estipulado pela equipe que o polvorim da Bateria de Santa Ana deveria ficar livre da vegetação. Tendo em vista que as raízes das árvores estavam abalando sua estrutura e paredes.

No ano de 1992, foram retomadas as pesquisas e iniciadas as atividades de escavação na Ilha Gorriti que duraram cerca de três meses, abrangendo uma área aproximada de 280 m³.

³⁷¹ CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 26.

³⁷² CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 26.

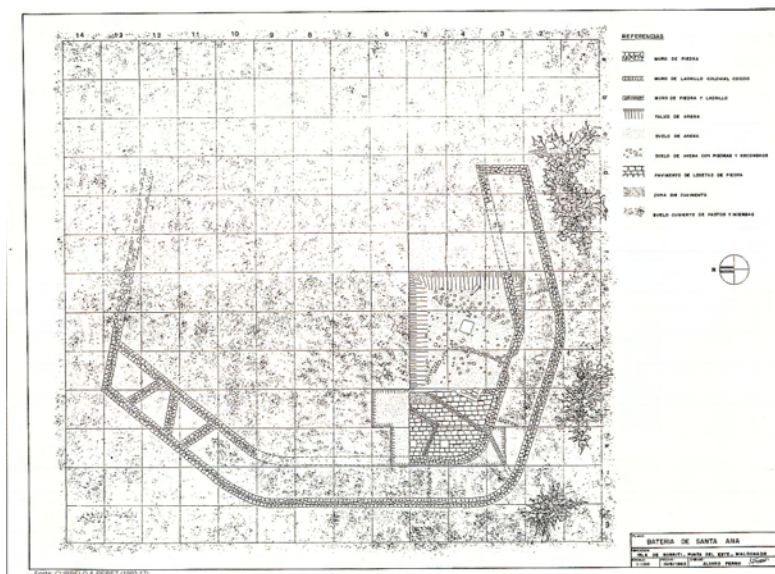


Figura 94: Pesquisa arqueológica na Bateria Santa Ana - evidências da sua estrutura

A área selecionada para a pesquisa foi

*[...] un ‘conjunto funcional militar’ integrado por el Baluarte más importante por su tamaño conservación – la denominada Batería Grande o de Santa Ana – en el NW de la Isla, el polvorín correspondiente y un reservorio de agua con paredes de piedra de sillería (...)*³⁷³.

A respectiva bateria “[...] defendía³⁷⁴ la enseada W o Playa Honda y la ‘Boca Grande’ del Puerto de Maldonado. Dicha instalación comprendía un recinto poligonal fortificado con instalaciones de almacenamiento y guardia [...]”³⁷⁵.

As atividades de campo iniciaram com o levantamento topográfico, dividindo a totalidade da ilha em função dos eixos (N-S e E-W). Como resultado foram obtidos quatro setores operativos, permitindo demarcar as áreas de interesse com referência aos pontos cardeais. O conjunto funcional foi identificado pela letra “A”. A escavação

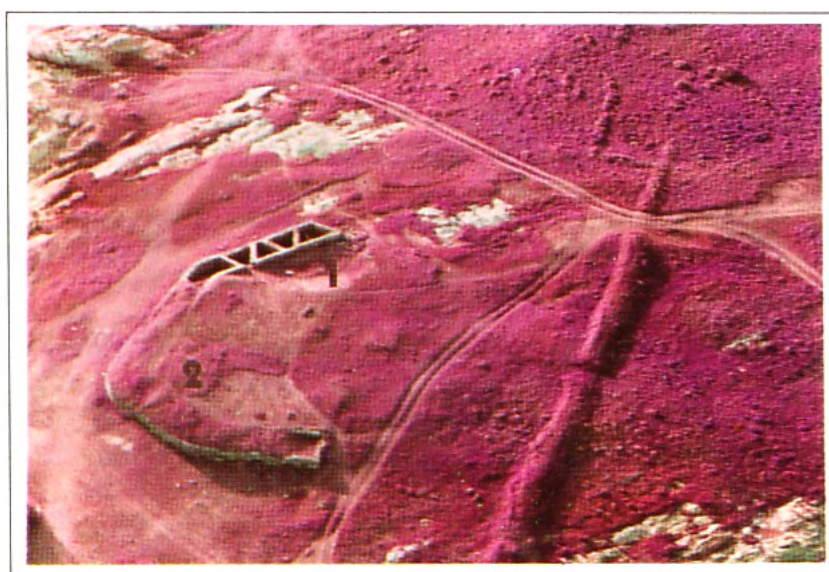
³⁷³ CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 26.

³⁷⁴ Ver Comentário do engenheiro do exército no ano de 1800, sobre a ineficácia das baterias.

³⁷⁵ CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 28.

foi iniciada pelo lado sul, por ser o menos alterado, pois no lado norte, na década de 70, foram realizadas escavações.

El relevamiento aéreo muestra en el interior de la batería la existencia de estructuras secundarias identificadas por diferencias de coloración y crecimiento del pasto, lo cual anticipaba la presencia de muros no coincidentes con aquellos correspondientes a los planos de la estructura militar, correspondiendo a algunas de las reutilizaciones que a través del tiempo sufrió la isla (siglo XIX)³⁷⁶.



9. Relevamiento aéreo. Batería de Santa Ana. Se observan las áreas sobreexcavadas en la década del '70 (1) y la estructura B interna a la batería (2). Se puede reconstruir el muro interior del parapeto, ubicado 0,50 m por debajo del tapiz vegetal.

ES Fonte: CURBELO & PEREZ (1993:24).

Figura 95: Foto Aérea - Batería Santa Ana (1991)

Os pesquisadores procuraram, na decapagem, evidenciar e separar as camadas pertencentes a momentos distintos: ao período de ocupação da bateria e da estrutura inserida, posteriormente, no seu interior.

Nos primeiros centímetros da escavação, em algumas áreas, foram encontrados fragmentos de tijolos, pedras lavradas e resto de argamassa. “Se trata

³⁷⁶ CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 28.

de la parte superior de muros de una construcción que reutilizó parte del área, interior, de la construcción militar del siglo XVIII³⁷⁷. Essa estrutura, interior da bateria, foi designada pela Letra “B”, tendo sido revelada a reutilização de materiais construtivos da bateria (ladrilhos, pedras e blocos de argamassa).



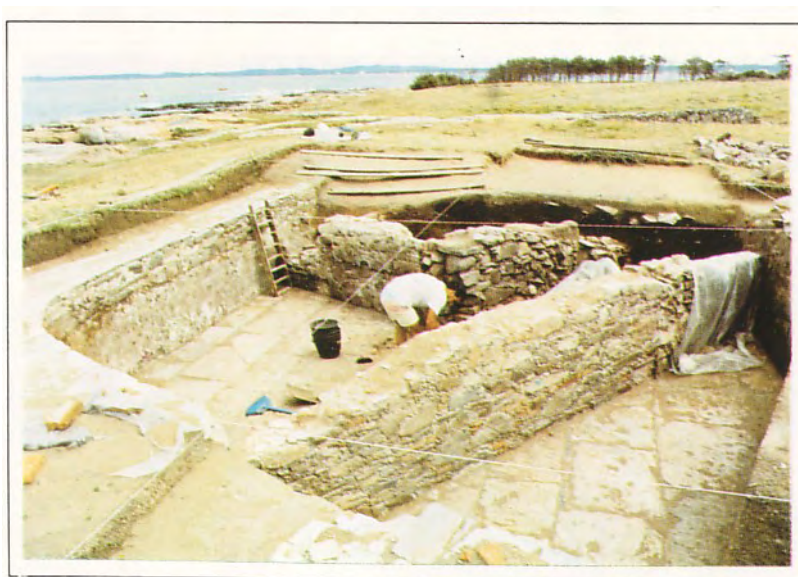
Figura 96: Pesquisa arqueológica na Bateria de Santa Ana

Pelo perfil estratigráfico da estrutura “B”, onde essa alcança maior altura (15 cm) a partir da superfície, e alcança até um metro de profundidade nas áreas exteriores, os pesquisadores evidenciaram diferentes tipos de projéteis na camada inferior dessa estrutura. Os autores apontam para a prática de tiro realizada na área por diferentes grupos militares. Em outras unidades aparecem, a um metro de profundidade, garrafas de vidro acompanhadas de munições, referentes também à

³⁷⁷ CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 28.

prática de tiro. Em menor número, garrafas de ginebra em grés, fragmentos de metal, botões de osso e de metal.

A bateria cuja estrutura foi designada pela Letra “A” “[...] y que fuera construída en forma definitiva en 1796, muestra un parapeto de 5.30 m de ancho, habiendo descubierto las excavaciones efectuadas, el muro interior del mismo”. Muro feito com pedras lavradas e intercaladas por blocos irregulares de 90 cm de largura. A parte interior do parapeito encontra-se rebocada com cal e areia, alcançando uma altura de 1.25m da esplanada³⁷⁸. Considerando que o parapeito foi pavimentado com pequenas lajes de pedra, os pesquisadores constataram que essa bateria não possuía merlões (parapeitos para a artilharia).



24. Detalle de la excavación que muestra parte del muro interior del parapeto y de la explanada de la batería (estructura A) y de los restos de paredes correspondientes a la estructura B.

FONTE: CURBELO & PEREZ (1993:35).

Figura 97: Pesquisa arqueológica na Bateria de Santa Ana

³⁷⁸ CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 32.

A esplanada foi pavimentada com pedras de diferentes tamanhos provenientes de uma canteira localizada a 200 metros do local.

Também foi evidenciado que em uma época posterior foram acrescentados, na parte superior de seus muros, parapeitos de tijolos assentados em argamassa. Modificando, desse modo, a característica do mesmo para uma provável implantação de troneras³⁷⁹.

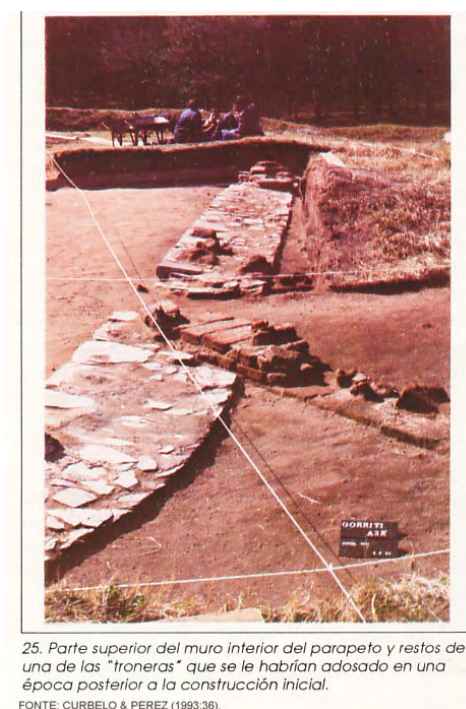


Figura 98: Bateria de Santa Ana - Vestígio arqueológico de uma tronera

Além disso, foi constatado que as técnicas construtivas utilizadas na muralha foram melhor elaboradas do que nas divisões interiores .

Em relação aos assentamentos fortificados na Ilha, Cubelo e Pérez (1993) destacaram que

³⁷⁹ CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 34.

la información disponible respecto de las construcciones militares de la isla de Gorriti se torna frecuentemente confusa a causa de las marchas e contramarchas que se producen respecto del tema, quedando muchas veces a nivel de proyectos no ejecutados algunas de las obras propuestas. La precariedad y lo improvisado de las defensas en otros casos hacen que estas queden inutilizadas rápidamente, cambiando al rehacerlas, sus ubicaciones, formas, materiales, denominaciones, etc³⁸⁰.

Constatação essa que pode ser estendida aos demais assentamentos fortificados na Região Platina.

Particularmente referindo-se a Gorriti os pesquisadores supracitados constaram que o ano de 1763 foi o primeiro período de instalações de obras defensivas na ilha. No entanto, os remanescentes que, hoje, podem ser observamos no local foram edificados entre os anos de 1794 e 1796.

Diante do exposto, as pesquisas de campo na bateria de Santa Ana nos revelaram duas fontes de informações diretas. Uma, proveniente dos artefatos móveis, tais como os fragmentos de vidros, cerâmicas, metais e ossos. E outra, associada aos remanescentes edificados, que incluem a sua estrutura e os materiais construtivos a ela associados. Tais como pisos de pedras lavradas, adobes, tijolos, argamassa, madeiramento do telhado, etc.

³⁸⁰ CURBELO; PÉREZ, 1993, p. 16.



Figura 99: Artefatos encontrados nos trabalhos de campo na Bateria de Santa Ana

O estudo do conjunto de artefatos levou à constatação de que correspondem ao século XIX, à exceção da muralha à qual pertence ao século XVIII.

Então, finalmente, devido às diversas ocupações na ilha Gorriti por diferentes grupos, em períodos distintos, os remanescentes edificados foram sendo alterados, bem como ocorreu à incidência de novos tipos de artefatos de uso cotidiano.

Atualmente, em 2004, constatou-se que, diferentemente de São Miguel e Santa Teresa, o projeto de museu - sítio constitui-se de algumas inexpressivas

placas com o nome: polvorim, Bateria Santa Ana e Cemitério dos ingleses. Não havendo informações históricas e arqueológicas para a população, além de faltar sinalizações para as demais estruturas edificadas.

Com referência aos remanescentes arquitetônicos, pôde-se observar o desenho parcial da muralha de uma bateria a sudoeste da ilha. No entanto, cabe ressaltar que, se não for preservada, provavelmente não possamos mais percebê-la no futuro.



a



b

Figura 100 a-b: Remanescentes de uma bateria em Gorriti (2004)

Atualmente o sítio arqueológico “Isla Gorriti” está inserido no contexto turístico do Uruguai. Sendo que o acesso à ilha se faz através de embarcações turísticas que partem do porto de Maldonado. Sendo feito o desembarque no local denominado de Puerto Canon.

4.5 FORTALEZA DE SANTA TECLA

O sítio arqueológico fortaleza de Santa Tecla está localizado no município de Bagé-RS, a poucos quilômetros da Br 153 que segue em direção a Lavras do Sul. Situado na campanha riograndense em um dos pontos mais altos da região, de onde se podem avistar e controlar as extensas planícies. Assim como visualiza-se traços da cidade brasileira de Candiota na direção leste e, ao sul, a localidade de Acegua, no Uruguai.



Figura 101: Baluarte São João (NE): vista da região

O espanhol Pedro de Cevallos³⁸¹, no ano de 1763, conquistou grande parte do território português para os espanhóis. Dando prosseguimento ao seu plano de expansão territorial foi fundada a fortaleza de Santa Tecla, a meio caminho entre Montevideu e os Sete Povos missioneiros.

Na Campanha de 1773-74, o General Don Juan José Vertiz y Salcedo³⁸² estava decidido a manter as terras conquistadas pela Espanha no sul e conquistar a fortaleza de Rio Pardo. Para concretizar seus objetivos deveria instalar uma fortificação entre Montevideu e as Missões, a qual fosse capaz de apoiar logisticamente o exército espanhol.

Vertiz y Salcedo, provavelmente, deve ter considerado previamente a região próxima ao local onde outrora havia um posto da estância Jesuítica de São Miguel. Tendo em vista que, em 1773, acampou com sua tropa, por três dias, no antigo posto daquela estância, localizada no denominado “Campos da Tapera” de Santa Tecla³⁸³. Nesse período, percorreu a região com alguns índios procurando um ponto estratégico para erguer o forte. No terceiro dia

[...] encontrou um ponto distante meia légua do seu acampamento, com altura capaz de dominar e descobrir grande porção do terreno, inclusive os caminhos que iam para Rio Pardo, com área para bom quartelamento, lenha, poteiros, pastagens e águas favoráveis para bem manter a cavahada e servir a tropa³⁸⁴.

Assim, no dia 21 de dezembro de 1773, foram lançados os fundamentos da fortaleza de Santa Tecla. O local escolhido por Vertiz Y Salcedo fica situado em uma

³⁸¹ Cevallos foi governador de Buenos Aires e Vice-Rei das Províncias do Prata. É Considerado um dos mais importantes fidalgos da Espanha.

³⁸² General de todas as tropas da Província do Rio da Prata.

³⁸³ Atual município de Bagé.

³⁸⁴ TABORDA, Tarcísio A. C. A fundação do forte de Santa Tecla. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 28 dez. 1975. p. 42.

colina, na qual há um rochedo em plataforma³⁸⁵, próximo à confluência do rio Pirai-Chico com o rio Negro. Local estratégico e ponto de cruzamento obrigatório de importantes caminhos pela campanha riograndense e uruguaia.

Vertiz y Salcedo estabeleceu um plano que fosse capaz de abrigar até 200 homens e suas benfeitorias. Para que iniciassem as obras, foram destacados de seu exército, que seguiu para Rio Pardo

[...] 120 peões das carretas, 25 milicianos de Corrientes e igual número da tropa regular, sob o comando de D. Luiz Ramirez, o capitão do regimento de infantaria, D. José Mexias e o engenheiro extraordinário D. Bernardo Lecocq, assim como um capelão, um cirurgião e um sangrador³⁸⁶.

Ficando esse e Miguel Juarez Sandoval responsáveis pela construção e planificação da fortaleza³⁸⁷.

No ano de 1776, os portugueses em campanha para o sul, após conquistar São Martinho, chegaram a Santa Tecla. Sob o comando de Rafael Pinto Bandeira a fortificação foi sitiada. Nessa campanha, os portugueses contavam com um efetivo de "[...] 619 homens além de [...] 1.500 cavalos, 150 bois de tração e cerca de 4.000 vacuns como alimentação". O exército compunha-se, na maioria, de soldados do Regimento dos Dragões, de granadeiros, de artilheiros, de auxiliares (índios e escravos). Além desses, havia voluntários da Cavalaria Ligeira e da Infantaria³⁸⁸.

³⁸⁵ Este precipício foi utilizado para proteger o lado sul do forte evitando, assim, a construção de muralhas, nesse local.

³⁸⁶ TABORDA, 1975, p. 42.

³⁸⁷ Bernardo Lecocq nascido em Cataluña no ano de 1734. Foi designado para Buenos Aires em 1772. Chega a América no ano de 1773, integrando a expedição de Vertiz e Salcedo. Em 1775, realizou reparações nos fortes de Santa Teresa e São Miguel. Em 1783 foi nomeado engenheiro na primeira missão demarcadora de limites do Tratado de San Ildefonso. Em 1791 projeta o farol Ilhas das Flores e três guardas fronteiriças. No ano de 1794, inicia a construção da muralha norte de Montevideu (Las Bovedas). Em 1801 fracassa na tentativa de reconquistar as Reduções Orientais. ORECCHIA, José Maria Olivero. **Uma llave estratégica de la Banda Oriental: Santa Tecla**, [s.d.], p. 22.

³⁸⁸ BENTO, p. 1976, p. 25.

Rafael Pinto Bandeira era conhecido pelos espanhóis e pelos guaranis por sua destreza em combates e, também, pelos serviços prestados a ele de um assustador esquadrão de lanceiros, formados por escravos negros. Isso pode ser atestado nos versos, de 1778, escritos, em Montevideu, por um soldado espanhol cujo nome se perdeu, dizem a certa altura:

*Pinto Bandeyras llamado
Era em efecto
este tal Fidalgo de Portugal
Y era Coronel Graduado:
Lleva siempre a su lado segun voces diferentes
horror de negros valientes
que el temor no conocían,
mas por Dios que no querían
hacerse nunca presentes³⁸⁹.*

Apesar das muralhas e de seus componentes defensivos terem sido construídos de taipa, a fortificação resistiu às investidas de Pinto Bandeira em 1776. Esse militar descreve, em carta, que a trincheira, conforme referiam, era uma fortaleza bem guarnecida. Após cerca de três meses de sítio, Pinto Bandeira decidiu submeter a fortificação a mais um ataque. Porém, em carta enviada ao General Chefe destaca que reconhecia que perdia a ação e a maior parte da tropa.

Mas, acrescenta, que para a nova investida contra a fortificação teria mandado confeccionar “[...] seis escadas atadas com guascas e 1500 faxinas, para o entulho do fosso”. Além de 60 escudos de couro duplo para a tropa³⁹⁰.

³⁸⁹ **Historia Ilustrada do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 1988, p. 75.

³⁹⁰ Diário da Campanha de Patrício Corrêa da Câmara sobre a conquista de Santa Tecla de 17 de fevereiro a 21 de maio de 1774. In: BENTO, Cláudio Moreira; GIORGIS, Luis E.Caminha. **3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada.** Porto Alegre: Palloti, 2002, p. 85-94.

O plano desse ataque foi elaborado por Corrêa da Câmara. Tendo por alvo inicial o portão. No entanto, com dois pequenos canhões (pedreiros), em razão do pouco calibre e da distância do alvo, não obtiveram resultado.

O combate durou cinco horas. “A Fortaleza deu acima de quatro mil tiros de peças e também botaram algumas granadas no fosso”. “[...] a muralha bem guarnecida de pranchões e vigas e muitas pedras para deitar aos que chegassem”³⁹¹. Segundo Correa da Câmara os espanhóis deveriam ter gasto cerca de 10 mil cartuchos de mosquete. Assim, após 5 horas de bombardeio no portão e respondido, a altura, por Santa Tecla, foi desfeito o ataque.

Diante das dificuldades e, após meses de sítio, sem resultado, Rafael Pinto Bandeira convocou o Conselho de Guerra. Tinha como intenção decidir sobre o levantamento do cerco, face à notícia de reforços que provinham das missões e de Montevideú. Porém, antes que esse Conselho fosse reunido, uma surpresa: dois desertores da fortaleza de Santa Tecla chegaram ao acampamento de Pinto Bandeira e informaram que o comandante se preparava para a rendição.

Segundo o relato desses desertores, a fortificação possuía “[...] uma Companhia de Infantaria e seis artilheiros, perto de vinte Dragões, outros tantos belendengues, e uma companhia de paisanos de Montevideo, e cento e tantos índios”. E prossegue dizendo que “[...] há trez peças de seis e quatro ditas de menos calibre, com as quaes só trez tiros tem atirado e parece pouco mais de Pedreiras;

³⁹¹ Carta de Rafael Pinto Bandeira ao General chefe em 15/03/1776. In: TABORDA, Tarcísio A. C. “Santa Tecla na história da conquista do Rio Grande”. **Revista Quero-Quero**, Bagé: União Gaúcha Simão Lopes Neto, n. 2, p. 9, 1954.

com as grandes nos tem atirado mais de cinquenta tiros [...]”³⁹². Nessa ocasião, forneceram também as características da edificação.

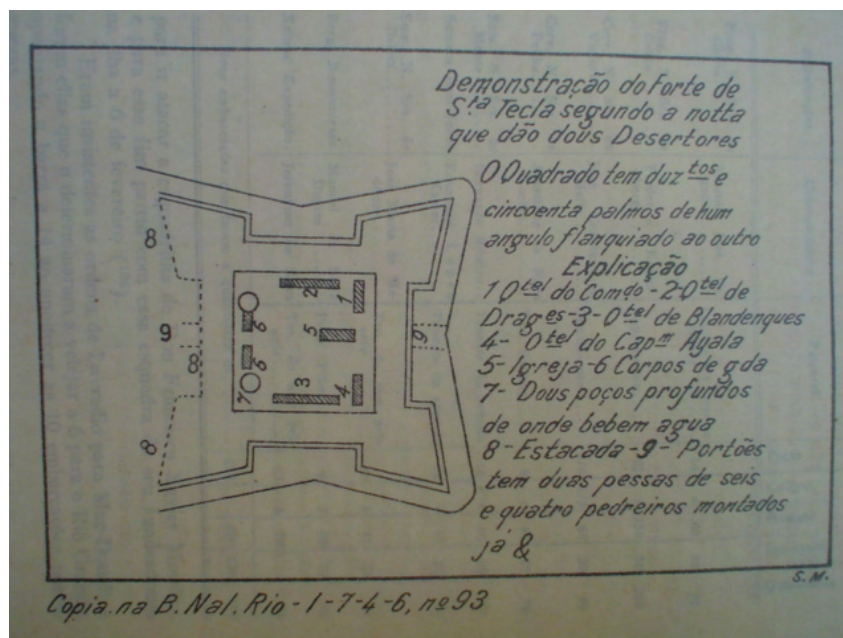


Figura 102: Planta 1 - Fortaleza de Santa Tecla (1776) por dois desertores
Fonte: SPALDING, 1937b, p. 270.

Assim, no dia 24 de março de 1776, o comandante espanhol Luiz Ramirez revelou a decisão de capitular sob condições para Patrício Corrêa. Assinado o acordo entre ambos comandantes, as tropas espanholas deixaram o local no dia 26.

Algumas condições de Luiz Ramirez foram atendidas. Assim os sitiados puderam sair com alguns pertences. “Levaram [...] armas individuais com doze

³⁹² Carta de Rafael Pinto Bandeira ao General chefe em 1/03/1776. In: TABORDA, Tarcísio A. C. “Santa Tecla na história da conquista do Rio Grande”. **Revista Quero-Quero**, Bagé: União Gaúcha Simão Lopes Neto, n. 2, p. 9, 1954.

cartuchos cada, bagagem em 5 carretas, 20 vacuns para sustento e reduzida cavahada”³⁹³. O restante da artilharia fora confiscada e levada para Rio Pardo.

Nessa ocasião, a fortificação foi destruída, como relatou José Marcelino de Figueiredo³⁹⁴: “Mandei arrazar a dita Fortaleza e queimá-la por se achar destacada deste Quartel e Fronteira de Rio Pardo, cincoenta légoas”³⁹⁵. Os detalhes, dessa destruição, foram descritos por Corrêa da Câmara: “[...] com as ferramentas disponíveis toda a tropa deu início a demolição das muralhas e baluartes. E trabalhamos em fabricar carrinhos para se transportar as munições de guerra e mais pertences que se encontrassem no Forte evacuado”. Nesse mesmo dia, antes do retorno para Rio Pardo relata que “[...] incendiámos tudo que o fogo podia consumir do local onde existia o arrasado Forte de Santa Tecla”³⁹⁶.

Felizmente, para os pesquisadores, antes da total destruição da fortaleza, sua planta foi elaborada pelo Alferes de Dragões Manoel Carvalho de Souza.

Pelo tempo da resistência da fortificação, isso nos leva a inferir que, no seu interior, houvesse alimentos (carne seca) e água suficiente para o abastecimento. Além de uma estrutura arquitetônica bem elaborada e uma grande quantidade de material bélico.

³⁹³ BENTO, Cláudio Moreira; GIORGIS, Luis E. Caminha. **3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada**. Porto Alegre: Palloti, 2002, p. 85.

³⁹⁴ Figueiredo era Militar e foi duas vezes governador do Rio Grande de São Pedro entre os anos de 1769-1771 e 1773-1780. Destacou-se pela sua capacidade em estratégia de defesa a qual fez com que fossem fundadas as cidades de Taquari, Santo Amaro, Mostarda e Estreito.

³⁹⁵ Carta de José Marcelino de Figueiredo ao Márquez do Lavradio, 3º VICE-REI do Brasil datado em 1776, apud TABORDA, 1954, p. 11.

³⁹⁶ Diário de Patrício Corrêa da Câmara. In: BENTO, Cláudio Moreira; GIORGIS, Luis E. Caminha. **3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada**. Porto Alegre: Palloti, 2002, p. 85-94.

Os artefatos fixos e móveis, assim como a matéria-prima utilizada na construção da fortificação, foram descritos pelo Comandante Luis Ramirez sob o título “âbitaciones” quando este se rendeu aos portugueses no ano de 1776:

‘Casa com Paredes de Palo â Pique cubierta de Paja em la cual se dize Misa com uma mesa (q.e serbia de altar) com su Gabeta.....1
 ‘Pabellones delos Señores Oficiales cinco com Paredes de Palo embarrada, y cubietas, de Paja, e con Sus Puertas Y Llabes.....5
 ‘Quarteles de la tropa con Paredes cubiertas de Paja....2
 ‘Dicho que sirbe de Hispital....1
 ‘dicho con Paredes de Palo â pique cubiertos de Paja....2
 ‘Almacenes de Palo â pique cubierto de Cuero, con su Puerta y Llabe....1’
 E continua,
 ‘Esta fortaleza se Compone de cinco baluartes, com sus Cortinas que descinden deellos, los quatro principales compuestos de Zespedes ô tierra y lo restante de estacada, como descinden de ellos, â que se Sigue la escarpada, en cuia situacion se halla vn pequeno rastrilho, que hace puerta de Surtida por âquel paraje,(Con Zerradura, y Llabe) tiene a dicha Fortaleza su Correspondiente Foso³⁹⁷’.

³⁹⁷ ARCHIVO ARTIGAS, Montevidéo, 1960. (T. 1, p. 352), apud ORECCHIA, [s.d.], p. 20.

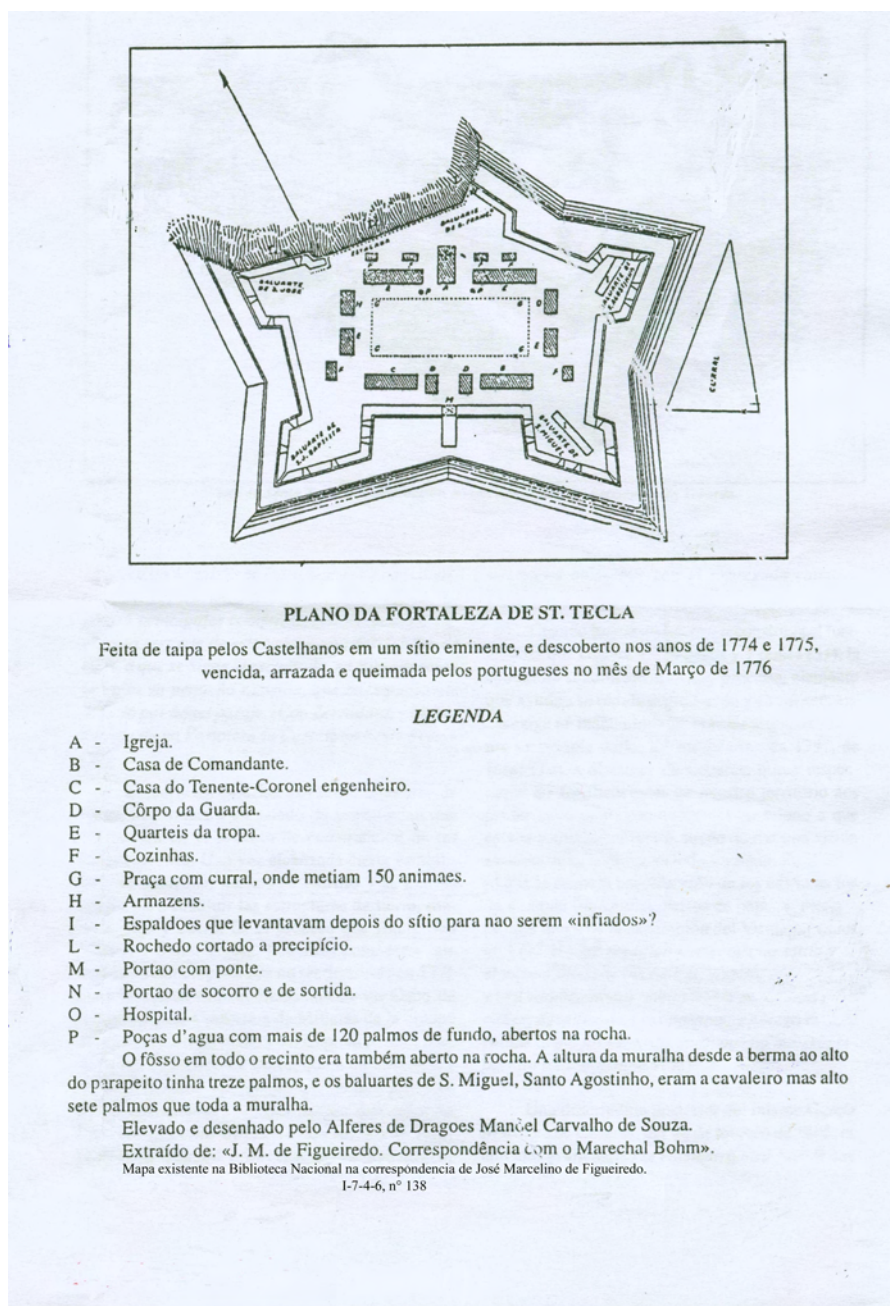


Figura 103: Planta 2 - Fortaleza de Santa Tecla (1776) por Manuel Carvalho de Souza
 Fonte: ORECCHIA, [s.d.], p. 19.

A fortaleza de Santa Tecla possuía quatro baluartes e meio, seguindo o sistema de fortificação de Vauban³⁹⁸. O lado sul não possuía muralha, pois foi

³⁹⁸ Segundo plano desenhado pelo português Manoel Carvalho de Souza, integrante da tropa de Rafael Pinto Bandeira, no ano de 1776, após a rendição dos espanhóis.

aproveitado o precipício existente no local. Sendo suas laterais protegidas por estacadas.

Na sua abertura para o lado norte, segundo consta na documentação, havia uma porta e uma ponte móvel³⁹⁹. Em seu interior havia diversas edificações, como pode ser constado no relatório de Ramirez e segundo a planta de Carvalho e Souza (1776). O mesmo acrescenta que a altura da muralha, desde a berma até o parapeito, era de 13 palmos. Sendo os baluartes de nome São Miguel e Santo Agostinho mais altos 7 palmos que toda a muralha.

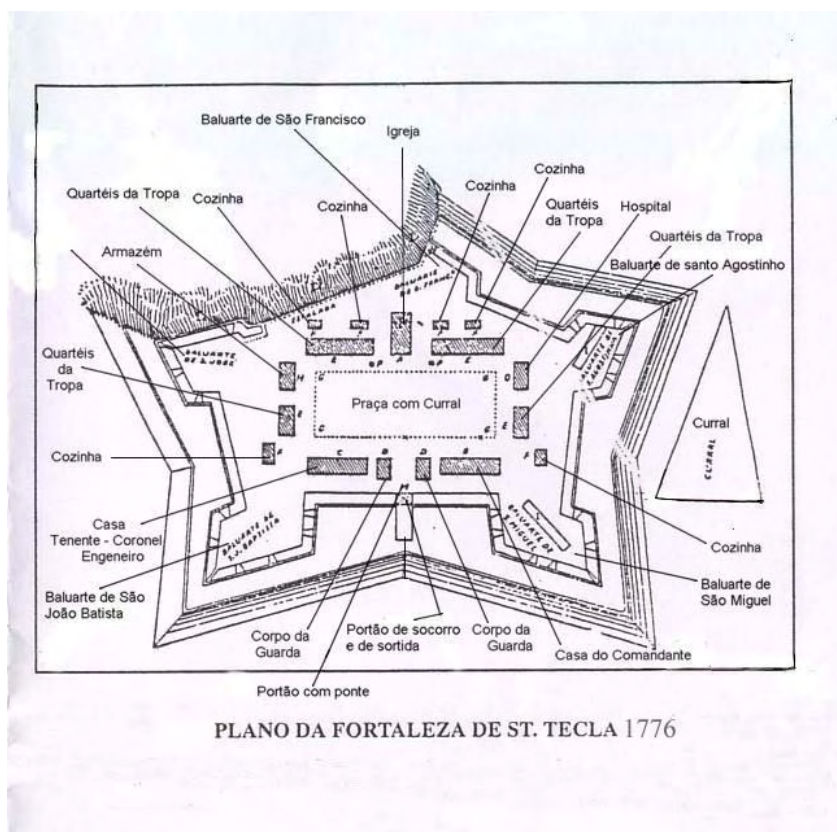


Figura 104: Planta 2a - Distribuição espacial dos estabelecimentos Internos da fortificação segundo a Planta n° 2

³⁹⁹ “Do lado português era que ficava o portão e passava as estradas gerais”, nas palavras de Alcides Cruz (1914) apud SPALDING, Valter. O Forte de Santa Tecla. In: **Anais do II congresso de História e Geografia Sul-riograndense**. Porto Alegre: Globo-IHGRS, 1937.

A Planta 4 (em Anexo) é muito similar a de José Maria Cabrer. Diferencia-se dessa por não constar as edificações no centro dos baluartes e quanto à localização das cozinhas, que estariam mais próximas dos baluartes São João (NE) e São Miguel (NW)⁴⁰¹.

Em relação aos estabelecimentos internos, podemos observar que na planta de Souza (1776), no lado oposto da entrada, onde estava localizada a capela, havia dois poços de água e dois quartéis onde, atrás de cada um, havia duas cozinhas. Já na Planta de Cabrer (1818), não consta a localização dos poços e, atrás de cada quartel, consta somente uma cozinha.

Entre os baluartes São José e São João, na planta 2, constam três edificações: armazém, quartel da tropa e uma cozinha. Enquanto que nas Plantas 3 e 4, estariam localizados dois quartéis e três cozinhas, uma das quais deveria ser a dos oficiais. No lado oposto, entre os baluartes Santo Agostinho e São Miguel, na planta 2, estariam três estabelecimentos: hospital, quartel e cozinha. Na Planta 3, três cozinhas e dois quartéis. Nessa planta, no centro dos baluartes, estaria estabelecido um hospital, no baluarte São José e nos demais estariam os armazéns. Nas Plantas 2 e 3, no centro dos baluarte de Santo Agostinho e São Miguel, estão representadas construções denominadas de espaldões.

As três plantas se assemelham na localização da capela e dos estabelecimentos situados entre os baluartes São João e São Miguel. De cada lado da porta da entrada do forte, um alojamento para oficiais e uma guarda, sendo que a edificação à esquerda de quem entra, na Planta 3, se refere a um calabouço.

⁴⁰¹ Planta 4 do Forte de Santa Tecla. Xérox, sem autor, e data. Facultad de Filosofía e Letras - Instituto de Investigaciones Históricas.

Relativo aos currais, Souza (1776) situa um na parte interna e central da fortificação e, outro, na área externa entre os baluartes São Miguel e Santo Agostinho.

Referente aos estabelecimentos extra-muros, Patrício Corrêa da Câmara destaca que havia uma pequena povoação junto à muralha, que fora incendiada pelos próprios espanhóis em 1776⁴⁰². Essas habitações, nas plantas da época, raramente são mencionadas.

Em decorrência do Tratado de Santo Ildefonso (1777), os espanhóis retornaram à arruinada Santa Tecla. No ano de 1778, Bernardo Lecocq⁴⁰³ e seu pessoal partem de Santa Teresa para reconstruir a arrasada fortaleza. No entanto, conforme Martinez (1797)

*'[...] se reedificó por el mismo estilo y en el mismo día solo subsiste su nombre con escasas y mal condicionadas habitaciones para a tropa y oficiales; desplomados sus parapetos y ciega con las ruinas la mayor parte del foso, por no haberlo reparado todo a tiempo'*⁴⁰⁴.

Considerando essa declaração, surge a pergunta: de que maneira, ou sob que circunstâncias, José Maria Cabrer teria desenhado esta fortificação, datada na cartografia, em 1818?

Os espanhóis permaneceram no local até o ano de 1801, quando foram expulsos, definitivamente, sob a liderança de Patrício Corrêa da Câmara. Nesse

⁴⁰² Diário de Patrício Corrêa da Câmara. In: BENTO, Cláudio Moreira; GIORGIS, Luis E. Caminha. **3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada**. Porto Alegre: Palloti, 2002, p. 85.

⁴⁰³ Lecocq foi responsável também neste período pela restauração e construção de Santa Teresa e São Miguel.

⁴⁰⁴ Conforme documento de Josef Garcia Martinez de Cáceres no ano de 1797 pesquisado na biblioteca Central de Madri, apud ORECCHIA, José Maria Olivero. **Uma llave estratégica de la Banda Oriental: Santa Tecla**, [s.d.], p. 21). Xérox.

período, a fortaleza já se encontrava praticamente abandonada, tendo sido, novamente, destruída pelos portugueses⁴⁰⁵.

No ano de 1801, a área onde estava localizada a fortificação foi arrendada pela Real Fazenda. Posteriormente em 1811, essas terras foram doadas como apanágio ao Almirante Paulo José da Silva Gama, quando este recebeu o título de Barão de Bagé⁴⁰⁶. Passados 50 anos, por volta de 1860, seus herdeiros a venderam.

O Sítio Arqueológico Histórico Forte de Santa Tecla

Os remanescentes da fortificação de Santa Tecla, provavelmente, foram localizados na década de 1910. Tendo em vista que, no ano de 1914, o historiador Alcides Cruz esteve no local, destacando que:

‘O sítio [...] é hoje um terraço onde vicejam lavouras de milho. [...] o recinto do forte, o fosso (embora totalmente entulhado) e a configuração dos bastiões à primeira inspeção não se revelaram e só após demorada pesquisa se consegue a reconstituição do conjunto’. Diversas escavações [...] indicam a ganância e a cobiça, antes que a curiosidade histórica, têm dado lugar à procura dos tais tesouros soterrados [...]⁴⁰⁷.

⁴⁰⁵ Documento de Josef Garcia Martinez de Cárceres no ano de 1802. Pesquisado na Biblioteca Central de Madri, apud ORECCHIA, José Maria Olivero. **Uma llave estratégica de la Banda Oriental: Santa Tecla**, [s.d.], p. 22.

⁴⁰⁶ Foi Governador do Maranhão e, também, da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul no período de 1803 a 1809.

⁴⁰⁷ CRUZ, Alcides. O antigo forte de Santa Tecla. I congresso Nacional de História Nacional. Rio de Janeiro, 1914, apud SPALDING, 1937, p. 277.

No ano de 1945, iniciaram-se as tratativas políticas para o estudo e a possível reconstrução da fortaleza de Santa Tecla. Como pode ser atestado na carta enviada por Arnaldo Faria⁴⁰⁸ ao Dr. Rodrigo de Mello Franco Andrade, Diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no Rio de Janeiro⁴⁰⁹.

Três anos após, foi encaminhado outro ofício ao DPHAN pela Sociedade dos Amigos de Bagé, solicitando o tombamento da área de Santa Tecla.

Acredita-se que não obtiveram resposta. Considerando que, somente no ano de 1966, a área da fortaleza e seu entorno, cerca de 16 hectares, foi desapropriada por iniciativa da Prefeitura Municipal de Bagé. Nessa ocasião, o local foi entregue para a direção do Museu Dom Diogo de Souza com intuito de que orientasse e dirigisse as pesquisas sobre a fortificação⁴¹⁰.

O pesquisador Tarcísio Taborda já havia iniciado suas pesquisas, nesse período, sobre a fortaleza e uma estância jesuítica localizada no município de Bagé. Para complementar sua pesquisa, recorreu aos documentos constantes no Arquivo Geral da Nação, em Buenos Aires, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e no Arquivo Ultramarino Militar de Lisboa⁴¹¹.

Assim, diante da documentação apreciada, o diretor do Museu Don Diogo juntamente com seus conterrâneos idealizaram a reconstrução da fortificação, e a transformação da área em um Parque Histórico e Natural. O qual contaria com áreas de preservação da flora e da fauna, bem como o reflorestamento do local. Também

⁴⁰⁸ Presidente da Liga de Defesa Nacional e Diretor do jornal Correio do Sul.

⁴⁰⁹ Ofício - IPHAN datado em 24/07/1945.

⁴¹⁰ Cf. Prefeitura Municipal de Bagé, 1974. Neste período o Museu Dom Diogo encontrava-se sob a coordenação de Tarcísio Taborda.

⁴¹¹ Tarcísio Taborda, diante da documentação, apreciada, conseguiu localizar o Posto da Estância de São Miguel a poucos quilômetros do forte.

tinham por meta a transformação do parque em espaços de lazer para a população, com locais para acampamento, pesca, churrasco, etc.

Para concretizar suas metas, Tarcísio Taborda, objetivando evidenciar as áreas específicas da fortaleza, no final da década de 1960, convidou o pesquisador Fernando La Salvia para realizar um trabalho de pesquisa arqueológica na fortificação⁴¹². Nessa ocasião, também, foi solicitado a esse pesquisador o reconhecimento de um local onde se encontram os remanescentes da estância de Santa Tecla⁴¹³.

Em relação aos trabalhos de campo, no ano de 1969, Fernando La Salvia informa que realizou sondagens arqueológicas para a determinação exata da área da fortaleza⁴¹⁴. Conforme relatório, muitos pesquisadores atribuíram a localização da fortificação ao local onde existira o posto da Estância Jesuítica de São Miguel. Entretanto, o pesquisador esclarece que:

Enquanto o Forte fica a cavaleiro de um espigão, parte do divisor de água entre o rio Negro e o Camaquã, sua localização está mais em função do rio Negro com os banhadais, de suas nascentes do que com o rio Camaquã, embora tenha sobre o mesmo perfeito domínio visual. O posto distante aproximadamente dois quilômetros em linha reta na direção ESE [...].

⁴¹² O relatório do pesquisador foi extraviado do IPHAN-RS. Assim as referências sobre as pesquisas arqueológicas realizada no forte de Santa Tecla e na estância jesuítica foram baseadas em artigos de jornais em entrevista a Taborda, em uma publicação sem identificação - possivelmente de La Salvia, nos documentos-ofício do IPHAN-RS e nas entrevistas com moradores locais.

⁴¹³ Nesse local, posteriormente foi realizada uma escavação arqueológica, segundo os pesquisadores, em um "Silo Missioneiro".

⁴¹⁴ "Posto de Santa Tecla - Estância de São Miguel: O Silo do Posto de Santa Tecla". Publicação (xerox) sem data, local ou autor. Acreditamos tratar-se do relato de Fernando La Salvia, considerando as informações sobre o trabalho de campo. Tal documento nos foi fornecido por Eron Vaz Mattos - integrante do Centro de documentação histórica do Museu Don Diogo de Sousa, Bagé-RS, em Agosto de 2003. Para efeito de citação nomeamos como Relatório 1.

O trabalho de campo realizado na fortificação, na década de 70, colocou em evidência diversas informações a respeito da ocupação da área⁴¹⁵. Em seu interior foram localizados os dois poços de água, uma cisterna e os alicerces da capela. Um dos poços possuía 22 metros de profundidade e o outro 16 metros, sendo ambos escavados na rocha⁴¹⁶. Referindo-se à localização da Capela e aos estudos arqueológicos no Rio Grande do Sul, Miranda Netto (1970) relata que:

[...] há seis pessoas em todo Rio Grande do Sul, fazendo trabalhos de campo em Arqueologia. Por isso [...] esses pesquisadores dividiram o estado em áreas de estudo, cabendo [...] ao professor La Salvia, o Planalto e a Campanha. [...] na Campanha [La Salvia] - escava o local do antigo forte de Santa Tecla [...]. Já foi escavada pequena parte; isso permitiu verificar que a localização da capela na planta do Forte que serve de guia está errada⁴¹⁷.

Sobre a cisterna, sabe-se que foi “[...] aberta parte na rocha do subsolo, tem mais de dois metros de boca por doze metros de fundo” segundo o relato de Tarcísio Taborda ao ser entrevistado por Almeida em 1993⁴¹⁸. A escavação dos poços foi feito por Grafrée Rodrigues⁴¹⁹. O qual destaca que o trabalho levou seis meses para ser concluído, considerando também o período da limpeza da cisterna. Grafée conta que “[...] foi tirando as coisas com muito cuidado como um autêntico arqueólogo, pois logo nas primeiras pás de terra observara a existência de objetos”⁴²⁰.

Os tipos variados de artefatos encontrados nos poços de água foram: rodas de antigas carretas em madeira, centenas de arcos de barris, talheres enferrujados,

⁴¹⁵ As datas são confusas, pois as referências do trabalho de campo são obtidas através de várias reportagens de jornais e de documentos-ofício no IPHAN-RS.

⁴¹⁶ Quais artefatos estariam sendo utilizados, pelos espanhóis, para abrirem a rocha?

⁴¹⁷ NETTO, Miranda. “A Ciência dos Milionários”. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 4 jan. 1970. [s.p.].

⁴¹⁸ ALMEIDA, J. A. Pio “Dois séculos depois, ressurgem em Bagé o Fortaleza de Santa Tecla”. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 1993. [s.p.].

⁴¹⁹ Abridor de poços para a prefeitura de Bagé.

⁴²⁰ “Um museu guarda o que restou de Santa Tecla”. **Zero Hora**, Porto Alegre, abr. 1982. [s.p.].

pedaços de peças de mobília da época, peças de madeira e de armas, além de centenas de outros pequenos objetos⁴²¹. Essas informações são complementadas por Almeida (1993), o qual diz que, dentro dos poços, foi encontrada uma grande quantidade de materiais arqueológicos: quatro rodas de carreta de madeira maciça (uma com 88 cm de diâmetro, a maça onde ia o eixo com 37 centímetros de comprimento); muita madeira que servia de escora ao paredão da fortificação; dois relógios solares de madeira; solados de sandálias; uma culatra de canhão; uma granada de mão; batedores de isqueiro; facas; muitos arcos de barril; pedras de afiar; pregos; varas de medir de 90 centímetros; chifres de veado; pedaços de pás de ferro; um prumo de madeira; um pescoço de guitarra; um bloco de barro seco minado de pimenta do reino⁴²².

Também foram realizadas escavações “[...] nos fossos junto ao portão principal e o fosso junto à muralha voltada para o poente”⁴²³. Segundo informações da secretaria de turismo de Bagé, os baluartes de Santa Tecla alcançavam 5 metros e meio e o fosso teria 9 metros de largura e 2,5 de profundidade.

Em 1970, um ofício foi encaminhado pelo Diretor do Patrimônio Artístico Nacional ao Dr. Júlio Nicolau de Curtis (responsável pelo DPHAN-RS). Nesse documento, pedia informações - devido a uma matéria publicada no Jornal do Comércio - sobre as pesquisas arqueológicas realizadas na fortificação por La Salvia. Considerando que a área encontrava-se sob processo de tombamento, não

⁴²¹ “Um museu guarda o que restou de Santa Tecla”. **Zero Hora**, Porto Alegre, abr. 1982. [s.p.].

⁴²² Informações obtidas na entrevista com Tarcisio Taborda. Cf. ALMEIDA, J. A. Pio “Dois séculos depois, ressurgem em Bagé o Fortaleza de Santa Tecla”. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 1993. [s.p.].

⁴²³ Folheto distribuído pelo museu.

podendo, assim, serem realizados trabalhos de campo no local sem a autorização do DPHAN⁴²⁴.

Em junho de 1970, Tarcísio Taborda, em carta enviada ao Presidente da República, afirma que: “Já estão abertos os poços que ali havia, e já foi localizado e limpo o fosso de água, que protege a muralha voltada para o poente”. Além do que, o Museu Patrício Correa da Câmara já havia sido inaugurado, na área do parque, iniciada a arborização e, também, no local funcionava um parque infantil. O mesmo historiador acrescenta que a população é assídua freqüentadora, do Parque aos finais de semana. Esse documento teve a finalidade de sensibilizar o General Médice e o órgão responsável pela preservação do Patrimônio Histórico para que colaborassem financeiramente na concretização do “Parque Forte Santa Tecla”⁴²⁵.

Finalmente, no mês de novembro de 1970, as fundações do forte Santa Tecla foram inscritos no Livro do Tombo Histórico sob o n°430, fls. 70.

Quatro anos depois, o prefeito de Bagé, Antônio Pires, enviou uma carta ao senador Ney Braga (Ministro da Educação e Cultura), na qual destaca que:

A administração Municipal delega a Fundação Attila Taborda, através do Museu Dom Diogo de Souza, a pesquisa e a possível Restauração do Forte [...]. As escavações e as pesquisas correspondentes vão se aproximando do final e é desejo reconstruir o Forte, pelas vantagens evidentes que a medida proporcionará em termos de cultura e fator turístico⁴²⁶.

No projeto enviado havia um orçamento de Cr\$ 800.000,00 para efetivação do mesmo. Lygia Martins Costa - chefe da Seção de Arte (MEC-IPHAN) - considerou fantasioso reconstruir um forte arrasado há dois séculos e considera que se o fosse

⁴²⁴ Ofício 194 - IPHAN-RS, em 28/01/1970.

⁴²⁵ Carta de 22/06/1970. (IPHAN-RS).

⁴²⁶ Carta de 18/01/1974. (IPHAN-RS).

“[...] tudo seria falso e não passaria de uma presença cenográfica [...]”. Assim, negou o pedido de auxílio à prefeitura de Bagé.

Estado de Conservação do Sítio Arqueológico

As dificuldades financeiras para manter o parque foram relatadas, em 1982, pela Prof^a. Neuza Silveira. A qual destacou que devido à falta de investimentos no local, não havia uma pessoa responsável pela preservação do sítio e do museu. Nesse período, Silveira narrou que: “Para chegar até o local é preciso vencer uma boa distância caminhando entre o pasto e os arbustos que se desenvolvem com exuberância na área, e dificultam a identificação dos vestígios que restam do forte [...]”⁴²⁷.

Posteriormente, no ano de 1985, o arquiteto Luiz Fernando Rhoden (IPHAN-RS) vistoriou o local. No entanto, na ficha de Identificação de Monumentos do referido instituto, constam poucas informações: algumas fotografias que mostram o terreno limpo e um croqui realizado pelo responsável.

⁴²⁷ Documento: “Um Museu Guarda o que restou de Santa Tecla”. **Zero Hora**, Porto Alegre, abr. 1982.

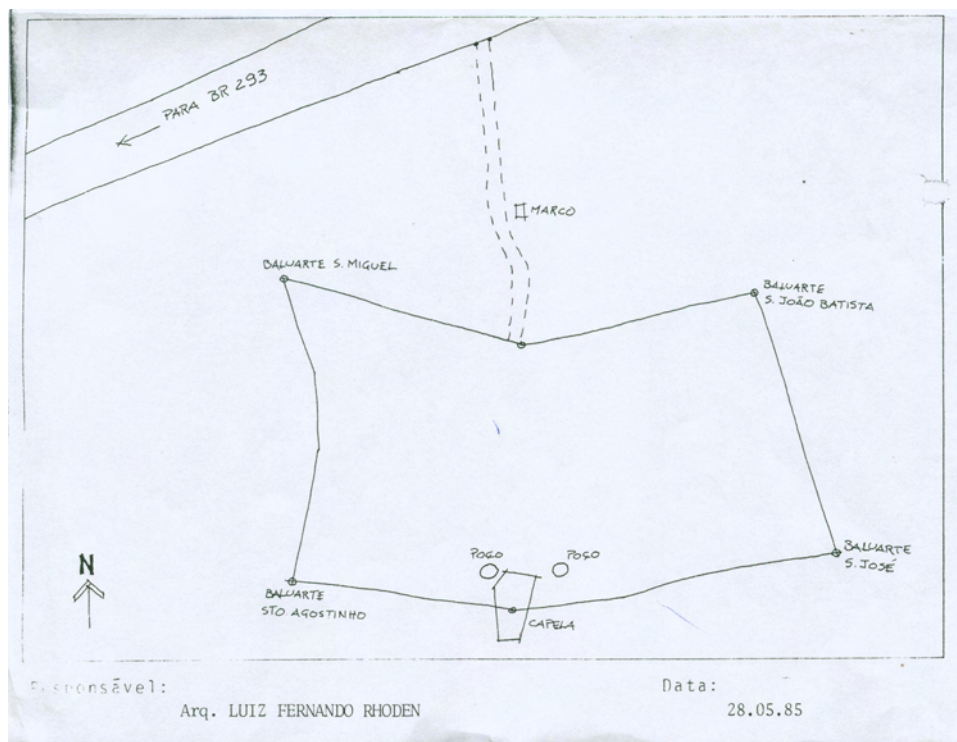


Figura 106: Planta 6 - Croqui da fortaleza Santa Tecla (1985)

Passaram-se os anos e, somente em 1999, a área do sítio arqueológico foi vistoriada por Jaime Renato Bruxel (IPHAN-RS). Na ocasião, Bruxel registrou em seu relatório que as condições de limpeza do terreno estavam “ótimas” e que o perímetro da fortificação havia sido delimitado com pedras brancas pelo exército. Acrescentou, também, que o museu do forte havia sido reformado. Por outro lado, observou que as placas informativas localizadas nos baluartes haviam sido retiradas. E, por fim, recomendou que as placas fossem novamente colocadas no local.

Motivados pelo projeto Arqueologia dos Sítios Históricos da América Meridional Atlântica, em vigor desde 2001, sob a coordenação do Prof. Dr. Arno

Alvarez Kern, no mês de agosto de 2003, chegamos ao sítio de Santa Tecla⁴²⁸. Entre os nossos objetivos estava o de obter informações sobre as pesquisas arqueológicas realizadas no local. Tendo em vista que os relatórios referentes aos trabalhos de campo haviam sido extraviados do IPHAN-RS. Devido a isso, pretendíamos obter dados sobre as pesquisas de campo e os artefatos exumados do sítio. Outro objetivo era o de avaliar o estado de preservação e conservação do sítio arqueológico, bem como verificar a potencialidade do local e da região, para futuros trabalhos acadêmicos.

Atualmente, a Universidade da Campanha (URCAMP), através do Museu Don Diogo de Sousa, em Bagé, continua responsável pela salvaguarda da área do sítio e do museu Patrício Corrêa da Câmara.

Chegamos ao Museu Don Diogo de Souza no dia 1º de agosto de 2003 e fomos recebidos pela diretora Judith Plentz. Na ocasião, fomos informados de que o museu, na área do forte, estava desativado desde 2001. Ela destacou também que a Universidade não possui verba para a manutenção da área, e que devido a isso, não há vigilante no local, tendo havido roubo de muitas peças, extravio de outras, além de depredações dos remanescentes *in situ*.

Fomos apresentados, naquela ocasião, aos pesquisadores do núcleo de História do Museu Don Diogo de Souza⁴²⁹, os quais colaboraram com algumas informações sobre as pesquisas realizadas na fortaleza de Santa Tecla e no silo missioneiro. No entanto, não havia nenhuma documentação oficial referente aos trabalhos de campo realizados no local, à exceção de recortes de jornais.

⁴²⁸ Essa pesquisa de Campo foi possível devido ao apoio financeiro concedido ao projeto pelo CNPq em 2003.

⁴²⁹ Pesquisadores: Elida Hernandez Garcia, José Otávio Gonçalves e Eron Vaz Mattoz.

No dia 2 de agosto, chegamos juntamente com os pesquisadores citados na área do sítio arqueológico. A cerca de 300 m dos remanescentes da fortificação e a 100 m da estrada que segue em direção a Lavras do Sul, foi construída uma escola que também está desativada. O local tornou-se moradia do zelador, Sr. Delmar Soares Delgado, e sua esposa. O prédio da escola está em ruínas e no local não há luz elétrica. Delgado relatou que não recebe salário da URCAMP há vários meses e que não é responsável pela fiscalização da área. No entanto, quando possível, impede que pessoas não autorizadas freqüentem o local, pois esse encontra-se fechado para visitação.

Para surpresa dos pesquisadores do museu, H elida Garcia e Heron Mattos, quando chegamos ao sítio arqueológico, encontramos a maior parte da área onde se encontram os vestígios das funda o es da fortifica o , com a vegeta o  aparada. O que nos permitiu visualizar, até certo ponto, seus remanescentes.

O desenho da muralha e de seus baluartes pôde ser percebido, em parte, através de seus alicerces, que originaram a eleva o  em certos ângulos do terreno. Lamentavelmente, as pedras que demarcavam o perímetro da fortaleza foram retiradas. Assim como as placas indicativas de seus baluartes. Também pudemos visualizar os dois poços de água da fortifica o . Os quais estão protegidos por uma grade.

Além disso, observamos, na parte externa da fortifica o , entre os baluartes Santo Agostinho e São Miguel, uma escava o . Posteriormente, através da documenta o  estudada, supomos ser o fosso escavado em 1970.

A seguir apresentaremos a área onde estão localizados os remanescentes do Sítio arqueológico “Forte de Santa Tecla”⁴³⁰.



Figura 107: Marco sinalizando a entrada para a fortificação



Figura 108: Baluarte São José (SE)

⁴³⁰ As fotos dos Remanescentes do Sítio arqueológico “Fortaleza de Santa Tecla” foram realizadas por Guilherme Luchsinger em agosto de 2003.



Figura 109: Baluarte Santo Agostinho (SW)



Figura 110: Provável Fosso - localizado no lado externo do forte (SW-NW)



Figura 111: Baluarte São Miguel à esquerda e Santo Agostinho - ao fundo



Figura 112: Baluarte São João

Com referência ao museu Patrício Corrêa da Câmara, o mesmo está localizado a Leste da fortificação. Nesse local estão expostos alguns artefatos

provenientes dos trabalhos de campo. Segundo um folder distribuído pelo museu deveriam estar naquele local

[...] todo material que foi encontrado quando se fez a limpeza dos poços do forte de Santa Tecla, e se iniciou o trabalho de escavações nos lugares das principais edificações, como a capela, os fossos junto ao portão principal e o fosso junto à muralha voltada para o poente.

Porém, como já referido, muitos materiais foram extraviados, e outros roubados.



Figura 113: Museu Patrício Corrêa da Câmara

Seguindo do museu em direção aos remanescentes da fortificação, observa-se uma depressão no terreno e a formação de um lago. Mais adiante, uma carreira de pedras – considerada como vestígio de um possível muro.



Figura 114: Depressão no terreno e formação de um lago



Figura 115: Vestígio de muro

Artefatos exumados das escavações e expostos no museu:

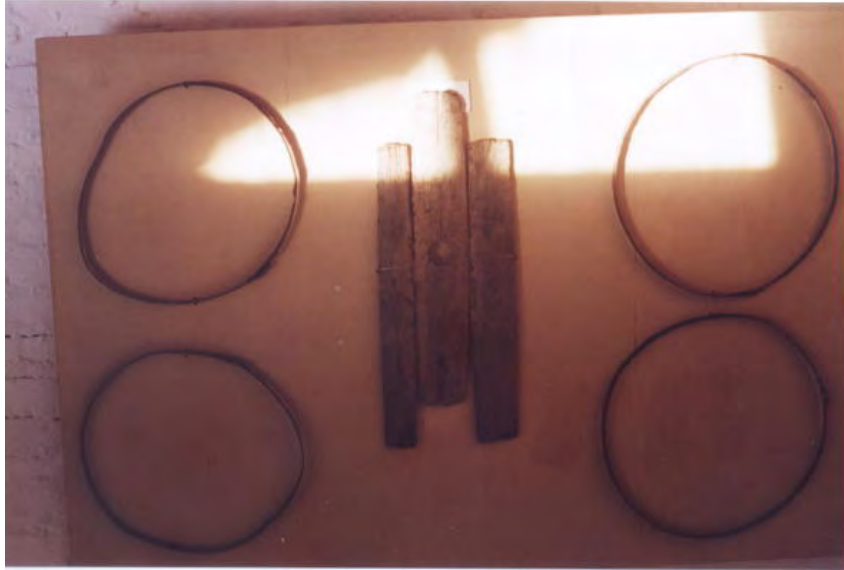


Figura 116: Arcos de barril e madeiras



Figura 117: Rodas de Carreta e fragmentos de Madeira



Figura 118: Relógio de Sol em madeira



Figura 119: Bala de canhão. Esse artefato possui cerca de 20 cm de diâmetro



Figura 120: Culatra de artilharia



Figura 121: Estribo

Materiais fora da área de exposição



Figura 122: Tonel com ossos



Figura 123: Rodas de carretas

Além desses artefatos, fora da área de exposição, havia mais três caixas com arcos de barris. A grande quantidade desses arcos nos evidencia as possibilidades e

a variedade de mercadorias que eram armazenadas e transportadas em barris ao longo dos séculos. Tais como aguardente, pólvora, farinha, alimentos, água, vinho, etc.

Durante o trabalho de campo, em Bagé, fomos informados, pela equipe do museu Don Diogo, de que alguns artefatos exumados da pesquisa arqueológica teriam sido levados para análise no Museu Antropológico do Rio Grande do Sul (MARGS)⁴³¹.

Posteriormente, contatamos a equipe responsável pelo acervo arqueológico do referido museu. Nessa ocasião, foram localizadas 22 caixas que estavam catalogadas por BAJ237 – Forte de Santa Tecla.

Novamente nos deparamos com a falta de informações. Não encontramos nenhum registro, no museu, sobre o material ou o trabalho de campo. Somente havia algumas informações nas etiquetas, dentro das caixas, que pouco nos informavam diante de tantas indagações.

Assim, no segundo semestre de 2004, solicitamos a Sra. Maria Helena Nunez⁴³² a autorização para realizar o estudo do material arqueológico⁴³³. Sendo que o primeiro passo da análise foi o de identificar o tipo de material presente nas caixas para sua posterior separação⁴³⁴.

⁴³¹ Material proveniente dos trabalhos de campo realizados por Tarcísio Taborda e Fernando La Salvia entre os anos de 1969 e 1970 no forte Santa Tecla e em um silo missioneiro.

⁴³² Diretora do Museu Antropológico do Rio Grande do Sul.

⁴³³ Gentilmente, nos foi fornecido um espaço, na sala do acervo etnográfico para que a pesquisa fosse realizada.

⁴³⁴ A análise do material arqueológico foi realizada pela pesquisadora Ângela Maria Cappelletti sob a coordenação de Cláudia Uessler.

Durante a organização do material, encontramos referência nas etiquetas, de quatro caixas, indicando que o material era proveniente do “Silo de Bagé”. As outras (18) estão relacionadas ao forte.

As demais informações obtidas sobre o material referem-se ao nível da coleta, caracterizado por N* e N** o que pensamos tratar-se de nível 1 e nível 2. No entanto, não há qualquer menção sobre os locais, onde se encontravam os artefatos no sítio e nem quantos centímetros possuíam aqueles níveis.

Dando prosseguimento à pesquisa, separamos os artefatos pela área de concentração (forte ou silo), pelo nível em que foram coletados e pelo tipo de matéria-prima em que foram confeccionados.

Assim, para o estudo do material arqueológico histórico (cerâmica, metal e vidros) foram elaboradas fichas de análises que contemplassem o maior número de informações tanto tecno-tipológicas e estilísticas, quanto funcionais. Para que, dessa maneira pudéssemos atribuir, posteriormente, os artefatos a uma cultura e/ou a uma época.

Em relação ao tipo de matéria-prima utilizada para a confecção dos artefatos, estes foram classificados da seguinte maneira: argila (cerâmica doméstica e de construção), massa vítrea (garrafas e outros) e metal.

Somando-se os fragmentos do sítio forte de Santa Tecla, considerando o grupo a que pertencem, e a quantidade de peças, obteve-se o seguinte resultado:

um total de 1300 fragmentos que se caracterizam por 128 peças⁴³⁵. Dos quais 272 fragmentos pertencem ao grupo das cerâmicas (21%) e 1028 fragmentos, ao de vidro (79%).

Na categoria de cerâmica doméstica, as louças do tipo faiança fina representam 94,54% do total dos fragmentos. Para o seu estudo utilizamos a bibliografia pesquisada e sintetizada, desde 1994, pela equipe do Museu Joaquim José Felizardo, referente aos artefatos encontrados nos trabalhos de campo no município de Porto Alegre⁴³⁶.

Como pode ser constatado na categoria de cerâmica doméstica, a louça fina corresponde à maioria dos fragmentos. Destacamos que, embora esse tipo de artefato seja confeccionado a partir da argila, ele possui uma pasta diferenciada da cerâmica torneada, em função dos produtos químicos e minerais introduzidos em sua composição. Além disso, sua confecção é o produto do processo de industrialização iniciado na Europa, no final do século XVIII e início do XIX, e que vem se desenvolvendo até os dias atuais.

Em relação ao tipo de pasta, desse período, os artefatos são classificados em faiança, faiança fina, ironstone e a porcelana.

⁴³⁵ O número de peças representa a quantidade de fragmentos que pertencem ao mesmo recipiente. Por exemplo: quando se possui quatro fragmentos, sendo três da mesma vasilha, têm-se duas peças.

⁴³⁶ A equipe, nessa época era constituída pela arqueóloga, do Museu, Dra. Fernanda Bordin Tocchetto, coordenadora das pesquisas. E pelos pesquisadores Luís Cláudio Symanski, Sérgio Osório, Ângela Maria Cappelletti e Alberto Tavares de Oliveira. Essa pesquisa culminou com a publicação do livro "A faiança fina em Porto Alegre: vestígios arqueológicos de uma cidade" em 2001.

A faiança fina constitui-se em uma categoria cerâmica intermediária entre a faiança e a porcelana⁴³⁷. É o resultado de uma revolução na indústria oleira da Inglaterra no século XVIII e possui características próprias que a distingue dos demais tipos de cerâmica até então fabricadas.

Ela apresenta por características uma pasta mais clara, mais uniforme e resistente do que a faiança. Além do que, o esmalte também utilizado nessas peças, possibilitava a decoração com técnicas de pintura ou de estampa. As quais eram realizadas diretamente sobre a sua superfície, significando, dessa maneira, um menor custo na sua produção⁴³⁸. Como foi observado por Lima(1989) a qual declara que a faiança fina

Foi a classe de louça doméstica mais popular no Brasil do século passado [XIX], começando a ser despejada em larga escala no mercado brasileiro, sobretudo pela Inglaterra, após a abertura dos portos (1808). As razões pelas quais dominou tão rapidamente o mercado relaciona-se a sua qualidade superior, à variedade de padrões decorativos [...] e ao seu preço acessível à população de médio poder aquisitivo⁴³⁹.

No Brasil, sua produção teve início nas primeiras décadas do século XX em São Paulo (1913) e foi denominado por “pó de pedra”⁴⁴⁰.

Referente às características físicas da faiança fina, podemos acrescentar que: “[...] é uma louça com pasta permeável, opaca, de textura e quebra irregular que,

⁴³⁷ PILEGGI, Aristides. **Cerâmica no Brasil e no mundo**. São Paulo: Livraria Martins, 1958, p. 195.

⁴³⁸ BRANCANTE, Eldino F. **O Brasil e a cerâmica antiga**. São Paulo: Cia. Litográfica Ipiranga, 1981, p. 129.

⁴³⁹ LIMA, Tânia Andrade et al. A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia no Rio de Janeiro. **Dédalo**, Publicações Avulsas, n. 1, p. 208, 1989.

⁴⁴⁰ BRANCANTE, 1981, p. 517.

para se tornar impermeável a líquidos, deve ser coberta com um esmalte. Sua temperatura de queima varia entre 600° e 1150°⁴⁴¹.

Assim, um outro atributo analisado na faiança fina diz respeito ao esmalte. Esse é constituído por substâncias minerais que são aplicadas sobre a superfície interna e externa da peça cerâmica, para torná-la impermeável, no momento em que é levada ao forno. Segundo Garcia (1990), na Inglaterra, em 1763, Josiah Wedwood aperfeiçoou o processo de produção da faiança fina, produzindo, na ocasião, um esmalte de coloração amarelada resultante da aplicação do óxido de chumbo. Essas louças foram denominadas como *creamware*, louça creme, *loza de la reina*, ou, ainda, *Queen's ware*. Em torno do ano de 1818, a louça creme ou *creamware* começou a ser substituída pela *pearlware*, ou louça pérola - faiança fina cuja fabricação iniciou em 1779 pelo mesmo Wedwood ⁴⁴². A coloração do esmalte das louças *pearlware* pode variar entre os tons levemente azulados a esverdeados, observados principalmente nos pontos de acúmulo como bordas e bases, devido ao acréscimo de óxido de cobalto.

Segundo Schávelzon (1991), essa louça foi bastante utilizada até a década de 1840, quando então a *whiteware* passou a predominar no mercado. A louça *whiteware*, ou louça branca, é assim denominada por possuir um esmalte extremamente branco. Seu início de produção foi no século XIX, em torno de 1820, mantendo sua popularidade até os dias atuais devido ao seu baixo custo⁴⁴³.

⁴⁴¹ WORTHY apud SYMANSKI, Luís Claudio P. **Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p. 167-8.

⁴⁴² GARCIA, Patricia Fournier. **Evidências arqueológicas de la importación de cerámica em México, com base em los materiales del Ex-convento de San Jerónimo**. México, D. F.: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 1990, p. 143-5. (Série Arqueologia).

⁴⁴³ SCHÁVELZON, Daniel. **Arqueologia histórica de Buenos Aires (I): la cultura material porteña del siglo XVIII al XIX**. Buenos Aires: Ediciones Corregidor, 1991, p. 41.

Por fim, destacamos que a totalidade dos fragmentos de faiança fina que apresentam esmalte foram identificados pelo tipo *pearlware*, representando 42%, enquanto o *whiteware*, apenas 2%. O que indica que esses objetos foram produzidos entre 1779 e 1840, se utilizado o esmalte *pearlware* ou a partir de 1820 se aplicado o esmalte *whiteware*.

No cruzamento das informações referentes à técnica decorativa com a forma, em superfícies não modificadas, nos fragmentos em esmalte do tipo *Pearlware* (1779-1840), foi constatado que 69% possuem a decoração de *pintada à mão livre no estilo Peasant*. Essa técnica decorativa, segundo Tocchetto et al. (2001) caracteriza-se pela presença de motivos florais, executados por largas pinceladas que cobrem quase toda a superfície da peça. Tendo sido produzida entre os anos de 1810 e 1860 (na Europa), nas cores azul cobalto e nos tons terrosos e, em outras cores, entre 1830 e 1860⁴⁴⁴. A forma identificada nessa decoração foi de um recipiente de bacia utilizada para a higiene pessoal (29 fragmentos) na cor azul cobalto.

Portanto, podemos inferir, de acordo com as datas de produção do esmalte e da técnica, que essa peça foi produzida entre 1810 (data inicial do estilo) e 1840 (data final da produção de louças com este esmalte).

Em segundo lugar estão os fragmentos de urinol, correspondendo a 29% do total, que apresentam a técnica de decoração *pintada à mão – faixas e/ou frisos*, na cor azul e preta, comumente paralela às bordas dos recipientes. De maneira geral, este tipo de técnica decorativa foi produzida entre o final do século XVIII e o início do

⁴⁴⁴ TOCCHETTO, Fernanda et al. **A faiança fina em Porto alegre**: vestígios arqueológicos de uma cidade. Porto Alegre: Unidade/Secretaria Municipal de Cultura, 2001, p. 25.

século XX na Europa⁴⁴⁵. A data de produção, portanto, desses fragmentos está estimada entre 1779 e 1840 (esmalte).

E, finalmente, fragmentos de malga ou xícara, perfazendo 2% do total, com a técnica *pintada à mão – Dipped Ware*, nas cores azul e verde. Essa técnica, também denominada de banhada, é obtida pela aplicação de uma camada fina de argila colorida em forma de faixas e listras, criando um leve relevo. Sua utilização abrangeu o período entre 1790 e o começo do século XX⁴⁴⁶.

Esse estilo foi, geralmente, empregado em recipientes côncavos como xícaras, malgas, canecas, tigelas, bacias e urinóis. Para esses fragmentos, através do cruzamento da data de produção do esmalte com a técnica decorativa, podemos deduzir que foram produzidas entre os anos de 1790 (técnica) e 1840 (esmalte).

Naqueles fragmentos cujo esmalte não pôde ser precisamente definido, que correspondem a (45% do total), utilizou-se a data inicial da produção do esmalte pearlware e a data final das decorações - quando o período de fabricação era muito longo. Quando esse período (fabricação) é mais curto, baseamo-nos nas técnicas decorativas utilizadas.

Em relação ao cruzamento dos dados referentes às técnicas decorativas com as formas, foi constatado que 35% dos fragmentos referem-se a uma provável travessa oval com decoração de *pintada à mão – padrão Shell Edged*, na cor azul cobalto.

Esse tipo de decoração foi produzido, inicialmente, em torno de 1775 nas louças com esmalte creamware e, possivelmente, foi o primeiro padrão decorativo

⁴⁴⁵ TOCCHETTO, Fernanda et al. **A faiança fina em Porto alegre**: vestígios arqueológicos de uma cidade. Porto alegre: Unidade/Secretaria Municipal de Cultura, 2001, p. 28.

⁴⁴⁶ TOCCHETTO et al., 2001, p. 26-7.

das louças em pearlware. Constitui-se por sucessivas linhas curtas, pintadas à mão, perpendiculares à borda, sobre incisões e decorações moldadas em relevo, imitando a borda de uma concha. Entretanto, esta técnica também é representada, como é o caso dos exemplares analisados, somente com as linhas verticais, ou com uma faixa horizontal. Esta versão mais simples, ainda de acordo com os autores Tocchetto et al. (2001, p. 38-40), foi produzida entre 1780 a 1900. Já a versão original, ou seja, com a superfície modificada em relevo (incisões) e as linhas sobrepostas, entre 1775 a 1860. As cores mais utilizadas foram o azul cobalto e o verde, mas, também, nas cores marrom, púrpura, rosa, vinho, preta e vermelha.

Em relação à peça desse sítio, determinou-se que a data de sua produção estaria entre os anos de 1779 a 1860 (esmalte *Pearl* ou *Whiteware* e a técnica).

Quantitativamente, em segundo lugar, perfazendo 27% do total, está a peça de uma malga ou xícara na técnica de *pintada à mão livre no estilo Peasant*, em azul cobalto cuja produção delimitou-se entre os anos de 1810 e 1860, conforme a técnica.

Na seqüência, correspondendo a 17%, estão os fragmentos de uma malga ou xícara com decoração *pintada à mão com carimbo*, na cor vermelha (frisos) e folhas e flores estilizadas em vermelho, amarelo ouro e verde.

A técnica do carimbado particulariza-se pela aplicação da decoração com o uso de carimbos. Estes deveriam ser confeccionados com esponjas cortadas no formato do motivo a ser aplicado na peça. Geralmente os motivos empregados eram

flores e folhas estilizadas e motivos geométricos. O início da produção do carimbado, na Europa, data entre 1845 e 1900 (técnica)⁴⁴⁷.

E finalmente aparecem fragmentos de objetos decorados com a técnica do *Transfer Printing*, perfazendo 21% do total. Caracterizada pela impressão através da transferência da estampa para a peça a ser decorada, utilizando-se, entre outros instrumentos, uma placa de metal com papel de seda. Essa técnica foi desenvolvida na Inglaterra a partir de 1750.

Na faiança fina, no entanto, essa decoração só foi aplicada em 1780 com a criação do padrão *Willow* (ou, como é conhecido no Brasil, padrão “Pombinhos” ou “Salgueiro”) que representa a interpretação europeia de uma fábula chinesa.

Desde o século XV, a porcelana chinesa fora muito apreciada. Entretanto, era um artigo muito caro e, portanto, de luxo. Diante de tais circunstâncias, e objetivando competir com o mercado chinês, os ingleses iniciaram a produção de louças decoradas cujos motivos eram imitados da porcelana oriental.

Não há referência para a data final de produção desse tipo de decoração, pois, até os dias atuais, pode ser encontrada a venda. Com o sucesso obtido e a grande procura por esse tipo de decoração, foram criados milhares de motivos para enfeitar estas louças. Os quais podiam representar cenas românticas, pastorais, exóticas ou florais⁴⁴⁸. Esses motivos, assim como as cores em que foram impressos,

⁴⁴⁷ TOCCHETTO, Fernanda et al. **A faiança fina em Porto alegre:** vestígios arqueológicos de uma cidade. Porto Alegre: Unidade/Secretaria Municipal de Cultura, 2001, p. 27.

⁴⁴⁸ TOCCHETTO et al., 2001, p. 29-37.

podem indicar a data em que foram produzidos, segundo estudos realizados por Samford (1997)⁴⁴⁹:

Os fragmentos nessa categoria decorativa dividem-se em duas variáveis, quais sejam: 05 fragmentos de prato ou pires na cor azul cobalto no padrão *Willow* e 02 fragmentos de prato pequeno ou pires, provavelmente no padrão *Sheet Floral* na cor rosa.

O primeiro padrão, conforme já foi dito acima, começou a ser produzido em **1780** (padrão) sem data de término. O segundo, *Sheet Floral*, que se caracteriza pela repetição de pequenas flores, usualmente utilizado sobre toda a superfície do recipiente. Para esse padrão o período de produção foi estipulado entre 1795 e 1867 e para o *Transfer Printing* na cor rosa, entre 1784 e 1864⁴⁵⁰. Portanto, inferiu-se como data de produção desses fragmentos entre 1784 e 1864 (cor).

Para a análise do material vítreo (correspondente a 79% do total dos fragmentos), foram utilizadas como guia as pesquisas realizadas por Zanettini e Camargo (1999)⁴⁵¹, Baugher-Perlin (1982)⁴⁵², Schávelzon (2001)⁴⁵³, Moreno (1994)⁴⁵⁴ e Jones (2000)⁴⁵⁵.

⁴⁴⁹ SAMFORD, Patricia M. Response to a market: dating English underglaze transfer-printed wares. **Historical Archaeology**, Pennsylvania, v. 31, n. 2, 1997.

⁴⁵⁰ TOCCHETTO et al., 2001, p. 27.

⁴⁵¹ ZANETTINI, Paulo Eduardo; CAMARGO, Paulo Fernando. Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles. Texto digitado e distribuídos na **X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Recife, 1999.

⁴⁵² BAUGHER-PERLIN, Sherene. Analysing glas bottles for chronology, function and trade networks. In: DIKENS, Jr.; ROY, S. (Orgs). **Archaeology of Urban America**. Nova York: Academic Press, 1988.

⁴⁵³ SCHÁVELZÓN, Daniel. **Catálogo de cerâmica histórica de Buenos Aires: Siglos XVI-XIX**. CD-ROOM.

⁴⁵⁴ MORENO, Paula. Estudio tipológico de bases y picos de botellas de la Imprenta Coni y San Telmo. In: SOUTH, S. (Org.). **Historical Archaeology in Latin America**. Columbia: University of South Carolina, 1994.

⁴⁵⁵ JONES, Olive. A guide to dating glass tableware: 1800 to 1940. In: **Historical Archaeology**, 2000.

O Vidro constitui-se em "[...] um material inorgânico formado pelo processo de fusão, que foi resfriado a uma condição rígida, sem cristalizar"⁴⁵⁶.

Para a composição do vidro são necessários elementos vitrificantes, fundentes e estabilizantes. Esses elementos são encontrados na sílica (areia) que atua como vitrificante, na soda ou no potássio (em forma de sulfato ou carbonato) que agem como fundente e na cal que dá resistência à água. Assim, desde a antiguidade, são esses os elementos básicos que compõem os vidros.

A fusão desses elementos ocorre entre os 1400° e 1600° graus Celsius. Mas é a partir do seu resfriamento, aos 900°, que a massa vítrea adquire a condição adequada para sua manipulação. É nesse momento que os "[...] artesãos munidos de seus instrumentos próprios (ponteios, tesouras, grampos, garras e moldes) aliam sensibilidade e técnica, dando formas as mais inusitadas peças e utensílios para o cotidiano, há pelo menos 4 mil anos"⁴⁵⁷.

De acordo com diversos autores é necessário um estudo quantitativo e qualitativo das composições químicas das massas vítrias e suas nuances para identificar e datar os artefatos. Além disso, faz-se mister conhecer as técnicas de produção ao longo dos tempos⁴⁵⁸.

⁴⁵⁶ Definição da American society for the Testing of Materials (ASTM), apud ZANETTINE, Paulo Eduardo; CAMARGO, Paulo Fernando. Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles. Texto digitado e distribuídos na **X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Recife, 1999, p. 6.

⁴⁵⁷ ZANETTINE; CAMARGO, 1999, p. 6.

⁴⁵⁸ ZANETTINE, Paulo Eduardo; CAMARGO, Paulo Fernando. Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles. Texto digitado e distribuídos na **X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Recife, 1999.

Assim, com base nessas informações, a análise do material vítreo do sítio forte de Santa Tecla foi realizada levando em consideração a técnica de produção, as formas e a coloração.

A amostra é constituída de 1.028 fragmentos, totalizando 75 peças. Inicialmente, o material vítreo foi separado, de acordo com suas cores, para possibilitar a identificação de fragmentos que pudessem fazer parte da mesma peça. Devido à grande quantidade de fragmentos, cujos tamanhos variavam de um a vinte centímetros, aliando-se ao fato das cores sofrerem alterações de acordo com a luz a que ficavam expostos, no momento da análise, foi bastante difícil e demorado executar esta tarefa.

Então, separando-se os fragmentos da mesma peça pôde-se, algumas vezes, fazer a identificação das técnicas de produção (tipo de molde, acabamento do lábio, entre outras) e, por conseguinte, se chegar a uma datação das mesmas através de tais dados.

Salienta-se que, da mesma maneira que foi realizado o estudo dos fragmentos de louça, o período de produção de cada peça foi identificado pelo cruzamento de todos os atributos acima ressaltados.

Dessa maneira, pudemos constatar que os fragmentos de vidro, na maioria de garrafas, foram produzidos a partir da segunda década do século XIX. Sendo que, para a maioria desses artefatos, as datas mais prováveis, entre a produção e o consumo, estão entre os anos de 1850 e 1870⁴⁵⁹.

⁴⁵⁹ Alguns fragmentos, de garrafas, são iguais aos estudados por SANTOS, Paulo Alexandre da Graça. **Contentores de Bebidas Alcoólicas: usos e significados na Porto Alegre Oitocentista.** Dissertação de Mestrado, PPGH-FFCH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Além dos evidenciados nas pesquisas de Gorriti, Colônia de Sacramento, São Martinho, Buenos Aires etc.

Tendo em vista o estudo dos artefatos de cerâmica e de vidro da área do forte de Santa Tecla, constatamos que a maioria desses objetos foram confeccionados a partir da primeira metade do século XIX.

Tal verificação nos levou a concluir que aqueles artefatos não estiveram inseridos no período de ocupação da fortificação pelas tropas espanholas ou portuguesas. Mas, provavelmente, fizeram parte do período de ocupação da área pelo Almirante Paulo José da Silva Gama (Barão de Bagé) a partir de 1811.

Outro fator que influenciou para a constatação de que o material arqueológico não pertence ao período de ocupação da fortaleza foi a inexistência do esmalte creamware em relação à faiança fina. Esse muito utilizado entre os séculos XVIII e início do XIX. Além da falta de cerâmica do tipo faiança ou majólica, muito utilizada até 1808, na América ibérica.

No caso do vidro, alguns elementos no processo de fabricação foram empregados desde o século XVIII. No entanto, unindo-se as referências relativas à técnica de confecção (molde), à característica do gargalo e à cor dos fragmentos da amostragem, podemos inferir que a maioria dos artefatos foram confeccionados a partir da primeira década do século XIX.

Sobre os demais materiais arqueológicos analisados, destacamos que os fragmentos de ossos, de metal e de cerâmica (não industrializada - apenas oito) não nos permitiram constatar o período da sua utilização.

Finalmente, considerando que não possuímos os dados relativos ao local de onde foram exumados esses artefatos e ainda com base em trabalhos arqueológicos

sobre esses objetos, inferimos que os pesquisadores (em 1970) estiveram diante de uma área de descarte doméstico.

4.6 A FORTALEZA JESUS MARIA JOSÉ DE RIO PARDO

Os remanescentes da Fortaleza de Rio Pardo estão situados na área urbana do município do mesmo nome. Essa fortificação foi erigida sobre uma apreciável elevação, à borda de um precipício, possibilitando ampla visão do rio Jacuí e da planície na margem oposta. Local conhecido por Alto da Fortaleza.



Figura 124: Fortaleza de Rio Pardo: Vista para o Jacuí (2004)

Inicialmente, no local, foi instalado um assentamento militar por Gomes Freire de Andrada em 1752. Mais tarde teria mandado edificar um forte, que recebeu a designação de Jesus Maria José⁴⁶⁰. Nesse mesmo ano, Freire também determinou a construção de dois grandes depósitos para munições e víveres. Um localizado em Rio Pardo e o outro em Santo Amaro, a fim de manter provisões para o inverno⁴⁶¹.

A importância estratégica do local deu-se em função do Tratado de Madri. Localizada a caminho dos Sete Povoados Missioneiros, essa fortificação portuguesa atendeu a duas finalidades principais. A de servir como base de defesa e posse desse local e também como apoio para as tropas que por ali transitavam a caminho dos povos.

Diante da revolta dos povos missioneiros em relação ao referido tratado e das dificuldades para executar a posse do território, as tropas espanholas retornam para o sul. Tornando ainda mais vulnerável o estabelecimento militar português o qual sofria constante assédio dos índios missioneiros.

Provavelmente, nesse período, tal assentamento militar não passasse de um forte de estacadas, auxiliado por outras construções defensivas como trincheiras e baterias. Considerando que em 1754 esse estabelecimento militar foi invadido pelos missioneiros, embora tenha sido retomado, na mesma ocasião, pelos portugueses. Conforme o relato do Pe. Tadeo Enis, no local havia 100 praças do lado português e

⁴⁶⁰ Comumente referenciado na bibliografia histórica. No entanto, segundo PORTO(1954:226) teria sido o Capitão de Dragões Francisco Barreto Pereira Pinto, Comandante de Viamão quem mandou construir um Posto no local. O qual teve origem a denominação de tranqueira de Rio Pardo. Considerando a técnica de estacadas realizadas para a sua defesa. Nesse período João Gomes de Melo foi responsável pela sua construção.

⁴⁶¹ SPALDING, Valter. **A revolta dos Dragões do Rio Grande**. Porto Alegre: IHGRS-GLOBO, 1937a, p. 159.

300 índios dos povos de São Luiz e São João⁴⁶². Nessa ocasião, foi feito prisioneiro Sepé Tiaraju. Porém, o mesmo foi libertado, posteriormente, por um falso acordo: prometera auxiliar os portugueses na busca de cavalos roubados daquele estabelecimento.

Frente a esses fatos, Gomes Freire ordenou que a sede do Regimento dos Dragões fosse transferida do Rio Grande para Rio Pardo, sob o comando do Ten.Cel. Tomas Luiz Osório⁴⁶³. Além de ter instruído que fossem feitas melhorias na fortificação de Jesus Maria José. Ainda, consta, segundo Golim (2002), que nesse ano, houve um incêndio no forte. O qual, também, teria contribuído para as mudanças em sua edificação.

A planta conhecida dessa nova fortificação é de autoria do Cel. José Fernandes Pinto Alpoim e de Manuel Leão. Tal edificação ficou sob a responsabilidade do Cabo João Gomes de Melo e do Cel. Thomaz Luis Osório⁴⁶⁴.

Não sabemos se o projeto de Alpoim foi realizado na íntegra. Conforme Bento (2004) somente entre os anos de 1756 e 1759 que a fortificação teria sido edificada em terra, e pedra⁴⁶⁵. No entanto, o mesmo não se refere ao tipo de traçado.

⁴⁶² Pe. Tadeo Enis apud PORTO, Aurélio. **História das Missões Orientais do Uruguai**. Porto Alegre: Selbach, 1954, p. 229. O qual complementa que a artilharia utilizada pelos índios era composta principalmente de "Taquarussú" recobertas de couro, enquanto que a dos portugueses, fuzis e canhões.

⁴⁶³ Formação militar que trabalhava ora como cavalaria ora como infantaria desde os primórdios colônia do Sacramento.

⁴⁶⁴ Os mesmos que, posteriormente, iniciaram a construção da Fortaleza de Santa Teresa (1762). Segundo PORTO, (1954, p. 227) João Gomes Melo seria engenheiro.

⁴⁶⁵ BENTO, Cláudio Moreira. A Fortaleza Brasil. **Informativo GUARARAPES**: Academia Militar Terrestre do Brasil. Disponível em: <<http://www.reset.com.br>> Acesso em 27 maio 2004.

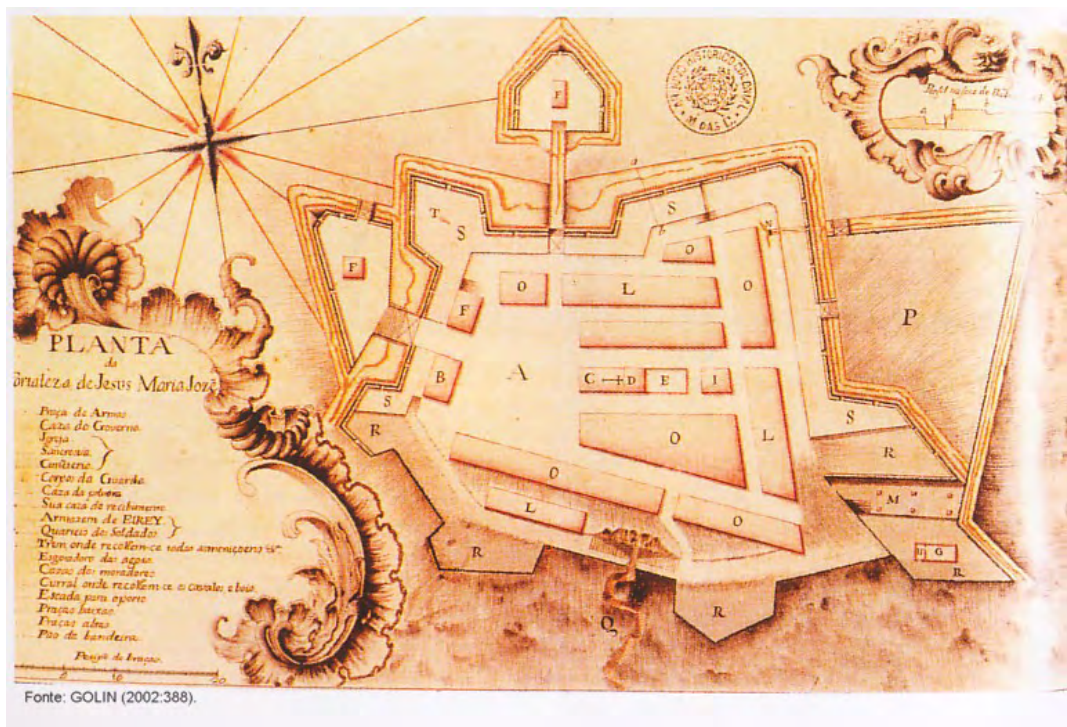


Figura 125: Planta da Fortaleza de Jesus Maria José (1754)

Legenda: Fortaleza Jesus Maria José Maria: A) Praça de Armas; B) Casa do governo; C) Igreja; D) Sacristia; E) Cemitério; F) Corpo de Guarda; G) Casa de Polvora; H) Sua casa...(?); I) Armazém del Rei; L) Quartel do soldado; M) Trem onde se recolhem todas...(?); N) Escoadouro de água; O) Casa dos moradores; P) Curral; Q) Estrada para o porto; R) Praças baixas; S) Praças atrás; T) Pao da bandeira.

No entanto, tal estabelecimento garantiu a fronteira limite da ocupação luso-brasileira, na região. A qual foi efetivada, principalmente, com a aliança entre Gomes Freire e os caciques guaranis⁴⁶⁶. Tal fato causou mais indignação a Cevallos⁴⁶⁷, o qual conquistaria em 1763 grande parte dos territórios portugueses por cerca de 13 anos. Devido a isso, Rio Pardo tornou-se sede da resistência militar portuguesa no Sul. Sendo que o crescente povoamento em seu entorno mantiveram até certo ponto as fronteiras portuguesas.

⁴⁶⁶ Convênio da “Não Agressão” Cf. GOLIM, Tau. **A fronteira**. Porto Alegre: LPM, 2002, p. 388.

⁴⁶⁷ Além do temível ódio, e a aversão que tinha dos portugueses. O que é fartamente destacado, na historiografia. Para esse fidalgo a guerra era só contra os portugueses! O que pode ser evidenciado diante do seu comportamento em 1768. O qual reconheceu, e elogiou, perante o Tribunal, o trabalho e a contribuição dos Povoados Jesuíticos Guaranis para Espanha. PORTO, 1954.

Jesus Maria José entrou para história como “Tranqueira Invicta”⁴⁶⁸, considerando-se que nunca foi, realmente, conquistada. Porém, cabe destacar que não foi a força de suas muralhas e artilharia que impediram tal fato, mas a perspicácia e a tática defensiva de seus comandantes. Os quais impediram, por duas vezes, a aproximação do exército espanhol.

O relato das duas investidas espanholas, na região, com a finalidade de conquistar a fortificação, nos revela o estado na qual ela se encontrava.

A primeira campanha efetiva por parte da Espanha ocorreu em 1762. Por ordem de Cevallos, o capitão Antonio Catani, comandante das forças espanholas, estabeleceu-se próximo ao rio Jacuí. Entretanto, foram descobertos e surpreendidos pelas forças portuguesas, sob o comando de Francisco Pinto Bandeira. Naquela ocasião, após a destruição do fortim espanhol e, devido às precárias condições da fortaleza de Rio Pardo, todos os prisioneiros foram levados para os campos longe do Jacuí⁴⁶⁹.

Posteriormente, em novas disputas territoriais em 1774, Vertiz y Salcedo chegou na região. Imbuído na conquista da fortaleza, foi também surpreendido pelos portugueses. Os quais se anteciparam, e interceptaram as tropas que vinham das Missões. Por outro lado, o comandante de Rio Pardo, Marcelino de Figueiredo, prevendo a investida dos espanhóis àquela fortificação, adiantou-se. Pois prevendo

⁴⁶⁸ Denominada, inicialmente, com esse termo por Souza Doca e Aurélio Porto Cf. SPALDING, Valter. A revolta dos Dragões do Rio Grande. Anais do II congresso de História e Geografia Sul Rio-Grandense. Porto Alegre, 1937a, p. 158. Cabe ressaltar que *tranqueira* significa paliçada; estacada para cercar ou fortificar. Como também fora destacado por Porto (1954, p. 226).

⁴⁶⁹ Carta de Madureira (Gov. do Rio Grande) datada em 25/01/1762 para Gomes Freire. In: MONTEIRO, Rego. Dominação espanhola no Rio grande do Sul (1763-77). In: **Separata da Revista Militar Brasileira**. Rio de Janeiro: Estado maior do Exército, 1937a, p. 42.

a impossibilidade de defesa⁴⁷⁰, montou uma trincheira no passo do Jacuí. Assim, com sua artilharia surpreendeu Vertiz y Salcedo. Diante das circunstâncias e culminado com a deserção de grande parte da tropa, o comandante espanhol foi obrigado a recuar.

Segundo Bento (2000, p. 16) “Em 1775, o general Bönh, comandante do Exercito do Sul, constatou dele [do forte] haver ‘o mastro, um velho armazém da época da construção e peças de ferro de alguma utilidade sem grande risco’”. Posteriormente, conforme o autor citado, a fortificação foi restaurada e prestou serviço até o ano de 1812. Quando foi, então, abandonada e parte de suas muralhas serviram para calçar a ladeira que ligava a fortificação a vila.

Francisco Macedo, baseado na planta da cidade de Rio Pardo do ano de 1829, em seu trabalho demonstrou que os divisores de água, assinalados em linha pontilhada, mostram a influência da topografia no traçado. Além da relação desses com a fortaleza, o regime do rio Jacuí e a posição da cidade⁴⁷¹. Como pode ser observado na planta em anexo.

4.6.1 O sítio arqueológico Fortaleza de Rio Pardo

O sítio arqueológico fortaleza de Rio Pardo foi inserido na malha urbana do município. No local, a poucos metros dos remanescentes da fortificação, encontra-se

⁴⁷⁰ Segundo SPALDING, 1937a, p. 159. “Tudo na fortaleza estava em péssimo estado”.

⁴⁷¹ MACEDO, Riopardense Francisco. Rio Pardo. **A arquitetura fala da História**. Porto Alegre: Sulina, 1972, p. 39.

instalada uma sede da companhia de abastecimento de água do município. Além disso, as casas em seu entorno invadiram parte de sua área.

O que se pode observar no sítio arqueológico, além de três canhões sem nenhuma identificação, são alguns vestígios de edificações em pedra, os quais poderiam fazer parte das estruturas ou alicerces da fortificação.

No ano de 1978, o Prefeito de Rio Pardo, Fernando Wunderlich, instalou uma lápide em cuja face está impressa, em estado de desgaste, a planta do Cel. Alpoim.

Em outubro de 2004, entramos em contato com a Secretaria de Cultura e Turismo do Município. Isso com a finalidade de obter algumas informações sobre o sítio arqueológico. Naquela ocasião, agendamos uma entrevista com um dos representantes daquela secretaria. Assim, fomos recebidos pelo Sr. Miguel Ângelo Silva, coordenador técnico daquela secretaria. Impressionados ficamos, pois nenhuma informação sobre o sítio obtivemos.

Destacamos que uma pesquisa no subsolo desse sítio nos proporcionaria uma série de informações. As quais têm sido negligenciadas pela maioria dos pesquisadores. Seja pela falta de interesse, ou pela própria falta de documentação a respeito do tema.



Figura 126: Sítio arqueológico Fortaleza do Rio Pardo (2004)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, no decorrer dos capítulos, muitas questões abordadas inicialmente foram sendo elucidadas. Retomamos alguns pontos e fazemos as considerações finais.

A importância desses assentamentos fortificados reside no fato de que os mesmos estiveram ligados a uma rede de múltiplos aspectos: culturais, políticos, sociais e econômicos. Estando seu estudo inserido em um contexto local, regional e mundial. Assim, as pesquisas desenvolvidas, tanto sob o aspecto arqueológico quanto histórico, tornam-se imprescindíveis para a compreensão da sociedade em pauta.

Além disso, esses assentamentos garantiram a formação de outros tipos de estabelecimentos, ou seja, núcleos produtivos e comerciais. A soma desses originou os limites políticos e geográficos do Uruguai, Argentina e Brasil. Por outro lado, geraram um sem-limite de miscigenações culturais e étnicas, as quais deram origem a nossa atual sociedade ibero-americana.

Lamentavelmente, a maioria desses locais encontram-se destruídos ou desaparecidos. De alguns, embora localizados, somente restaram vestígios das suas estruturas. Isso ocorreu devido a fatores como: a matéria-prima facilmente perecível às intempéries; a remoção e reutilização dos seus artefatos para outras finalidades; a inserção na malha urbana; a destruição; o abandono, entre outros. Fatos esses que não impedem o estudo dos mesmos, pois transformaram-se em sítios arqueológicos, guardando no subsolo uma parte de sua história.

Porém, alguns tiveram a sorte, devido ao seu caráter monumental ou a sua construção em pedra, de serem estudados, protegidos por lei, restaurados, e transformados em museu de sítio. Divulgando, desse modo, a sua importância arqueológica e histórica.

Em relação às técnicas de elaboração do sistema defensivo, as mesmas foram adaptadas, por força das circunstâncias, à realidade local. E geraram uma diversidade de tipos arquitetônicos.

Entre essas condicionantes podemos citar, a função a que se destinava o estabelecimento - podendo ter um caráter permanente ou provisório -, a experiência de seu idealizador, a sua localização geográfica e, principalmente, a mão de obra disponível.

Outro fator a considerar é, muitas vezes, a distância entre o plano do idealizador e a prática do executor. O que ocasiona a referência, comum na bibliografia, sobre os defeitos e a fragilidade de algumas dessas obras. Além da falta de profissionais técnicos, fazendo com que profissionais inexperientes ou improvisados concretizassem o projeto.

Sendo assim, podemos verificar que a maioria das fortificações permanentes não cumpriram satisfatoriamente sua função de defesa. Além das dificuldades já mencionadas, somou-se, no decorrer do século XVIII, a falta de condições básicas para a sobrevivência. Ocasionalmente a inviabilidade da defesa, tanto da parte técnica quanto do fator humano. Fatos que nos levam a concluir que o principal papel das fortalezas foi a representação materializada sobre a posse da terra.

Em relação às diferenças técnicas entre os sítios analisados, percebe-se a influência da habilidade da mão-de-obra dos guaranis missionários a serviço da Espanha. Enquanto Portugal basicamente contava com grupos pampeanos mais acostumados na lida das correrias de gado, com horticultores Tupis e com os desajustados europeus. O que deve ter sido um dos fatores condicionantes nas diferenças existentes entre os estabelecimentos portugueses e espanhóis.

Ainda no sentido de averiguar a matéria construtiva nesses assentamentos, percebeu-se que ela não é parâmetro para a sua eficácia. Como pode ser constatado em relação às fortificações monumentais em alvenaria de pedra em Santa Catarina, essas foram tão ineficazes quanto as de taipa no Rio Grande.

Relativo às pesquisas arqueológicas desenvolvidas nos sítios, contemplados por esse estudo, percebe-se que as mesmas foram de dois tipos. Uma movida pelos projetos de restauração do patrimônio edificado. Outras, de cunho acadêmico, foram instigadas pelo desenvolvimento contemporâneo da Arqueologia e, com problemáticas bem definidas, apresentaram resultados altamente fecundos.

Em se tratando dos artefatos móveis provindos desses assentamentos, as pesquisas revelaram um grande número de evidências. Entre elas a presença de

objetos originários da Europa e pertencentes às primeiras décadas do século XIX. Tal fato se deve às diversas ocupações e reocupações ocorridas nesses sítios. Em alguns casos, é extremamente intrigante a pouca ocorrência de artefatos indígenas. Em outros, evidencia-se a transformação de fragmentos de garrafas em artefatos cortantes de vidro tanto em contextos do século XVIII como do XIX. Já a cerâmica, por sua vez, nos revelou a produção local desse artefato nos moldes europeus, porém americanizada.

Também foi evidenciado, em sítios fortificados do século XIX, o reaproveitamento de ossos para combustível encontrados em estruturas de armazenamento.

Em relação às edificações, na falta do documento *in situ* utilizamos as informações cartográficas. As quais nos permitem inferir sobre questões referentes às idéias e aos projetos de seus idealizadores a respeito da organização e da transformação do espaço. No entanto, sabemos que muitos desses planos não passaram, muitas vezes, de representações não concretizadas além do âmbito de projetos. O que torna as informações arqueológicas altamente promissoras sobre esse aspecto.

Pelo exposto, consideramos de grande importância a retomada de pesquisas de campo, em especial nos sítios arqueológicos de Santa Tecla e do Rio Pardo.

Portanto, o presente estudo pretende dar margem a um primeiro levantamento sistemático sobre o tema em questão. Apresentando subsídios para as futuras pesquisas arqueológicas nesses tipos de assentamentos.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Nicolau da Silveira. **História do município de Caçapava do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História Colonial: 1580-1800**. Brasília: Universidade de Brasília, 1963.

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda. **Arraial Novo do Bom Jesus: consolidando um processo, iniciando um futuro**. Recife: Graftorre, 1997.

AMARAL, M. Madalena. **As fortificações na história da colonização de Santa Catarina**. Projeto para Seleção de Doutorado em Arqueologia. PPGH-PUCRS, 2001.

ARREDONDO, Horacio (hijo). "Maldonado y sus fortificaciones". **Revista da Sociedad Amigos de la Arqueologia**, (Tomo III). Montevideo, 1929.

ARREDONDO, Horacio. "Iconografía de Montevideú". **Revista da Sociedad Amigos de la Arqueologia**, Montevideú, Tomo I, 1922.

_____. "Santa Teresa y San Miguel - la restauración de las fortalezas, la formación de sus parques". **Revista da Sociedad Amigos de La Arqueologia**, Montevideo, Tomo XIII, 1955.

_____. Noticias de interés arqueológico: el puente levadizo del fuerte de San Miguel su Rastrillo y el de la Fortaleza de Santa Teresa. **Revista da Sociedad Amigos de La Arqueologia**, Montevideo, Tomo XV, 1957.

ASTIGARRAGA, Antonio Lezama. Raíces coloniales del puente Colonia-Buenos Aires. In: KERN, Arno Alvarez (Org.). **Sociedades ibero-americanas, reflexões e pesquisas recentes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

_____. "Proyecto Arqueología Histórica de salvamento en el entorno rural de Colonia de Sacramento: primeras conclusiones". **Anais do IX Congresso Nacional de Arqueología (1997)**, Montevideú: Gráficos Sul, 2001.

_____. Arqueología Histórica del departamento de Colônia: Investigación de la vida rural en el siglo XVIII. **Primeiro Congresso Nacional de Arqueologia Histórica Argentina**. Buenos Aires: Corregidor, 2002.

_____. Arqueología Histórica en el Uruguay: Prácticas y reflexiones. **Primeiro Congresso Nacional de Arqueologia Histórica Argentina**. Buenos Aires: Corregidor, 2002.

_____. Inventario de los sitios arqueológicos históricos del Uruguay. **Anais do V Congresso Internacional de Estudos Íbero-Americanos**. Porto Alegre: PPGH-PUCRS, 2003. CD-ROOM.

AUSTRAL, Antonio; ROCCHIETTI, Ana Maria. Arqueologia Histórica en la frontera del desierto: Cruce de História, Antropología y política. KERN, Arno A.; HILBERT, Klaus (org) Arqueologia do Brasil Meridional. Porto Alegre: FFCH-PPGH: PUCRS, 2002. CD-ROOM.

AVELLAMENT, Robert. **Viagem pela província do Rio Grande do Sul (1858)**. São Paulo: Itatiaia, 1980.

BARCELOS, Arthur. **Espaço e arqueologia nas missões jesuíticas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. (Coleção Arqueologia, 7).

BARDI, P. M. Arquitetura Brasileira. In: BENEVOLO, Leonardo. **Introdução à arquitetura**. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

BARRETO, Abeilard. **Bibliografia Sul-Rio-Grandense: a contribuição portuguesa e estrangeira para o conhecimento do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1976.

BARRETTO, Aníbal. **Fortificações do Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958.

BENEVOLO, Leonardo. **Introdução à arquitetura**. São Paulo: Mestre Jou, 1972.

BENTO, Cláudio Moreira. "Fortificações e Fortificadores no Rio Grande do Sul (1737-1870)". **Revista da Sociedade de Engenharia do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 1977.

_____. **História da 3ª Região Militar (1809-1889)**. Porto Alegre: Qualidade-Comunicação Gráfica, 1994.

BENTO, Cláudio Moreira; GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. **História da 3ª. Brigada de Cavalaria Mecanizada - Brigada Patrício Corrêa da Câmara**. Porto Alegre: Palotti, 2002.

BENTO, Cláudio Moreira. "Bicentenário da conquista da Fortaleza de Santa Tecla". **Correio do Povo**, Porto Alegre, 2 maio 1976.

BETHELL, Leslie (Org.). **América Latina Colonial**. São Paulo: EDUSP, 1999.

BERNARDI, Mansueto. **Missões, índios e jesuítas**. Porto Alegre: Sulina, 1982.

BLASI, Oldemar et al. Primeiras Notícias sobre a descoberta dos vestígios do provável assentamento do tambo das minas de ferro na antiga província do Guairá. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1989.

BOADO, Felipe Criado. **Del terreno al espacio: planteamientos y perspectivas para la arqueología del paisaje**: Grupo de investigación en arqueología del paisaje. Galicia: Universidade de Santiago de Compostela, 1999.

BORDEJÉ, Frederico. Arquitectura militar: breve indicaciones sobre los rastrillos y puentes levadizos. Madrid, 1958 In: ARREDONDO, Horacio (Org.). "Noticias de interés arqueológico". **Revista de la Sociedad Amigos de la Arqueología**, Montevideo, Tomo XV, p. 410-13, 1957.

BRANCANTE, Eldino F. **O Brasil e a cerâmica antiga**. São Paulo: Cia. Litográfica Ipiranga, 1981.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material e capitalismo**. Rio de Janeiro: Livraria Luso-Espanhola e Brasileira, 1970.

BROCHADO, José Proenza. O Guarani: o Conquistador Vencido. **O Índio no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 1975.

BROW, Anthony. **Fieldwork for Archaeologists and local Historians**. London: B. T. Batsford, 1987.

BRUNO, Cristina. Para desvelar o passado para entender o presente: os caminhos dos processos de musealização do patrimônio arqueológico. **IX Congresso Nacional de Arqueologia**. Colonia del Sacramento, 1997.

BRUXEL, Arnaldo. O sistema de propriedades das reduções guaraníticas. **Pesquisa nº 3**, São Leopoldo: IAP, 1959.

BURY, John. Benedetto da Ravenna (1485-1556). In: PAULINO, Francisco Faria (Org.). **A arquitetura Militar na Expansão Portuguesa**. Porto: Infante, 1994.

CABRAL, Osvaldo, R. **As defesas da Ilha de Santa Catarina no Brasil-Colônia**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura e Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1972.

CAMARGO, Paulo F. B. **Arqueologia das fortificações Oitocentistas da Planície Costeira. Cananéia – Iguape - SP**. São Paulo: MAE-USP, 2002. Dissertação de Mestrado, MAE-USP, 2002.

CAPURRO, Fernando. "La Colonia del Sacramento". **Revista da Sociedad Amigos de La Arqueologia**, Montevideo: [s.e.], 1928.

_____. "San Fernando de Maldonado". **Revista da Sociedad Amigos de La Arqueologia**, Montevideo: [s.e.], Tomo 10, 1947.

CARLE, Cláudio. **Metalurgia nas missões**: uma introdução. Porto Alegre: PUCRS, 1993. Dissertação de Mestrado, FFCH-PPG, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

CASAL, Juan Manuel. Fortificaciones y vida militar en la frontera colonial hispano-portuguesa. CASTELLO I. R. (Org.). **Pratica de integração nas Fronteiras: temas para o Mercosul**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1995.

CASTAGNIN, Daniel et al. Presencia de los marcos hispano – portugueses al fin del milenio. **Boletín Histórico del Ejército**. Montevideo: Departamento de Estudios Históricos, 1998.

CATANNI, Antonio David. América Latina: presensa / ausência dos trabalhadores. In: SEFFNER, Fernando (Org.). **América 92 – V séculos de História, 500 anos de luta**. Porto alegre: Prefeitura Municipal, 1992.

CAVIGLIA, Buenaventura (Hijo). “El Fuerte de San Miguel”. **Revista da Sociedad Amigos de La Arqueologia**. Montevideo: [s.n.], 1933.

CAVIGLIA, B. Algunas noticias sobre el Marechal Diogo Funck. In: **Anais do II Congresso de Historia e Geografia Sul Rio-Grandense**. IHGRS - Globo: Porto Alegre, 1937. v. II.

CENTURIÃO, L. M. **A cidade Colonial no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. (Coleção História; 25).

CESAR, Guilhermino. **Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1969.

_____. **História do Rio Grande do Sul. Período colonial**. Porto Alegre: Globo, 1970.

CHÂTELAIN, André. **Chateaux Forts: images de pierre des guerres médiévales**. Paris: Rempart, 1999.

CHILDE, Gordon V. **Introdução à arqueologia**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1977.

CIRVINI, Silvia Augusta. Patrimônio, Identidade e História. **Primeiro Congresso Nacional de Arqueologia Histórica Argentina**. Buenos Aires: Corregidor, 2002.

CORTEGOSO, Valéria. Normativas para la defensa del patrimonio arqueológico en Mendoza: ambiente y cultura, prevención e intervención en la gestión del patrimonio. In: **Primeiro Congresso Nacional de Arqueologia Histórica Argentina**. Buenos Aires: Corregidor, 2002.

COMERLATO, Fabiana. Cultura material e possibilidades de intervenções no Forte de Santana, Ilha de Santa Catarina. In: **Anais do IV Congresso Internacional de Estudos Ibero-americano**. Porto Alegre: PPGH-PUCRS, 2000. CD-ROOM.

_____. Inventário dos sítios arqueológicos históricos de Santa Catarina. In: **Anais do V Congresso Internacional de Estudos Ibero-americano**. PPGH-PUCRS, 2003. CD-ROM.

COTTIER-ANGELI, Fiorella. **La cerâmica**. Barcelona: Ediciones Rufino Torres, 1974.

CORTE, Jaime. **Jesuítas e Bandeirantes no Tape: 1615-1641**. Manuscrito da Coleção de Angelis. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969.

CRUXEL, Edison Bisso. **Arquitetura militar medieval na Palestina e o estudo de caso do Castelo de Arzuf: Século XII e XIII**. Dissertação de Mestrado. FFCH, PPGH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

CURBELO, Carmem; PÉREZ, Leonel Cabrera. Arqueologia Histórica em Isla Gorriti. **Revista do Patrimônio Cultural**, Montevideo: Ministerio de Educación Y Cultura Comisión del Patrimonio Histórico Artístico Y Cultural de La Nación, 1993.

D'ANTONA A. O. "Turismo em parques nacionais" In: FUNARI, P. P.; PINSKY, J. (Org). **Turismo e Patrimônio Cultural**. Contexto: São Paulo, 2003.

DE RUYT, Claire. **Macellum, marche alimentaire des romanos**. Tese de Doutorado. Institut Supérieur D' Archéologie et D' Histoire de L'Art Collège Érasme, 1983.

DIAS, Lizete de Oliveira et al. Trabalhos Arqueológicos no Registro de Santa Vitória. KERN, Arno Alvarez; HILBERT, Klaus (Org.). **Arqueologia do Brasil Meridional**. Porto Alegre: PPGH - PUCRS, 2002. CD-ROOM.

DIAS, Lizete de Oliveira; SYMANSKI, Luis C. "Arqueologia histórica no sul do Brasil". **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul: UNISC, 1999.

DUARTE, Eduardo. "Velhos fortes". **Revista do Museu Júlio de Catilhos**, Porto Alegre: [s.n.], 1955.

FLORES, Moacyr. Relação da Tomada da Colônia do Sacramento: (transcrição de documento). **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

FONTOURA, Edgar. O Rio Grande de São Pedro na visão de José da Silva Pais. In: **Anais do II Congresso de Historia e Geografia Sul Rio-Grandense**. IHGRS - Globo: Porto Alegre, 1937. v. II.

FORTES, João Borges. Os Tropeiros. In: **Anais do II Congresso de Historia e Geografia Sul Rio-Grandense**. IHGRS - Globo: Porto Alegre, 1937a. V. II.

_____. Fundação do Rio Grande. In: **Anais do II Congresso de Historia e Geografia Sul Rio-Grandense**. IHGRS - Globo: Porto Alegre, 1937b. v. II.

FOSSARI, Teresa D. A pesquisa arqueológica do sítio histórico São José da Ponta Grossa. In: **Anais do museu de Antropologia 1987/1988**. Florianópolis: UFSC, n. 19, 1992.

FREDEL, Karla Maria. **Cerâmica Euroindígena do Sítio RG-RG-5- Rio Grande, Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: PUCRS, 1999. Dissertação de Mestrado, FFCH, PPGH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: Ática, 1988.

_____. FUNARI, Pedro. **A cidade e a civilização romana: um instrumento didático**. Campinas: IFCH-UNICAMP, 1997. (Coleção Textos Didáticos).

_____. A arqueologia histórica em uma perspectiva mundial. ZARANKIN, A.; SENATORE, M. (Org.). **Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul - cultura material, discursos e práticas**. Buenos Aires: Del Tridente, 2002.

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime. **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

FURLONG, Guillermo. **Misiones y sus pueblos de guaraníes**. Buenos Aires: Balmes, 1962.

_____. **Historia Social y Cultural del Rio de la Plata 1536 -1810- el Transplante Cultural: Arte**. Buenos Aires: Tea, 1969. v. I e II.

GALLICCHIO, Gisele. **Missões jesuítico-guaranis: um levantamento arqueológico-temático das informações históricas**. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

GARCÍA, Leticia et al. El material vítrio de los sitios históricos en áreas rurales del Depto. de Colonia: tipología y cronología. In: **IX Congreso Nacional de Arqueología**. Uruguay, 1997.

GARCIA, Patricia Fournier. **Evidências arqueológicas de la importación de cerámica em México, con base en los materiales del Ex-convento de San Jerónimo**. México, D.F.: Instituto nacional de Antropología e Historia, 1990:143-5. Série Arqueología

GIURIA, Juan. “La obra de arquitectura hecha por los maestros jesuitas Andrés Blaqui Y Juan Bautista Prímoli”. **Revista da Sociedad Amigos de La Arqueologia**, Montevideo, 1947.

GOLIN, Tau. **José Custódio de Sá e Faria e a guerra guaranítica**. Porto Alegre: PUCRS, 1996. Dissertação de Mestrado. FFCH, PPGH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

GOLIN, Tau. **A fronteira**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GOMES, D. M. C. Turismo e museus: um potencial a explorar. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (org). **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

GOMES, Flamarion F. “Know-How para Tratamento Químico de Metais e Leitura Histórica dos Artefatos Arqueológicos de Metal da Guarda de São Martinho”. **Revista do CEPA**, Santa Cruz: UNISC, 1997.

GRANDES PERSONAGENS DA NOSSA HISTÓRIA. São Paulo: Abril Cultural, 1969. 1 v.

GRAVE, João, BRASIL, Coelho (Orgs.). **Lello Universal: Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro**. Porto: Lello e Irmão, [s.d.].

GREENE, Kevin. **Archaeology an introduction**. London: B.T. Batsford Ltd., 1986.

GUTIÉRREZ, Ramón, ESTERAS, Cristina. **Arquitectura y fortificación: de la ilustración a la independencia americana**. Madri: Tuero, 1993.

_____. **Território y Fortificación - Influencia en España y América.** Madri: Tuero, 1991.

GUTIERREZ, Ramón. **As missões Jesuíticas dos Guaranis.** Rio de Janeiro: Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1987.

HAUBERT, Maxime. **La vida cotidiana de los indios y jesuitas en las misiones del Paraguay.** Madri: Temas de Hoy, 1991.

HISTORIA ILUSTRADA DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre: Editores JA, 1998.

HODDER, Ian. **Interpretación en arqueología: corrientes actuales.** Barcelona: Crítica, 1988.

_____. **Análisis espacial en arqueología.** Barcelona: Crítica, 1991.

INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN/RS. **Documentos relativos aos sítios arqueológicos e históricos no Estado do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, 2003-2004.

JACOBUS, André Luiz. **Registro de Viamão: aportes históricos e Arqueológicos.** Comunicação apresentada no II Seminário Nacional sobre Tropeirismo. Bom Jesus, 1994.

_____. **Resgate Arqueológico e Histórico do Registro de Viamão: Guarda Velha, Santo Antônio da Patrulha - RS.** Porto Alegre: PUCRS, 1996. Dissertação de Mestrado, FFCH, PPGH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

_____. **As cerâmicas na Bacia do Prata no período colonial: continuidade ou mudança?** Comunicação apresentada na 10ª Reunião Temático-arqueológica, no Museu Joaquim José Felizardo. Porto Alegre, 1998.

JAEGER, Luis G. **Pesquisas históricas em Lavras do Sul.** Porto Alegre: IAP, 1958.

_____. **As primitivas reduções do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Selbach, [s.d.].

_____. **À Cata de Tesouros Jesuíticos.** PESQUISAS IAP, São Leopoldo, 1959.

JONES, Olive. A Guide to Dating Glass Tableware: 1800 to 1940. **Historical Archaeology**, p. 141-232, 2000.

KERN, Arno Alvarez. **A organização política das missões da província Jesuítica do Paraguai (1641-1707).** Porto Alegre: PUCRS, 1979. Dissertação de Mestrado, IFCH, Curso de Pós-Graduação em História da Cultura. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1979.

_____. **Le preceramique du plateau sud-bresilien.** Paris: Ecole Des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1981. (Tese de Doutorado).

_____. **Missões: uma utopia política.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

_____. O processo histórico platino no século VII da aldeia guarani ao povoado missioneiro. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1985.

_____. A arqueologia histórica, a história e os Trinta Povos das Missões. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1989(a).

_____. Escavações arqueológicas na Missão Jesuítico-Guarani de São Lourenço (RS - Brasil). **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1989(b).

_____. Abordagens Teóricas em Arqueologia. In: **Anais da VI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, Rio de Janeiro, 1991.

_____. A cultura material, a História e a Arqueologia. In: **Anais da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica**. 1991.

_____. Paleopaisagens e povoamento pré-histórico no Rio Grande do Sul. **Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

_____. Cultura Européia e indígena no Rio da Prata nos séculos XVI – XVIII. **Congresso Americano: Raízes e Trajetórias**, São Paulo, 1992.

_____. Guaraníes e Jesuítas: Fronteiras Culturais e Políticas do Rio da Prata Colonial. In: **Anais V Jornadas Internacionales Misiones Jesuíticas**. Montevideu, Uruguay, 1994.

_____. Pesquisas Arqueológicas nas Missões Jesuítico-Guaranis (1984-1994). **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

_____. **Utopias e Missões Jesuíticas**. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

_____. **Antecedentes indígenas**. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

_____. Escravidão e missões no Brasil Meridional: impactos e contatos entre as sociedades indígenas ibéricas no período colonial. **Negros e índios**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. (Coleção História, 2).

_____. Das aldeias guaranis às missões jesuíticas: um processo de transformações culturais. In: **Anais da I Jornada Regional da Cultura Missioneira**. Santo Ângelo: FUNDAMES, 1985.

_____. “A importância da pesquisa arqueológica na universidade”. **Revista do CEPA**, n. 12, 1985.

_____. “Missões: uma história de dominação ou um processo de transculturação?” **Veritas**, Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 36, n. 141, 1991.

_____. Origens da ocupação pré-histórica do Rio Grande do Sul. **Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

_____. Descobertas e colonizações na América: Impactos e contatos entre as sociedades indígenas e européias. In: SEFFNER, Fernando (Org.). **América 92 – V Séculos de História, 500 Anos de Luta**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1992.

_____. Chinoca: ou o legado indígena de gaúchos sem memória. In: GONZAGA, S.; FISCHER, L. A. (Org.). **Nós os gaúchos**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

_____. Método e teoria no projeto arqueologia histórica missioneira. In: **Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. A carta Internacional da Arqueologia e os critérios básicos para a intervenção em sítios arqueológicos. In: **Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. Aspectos teóricos e metodológicos da Arqueologia Histórica do Rio da Prata. **Arqueología en el Uruguay: 120 años después**. Montevideo: Surcos, 1995.

_____. As origens do povoamento do Rio da Prata e a complementaridade das abordagens arqueológicas, históricas e antropológicas. **Arqueología en el Uruguay: 120 años después**. Montevideo: Surcos, 1995.

_____. **Arqueologia histórica missioneira**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. (Coleção de Arqueologia; 2).

_____. Descobertas e colonizações do Brasil: uma síntese sócio cultural Ibero-indígena. In: **Anais da II Semana dos Museus da Universidade de São Paulo**. São Paulo: USP, 1999.

_____. Temas e problemas da Arqueologia do Rio da Prata. **Sociedades Ibero-Americanas, Reflexões e Pesquisas Recentes**. Porto Alegre: PUCRS, 2000.

_____. Fronteiras culturais: Impactos e contatos na descoberta e colonização do Brasil. **Estudos Ibero-Americanos, Brasil 500 anos**. Porto Alegre: PUCRS, 2000.

_____. **Arqueologia dos Sítios Históricos da América Meridional Atlântica**. Projeto elaborado para criação de um grupo de pesquisadores. Organizado nos quadros institucionais do Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – PUCRS e do Conselho Nacional de Desenvolvimento e Pesquisas (CNPq - GRPESQ). Porto Alegre, 2001.

_____. Arqueologia Histórica Missioneira: práticas e reflexões teóricas. Arqueologia Histórica Argentina. In: **1º Congresso Nacional de Arqueologia Histórica**, Buenos Aires: Corregidor, 2002.

_____. O futuro do passado: os arqueólogos do novo milênio. KERN, Arno A.; HILBERT, Klaus (Org.). **Arqueologia do Brasil Meridional**. Porto Alegre: FFCH-PPGH: PUCRS, 2002. CD-ROOM.

_____. Reflexões epistemológicas sobre a Arqueologia brasileira. KERN, Arno A.; HILBERT, Klaus (Org.). **Arqueologia do Brasil Meridional**. Porto Alegre: FFCH-PPGH: PUCRS, 2002. CD-ROOM.

_____. Tendências da historiografia no mundo contemporâneo: uma questão científica para a História do tempo presente. **Revista UNICRUZ**, Cruz Alta, n. 4, v. 1, 2003.

_____. A Arqueologia Histórica e a sua contribuição a Pesquisa de Historia do Brasil. In: **Anais da XIII Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH)**, Florianópolis, 1993.

LAYTANO, Dante. **Rio Pardo**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas do Centro, 1946.

LANGIANO, Maria C.; MERLO, Julio, ORMAZÁBAL, Pablo. Modificaciones en el basural del fuerte San Martín. Arqueología Histórica Argentina. In: **1º Congreso Nacional de Arqueología Histórica**, Buenos Aires: Corregidor, 2002.

LAUZANNE, S. L'inventaire archéologique. In: DABAS, M. et al. **La prospection**. Paris: Errance, 1998.

LE GOFF, Jacques. **Reflexões sobre a História**. Lisboa: Edições 70, 1982.

_____. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LEECH, Roger. **Rapport Sur La Situation de L'arqueologie Urbanie en Europe**. Allemagne: Conseil de l'Europe, 1999.

LELLO Universal: **Novo dicionário enciclopédico luso-brasileiro**. Organizado e publicado pela Editora Porto; Lello e Irmão Editores. Organizadores: João Grave (Academia de ciências de Lisboa) e Coelho Netto (Academia Brasileira de Letras), [s.d.].

LEROI-GOURHAN, A. **Evolução e Técnicas: o homem e a matéria**. Lisboa: Edições 70, 1971. v. 1.

_____. **Evolução e Técnicas: o meio e as técnicas**. Lisboa: Edições 70, 1971. v. 2.

LIMA, Tânia Andrade. Cerâmica Indígena Brasileira. RIBEIRO, Darci. (Org.) **Suma etnológica brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. "Arqueologia histórica algumas considerações teóricas". **Revista Clio**, Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1988. (Série Arqueologia, 5).

_____. Arqueologia histórica no Brasil: uma experiência de ensino. **Historical archaeology in Latin America**. Columbia USA, Stanley South, 1995.

LIMA, Tânia Andrade et al. A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia no Rio de Janeiro. **Dédalo**, Publicações Avulsas, n. 1, p. 205-230, 1989.

LIMA, Tânia Andrade. O papel da arqueologia histórica no mundo globalizado. ZARANKIN, Andrés; SENATORE, María Ximena (Org.). **Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul: cultura material, discursos e práticas**. Buenos Aires: Del Trident, 2002. (Colección Científica).

LLUBIA, Luis M. **Cerámica medieval española**. Barcelona: Nueva Colección Labor, 1967.

MACEDO, Francisco Riopardense. **Rio Pardo: a arquitetura fala da História**. Porto Alegre: Sulina, 1972.

MACEDO, João da Silva. **São Martinho - da guarda ao povoado. Um perfil histórico-arqueológico sobre a formação da vila de São Martinho-RS.** Porto Alegre: PUCRS, 1999. Dissertação de Mestrado, IFCH-PPGH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

MARIONA, Román. "Um Quadrante Solar de 1775". **Revista da Sociedad Amigos de la Arqueologia.** Montevideu, Tomo VI, 1932.

MARQUES, Fernando L. T. **Modelo da agroindústria canvieira colonial no Estuário Amazônico:** estudo arqueológico de engenhos dos séculos XVIII e XIX. Porto Alegre: PUCRS, 2004. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MASY, Rafael C. de. Técnica y tecnologia agrárias apropiadas en las misiones guaraníes. **Estudios Ibero-Americanos,** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1989.

MAUSS, Marcel. **Manual de etnografia.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

MELIÁ, Bartomeu. **El Guaraní conquistado y reducido.** Asunción, Paraguay: Biblioteca Paraguaya de Antropología, V. S. Centro de Estudios Antropológicos de La Universidad Católica, 1993.

MELO NETO, F. P. Evento: de ação, de entretenimento e agente de promoção do patrimônio histórico-cultural. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime. **Turismo e Patrimônio cultural.** São Paulo: Contexto, 2003.

MENEZES, José Luiz Mota; RODRIGUES, Maria do Rosário. **Fortificações no nordeste do Brasil - séculos XVI-XVIII.** Recife: Editorial Pool, 1986.

MILDER, Saul; MACHADO, Neli. Fronteira Luso-Espanhola - Século XVIII e XIX. Um Estudo de Caso: A guarda de San Matin - 1758-1801. In: **Primeiro Congresso Nacional de Arqueologia Histórica Argentina.** Buenos Aires: Corregidor, 2002.

MIRANDA, Bruno Romero. "O sistema de defesa da barra e do porto do Recife no século XVII". **Clio Revista de Arqueologia,** Recife: UFPE, 2005.

MONTEIRO, Jonathas da Costa Rego. Dominação espanhola no Rio Grande do Sul (1763-77). In: **Separata da Revista Militar Brasileira (1935 e 1936).** Imprensa Rio de Janeiro: Estado Maior do Exército, 1937a.

_____. A formação do regimento de Dragões do Rio Grande de São Pedro. In: **Anais do II Congresso de Historia e Geografia Sul Rio-Grandense.** IHGRS - Globo: Porto Alegre, 1937b. v. II.

_____. Fortificações do canal e cidade do Rio Grande (1777). In: **Anais do II Congresso de Historia e Geografia Sul Rio-Grandense.** IHGRS - Globo: Porto Alegre, 1937c. v. II.

_____. **A Colônia de Sacramento (1680-1777).** Globo: Porto Alegre, 1937d.

MONTOYA, Ruiz Antônio. **La conquista espiritual del Paraguay.** Rosário: Equipo Difusor de Estudios de História Ibero-Americana, 1989.

MORAIS, José Luiz. "A arqueologia e o fator Geo". **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo: USP, 1999.

_____. "Tópicos da arqueologia da paisagem". **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo: USP, 2000.

MOREIRA, Rafael. Fortalezas do renascimento. In: PAULINO, Francisco Faria (Org.). **A arquitetura militar na expansão portuguesa**. Porto: Infante, 1994a.

_____. "Os grandes sistemas fortificados". In: PAULINO, Francisco Faria (Org.). **A arquitetura militar na expansão portuguesa**. Porto: Infante, 1994b.

_____. Caravelas e Baluartes. In: PAULINO, Francisco Faria (Org.). **A arquitetura militar na expansão portuguesa**. Porto: Infante, 1994c.

MORENO, Paula. Estudio tipológico de bases y picos de botellas de la Imprenta Coni y San Telmo. **Historical Archaeology in Latin America**. S. South, publisher. The University of South Carolina. Columbia, 1, 1994. p. 103-123.

MOURA, J. L. A arqueologia e o turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime. **Turismo e Patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

MOURA, A. M. F. Turismo, meio ambiente e espaço rural. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime. **Turismo e Patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

MOURA, A. P. Turismo e festas folclóricas. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime. **Turismo e Patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

MUGUETA, Miguel; BAYALA, Pablo; SALGUERO, Mariela. El uso de los basurales como espacios para el faenamiento del ganado vacuno y la utilización del óseo como combustible: El caso del Cantón Talpaqué Viejo. In: **Anais do I Congresso de Arqueología Histórica na Argentina**. Buenos Aires: Corregidor, 2002.

NEUMANN, Eduardo. A participação Guarani Missioneira na Vida Colonial Rio-Platense. **Estudos Iberos-Americanos**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

_____. **O trabalho guarani missioneiro no Rio da Prata Colonial: 1640-1750**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

NEWTON, Dolores. Cultura material e história cultural. In: RIBEIRO, Darci (Org.). **Suma etnológica brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1987. (Tecnologia Indígena; v. 2).

OGNIBENI, Denise. **Cultura material e vida cotidiana no meio rural do Rio Grande do Sul, no final do século XVIII e princípio do século XIX**: o sítio RG-23/Barra Falsa, um estudo de caso. Vias de acesso ao mercado: a louça e o contrabando no Sul. Porto Alegre: PUCRS, 1998. Dissertação de Mestrado, PPGH-FFCH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

ORECCHIA, José Maria Olivero. Museología y conservación en los Museos Militares Del Uruguay: El Ejemplo Del Fuerte de San Miguel. In: **Boletín Histórico del Ejército**. Departamento de Estudios Históricos (n° 301-303): Montevideo, 1999.

_____. Una llave estratégica de la banda oriental: Santa Tecla. In: **Departamento de Estudios Históricos do Ejército Uruguayo**. Montevideú, [s.d.]. (Xerox).

ORSER, C. E. **Introdução à arqueologia histórica**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

OSÓRIO, Helen. O espaço platino: fronteira colonial no século XVIII. CASTELLO I. R. (Org.). **Práticas de integração nas fronteiras: temas para o Mercosul**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1995.

OSÓRIO, Fernando Luiz. As formações dos dragões e os 1º Osórios do Rio Grande. **Anais do II Congresso de História e Geografia Sul Rio-Grandense**. IHGRS - Globo: Porto Alegre, 1937a. v. II.

_____. A trincheira de Castilhos. In: **Anais do II Congresso de História e Geografia Sul Rio-Grandense**. IHGRS - Globo: Porto Alegre, 1937b. v. II.

PAILLARDELLE, Enrique. Extracto de la obra intitulada: ideas de un militar sobre la defensa, y ataque de los pequeños puestos. Traducida al castellano, y aumentada de un tratado práctico de fortificación de Campaña. Imprenta de Montevideo, 1814. In: GUTIÉRREZ, Ramón; ESTERAS, Cristina. **Arquitectura y fortificación**. Madrid: Tuero, 1993, p. 405-21.

PARKER, Geoffrey. O soldado. In: VILLARI, Rosário (Org.). **O homem barroco**. Lisboa: Presença, 1995.

PARMAGNANI, Jacob José. **O padre Doutor: Pedro Pereira Fernandes de Mesquita**. Porto Alegre, 2002. (Cópia-Xerox, [s.d.] e [s.e.]).

PAULINO, Francisco Faria (Org.). **A arquitetura militar na expansão portuguesa - Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses**. Porto: Infante, 1994.

PAZ, Carlos Alberto; RODRÍGUEZ, Mario Ariel. Historias del Mandinga, la vieja Yánez y la victoria. La continuidad del oficio y el proceso de trabajo en los antiguos hornos de cal de las sierras bayas. (Partido de Olavarría – Provincia de Buenos Aires). Arqueología Histórica Argentina. In: **1º Congreso Nacional de Arqueología Histórica**. Buenos Aires: Corregidor, 2002.

PEREIRA, Mario. Da Torre ao Baluarte. In: PAULINO, Francisco Faria (Org.). **A arquitetura militar na expansão portuguesa**. Porto: Infante, 1994,

PEZEZ, Jean-Marie. História da cultura material. In: LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PIAZZA, Walter F. **O brigadeiro José da Silva Paes - Estruturador do Brasil Meridional**. Florianópolis: UFSC, 1988.

PILEGGI, Aristides. **Cerâmica no Brasil e no mundo**. São Paulo: Livraria Martins, 1958.

PIRASSINUNGA, Adailton Sampaio. "O Ensino Militar no Brasil: período colonial". **Revista IHGRS**, Porto Alegre, 1943.

PONTE, Jorge Ricardo. Reflexiones a propósito de uma mejora em la gestión pública del patrimônio cultural. Arqueologia Histórica Argentina. In: **1º Congresso Nacional de Arqueologia Histórica**. Buenos Aires: Corregidor, 2002.

POSSAMAI, Paulo César. **O Cotidiano da Guerra: A vida na Colônia do Sacramento (1715-1735)**. São Paulo: USP, 2001. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. Aspectos do cotidiano dos mercadores na Colônia do Sacramento durante o governo de Antônio Pedro de Vasconcelos (1722-1749). **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PORTO, Aurélio. **História das Missões Orientais do Uruguai**. Porto Alegre: Selbach, 1954. v I e II

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. **Revista América 92- V Séculos de História - 500 anos de luta**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1992.

PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília: UnB, 1992.

POUJADE, Ruth, A. Misión de Nuestra Señora de la Candelária. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1989.

PUEBLA, Lorena, ZORRILLA, Valeria. Aproximaciones a la variabilidad de productos cerámicos de manufactura occidental procedentes del área fundacional de la ciudad de Mendoza. Arqueología Histórica Argentina. In: **1º Congresso Nacional de Arqueologia Histórica**. Buenos Aires: Corregidor, 2002.

RATES, Zeni. "Um tesouro enterrado: apenas um sonho?". **Zero Hora, Porto Alegre**, 16 mar. 1982. p. 22-23.

RAMBO, Balduino. **A fisionomia do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Selbach, 1956.

REICHEL, Heloisa Jochims; GUTFREIND, Ieda. **As raízes históricas do Mercosul: a região platina colonial**. São Leopoldo: UNISINOS, 1996.

RENFREW, C.; BAHN, P. **Arqueologia, teorias, métodos e práticas**. Madri: Akal, 1993.

RHODEN, Luiz Fernando. **O traçado urbano português no Brasil Meridional: origem e evolução (1737-1777)**. Porto Alegre: PUCRS, 1996. Dissertação de Mestrado, FFCH, PPGH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

RIBEIRO, P. Augusto Mentz et al. Escavações arqueológicas na Missão de São Lourenço Mártir, São Luiz Gonzaga, RS, Brasil. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1989.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. **O Tupi Guarani no Vale do Rio Pardo e a Redução de Jesus Maria**. Porto Alegre: PUCRS, 1981. Dissertação (Mestrado em História da Cultura). FFCH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1981.

_____. **Arqueologia do Vale do Rio Pardo, RS, Brasil**. Porto Alegre: PUCRS, 1991. Tese de Doutorado. FFCH, PPGH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1991.

RODRIGUES, M. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime. **Turismo e Patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

ROMERO, Facundo G. Arqueología Histórica en sitios militares de campaña: el fortín Miñana (1860-1869). **X Congreso Nacional de Arqueología**. Colonia de Sacramento, 1997. Tomo II.

ROSSI, Paolo. O cientista. VILLARI, Rosario (Org.). **O homem barroco**. Lisboa: Presença, 1995.

ROVIRA, Beatriz E. **Arqueologia Histórica del conjunto Jesuítico de Nuestra Señora de la Candelaria, Provincia de Misiones**. Tese de Doutorado em Ciências Naturais. Universidade Nacional de La Plata, Argentina, 1989.

SANTOS, Paulo Alexandre. **Contentores de bebidas alcoólicas: usos e significados na Porto Alegre Oitocentista**. Porto Alegre: PUCRS, 2005. Dissertação de Mestrado, FFCH, PPGH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SANTOS, Shirlei M. **Reconhecendo os engenhos de Santo Antônio do Cabo: cultura material século XVI início do XVII**. São Paulo: USP, 1995. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul: 1779-1859**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987.

SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura guarani**. São Paulo: EDUSP, 1974.

SCHÁVELZON, Daniel. **Arqueología histórica de Buenos Aires. La cultura material Portena de los siglos XVIII y XIX**. Buenos Aires: Corregidor, 1991.

SCHÁVELZON, Daniel. **Arqueologia e historia del cabildo de Buenos Aires: informe de las excavaciones (1991-1992)**. Columbia, S.C. USA: University of South Carolina, 1995.

SCHÁVELZON, Daniel. **Catálogo de cerâmica histórica de Buenos Aires: siglos XVI-XIX-**. CD-ROOM.

SCHNAPP, Alain. A arqueologia. In: LE GOFF, Jacques. **Nova História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

SEIJO, Carlos. La Guardia de San Antonio. **Revista de la Sociedad Amigos de la Arqueologia**, Montevideú, Tomo V, 1931.

SEPP, Pe. Antônio. **Viagem às Missões Jesuíticas e trabalhos apostólicos**. São Paulo: Itatiaia/Universidade de São Paulo, 1980.

SEPP, Pe. Antônio. Algunas advertencias tocantes al gobierno temporal de los pueblos en sus fábricas, sementeras, estancias y otras faenas: 1732. In: BERNARDI, *Mansueto*. **Missões, Índios e Jesuítas**. Porto Alegre: Sulina, 1982.

SESEÑA, Natacha. **Barros y Lozas de España**. Madrid: Prensa Española, 1976.

SENATORE, María Ximena. Discursos iluministas e ordem social: representações materiais na colônia espanhola da Floridablanca em San Julián (Patagônia, século XVIII). In: ZARANKIN, Andrés; SENATORE, María Ximena (Org.). **Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul: cultura material, discursos e práticas**. Buenos Aires: Del Trident, 2002. (Colección Científica).

SENATORE, María Ximena; ZARANKIN, Andrés. Leituras da sociedade moderna. In: ZARANKIN, Andrés; SENATORE, María Ximena (Org.). **Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul: cultura material, discursos e práticas**. Buenos Aires: Del Trident, 2002. (Colección Científica).

SILVA, Maria Beatriz Nizza. Soldados, casais e índio na nova Colônia de Sacramento. (USP). Disponível em: <<http://www.institutocamoes/artigo/sacramento>> Acesso em: 20 fev. 2005.

SILVA, Osvaldo Paulino da. **Arqueologia dos engenhos da ilha de Santa Catarina**. Porto Alegre: PUCRS, 1996. Dissertação de Mestrado, FFCH, PPGH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

SILVA, R. Airton. Arqueologia Colonial: as casas fortes (de pedra) como unidades de defesa e ocupação no Rio Grande do norte no século XVII. **Dossiê arqueologias brasileiras**, 2004. (v. 6 n. 13). Disponível em: <<http://www.seol.com.br/mneme>> Acesso em: 20 fev. 2005.

SILVA, Riograndino da Costa. **Notas à margem da história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1968.

SILVA, José Custódio. Arquitetura de madeira na expansão portuguesa. In: PAULINO, Francisco Faria. (org). **A arquitetura militar na Expansão portuguesa**. Porto: Infante, 1994.

SILVEIRA, Hemetério, J. V. **As missões orientais e seus antigos domínios**. Porto Alegre: Typographia da Livraria Universal de Carlos Echenique, 1909.

SOARES, Solon Macedônia. **Rio Pardo Tranqueira Invicta no coração do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1944.

SOUSA, Ana Cristina. Caminhos enquanto artefatos: relações sociais e econômicas no contexto do caminho novo e suas variantes (séculos XVIII e XIX). **Historical Archaeology in Latin America**. Columbia USA, Stanley South, 1995.

SPALDING, Valter. A revolta dos dragões do Rio Grande. In: **Anais do II Congresso de Historia e Geografia Sul Rio-Grandense**. Porto Alegre: IHGRS - Globo, 1937a. v. II.

_____. O forte de Santa Tecla. In: **Anais do II Congresso de Historia e Geografia Sul Rio-Grandense**. Porto Alegre: IHGRS – Globo, 1937b. v. II.

SYMANSKI, Luís Cláudio P. **Grupos domésticos e comportamento de consumo em Porto Alegre no século XIX: o Solar Lopo Gonçalves**. Porto Alegre: PUCRS, 1997. Dissertação de Mestrado, FFCH, PPGH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

TABORDA, Tarcísio Antonio Costa. Santa Tecla na História da Conquista do Rio Grande. **Revista Quero-Quero**, Bagé: União Gaúcha J. Simões Lopes Neto, n. 2, 1954.

_____. "A fundação do Forte de Santa Tecla". **Correio do Povo**, Porto Alegre, 28 dez. 1975. p. 42.

THIESEN, Beatriz. Arqueologia no centro de Porto Alegre. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul: UNISC, 1999.

TOCCHETO, Fernanda Bordin et al. **A Faiança Fina em Porto Alegre: vestígios arqueológicos de uma cidade**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 2001.

TOCCHETTO, Fernanda B. **Fica dentro ou joga fora? Sobre as práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista**. Porto Alegre: PUCRS, 2004. Tese de Doutorado, FFCH, PPGH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.

TONNERA, Roberto. **Fortalezas multimídia: Anhatomirim**. Florianópolis: UFSC. CD-ROOM.

TORRES, Luis Henrique. Espionagem espanhola na vila do Rio Grande de São Pedro. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, v. XXI, n. 2, 1995.

TORRONTÉGUY, Teófilo V. A Redução de São Cosme e São Damião (1634-1638) e sua participação na ocupação humana na bacia platina. In: **Anais V Jornadas Internacionales Misiones Jesuíticas**. Montevideo, Uruguay, 1994.

TRIGGER, Bruce G. **História del pensamiento arqueológico**. Barcelona: Crítica, 1992.

UESSLER, Cláudia de Oliveira. Os povoados missioneiros a partir do estudo da Arqueologia histórica. In: **Anais do III Congresso Internacional de Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, PPGH-PUCRS, 1998.

_____. **Arte cerâmica nos Povoados Missioneiros: antigas e novas tecnologias**. Porto Alegre: PUCRS, 2001. Dissertação de Mestrado, FFCH, PPGH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

UESSLER, Claudia de Oliveira; CARLE, Cláudio Baptista. As Pesquisas em Sítios Arqueológicos Históricos no Estado do Rio Grande do Sul. In: **Anais do V Congresso Internacional de Estudos Ibero-americanos**. Porto Alegre: PPGH/PUCRS, 2003.

VAUBAN, De Mr. Verdadero método para fortificar. Organizadores: L'Abbé Du Fay y CAMBRAY, Chevalier Cambray. Ámsterdam: Pierre Mortier, 1702. In: GUTIÉRREZ,

Ramón; ESTERAS, Cristina. **Território y Fortificación - Influencia en España y América**. Madri: Tuero, 1991:161-259.

VELLINHO, Moysés. **Fronteira**. Porto Alegre: Globo, 1973.

VIEIRA, M. P., KHOURY, Y. **A pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1989.

VILA, Elisabeth Onega. Los materiales cerâmicos del área rural de Colônia. In: **IX Congreso de Arqueología**. Uruguai, 1997.

VILLALOBOS, R. Sérgio. **Comercio y contrabando en el Río de la Plata y Chile: 1700-1811**. Buenos Aires: Editorial Universitária de Buenos Aires, 1981.

VILLAS-BÔAS, Pedro. **Notas de bibliografia Sul-Rio-Grandense**. Porto Alegre: Nação, 1974.

VILLARI, Rosário (Org.). **O homem barroco**. Lisboa: Presença, 1995.

VOLKMER, José Albano. **Arquitetura religiosa barroca no Rio Grande de São Pedro – Século XVIII**. Porto Alegre: PUCRS, 1994. Dissertação de Mestrado, FFCH, PPGH, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

VOLTÁN, José Alejandro Gómez. La ingeniería estructural y la restauración de edificios históricos. Arqueología Histórica Argentina. In: **1º Congreso Nacional de Arqueología Histórica**. Buenos Aires: Corregidor, 2002.

WEIMER, Günter. A Arquitetura Missioneira: uma nova abordagem. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre: PUCRS, 1989.

WEIMER, Günter. Arquitetura de defesa. **A arquitetura**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1991.

WILLEY, Gordon. A cerâmica. In: RIBEIRO, Darcy. **Suma etnológica brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1987.

ZAMBETOGLIRIS, Nelsys Fusco; MAZZ, Jose Lopez. “La arqueología de los episodios coloniales del Rio de la Plata”. **Revista Patrimônio Cultural**, Montevideo: Ministerio de Educacion Y Cultura Comision del Patrimonio Historico - Artístico Y Cultural de La Nacion, ano I, n. 1, 1992.

ZAMBETOGLIRIS, Nelsys Fusco; DEAGAN, Kathleen. Bajo el signo de Belem. La cerâmica portuguesa de Colônia del Sacramento. In: **IX Congreso Nacional de Arqueología**. Uruguai, 1997.

ZAMBETOGLIRIS, Nelsys Fusco. Colonia del Sacramento nada tenemos que esperra sino de nosotros mismos. In: **Primeiro Congreso Nacional de Arqueologia Histórica Argentina**. Buenos Aires: Corregidor, 2002.

ZANNETTINE, Paulo. “Pequeno roteiro para classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos”. **Revista de Arqueologia**, Curitiba, 1986.

ZANETTINI, Paulo Eduardo; CAMARGO, Paulo Fernando B. de. *Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles?* Texto digitado e distribuído na **X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**, Recife, 1999.

ZARANKIN, Andrés; SENATORE, María Ximena (Org.). **Arqueologia da sociedade moderna na América do Sul**: cultura material, discursos e práticas. Buenos Aires: Del Trident, 2002. (Colección Científica).

GLOSSÁRIO*

Abaluartado - Fortificado com baluartes.

Abaluartar - Guarnecer de baluartes; fortificar.

Adarve - Muro de fortificação sobre o qual se levantam ameias; caminho protegido por esse muro.

Adobe - Terra argilosa usada para fazer tijolos crus (seco naturalmente) e/ou rebocos.

Alferes - Antigo posto militar correspondente ao atual segundo tenente.

Ameia - Cada um dos pequenos parapeitos separados por intervalos (merlões) e construídos na parte mais alta das muralhas.

Anteparo - Defesa; proteção.

Argamassa - Cimento formado de cal, areia e água, para unir e segurar as pedras na construção de edifícios e outras obras de alvenaria. Esse nome é empregado as substancias que tem a propriedade de adquirir dureza, aderindo aos materiais que deva ligar entre si e formado com eles um todo sólido quase indestrutível. Há dois tipos de argamassa: Aquela que não se emprega mais de um elemento, tal como a argamassa de barro, de cal, de gesso, de cimento; e aquela obtida pela reunião de dois ou mais

* Palavras entre aspas são de origem espanhola. Foram traduzidas para o português, tendo como referência o "Diccionario SEÑAS": Universidad de Alcalá de Henares. São Paulo: Martins Fontes, 2002 e o da Real Academia Española disponível em: <<http://www.rae.es/>>. Em relação aos demais termos em português, foram utilizados diversos dicionários da língua portuguesa e manuais da engenharia e arquitetura consultados pela internet nos sites do Brasil, Portugal e Espanha.

elementos ligados entre si por malaxação. Diz-se que argamassa é magra quando contem muita areia e gorda quando possui uma grande proporção de cal. A solidez do edifício depende, em grande parte, da qualidade da argamassa empregada.

Arma de Engenharia - denominação dada ao conjunto de tropa técnica encarregada dos trabalhos de organização defensiva, construções militares, vias de comunicação.

Arraial - Acampamento militar; povoação temporária.

Artefato - Todo produto do trabalho humano. Possui, necessariamente, duas facetas inseparáveis: uma materialidade física (do que é feito o artefato) e uma atividade humana de transformação. Podem ser divididos em artefatos fixos - monumentos (muros, colunas, estruturas etc.) e artefatos móveis (vasos cerâmicos, instrumento de pedra, metal etc.). Constituem, juntamente com os ecofatos (evidências ambientais) e biofatos (vestígios de plantas e animais), o objeto de estudo direto da Arqueologia (cf. FUNARI, 1988).

Artesiano - Poço perfurado por meio de sonda ou broca que repucha a água a cima do solo pelo efeito da lei dos vasos comunicadores. Chamado assim por ter sido, o primeiro, aberto em Artois, França.

Baldrame - Peça de madeira, colocada sobre o alicerce; base de parede ou muralha; alicerce de alvenaria.

Balística - Ciência que estuda o movimento dos projéteis lançados no espaço por uma força determinada.

Baluarte - Obra de fortificação constituída de duas caras e dois flancos ligados por uma cortina; Bastião.

Banqueta - Degrau no interior das muralhas, atrás do parapeito.

Barbacã - Muro avançado construído por fora da muralha mais baixo do que ela. Guarnecido de seteiras e/ou troneiras para a defesa de portas, pontes etc. "barbacana".

Barbete - (do Francês: *barbette*) - Plataforma de onde a artilharia dispara por cima do parapeito. Bateria à Barbete - Dito de uma fortificação cujo parapeito não tem troneras, nem merlões. Não cobre os artilheiros; “Barbeta”.

Berma - caminho estreito à borda dos fossos.

Broquei - Escudo pequeno e redondo.

Cal - Protóxydo de cálcio, que constitui a base de um grande número de pedras, tais como o mármore e o gesso, entre outros. A cal é obtida pela calcinação, em fornos especiais, da pedra de cal. O carbonato de cal ou calcário chamado de pedra de cal, sofre uma cozedura que elimina o gás carbônico nele contido, dando como produto a cal, matéria branca. Esta cozedura varia com as regiões e também com as qualidades do calcário. Distinguem-se a cozedura intermitente de chama alta, cozedura intermitente de chama baixa, cozedura contínua de chama alta e cozedura contínua de chama baixa. A primeira forma de cozedura é feita em fornos onde se empilha a pedra da cal formando abóbada na parte inferior, por cima da fornalha. Geralmente são necessários cinco dias para a cozedura. A segunda forma de cozedura consiste em formar dentro do forno camadas alternadas de calcário e de carvão que se acende. A combustão dura de três a quatro dias. O terceiro processo efetua-se em um forno provido, na parte inferior, de certo número de fornaldas onde se queimam lenha ou óleos minerais. No quarto processo dispõem-se, num forno, camadas alternadas de pedra de cal e de carvão, e acende-se na parte inferior. A cal cai no fundo do forno e, entretanto renova-se o enchimento pela abertura superior. A cal é utilizada, na composição de argamassa, em pinturas, como fertilizante, e também para depurar o gás de iluminação. Denomina-se de cal terçada, argamassa, em que entra uma parte de cal e duas de areia.

Canhoeira (canhoneira) - Abertura em um parapeito (ameia), de uma muralha, onde são instalados canhões para o disparo; troneira; merlão.

Canhoneiro - Refere-se a navios que tem artilharia.

Cantaria - Pedra lavrada, talhada para construção. Geralmente cortada em retângulo (“Sillar”).

Cestão - Cesto cheio de terra, ou de outros materiais, empregado como barreira em fortificações; trincheira.

Cintamento - Liga usada para envolver certas construções evitando possíveis desintegrações de componentes. Utilizado nas fortificações pelo termo encamisamento (encaixe). Nesse caso, geralmente, feito em pedra.

Cidadela - Espaço fechado dentro de uma cidade ou praça fortificada; Fortaleza.

Cisterna (algive) - Reservatório de águas pluvial construído abaixo do nível da terra.

Conservação - Conjunto de operações destinadas a prolongar o tempo de vida e a integridade física da edificação, através de intervenções para recuperar, refazer ou restaurar partes danificadas. Obras de reabilitação destinadas a aumentar os níveis de qualidade para novo uso da edificação são também consideradas de conservação.

Consolidação - Ação ou efeito de consolidar. Operação de tratamento de estruturas arruinadas, visando garantir a sua estabilidade e preservação.

Cortina - Componente do sistema de baluarte ligada a um flanco.

“**Derrota**” - “Las marchas militares” eram assim denominadas na linguagem militar do século XVIII.

Embira - Nome comum de arbustos; fibra liberiana (Líber) de certos vegetais, que serve como cordel para atados. Sendo tratada serve como matéria-prima para cordas e estopas.

Engenharia - Ciência ou arte das construções civis, militares, navais e de minas.

Entrincheiramento - Conjunto de trincheiras; fortificar com trincheiras ou com barricadas; entrincheirar. Conjunto de defesa. Obra de fortificação passageira.

Enxaimel - Madeiras que formam uma taipa; taquaras, tabuas, estacas.

Escarpa - Declive de um terreno; talude.

Espalda - Parte saliente no flanco de um baluarte.

Espaldão (de espalda) - Anteparo; defesa de fortificação.

Esplanada - Espaço plano de um terreno.

“Explanada” - Parte mais alta da muralha onde se constrói ameias. Declive no qual se localiza o caminho coberto.

Estaca - Pau aguçado que se fica na terra.

Estacada - Série de estacas; lugar cercado e defendido.

Estrepe (v.estrepar) - Guarnecer, defender por meio de estrepes (fosso, vala, etc.).

Fasquia - Ripa; tira de madeira comprida e estreita.

Faxina (Fachina) - Feixe de ramos ou paus curtos, empregados em obras de fortificação e outros usos em campanhas militares. Utilizada, também, para fixar terrenos pantanosos sobre os quais vão ser feitas construções. Vara fina e flexível. “Fajina”.

“Fajina” - “Pared formada por haces de ramas, paja o cañas unidos y recubiertos de barro, que se utiliza en la construcción de ranchos” (ae).

Muro de “Fajina”- “Ladrillos argamasa y piedra con relleno arcilloso” cf. Curbelo e Perez: (1993:32).

Fornilho - Caixa de pólvora que é enterrada para explosão. Muito utilizado na destruição de muralhas.

Fosso - Uma vala ou escavação, seca ou com água. Proteção de uma fortificação.

Fortaleza - Grande sistema fortificado. Pode fazer parte de um conjunto de defesa instalado em obras independentes.

Forte - Reduto - Pequena fortaleza.

Fortim - Pequeno forte de campanha. Acampamento militar cercado por um parapeito de terra; trincheira.

Fortificação - É a denominação genérica de obras de defesa militar.

Guarita - Abrigo para os vigias. Geralmente, localizada no vértice das fortificações.

Hornabeque (do *inglês*: Hornwerk) - Fortificação exterior que se compõe de dois baluartes unidos por uma cortina. Serve como Tenalha.

“Maposteria” - Obra que se faz com pedras de distintos tamanhos; alvenaria.

Menagem - Prisão; torre de castelos medievais; torre de vigia.

Merlão (do *francês*: merlon) - Intervalo dentado nas ameias de uma fortaleza.

Muralha - Muro de pedra ou terra que guarnece uma fortificação. Muro no entorno de uma fortificação isolada, cidade fortificada ou castelo. Utilizada para fins de defesa. Local onde são erguidos parapeitos e as partes do sistema defensivo.

Neurobalística - Parte da balística que estuda as armas de projeção anteriores às armas de fogo. Processo de tiro em que a propulsão de projéteis é conseguida através da força elástica da flexão ou da torção de cabos, usualmente feitos de nervos ou cordas.

Obras de Fortificação - recebe esta denominação - geral - todo e qualquer assentamento constituído de obras para defesa.

Padrão - Monumento de pedra, que os portugueses erigiam em terras que iam descobrindo.

Palamenta - Conjunto de objetos necessários à artilharia.

Paliçada - Cercado feito de estacas, que se fincam na terra, ao lado uma das outras. Barreira feita em postos militares: estacada.

Parapeito - Parte superior de uma obra de fortificação destinado a resguardar os soldados e uso como apoio ao tiro.

Pau-a-Pique - Parede feita de ripas ou varas entrecruzadas de fibras vegetais; cobertos de barro; taipa.

Pelourinho - Coluna erguida em uma praça para punir os “criminosos”. Símbolo da administração colonial.

Pirobalística - processo de tiro em que se utiliza como força propulsora dos projéteis, os gases resultantes da explosão da pólvora. Arte de calcular o alcance das armas de fogo.

Piroga - Embarcação comprida, estreita e veloz. Utilizada pelos indígenas e, posteriormente pelos europeus.

Polígono - Figura plana, limitada por linhas retas e que apresenta vários ângulos e vários lados; Figura que determina a forma geral de uma praça de guerra.

Postilhão - Homem que transporta a cavalo correspondência e/ou notícia; mensageiro.

Praça de armas - Local designado para a reunião das tropas, quando estacionadas.

Presídio - Local de onde se preside ou governa; ato de defender uma praça militar ou fortaleza; praça de guerra.

Quinta - Terreno de sementeira; propriedade rústica com casa de morada.

Reduto - Fortificação ou posição de um sistema de fortificação para lhe prolongar a resistência; pequeno forte isolado. Fortificação construída no interior de outra maior.

Redil - Defesa através de barreira; cercado de estacas; curral.

Revelim - Obra exterior destinada a cobrir portas e cortinas. Construção saliente de forma angular. Compõe-se de faces, flancos e gola. “Revellín”.

Restauração - Recuperação, restauro, trabalho de recuperação feito em construção ou obra de arte parcialmente destruída. Conjunto de operações destinadas a restabelecer a unidade da edificação a sua forma de origem - concepção e legibilidade, ainda que nela permaneça o registro de intervenções significativas referentes a uma dada época ou épocas.

Reparo - Defesa; trincheira; suporte para uma peça de artilharia. Pode ser o maciço de terra, levantado em uma determinada altura.

Seteira - Abertura estreita e alongada em uma parede para visão e tiro. Também, utilizada para iluminar e arejar o interior de edifícios.

Tabique - Tapume que serve para dividir interiormente as casas.

Taipal - Armação de madeira, que serve de molde para a construção; série de enxaiméis entre os quais se calca o barro na taipa.

Tapume - Vedação de terreno feito com tabuas; de tapar; tabique.

Talude - Superfície inclinada de um muro, ou qualquer outra obra; rampa, escarpa; inclinação na superfície de um terreno.

Tenalha - Obra de fortificação sem flancos com duas faces, e um ângulo reentrante para o lado do campo. Também, localizada na área externa de uma fortificação, geralmente, situada na frente de uma cortina. (“Tenaza”).

Terrapleno - Terreno em que se encheu uma depressão ou cavidade para aplaná-lo, terraço.

Tranqueira - Cerca de madeira para fortificar e defender qualquer posição militar.

Trincheira - Escavação feita no solo, para que a terra sirva de parapeito aos combatentes. Barreira.

Troneira - Abertura para disparar armas de artilharia; merlão. (“Tonera”).

Torre - Espécie de edifício muito elevado, de forma redonda ou quadrado: os castelos antigos tinham geralmente nos ângulos altas torres. Construção para comunicar sinais à distância: a torre do Farol. Local para vigiar; abrigo para sentinelas; Torre - torreão - guarita.

Torreão - torre larga e com ameias num castelo. Fortificação circular mais baixa que as torres.